

A CORRESPONDÊNCIA EPISTOLAR

DE

HENRIQUE DA SILVA FONTES

Mara Aguiar Souza Preuss

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
LITERATURA BRASILEIRA E TEORIA LITERÁRIA

A CORRESPONDÊNCIA EPISTOLAR

DE

HENRIQUE DA SILVA FONTES

Mara Aguiar Souza Preuss

Florianópolis, março de 1998

MARA AGUIAR SOUZA PREUSS

A CORRESPONDÊNCIA EPISTOLAR

DE

HENRIQUE DA SILVA FONTES

Dissertação apresentada
como requisito à obtenção do título
de "Mestre em Letras", área de
concentração em Literatura
Brasileira. Curso de Pós-
Graduação em Letras - Literatura
Brasileira e Teoria Literária.
Universidade Federal de Santa
Catarina.

Orientador: Prof. Dr. Celestino Sachet

Florianópolis

1998

Correspondência Epistolar de *Henrique da Silva Fontes.*

MARA AGUIAR SOUZA PREUSS

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título

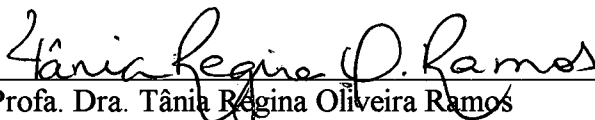
MESTRE EM LITERATURA

Área de concentração em Literatura Brasileira, e aprovada na sua forma
final pelo Curso de Pós-Graduação em Literatura da
Universidade Federal de Santa Catarina.



Prof. Dr. Celestino Sachet

ORIENTADOR



Profa. Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos

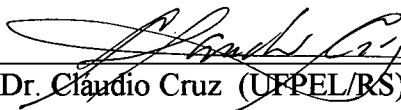
COORDENADORA DO CURSO

BANCA EXAMINADORA:

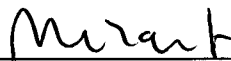


Prof. Dr. Celestino Sachet

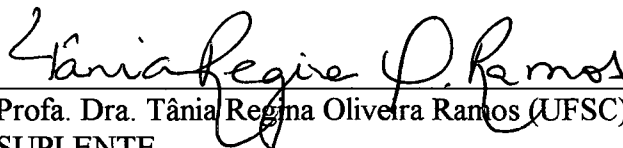
PRESIDENTE



Prof. Dr. Claudio Cruz (UPPEL/RS)



Profa. Dra. Zahide Lupinacci Muzart (UFSC)



Profa. Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos (UFSC)

SUPLENTE

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por oportunizar a realização deste trabalho.

Ao CNPq e IASD pelo incentivo à pesquisa.

Aos professores e colegas pela vivência acadêmica.

À família Fontes pelo apoio, em especial, à Theresinha por buscar incessantemente e me apoiar nas horas difíceis e à Maria Lúcia por abrir e manter as portas abertas.

À Priscila pela compreensão das horas roubadas.

Ao Gilberto, *in memoriam*.

Ao Prof. Dr. Celestino Sachet, meu orientador e professor, agradeço a paciência, a dedicação e as sugestões.

RESUMO

A correspondência epistolar de Henrique da Silva Fontes (1885 - 1966), apresentada neste trabalho, traz noventa e sete cartas inéditas para serem lidas e apreciadas como se apresentam no texto base, bem como algumas notas explicativas que tentam recuperar a história, situando a carta e seus correspondentes, na medida do possível, no tempo que ela recorta. A transcrição não abarca a totalidade das cartas, pois ainda há muitas no acervo particular da família relativas à Faculdade de Direito, à criação da Cidade Universitária e às cartas recebidas pelo professor Fontes. A correspondência aqui reunida contribuirá para futuros trabalhos ou estudo mais aprofundado, ressaltando a necessidade de transcrever o material inédito, bem como dar voz ao destinatário, para que o Autor possa ser conhecido na sua totalidade.

ABSTRACT

The epistolary correspondence of Henrique da Silva Fontes (1885 - 1966), presented here brings ninety seven unpublished letters, to be read and appreciate how they are in the original document, as well as some elucidated annotations which try to recover the history, situating the letter and its corresponding always as possible in the time that it remembers. The transcription does not include all letters, since there are many others which belongs to the family concerning to the College of Law, creation of University City and letters received by professor Fontes. All correspondence gather together here, will contribute for future works or for deeper study, emphasizing the need of transcribe unpublished material, as well as give voice to the addressees, this to the Author could be known in this totality.

SUMÁRIO

RESUMO.....	iii
ABSTRACT.....	iv
I. INTRODUÇÃO.....	7
1. Veni, Creator Spiritus!	8
2. Pensamentos, palavras e obras	13
2.1 A <i>Série Fontes</i> e outros ensaios	16
2.2 Cronologia	28
3. A carta.....	32
II. A CORRESPONDÊNCIA EPISTOLAR	46
III. DEO GRATIAS!	238
IV. BIBLIOGRAFIA	241
V. ÍNDICE ONOMÁSTICO	248
VI. ÍNDICE DAS CARTAS	256
VII. APÊNDICE (Cópia das cartas transcritas)	

Gymn. Conceição, Leopoldo, 11 de Dez. de 1922.

Meus bons Pais,

Com o coração abalado escrevo-lhes estas linhas, por este dia de



so não obtidos ainda não só no dia 15 e que serão proclamados.

Por darem lembranças a meus irmãos e parentes.

Pedindo-lhes a benção, assigna-se com todo o respeito
o seu filho obediente
Henrique.



I

INTRODUÇÃO

1. Veni, Creator Spiritus!

"Enquanto houver correio, a vida terá sabor."

Willian James¹

Henrique da Silva Fontes jamais realizou qualquer viagem para fora do Brasil. Seu espaço geográfico palmilhado distribuiu-se entre o Rio Grande do Sul e o Rio de Janeiro. No entanto, sua voz, por meio da carta, ecoou por todo Brasil, ultrapassando fronteiras e chegando até o outro lado do Atlântico. Num clima que clamava por mudanças e renovações estéticas, através de cartas, ia e vinha por inúmeros caminhos.

Dar voz e compreender o tempo recortado pela carta, por meio do resgate de sua correspondência inédita, é o objetivo principal desta dissertação. O resgate dessa correspondência se justifica pelas significativas mudanças apontadas em todos os segmentos da sociedade catarinense dos anos Trinta-Sessenta, porque nela Fontes debate os problemas e a busca de solução relacionados à educação, à história e às letras.

Outro objetivo, não o menos importante, é homenagear o fundador e o professor da Faculdade de Filosofia, Henrique da Silva

¹ In: SCHUSTER, M. Loncoln. *As grandes cartas da história de M. Loncoln Schuster* / trad. de Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Nacional, 1942, p. 3.

Fontes, através de uma Dissertação de Mestrado pelo curso de Pós-graduação em Letras - Literatura Brasileira.

A oportunidade de resgatar essa correspondência não surgiu como obra do acaso. A certa altura do meu curso de Pós-Graduação em Letras-Literatura Brasileira na Universidade Federal de Santa Catarina, percebi que estava diante de um intelectual que marcou uma determinada época em Santa Catarina.

Lygia Fagundes Telles garante que há, nos livros, estranhos desígnios, acasos, destinos, imprevistos, loucuras - “tudo é extraordinário [...] e “o acaso só vem como prêmio para quem o procura”².

Meu primeiro contato com a produção de Henrique Fontes foi em 1992, enquanto auxiliava um colega a fotografar os esparsos do escritor catarinense Barreiros Filho. Durante os trabalhos, deparei-me com a curiosa *Cartilha Popular*, com os livros da *Série Fontes* e com o livro *A Beata Joana Gomes de Gusmão* e, a partir da obra, cheguei ao autor.

O projeto de resgate da memória de escritores catarinenses, sob a orientação do professor Celestino Sachet (UFSC), fez surgir alguns trabalhos que trouxeram à tona vários escritores catarinenses. No entanto, Fontes não estava entre eles.

² SALLES, Cecília. *Crítica genética: uma introdução, fundamentos dos estudos genéticos sobre manuscritos literários*. São Paulo: EDUC, 1992, p. 73 e 74.

Inicialmente meu centro de interesse estava voltado para textos inéditos de alguma obra. Ao contatar com a família Fontes, essa colocou-me à disposição todo o acervo da biblioteca particular e os arquivos da correspondência.

É surpreendente o número de cartas expedidas pelo professor e, também, o modo como organizava seus “vagares”³ para preenchê-los, com pontualidade e desprendimento à resposta de cada carta recebida.⁴ Era com verdadeira tenacidade que as respondia. Sempre agia com imensa responsabilidade e lealdade humana que hoje parece rarear.⁵

O conteúdo de parte das cartas e o acúmulo de correspondência me chamaram a atenção e me fizeram relacioná-lo com Mário de Andrade que mantinha, com seus correspondentes, uma carinhosa relação de posse. Fontes, como o poeta, iniciava sua correspondência com “Ilustre Amigo...”, “Meu querido Amigo...”, “Meu mui estimado...”, “Meu...”, fazendo da carta “o principal veículo de suas idéias renovadoras.”⁶ Henrique Fontes reproduz o mesmo fenômeno constatado por Lucas e tantos outros estudiosos da epistolografia, a “devoção pelo diálogo escrito”, “a febre missivista”⁷ que motivou a língua e literatura “tanto no âmbito da criação, quanto

³ Na Carta XXIX, ao professor Aníbal Mattos, o professor Fontes escreve: “As minhas ocupações de juiz e professor deixam-me, porém, poucos vagares para cuidar dessas coisas, “que fazem a vida deleitosa””.

⁴ “E então foi uma torrente de ininterrupta de trabalhos de matérias datilografada. Henrique da Silva Fontes, em meio de seus trabalhos, tão variados quanto valiosos (...) deu tão minucioso balanço nas coleções de velhos jornais (...) De cada vez vinha longa carta-relatório, permitindo a continuação do diálogo. (...) ... e a mesma prestatividade que pôs em todos os seus trabalhos e encargos, foi exemplar”. cf. MURICI, Andrade. Henrique da Silva Fontes. **Signo**. Florianópolis, n. 4, p. 57, 1971.

⁵ V. Carta LXXXII, a Serafim da Silva Neto.

⁶ **Cartas a Mário de Andrade**/ org. Fábio Lucas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p. 1.

⁷ LUCAS, op. cit., p. 1.

no domínio das iniciativas produtivas, da pesquisa, do debate acerca da inovação artística.”⁸

Em razão de constatações tão significativas, pareceu oportuno trabalhar o gênero epistolar por se tratar de um material valioso e histórico. É nas cartas que Fontes tece seu discurso sobre a identidade nacional e o processo de modernização da cultura catarinense e suas implicações no país. Ele sempre soube mesclar vanguarda com tradição, reunindo os princípios estéticos nacionais e estrangeiros em busca de um diálogo intercultural.

Dentro de uma correspondência tão vasta, achou-se conveniente publicar as cartas que tratam dos principais temas que ocupavam seus vagares, tais como livros de leitura para classes populares, nomes de pessoas que a fizeram história catarinense, antropônimo, filologia e literatura. O critério adotado para seleção das noventa e sete cartas que transcrevo, tem a intenção de delinear, na medida do possível, uma imagem da personalidade de Henrique da Silva Fontes como professor, historiador e escritor enquanto homem amigo, cordial, justo, bom, esposo, pai.⁹ E as cartas revelam, ao mesmo tempo, o amigo generoso, o homem público e modelar. Através de recortes que a carta nos traz, cremos ser possível fixar alguns aspectos da história cultural de Santa Catarina.

⁸ Ibidem, p. 1.

⁹ “Tal critério decerto encontrará repercussão favorável. O que geralmente se procura na correspondência de um famoso homem de letras ou artista é o seu lado pessoal, familiar, doméstico. Naturalmente, os curiosos não podem esperar, pelo menos por ora, muitas revelações íntimas, graças à fiscalização severa da filha.” ROSENFELD, Anatol. *Thomas Mann / Anatol Rosenfeld*. SP: Perspectiva, 1994, p.78.

Carl Becker comenta que as cartas são memórias porque nelas o indivíduo, de forma consciente ou inconsciente, revela “as molas ocultas do seu procedimento”¹⁰; Fontes não acreditava na obra do acaso. Confiava apenas na Providência Divina. Para ele, a verdadeira sabedoria tem sua revelação e fonte em Deus. *Veni, Creator Spiritus!*¹¹ era a epígrafe que tinha por hábito escrever na abertura de seus rascunhos e das obras publicadas e finalizava-as com a expressão *Deo Gratias!*.

¹⁰ BECKER, Carl. In: **As grandes cartas da história de M. Loncoln Schuster**/ trad. de Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Nacional, 1942, p. 5.

¹¹ “Na varanda de sua casa, onde costumava trabalhar, havia uma mesa de tampa de vidro na qual ele escrevia, todas as manhãs, ao iniciar a faina diária, as palavras *Veni, Creator Spiritus!* E, ao fim do dia, *Deo Gratias!* Quando a tampa estava cheia, ele as apagava, para recomeçar”. NEREU, Correa. Henrique da Silva Fontes: o homem. In: **Signo**, Florianópolis: n.4, p. 19, 1971.

2. Pensamentos, palavras e obras

É o título que encerra termos de prece que venho rezando desde a meninice e que peço a Deus me conceda rezar na hora extrema: "Eu, pecador, me confesso... porque pequei muitas vezes por pensamentos, palavras e obras".

Henrique da Silva Fontes

Não que sejamos capazes de pensar alguma coisa, mas nossa capacidade vem de Deus (II Coríntios, 3:5).

Henrique da Silva Fontes nasceu na cidade de Itajaí a 15 de março de 1885; era filho de Manuel Antônio Fontes, português, e Ana da Luz Fontes. Casou-se em 25 de janeiro de 1912, com Clotilde da Luz Fontes na cidade de Florianópolis. Desse casamento, nasceram e se criaram nove filhos.

Iniciou seus estudos, em 1903, no Ginásio Nossa Senhora da Conceição de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, e recebeu o grau de Bacharel em Ciências e Letras, em 1906.

Ingressou na carreira do magistério como professor particular, em 1907, no Rio de Janeiro. No ano seguinte, matriculou-se na Escola Politécnica, a fim de cursar Engenharia, mas no final do ano cancelou o curso. Retornou para Santa Catarina e fixou residência em Florianópolis, no ano de 1910. Passou a lecionar no Ginásio Catarinense e na Escola Normal Catarinense.

Em 1910, fundou **A Época**, semanário de orientação católica, e nele trabalhou, como diretor-proprietário até abril de 1911. O jornal circulou apenas durante um ano.

Prestando exames em época especial por não freqüentar o curso, bacharelou-se pela Faculdade de Direito do Paraná em 1927.

O primeiro trabalho de âmbito estadual, realizado pelo professor Fontes, foi sua participação na organização do Recenseamento Estadual, em 1918. A partir dos dados obtidos pelo censo, o Governo de Santa Catarina tomou conhecimento das prioridades do Estado. O censo revelara que 55% das escolas primárias catarinenses eram particulares. A maioria localizava-se nas colônias de migração¹².

Um dos problemas para generalizar a educação popular se concentrava nos aspectos apresentados pela oposição geográfica e cultural entre a Serra e o Litoral bem como a localização da Capital, que se insulava do restante do Estado.

No início dos anos vinte, o Brasil, que se resumia no eixo Rio - São Paulo, preconizava o *Nacionalismo Renovador* disposto a analisar, de forma crítica, os problemas brasileiros com o objetivo de superar as carências sociais, políticas e culturais.¹³

¹² Manuel Duarte, em *Os alemães em Santa Catarina (notas de um excursionista)*, adverte o Governo quanto ao "perigo alemão", faz um minucioso relatório sobre a situação do ensino nos municípios de Blumenau e Joinville, conclui suas notas com a seguinte tese: o padre, o jornalista e o professor formam a consciência do indivíduo, o último, diuturnamente. Em todo o país há uma preocupação quanto ao ensino da língua, e o Governo procura restaurar o senso de identidade nacional através da obrigatoriedade do ensino da língua vernácula.

¹³ CAMPADELLI, Samira Y. *Literatura, história & texto 3*. SP: Saraiva, 1994, p. 10-25.

Vivendo esse clima, Henrique Fontes surge como *elemento novo*, decidido a implantar aspectos dessa reforma na educação catarinense.

O governador Hercílio Luz¹⁴ convida o professor Fontes para ser diretor de Instrução Pública do Estado. Enquanto diretor¹⁵, sua atenção está sempre voltada para o ensino básico nas camadas populares.¹⁶



Moreira constata que o pan-germanismo da Primeira Guerra Mundial consegue perturbar a ação da escola brasileira, adiando e

¹⁴ 1º. Governo, de 1918-1922.

¹⁵ Diretor de Instrução Pública, de 1919-1926.

¹⁶ SANTA CARINA. Governador (1910-1914: Vidal Ramos) Relatório da Secretaria Geral dos Negócios de Estado, do Inspetor Geral do Ensino, Orestes Guimarães, para o Secretário Geral do Estado, Gustavo Lebon Régis. Florianópolis: Central, p. 349, 1914.

atrapalhando a nacionalização do ensino que, aqui, não conseguia catarinizar-se.¹⁷ Ao mesmo tempo, a não flexibilidade dos currículos impedia a escolarização do filho do imigrante e caboclo.

Henrique Fontes não rompeu com o passado catarinense quando repensou o interior de Santa Catarina, sem ufanismo patrioteiro, sua gestão ampliou as escolas básicas; uniu escolas femininas e masculinas; criou a escolas mistas; fez cumprir a obrigatoriedade do ensino da língua vernácula¹⁸ em todas as instituições; regulamentou o ingresso de professores através de concurso público e reformulou os conteúdos programáticos do ensino básico e da escola normal.

2.1 A *Série Fontes* e os outros ensaios

Magda Becker Soares em “Um olhar sobre o livro didático”¹⁹ faz uma análise sobre o que é, “o que *tem sido* o que *foi* o livro didático no Brasil”. Ela deixa de lado os outros olhares que prescrevem, criticam ou denunciam, a fim de preencher a lacuna de “um olhar que busque uma perspectiva sócio-histórica do livro

¹⁷ MOREIRA, J. Roberto. *A educação em Santa Catarina - sinopse apreciativa sobre a administração, as origens e a difusão de um sistema estadual de educação*. RJ:MEC/INEP, Public. n. 2, 1954, pp. 12-35.

¹⁸ Em ofício ao Secretário de Justiça, solicita que mande fechar uma escola, no município de São Bento, na localidade de Banhados de Baixo porque o Inspetor de Ensino Orestes Guimarães “não encontrou um só livro nacional” nessa escola, apesar de o professor conhecer o português; fazendo cumprir a lei 1283 de 15/9/1919. Cf. FONTES, Henrique. *Ofício N° 3002 (minuta) ao Exmo. Sr. Secretário da Secretaria de Justiça e Interior*. Florianópolis, 9 de junho de 1921. Arquivo Público de Santa Catarina.

¹⁹ PRESENÇA PEDAGÓGICA. v.2 n.2 nov./dez. 1996, p. 53.

didático.”²⁰ Nesse artigo, ela comenta que, até o início do século XX, os livros didáticos utilizados no Brasil eram estrangeiros,²¹ vindos da Europa porque as condições sociais, culturais e econômicas favoreciam a importação, embora a imprensa tenha chegado no Brasil em 1808, com Dom João VI.

No início deste século, mais efetivamente por meados de 1930, alguns poucos brasileiros começam a entrar no mercado do livro didático²². O país, motivado pelas medidas nacionalizadoras, associadas à expansão da rede de ensino e à criação das Faculdades de Filosofia, propicia condições que favorecerão o surgimento de autores e edições de livros didáticos em nosso país.²³

Como empreendimento pioneiro no Estado de Santa Catarina, o livro didático obteve, por parte do professor Fontes, um tratamento especial durante sua gestão como diretor de Instrução Pública do governo Hercílio Luz, de 1919 a 1926. Trabalhou com zelo e dedicação para proporcionar aos estudantes das séries iniciais o contato com autores da época. Com o objetivo de instrumentalizar os estudantes, elaborou uma cartilha e pequenas antologias que passaram a formar a **Série Fontes**, integrada pelos livros **Cartilha Popular**, 1920; **Primeiro Livro**, 1921; **Segundo Livro**, 1920; **Terceiro Livro**, 1929; **Quarto Livro**, 1930.²⁴

²⁰ PRESENÇA PEDAGÓGICA, op. cit., p. 54.

²¹ Por exemplo, **Cartilha Maternal** do poeta português João de Deus, publicada em 1876.

²² V. Carta XL, nota 3.

²³ Cf. PRESENÇA PEDAGÓGICA, v. 2 n.2 nov./dez. 1996 “Um olhar sobre o texto didático” de Magda Becker Soares, p. 53.

²⁴ As datas são relativas à 1ª edição, outras edições se estenderam até 1951.

Os textos selecionados que fazem parte da **Série Fontes** reforçam a imagem de Deus como criador e mantenedor do universo. “Em todos os seus escritos [...] o autor deixa transparecer sua crença, não esconde seu catolicismo, submete-se à Divina Providência”.²⁵

O Professor Fontes estudou em escola jesuíta e, na seleção desses textos, não poderia deixar de abordar tais temas. Callado Júnior o descreve como humanista e estudioso da Doutrina Social da Igreja.²⁶ Na correspondência epistolar que mantinha com padre Tomás, seu irmão, expõe com clareza o objetivo da **Série**²⁷.

Cada livro de leitura está dividido em quatro seções distintas e cada uma delas apresenta uma tipologia diferente de textos. Na primeira, há histórias envolvendo textos como fábulas e pequenos contos. Na segunda, poesias de temas variados. Em ambas essas partes há textos do gênero lírico e narrativo de diversos autores catarinense, brasileiros e estrangeiros. Na terceira, como não poderia deixar faltar, cartas, mas infantis, de autoria dos filhos e sobrinhos do autor. A quarta parte, intitulada “Textos diversos”, apresenta montagens de textos com ditados populares e provérbios nos três primeiros livros da série. No **Quarto Livro**, os “Textos diversos”

²⁵ PIAZZA, Walter. Rememorações de Henrique da Silva Fontes. In: **Signo**, Florianópolis: n.4, ano 4, p. 34, 1971.

²⁶ CALLADO JÚNIOR, Martinho. Mestre Henrique Fontes, um humanista. In: **Signo**, Florianópolis: n.4, ano 4, p. 46, 1971.

²⁷ “Tenho, porém, a eles ligado o meu trabalho e o meu nome e daí vem a estimação que lhes voto. Além disso, são mais baratos do que outros quaisquer, prestando assim auxílio aos desprovidos de bens. Essa modicidade de preço foi um dos motivos de sua elaboração. Outro, - e não menos poderoso, - foi incluir neles o nome de DEUS, que em outros fora sistematicamente omitido.” (Carta XVIII, a Pe. Tomás e Carta XL, nota 3.)

apresentam um conteúdo de caráter mais político e urbano. Somente no final desse último livro consta um vocabulário introduzido por uma lista das abreviaturas utilizadas. Os verbetes são referentes ao significado da palavra usada no texto. As ilustrações foram feitas a nanquim pelo artista catarinense Celso Silveira.

A criança, ao entrar em contato com os textos selecionados, descortina um novo mundo permeado de situações cotidianas, em geral cômicas. No entanto, o autor não entra no plano do ridículo. Assim, por exemplo, em “Pergunta inocente”, do **Primeiro Livro**, o tio adverte o sobrinho que o choro pode ocasionar feiúra, e a criança pergunta se o tio havia chorado muito quando pequeno.

Através da leitura dos textos, o estudante-leitor aprende a lidar com suas qualidades e defeitos; a cultivar e a zelar pelos bens naturais; amar seus semelhantes e a ter carinho e prazer pela escola e pela leitura. Os temas abordados, em geral, são a valorização da família, os cuidados com a higiene pessoal, a responsabilidade com o estudo e os valores morais para o desenvolvimento da cidadania e da Pátria, elementos necessários ao bem-estar social.

A **Popular Cartilha** que inicia a **Série**, destinada à alfabetização, é a obra que mereceu mais cuidado por parte do autor no que se refere à adequação do método. Há instruções para o professor, principalmente sobre trato com a letra manuscrita; sobre o uso da palavra para leitura; sobre o vocabulário, que devia empregar as palavras geradoras a partir do universo da criança.

Nessa cartilha, o professor Fontes revela-nos alguns dados que chamam atenção. Os desenhos, por ele mesmo elaborados, aparentam a preocupação em demonstrar com clareza e nitidez a coisa desenhada. As figuras são simples, grandes.

Enquanto livro didático para alfabetização, a cartilha traz alguns recursos visuais estranhos para a época, como um castiçal, um dado, uma faca. Estes objetos, principalmente os lúdicos, não comuns em livros didáticos, funcionam como elementos simbólicos no processo ensino-aprendizagem, para indicarem a luz, a sabedoria, a inspiração, a criatividade, o trabalho e a luta.

As frases que compõem o texto partem de uma realidade concreta sem causa e efeito. O pai trabalha, o filho brinca. Os objetos mencionados são símbolos de propriedade e sempre possuem um dono, marcado pelas expressões "...é de..." ou "...tem...".

O *Primeiro Livro* apresenta histórias cômicas, baseadas em episódios da vida real, que se encerram com máximas. Esses textos, em geral, não estão assinados e pode-se concluir que o autor seja o próprio Henrique Fontes. Há, também, apólogos e fábulas que enaltecem o companheirismo entre os irmãos, a generosidade, a honradez. Ao mesmo tempo, criticam a gula, a desobediência, a avareza e a falta de responsabilidade. Alguns textos de sua autoria trazem, como personagens, seus filhos, seu afilhado César, Célia e Aurélia, "Duas boas irmãs"²⁸, primas de Clotilde, sua esposa.

²⁸ "Duas boas irmãs", *Primeiro Livro*, p. 2.

A maioria dos textos é constituída de narrativa e neles se observa a presença de elementos coesivos²⁹ que estabelecem relação de sentido entre as frases e parágrafos que formam o texto. Um marco muito importante porque, em geral, os livros de leitura das séries iniciais não apresentam elementos articuladores do texto.

O **Segundo Livro** segue o estilo do **Primeiro Livro** no que se refere aos temas, mas a tônica das lições está alicerçada no esforço e na dedicação, quesitos essenciais para que o trabalho produza resultados benéficos. A pontualidade, a gratidão aos pais e à família são elementos chaves do sucesso na vida pessoal. A mentira e a desonestidade aparecem como elementos corrosivos do caráter e do progresso. “Gratidão”, um dos textos que abre o **Segundo Livro**, apresenta como personagem central um senhor de 75 anos que planta árvores, mesmo sabendo que não colherá os frutos da semente. Mas planta para deixar para sua posteridade colher, assim como ele tem colhido os frutos, resultado da semente plantada por seus antepassados. O objetivo principal deste livro é apresentar as partes do corpo humano com as respectivas funções e finaliza a obra com textos que ensinam regras de etiqueta a crianças “...Fica mal... Fica bem...”.

O **Terceiro Livro** enfatiza o asseio, a higiene, os hábitos alimentares, a importância do sono e da oração diária para manter o espírito sadio. O escotismo é visto como atividade ideal para exercitar e cultivar as virtudes e combater o vício. Nesse livro, o autor aborda

²⁹ “Um dia, *porém*, esqueceu-se de aguardar.” **Primeiro Livro**, p.1.

temas de caráter mais ecológico. Numa fábula, em forma de poema, de Baltasar Pereira, o eu-lírico de “O castigo do cedro” reclama dos golpes duros do machado. No poema “O periquito”, de Luís Pistarini, o eu-lírico roga á menina que dê liberdade ao pássaro - retratado como uma jóia - que está preso na gaiola. O ninho³⁰ do pássaro é intocável e inviolável como nosso lar.

O texto “Cachoeiras”, de Valdemiro Potsch, torna-se vanguardista quando alerta sobre a força da água como recurso hídrico para produção de energia. Cada livro enfatiza tópicos específicos. Isso produz uma relação interdisciplinar.

O **Quarto Livro** contém textos que abordam temas como a mãe, a avó, a casa, as obrigações do homem com a sociedade, o pagamento de impostos etc. Em “A lição”, de A. Corrêa de Oliveira, e “Para escola”, de Ana de Castro, a vivência na escola é metaforizada na vida de um pássaro que voa e galga as grandes alturas. A valorização da leitura como ato reflexivo é instrumento formador da consciência crítica frente à sociedade que se apresenta.

O **Quarto Livro** reserva no seu final um espaço para mulheres que fizeram história. As figuras exaltadas nos textos são Florisbela, a guerreira e enfermeira gaúcha; Maria Curupaiti, apelidada de Chica Biriba; sóror Maria Angélica; dona Maria Paulina de Fonseca em texto assinado por Sílvio Romero; Maria Quitéria, que participou, em 1822, do Batalhão do Príncipe. Anita Garibaldi, figura

³⁰ “O ninho” poema de Virgílio Cardoso de Oliveira, **Segundo Livro**, p 44.

do cenário catarinense, não aparece como personagem central; é apenas mencionada.

A figura feminina não surge apenas como a personagem da mulher guerreira, da mãe, da avó, da irmã ou da professora, mas aparece também como autora de inúmeros textos; portanto, a mulher no seu fazer literário. Escritoras catarinenses como Delminda da Silveira se fazem presentes nos livros de leitura da **Série**.

As produções de leitura abrangem mecanismos bastante complexos e, conseqüentemente, a ação do contexto interage e até interfere nos fatores imediatos da comunicação. Se levarmos em conta a variação histórica em relação aos textos selecionados que compõem o conteúdo dos livros didáticos, observamos inúmeras leituras que podemos fazer, as quais, talvez, não tenham sido possíveis em outras épocas. Uma das leituras seria traçar um perfil do homem Henrique da Silva Fontes com base na sua seleção de textos. Esse perfil se revela nos temas abordados: a obediência, a higiene, as boas maneiras, o relacionamento, o gosto pela escola e a leitura, a ecologia e a mulher, não só atuando como mãe ou irmã ou professora, mas também como mulher que participa da vida política do país. Todos esses valores contidos nos textos revelam crenças de Fontes e o ser humano por trás da figura do homem público.

Além dos livros de leitura, Henrique Fontes também se dedicou à história de nomes que se destacaram em prol de obras assistenciais e modificaram a história da Capital e, por conseguinte, de Santa Catarina.

A biografia ***O Conselheiro José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Melo***, 1938, é uma homenagem ao fundador da Academia Brasílica dos Renascidos. Henrique Fontes relata fatos da vida do Conselheiro, entre eles, a prisão na fortaleza da Ilha de Anhatomirim, a mando do Marquês de Pombal.

Outro estudo que merece destaque é ***A Beata Joana Gomes de Gusmão***, 1954. Essa obra exalta e enaltece o trabalho e a dedicação uma mulher cristã, Joana Gomes de Gusmão³¹, que ao perder de seu marido, vítima de uma doença grave, dedica o restante de sua vida em prol das crianças necessitadas. Ao vir de São Paulo, encontrou, em Santa Catarina, pessoas que simpatizaram com sua obra assistencial.

O Irmão Joaquim, o Vicente de Paulo brasileiro, 1958, é uma exaltação à vida franciscana dedicada aos pobres, abandonados e doentes. Sem ter votos solenes religiosos, vivia como frade mendicante, durante toda a sua vida levantou fundos para construção de inúmeras obras assistenciais.

Como continuação do gênero agiográfico, o professor Fontes encerra a série com ***A Irmandade do Senhor dos Passos e o seu Hospital, e aqueles que os fundaram***³², 1965. É o último trabalho completo, que relata a luta para a construção e a manutenção da casa que “seria o abrigo dos necessitados”.

³¹ Na Carta XXXIV, a Alexandre Konder, Henrique Fontes argumenta: “Dona Joana é figura que também me interessa, porque conviveu com o irmão Joaquim Francisco do Livramento, de quem pretendo ocupar-me em ensaio biográfico.”

³² Hoje Hospital de Caridade.

Frente às necessidades escolares motivadas pelo caos da ortografia, Henrique Fontes elaborou regras práticas e um vocabulário intitulado ***A nova ortografia***, 1931, com o “desejo de ser útil aos que a desejem conhecer ou seguir, e aos que sejam obrigados a adotá-la ou ensiná-la.”³³ No ano seguinte, ampliou o trabalho ***Prontuário ortográfico e prosódico***, finalizando os estudos nesse gênero.

Digressões antroponímicas³⁴, 1951, traz noções a respeito de nomes de pessoas. Esta obra é uma continuação e um aprofundamento dos trabalhos ***Estudinhos antroponímicos***³⁵. O obra consta de 293 páginas e revela a relação que os nomes acarretam no decorrer da existência e sua influência nas atitudes das pessoas. Inicia com o nome de Jesus, dessa forma, o autor “presta uma homenagem ao divino mestre da Humanidade”³⁶ e a suas afilhadas do curso magistério, turma de 1947 do Colégio Coração de Jesus. O estudo tem por objetivo inserir cada nome dentro de um grupo, seja ele morfológico ou semântico, por procedência ou qualquer outra afinidade, reunindo-os em grupos coletivos maiores, sistematizando a matéria num tom de conversa a fim de informar aos “simples curiosos da língua” e “não aos filólogos”³⁷.

Em ***Pensamentos, palavras e obras***, Henrique Fontes deixa sua prestação de contas para as gerações futuras. O ***Primeiro Caderno***, 1960, registra e documenta suas atividades e atuação na

³³ FONTES, Henrique da S. Prefácio. In: ***A nova ortografia***. Florianópolis: Livraria Moderna, 1932.

³⁴ V. Carta LXXXV.

³⁵ 1ª Série, 1944 e 2ª Série, 1949.

³⁶ THIAGO, Arnaldo S. Modelo de virtudes cívicas e morais. ***Signo***, Florianópolis: n.4, ano 4, p. 42, 1971.

³⁷ V. Carta LXIX, LXXXV.

Faculdade de Filosofia desde a sua idealização até seu pleno funcionamento no ano de 1960; o **Segundo Caderno**, 1962, é relativo à Cidade Universitária, nele estão registradas leis, decretos, discursos e relatórios que documentam a criação da Cidade Universitária, e o último, **Terceiro Caderno**, 1963, traz biografias e discursos proferidos em comemoração a personalidades do meio itajaiense. No prefácio de cada caderno ele justifica a razão da obra com as palavras: “raro não é atribuir-se a um o que é de outrem, dando-lhe pensamentos que nunca lhe passaram pela cabeça, palavras que nunca proferiu e obras de que nunca foi operário.”³⁸

Professor Fontes não poupou esforços na busca dos esparsos de Cruz e Sousa. Manteve correspondência³⁹ por um bom período com Andrade Murici, contribuindo com a organização da **Obra Completa** e comemorativa ao Centenário do poeta.

Henrique da Silva Fontes foi um homem comum e sério. “Notaram seus amigos a escassez de seus sorrisos. Talvez tenha morrido sem conhecer a alegria de uma gargalhada solta...”⁴⁰; era um “homem excepcional”⁴¹, de linguagem clara; o tom do seu discurso era “naquele seu estilo simples, fluente, virgulado nas minúcias e pedia a outrem que o lesse...”⁴².

³⁸ FONTES, Henrique da S. Prefácio. In: Prefácio: **Pensamentos, palavras e obras**. Florianópolis: Edição do autor, 1963.

³⁹ V. Cartas LII, LXXX, LXXI, LXXXIII e notas 2 e 3 da Carta LXXX.

⁴⁰ CALLADO JÚNIOR, op. cit., p. 46.

⁴¹ Ibidem, p. 48.

⁴² Ibidem, p.48.

O professor Fontes era um homem de ideal “ilustrado”⁴³ porque sabia como atender às classes populares.⁴⁴ No entanto, sua preocupação não se restringia apenas ao ensino elementar. Acreditava que a instrução popular não traz resultado por si mesma, é necessário instrução de alto nível. Não sendo um imediatista, mas um homem lógico, não sacrificou o presente, embora estivesse sempre pensando no futuro.⁴⁵

Responsável pelos estudos e viabilização da Cidade Universitária, idealizou-a e levantou fundos para sua concretização. Inúmeras foram as vezes que percorreu os ministérios públicos a fim de contatar com as autoridades governamentais para obter toda a regulamentação e as verbas necessárias. Escolheu um local aprazível a despeito de todas as contrariedades da época e justificou: “será um grande parque, no qual Florianópolis se prolongará, variando as suas lindas vistas de mar, - será uma CIDADE VERDE, aberta a todos, irradiadora de saber, de progresso, de fraternidade.”⁴⁶

Desembargador, jornalista, filólogo, pesquisador da História catarinense e de nomes próprios, pioneiro do ensino universitário, um

⁴³ “Fontes, ao meu ver, era o catarinense mais ilustre (quero dizer: ilustrado) que já teve a nossa terra.” FLORES, Altino. Carta de admiração e saudade. In: **Signo**. Florianópolis, n. 4, v. 4, p.17, 1971.

⁴⁴ Em ofício ao Governador Celso Ramos, em 22/02/61, in: FONTES, Henrique. **Pensamentos, palavras e obras. Segundo Caderno. Da Cidade Universitária**. Florianópolis: Edição do Autor, p. 39 e 40, 1962., solicita a incorporação de prédios da União no patrimônio da Universidade de Santa Catarina, entre estes, o Grupo Escolar “Olivio Amorim” para completar a Faculdade de Filosofia, o Ginásio de Aplicação e o Centro de Estudos Pedagógicos para estágio dos professores do interior.

⁴⁵ Cf. BARROS, Roque S. **A ilustração brasileira e a idéia de universidade**. São Paulo / Convívio: USP, 1986, p. 14 e 15.

⁴⁶ FONTES, Henrique da S. “Do presente e do futuro. Por que e para que a cidade universitária de Santa Catarina?” In: **Temas Catarinenses**. Florianópolis: Edição do autor (Ed. Informatizada), 1962, p.26.

dos fundadores da Academia Catarinense de Letras e da Cidade Universitária, presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, fundador da Faculdade Catarinense de Filosofia e professor do ensino secundário e universitário, gostava de ser chamado "Professor Fontes".

2.2 Cronologia

- 1885** - 15 de março - nasce Henrique da Silva Fontes filho do casal Manoel Antônio Fontes e da Senhora Ana da Silva Fontes.
- 1903** - Matricula-se no Ginásio Nossa Senhora da Conceição em São Leopoldo e recebe o grau de Bacharel em Ciências e Letras.
- 1907** - Muda-se para o Rio de Janeiro e vive como professor particular.
- 1908** - Matricula-se na Escola Politécnica e desiste no final do ano.
- 1910** - Professor no Ginásio Catarinense e Escola Normal Catarinense.
Funda o semanário **A Época** como diretor-proprietário até abril de 1911.
- 1919** - *Diretor de Instrução Pública* até o ano de 1926.
- 1921** - Representante do Estado de Santa Catarina no *Congresso de Ensino Primário* no Rio de Janeiro.
- 1922** - Representante no *Congresso de Ensino Secundário* no Rio de Janeiro.

- 1926 - *Secretário da Fazenda, Viação, Obras Públicas e Agricultura.*
- 1929 - *Juiz Federal substituto.*
- 1931- Edita a **Cartilha popular, Primeiro, Segundo, Terceiro e Quarto livro de leitura; A nova ortografia.**
- 1932 - **Amplia A nova ortografia no prontuário ortográfico e prosódico.**
Cofundador da Faculdade de Direito de Santa Catarina.
Juiz do TRE e Procurador Geral do Estado.
- 1933 - *Diretor da Faculdade de Direito de Santa Catarina.*
- 1937 - *Desembargador do Tribunal de Justiça de Santa Catarina.*
- 1938 - Edita **O Conselheiro José Mascarenhas Pacheco Pereira de Melo** (biografia).
- 1943 - Edita **Estudinhos antroponímicos** (filosofia 1ª série)
- 1944 - Representante do Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina no *X Congresso Brasileiro de Geografia.*
- 1947 - "Projeto de Consolidação da legislação de terras do estado de Santa Catarina".
- 1948 - Edita **Estudinhos antroponímicos** (filosofia 2 série).
Participa do I Congresso Brasileiro de Línguas Vernáculas - Rio de Janeiro - e apresenta a comunicação intitulada "Uma gramática baseada na República de Rui Barbosa".
- 1951 - Edita **Digressões antroponímicas** (filosofia).
"A nossa geração e a justiça social" (discurso de paraninfo).
Diretor da Faculdade de Direito.
Fundador da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras.
- 1952 - Representante da Faculdade de Direito de Santa Catarina no *I Congresso Brasileiro e Jornada Latino-americana de*

Psicologia e apresentou a comunicação “Da importância dos nomes de pessoas para estudo de psicologia social.”

1954 - Participante do *II Colloquium Internacional de Estudos Luso-Brasileiros* em São Paulo com uma comunicação sobre “O empréstimo a juros desde as Ordenações do Reino até a atual legislação brasileira”.

Edita **A Beata Joana Gomes de Gusmão** (biografia).

Representante do Instituto Geográfico de Santa Catarina no *Congresso de História comemorativo do IV Centenário da Fundação de São Paulo*, em que apresentou a comunicação “A Beata Joana Gomes de Gusmão”.

1955 - Edita **Da importância dos nomes das pessoas para estudos de psicologia social**.

Diretor e professor da Faculdade de Filosofia.

1956 - Encarregado dos estudos da criação da *Universidade Federal de Santa Catarina*.

1957 - “A Faculdade de Direito de Santa Catarina e seus primeiros tempos” (conferência).

1958 - Edita **O Irmão Joaquim, o Vicente de Paula brasileiro** (biografia).

1959 - Edita **Nomes germânicos de mulheres** (filologia).

“Primórdios e primícias” (duas alocações).

1960 - **Pensamentos, palavras e obras** (discurso e noticiário); 1º caderno - “Da Faculdade Catarinense de Filosofia”, 1960; 2º caderno - “Da Cidade Universitária”, 1962; 3º caderno - “De Itajaí”, 1963.

1961 - “O nosso Cruz e Sousa”.

1962 - Edita **Temas catarinenses** (“Os primeiros versos de Cruz e Sousa e os versos circunstanciais”; “O Almirante Henrique

Boiteux no seu centenário natalício”; “Por que e para que a Cidade Universitária de Santa Catarina?”)

1965 - “José Boiteux - patriarca do ensino superior” (artigo publicado em **A Gazeta**, de 08/12/650. Edita **A irmandade do Senhor dos Passos e seu hospital e aqueles que o fundaram**. Inédito: **Dicionário de nomes próprios, etimológico e comparativo**.

3. A carta

“...toda transcrição de manuscrito é modelada por um olhar, o qual, por sua vez, deve ser também modelado pela realidade do seu objeto, se deseja produzir dele uma representação adequada.”

Cecília Almeida Salles

A melhor edição epistolar será aquela que “deixar de ser apenas paratexto de outros gêneros literários”⁴⁷ para ser reconhecida como tal.

Reverendo a literatura que versa e teoriza sobre cartas, constatamos que, ainda hoje, embora se escrevam muitas cartas, a epistolografia é um gênero pouco estudado. Certamente se justifica por uma das razões citadas por Rocha: “a carta é um documento perecível sujeito a todas as formas de destruição”⁴⁸ seja o extravio, o fogo, o descuido do destinatário ou de sua família, seja por serem papéis que, geralmente, têm uma via. Ao mesmo tempo, pressupõe-se existirem mais cartas do que cada autor escreveu ou recebeu.

A importância de um autor não está apenas nas suas cartas. Mário de Andrade e tantos outros não deixariam de ser estudados unicamente por causa de suas cartas, e da mesma forma não deixaremos de estudá-los somente porque não as escreveram, ou não as guardaram. A carta passa a ser relevante porque dela podemos extrair substâncias humanas, literárias e históricas.

⁴⁷ VÁRIOS AUTORES. “Mário de Andrade: cartas e critérios de publicação de Marcos Antônio de Moraes” In: *III Encontro de edótica e crítica genética. ANAIS*. 1993, p. 199.

⁴⁸ ROCHA, André. *A epistolografia em Portugal*. Coimbra: Almedina, 1965, p. 9.

Falar sobre cartas se torna complexo porque seu conteúdo não se resume em um só tema; elas vêm parceladas de assuntos. Por outro lado, Rocha afirma que na carta “cilindra necessariamente a riqueza individual dos matizes do sentimento, das particularidades de caráter, dos achados de expressão que constituem o mais precioso legado das cartas.”⁴⁹

A teoria que norteará este trabalho se alicerça na obra de André Crabbé Rocha, *A epistolografia em Portugal*, por ser, em língua portuguesa, a obra que melhor tratou do gênero e de que se pode dispor.

No seu trabalho, Rocha disserta sobre as normas de estrutura em que o conteúdo de uma carta se enquadra. *Quando?, onde?, a quem?, o quê?, por quem?* São perguntas que redundarão e motivarão a substância da qual a carta é “recheada”. No entanto, há outros elementos, de ordem secundária, que também a caracterizam, como: lugar, data, destinatário e assinatura, que aparentemente se tornam acessórios.

A carta é concretizada a partir do instante em que há necessidade de comunicação e o nosso interlocutor não se encontra presente, daí o seu conteúdo passa a caracterizar uma dimensão histórica. Por que Henrique Fontes escrevia e recebia tantas cartas? Seria porque seus interlocutores não estavam ao seu lado resultando na necessidade de o signatário chegar até lá e fazer sua voz ser ouvida através da carta? Talvez, no entanto, não seria somente a

⁴⁹ ROCHA, op. cit., p. 10.

distância do interlocutor, mas a “febre missivista” que o impulsiona a escrever.

Rocha comenta que ninguém escreve para os amigos ao pé da porta.⁵⁰ Porém, Fontes contrariou esta afirmação quando escreveu para Barreiros Filho e outros. Por outro lado, há vários motivos que nos forçam a escrever, e alguns deles são o exílio, a doença, a necessidade de resolver problemas, impedimentos outros para se estar face a face com o interlocutor. Algumas circunstâncias nos impossibilitam de chegar até o nosso correspondente, e as cartas, nesse caso, se multiplicam.

A carta muito se assemelha ao diário por ser datada. Ela recorta e situa seu feitiço e mensagem no tempo, tornando o dia como “medida do ser”. No entanto, difere do diário porque o diarista anota como foi seu dia e o epistológrafo “implica outrem num momento um que se lhe sentiu, de qualquer modo, ligado.”⁵¹

Seria a carta um efêmero noticiário por ser datada? Ou ela contém verdades permanentes? Essa é a questão levantada por Rocha. Muitos autores datam sua produção e isso não invalida seu trabalho - sejam eles poemas, pinturas etc.

A carta registra o momento dos grandes acontecimentos relacionados à vida de seu signatário e “captam à maravilha os nadas e os momentos cruciais que a constituem.”⁵² Em carta a Serafim da

⁵⁰ Ibidem, p. 14.

⁵¹ Ibidem, p. 16.

⁵² Ibidem, p. 17.

Silva Neto, o professor Fontes se justifica: “Estou em extremo esgotamento e sofrendo grandes angústias. Só Deus sabe como vivo, em sua divina vontade pus minha vida, na qual hoje completando 71 anos, pelos quais rendo a Deus os meus agradecimentos.”⁵³

Por outro lado, a data nos situa e nos conduz relativamente a um plano histórico do conteúdo que ela abarca, como por exemplo: “Se Deus quiser, passarei ainda este mês por São Paulo com destino ao Congresso de Geografia, que se reunirá em setembro no Rio.”⁵⁴

Há, no entanto, escritores que não datam suas cartas, como Serafim da Silva Neto, um dos correspondentes que cultivava esse hábito. O tempo de suas missivas é recuperado pelo seu conteúdo ou pela correspondência do professor Fontes, que nos possibilita saber a data provável pelo carimbo do correio. Para Rocha, a ausência de data se justifica pelo “azáfama duma correspondência sobrecarregada, [...] ou porque o assunto não mereça tal consagração histórica.”⁵⁵

Além de balizar o tempo, a carta também marca o ritmo da vida. Nela encontramos o vigor, a juventude, o cansaço e a velhice. Nela “o tempo é irreversível”, contrabalançando o calendário e a vida. Esse se marca pelos eventos, congressos, seminários, concursos recuperados pelo registro da carta, levando-nos de volta ao *intratemporal*, cristalizando a memória do passado. A carta deixa de

⁵³ Na Carta LXX, o professor Fontes comunica que Eudoro de Sousa irá atender os pedidos de Serafim da Silva Neto, pois ele, Professor Fontes, está esgotado devido aos trabalhos em prol da Faculdade de Filosofia de Santa Catarina.

⁵⁴ Carta XLII, a Monçaide Ferreira.

⁵⁵ ROCHA, op. cit., p. 17.

ser um objeto que registra uma memória individual para torná-la agora, pública.

Situada no tempo e no espaço e resumidora dos dados essenciais de quem a escreve, a carta sempre explanará o motivo e a circunstância que provocou esse ato. Ela existe porque existe alguém com quem queiramos nos corresponder, e na sua leitura deverá sempre ser levado em conta o correspondente. O estilo de cada carta sofre nuances de variações de acordo com seu destinatário.

A partir de fragmentos de textos, tanto fornecidos por Henrique Fontes, quanto por ele solicitados a outros escritores, esses fragmentos dependentes entre si formam um único texto plural que irá registrar o dialogismo polifônico;⁵⁶ um diálogo do escrevente consigo e com o destinatário, ora fornecendo, ora solicitando opinião.

O ato de corresponder-se com alguém, coloca em evidência o papel do destinatário; seu papel é importante na história da epistolografia porque é em relação a ele que o enunciador tece seu discurso e, sem ele, não há enunciado.

Em suas cartas, o professor Fontes responde a várias questões colocadas por escritores de diferentes partes do Brasil. Fornece subsídios para a produção textual e, do mesmo modo, solicita outras questões.⁵⁷ A leitura dessas cartas revela as fases da

⁵⁶ BAKTHIN, Mikhail. "O discurso no romance". In: **Questões de literatura e estética**. 1990, p 71-106.

⁵⁷ Como exemplo podemos citar algumas: Carta IX, a João Henrique; Carta XIV, a Pedro Calmon; Carta XXXI, a Manuel Duarte etc.

organização escriturai e mostra “o autor em seu fazer literário”⁵⁸, e, mais intimamente, o processo de fabricação que, segundo Georges Braques, “tem sempre a primazia sobre os resultados”⁵⁹. Esse ato criador mediado pelas cartas - dúvidas, idéias, anotações, questionamentos vão sendo trocados pelos interlocutores. As informações são como fonte de água viva que “não temos o direito de estancar”⁶⁰, afirma Salles.

Esses fragmentos, conselhos e opiniões mediados por cartas são peças que, à medida que encontramos e os colocamos nos devidos lugares, vão delineando o toque criador.

Cada carta, afirma Schuster, “conta sua própria história”⁶¹; quando se passa por um grande momento, seja alegre ou triste, seja pobre ou rico. Toda experiência que nos sacode, exige de nós, uma carta a esse respeito, que é sempre escrita “sob pressão do momento, quente do cadinho da experiência”⁶².

Mas, hoje, escrevem-se cartas com tantos recursos tecnológicos? Rocha argumenta que “não se concebe um astronauta em órbita a redigir uma missiva.”⁶³ Escrever cartas é para quem tem “os pés fincados no chão.”⁶⁴ A carta não se confunde com cartões magnéticos ou senhas, por ser um objeto assinado e ter estatuto de

⁵⁸ SALLES, p. 19.

⁵⁹ Ibidem. p. 21.

⁶⁰ Ibidem p. 53.

⁶¹ SCHUSTER, M. Loncoln. **As grandes cartas da história de M. Loncoln Schuster**. Trad. de Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Nacional, 1942, p. 5.

⁶² SCHUSTER, op. cit. p. 10.

⁶³ Ibidem, p. 29.

⁶⁴ Ibidem, p. 29.

documento, adquirindo o valor também material de uma tela e trazendo igualmente juízos morais, jurídicos e literários.

A carta, normalmente, segue em envelope fechado e selado, assumindo características muito particulares inerentes a ela - algo confidencial, secreto, muito particular. É claro que em determinados momentos de crise em um país, esse aspecto confidencial da carta passa a ser um objeto de interesse do Estado e essa inviolabilidade não é respeitada. Por isso a correspondência particular, dependendo do correspondente, rareia, como se pode observar na correspondência de Henrique Fontes ao almirante Henrique Boiteux na qual aquele se justifica: “Não lhe agradei de pronto o maravilhoso presente⁶⁵, porque a chegada coincidiu com a explosão do movimento paulista e, numa quadra de correspondência censurada, disreterar epistolarmente sobre coisas sibilares seria caso para fazer arregalar-se o olho policial do governo...”⁶⁶.

Na maioria dos casos, enquanto o escritor está vivo, sua correspondência é algo segredo, mas, em geral, depois de sua morte, ela passa para via pública, salvo quando ele não o permite.

Somos escrupulosos em relação à carta por ser objeto particular e assinado. Ninguém abre uma carta de outro sem ordem expressa para isso, em via de regra. Contudo, após a morte de seu autor, há caminhos e vontades diferentes para o destino da carta.

⁶⁵ O presente seria a carta recebida.

⁶⁶ Ver Carta I, ao almirante Boiteux.

Rocha questiona quando levanta a seguinte pergunta: “em virtude de que direito ou prescrição se sumiu o tabu da inconfidência?”⁶⁷ Talvez isso ocorra pelo apetite da indiscrição. Por parte da família, muitas vezes, isso acontece, para que, através da correspondência, possa dar continuidade à vida e obra do autor agora “truncada pela morte”⁶⁸.

A publicação das cartas torna de todos o que antes era particular - a vida íntima de um escritor. Porém, sempre que isso é feito, torna-se necessário justificar em prefácio a necessidade e a importância do ato, como: homenagear, prestar serviço à sua memória, trazer subsídios para a sua biografia ou estudos, no caso, “seria criminoso sonegar à posteridade.”⁶⁹

A carta levanta o véu que encobre a aura de um escritor, e esse é um dos principais motivos que nos leva à publicação e o mais fácil de se justificar.

A forma como introduz e encerra sua carta, contribui para individualizá-lo ou caracterizá-lo. No conteúdo, a partir da evolução de suas colocações, vamos construindo seu retrato, como se cada uma delas fosse uma peça do quebra-cabeça e isso, até certo ponto, torna sua leitura intrigante e ao mesmo tempo fascinante.

A carta não se constitui somente disso, as circunstâncias nos forçam a enviar, de forma profundamente emocionada, parabéns,

⁶⁷ ROCHA, op. cit. p. 22.

⁶⁸ Ibidem.

⁶⁹ Ibidem, p. 24.

condolências, que vêm interromper verdadeiros ensaios trocados nela. E por apresentar características tão particulares, o gênero epistolar se torna ilimitado quanto aos temas nele abordado; ora se aproxima de um diário, ora de um romance, ora de uma confissão, ora de relatos. Porém, se nos entregarmos ao seu estudo constataremos que nos fornece diálogo, poesia e doutrinas.

O gênero epistolar deve ser compreendido nas suas particularidades significativas. A carta difere do texto literário. É um texto híbrido, porque nela estão contidas as confidências, lições, queixas, indagações, elogios, decepções, críticas, articulações, projetos e conselhos em sincera doação na forma de bens simbólicos que resultam num gênero independente.⁷⁰

Parece-nos quase evidente que o hábito epistolar passa também a ser quase intencional pelo próprio escritor, como uma forma de legado para posteridade ou de continuidade *post mortem*.

Por revelar segredos, ou por seu conteúdo religioso ou histórico, após a morte do seu dono, a carta passa a ser objeto de curiosidade alheia. Em muitos casos, através dos tempos, cartas foram copiadas manuscritamente e circularam de mão em mão, transformando-se em texto literário. A partir do estudo de biografias alicerçadas no positivismo, a carta passou a ser um apoio

⁷⁰ SALLES, op. cit., p. 195.

documental, para fundamentar cientificamente os dados biografados e, por apresentar valor documental e estético, passou, em alguns casos, a ser objeto de falsificações.

Há poucos trabalhos que teorizam sobre as cartas. A dificuldade de encontrar bibliografia que apoie esse tipo de trabalho é enorme. No Brasil não existe obra nesse gênero. O que tem surgido são apenas publicações de cartas prefaciadas, a maioria quase exclusivamente sobre Mário de Andrade.

Rocha apresenta Francisco Rodrigues Lobo como o primeiro teorizador da arte de escrever cartas, com o trabalho *Corte na Aldeia*⁷¹. Certamente a ausência de trabalhos nesse gênero aponta para aquilo que nos tem causado estranheza em nossa época: a falta de correspondência individual.

É oportuno dizer que, conforme os objetivos deste trabalho, não se pretende fazer uma análise das cartas, o que exigiria um maior aprofundamento teórico. Agora, apresentamos as cartas para serem lidas e apreciadas, com o intuito de revelar o epistológrafo.

A correspondência de Fontes constitui um farto e desconhecido material que narra a história das letras em Santa Catarina através de colocações, questionamentos e troca de informações. Acima de tudo, ela revela um epistológrafo, como ele mesmo afirma em carta a José de Sá Nunes: “e aqui faço ponto, na

⁷¹ ROCHA, op. cit., p. 32.

expectativa de que ele não seja o da nossa amistosa conversa epistolar.”⁷²

O número das cartas existentes no arquivo particular do professor Fontes monta a cerca de 800. Há uma farta e variada correspondência que trata de assuntos os mais diversos de forma documental. Na grande maioria, contam a história do pensamento catarinense e de sua contribuição para os demais pólos culturais do País.

O arquivo não está organizado de forma sistemática para pesquisa. Abriga somente pastas suspensas, em ordem cronológica, que contêm cartas, bilhetes, cartões, convites, postais, fotos, recorte de jornais e revistas, blocos e cadernetas de anotações e alguns documentos. As pastas datam de 1901 a 1966. Nas cartas há as seguintes assinaturas: Henrique da Silva Fontes, Henrique da S. Fontes e Henrique Fontes, sempre em manuscrito, a caneta.

A carta mais antiga existente nos arquivos da família Fontes e é de 12 de dezembro de 1903 e é dirigida ao pai do autor. A última carta, datada de 29 de dezembro de 1965, dirige-se à professora Dona Maria Cecília.

A maioria das cartas se encontra datilografada em papel de seda, com a segunda via em carbono azul ou preto. Alguns rascunhos manuscritos acompanham as segundas vias. Dependendo da extensão da carta, surgem dois ou três rascunhos, até a redação final

⁷² v. Carta LXIII.

do texto. Os manuscritos aparecem, às vezes, a lápis HB ou de cor, ou a tinta, quase ilegíveis pela ação do tempo ou pela letra manuscrita. Precisam de uma análise mais demorada para serem melhor classificadas. Tanto no rascunho quanto na redação final, sempre consta assinatura. Em alguns casos, a redação final apresenta alterações feitas pelo próprio punho, à margem ou entre as linhas.

Ao transcrevermos as cartas, foi respeitada a escrita do professor, sua linguagem clara, fluente, inclusive suas criações neológicas.⁷³ A ortografia foi atualizada; adequamo-la para evitar um certo estranhamento por parte do leitor e também por fontes atualizar sua ortografia à medida que ela evolui com o tempo. Quando havia mais de uma cópia das cartas, foram cotejadas, e utilizada aquela que se julgou ser a edição final. A escolhida foi digitada em parágrafo justificado, com recuo de dois centímetros a cada entrada de parágrafo, uma vez que o professor tinha por hábito observar as margens e utilizar-se desse recuo.

As cartas estão numeradas com a expressão **CARTA** seguida do algarismo romano correspondente, a partir do número **I** e até o número **XCVII**. Terminada a carta, seguem, eventualmente, as Notas Explicativas, numeradas.

As Notas Explicativas espelham-se em exemplos fornecidos pela organização da correspondência de alguns escritores brasileiros

⁷³ "... a nossa Faculdade está, por isso, agonizantezinha." Carta IV, a Luís Gallotti e "Ihe poderei fornecer escritos ainda não enlavrados", Carta LXXXIII, a Andrade Murici.

e procuram ir além do dado informativo, porque tentam recuperar a história, situando a carta e seus correspondentes, na medida do possível, no tempo que ela recorta.

Para transcrição das noventa e sete cartas, foi aplicado o critério de seguir a ordem cronológica do material selecionado. Seguindo um critério já mencionado no início desta Introdução, qual seja o de transcrever somente as cartas com conteúdos relativos à literatura, história ou filologia, a transcrição inicia com a carta de 16 de dezembro de 1932, dirigida ao almirante Henrique Boiteux, e finaliza com a de 10 de junho de 1965 a Pedro Calmon.

Alguns princípios básicos foram observados na transcrição, tais como:

- A ortografia e a acentuação gráfica foram atualizadas.
- O emprego das letras maiúsculas conforma-se com o texto base.
- Todas as abreviaturas foram desenvolvidas, exceto os pronomes de tratamento e *doutor* e *senhor* que se conservou como se apresentava no texto base.
- Os nomes próprios e toponímicos conservaram a grafia atualizada, em harmonia com o sistema atual.
- Foram submetidos à simplificação as letras consonânticas dobradas e os dígrafos helenizantes. Houve a necessidade de proceder algumas substituições, como por exemplo, k por c ou qu; y por i; w por v ou u, salvo em caso de estrangeirismo ou naqueles em que nome ainda conserve a grafia.

- Foram rigorosamente respeitadas a pontuação do autor e a disposição dos parágrafos.
- As cartas seguem a ordem cronológica. Em caso de mesma data, prevalece a ordem temporal dos fatos ou a ordem alfabética do nome do destinatário.
- Se o mesmo texto apresentar o manuscrito e o datiloscrito, considera-se a reescritura como texto definitivo. A versão transcrita será “o texto que o público lê”.⁷⁴

⁷⁴ Cf. WILLEEMART, Philippe. “Antes do começo dos começos”. In: **Manuscrita**. n. 4, SP, APML, p. 106.

II

A CORESPONDÊNCIA EPISTOLAR

CARTA I

Florianópolis, 16 de dezembro de 1932.

Meu prezado e ilustre amigo Sr. Almirante Boiteux,¹

Só agora, passados quase seis meses, venho agradecer-lhe a gentileza da remessa do curioso oráculo que, em hexâmetro latino, responde às consultas dos míseros ignorantes do dia de hoje sobre os dias por virem.

Não lhe agradei de pronto o maravilhoso presente, porque a sua chegada coincidiu com a explosão do movimento paulista e, numa quadra de correspondência censurada,² disreter epistolarmente sobre coisas sibilinas seria caso para fazer arregalar-se o olho policial do governo, que mui naturalmente não admitiria que, em momento de tão graves apreensões nacionais, estivesse um oficial general de provados sentimentos cívicos a ocupar-se com assuntos tão estranhos à ordem do dia, e por isso, no conteúdo da missiva, não enxergaria uma inocente distração espiritual, mas lobrigaria talvez as cifras de ponderosos comunicados capazes de solaparem as instituições.

Eu quis poupar aborrecimentos ao meu preclaro amigo, ainda à custa das regras da cortesia.

Agora parece, porém, que podemos falar, sem que em nossas palavras se lobrigue algo do mistério do escrito remetido, cuja eficácia apurei, aplicando-lhe os cânones sobre a seguinte pergunta: Estará ainda longe o dia da confraternização geral americana? E do bojo da tabela foram surgindo letras que assim responderam:

DIGO: “*SATIS SUBITO PRAEDICIT COMMODA CARMEN*”.

Fiquei maravilhado. Formulei nova consulta e as letras mágicas não me negaram solução consentânea com o interrogado.

Depois disso, resolvi-me a desvendar o mistério.

Através das somas, multiplicações e transposições prescritas, tão complicadas como os canais competentes da burocracia nacional,³ mas em todo o caso menos intrincadas do que o cálculo do imposto sobre a renda e a legislação do ensino, cheguei às seguintes conclusões:

1. O emaranhado e longo processo para obter os números que dão lugar à cata de letras na tabela, visa diminuir a freqüência das consultas, porque, conseguidas dez respostas, não obstante serem 531.441 as combinações possíveis, notaria o consulente a repetição de seis palavras, no mínimo.

2. Nas repostas figuram somente as palavras dos seguintes seis grupos, uma de cada um deles e na ordem em que eles vão aqui dispostos:

I	II	III	IV	V	VI
dico	etenim	fauste	rumpet tibi	foedera	fatum
ista	favavens	cupide	complobit	talia	casus
ecce	sicas	licite	non cedit	prospera	numen
tanta	nimis	dibie	solvet tibi	commoda	sidus
forte	lubens	subito	promittit	gaudia	hie annus
jura	satis ⁴	certo	praedicat	jubila	vates
mille	magis	vere	cedet tibi	soecula	carmen
nonne	optas	juste	on raddet	proemia	tempus
credo	quidem	merito	donabit	debita	coelum

3. As palavras assim tomadas dão sempre um hexâmetro de sentido agradável, que, por vago, se ajusta mais ou menos à pergunta formulada.

4. Pode-se adaptar o oráculo à língua vernácula, dependendo o caso de alguma paciência.

Vê por aí o meu bondoso amigo o apreço que me mereceu a sua interessante oferta. Por ela lhe renovo aqui meus agradecimentos, e outros mui cordiais lhe apresento também pelo oferecimento do seu novo volume dos *Nossos Almirantes*⁴ obra que o honra como técnico, historiógrafo e patriota.

Abraços afetuosos e votos de felicidades do

Henrique da Silva Fontes.

¹ *Almirante Henrique Adolfo Boiteux* (1862 - 1945) é catarinense, exerceu, na Marinha, vários cargos administrativos, tais como, diretor da Biblioteca, Museu e Arquivo, diretor da Escola Naval e de Pessoal da Armada. Sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de vários estados e de Santa Catarina (SACHET, Celestino. *A literatura catarinense*. 1985).

² Nessa época explode em São Paulo uma revolução das classes trabalhadoras com especial apoio dos fazendeiros do café; os primeiros queriam liberdade de expressão, muito embora o governo de Getúlio Vargas tenha atendido várias reivindicações dessa classe, e os fazendeiros queriam novamente o controle do governo. Em consequência disso, a Marinha bloqueou o porto de Santos a fim de que os militantes não conseguissem armas do exterior e toda correspondência era censurada. O movimento chegou ao fim em 28 de setembro de 1932, (NOVA ENCICLOPÉDIA BARSA. Britânica do Brasil Publicações Ltda., 1997, v.12, p. 330).

³ Henrique Fontes sempre demonstrava um certo tom crítico e bem humorado em relação à política.

⁴ Trata-se de uma encadernação em 8 volumes de 27 fascículos sobre biografias de almirantes brasileiros.

CARTA II

Rio, 14 de maio de 1937.

Meu caro dr. Ribas Carneiro,¹

Já lhe expressei de viva voz o meu encanto pela sua aula e a minha edificação ante a eficiência de sua Faculdade. Sobre esta, lembrando a desconfiança que punha em quarentena o ensino e os exames de Niterói, já lhe disse que é de se proclamar ter ela extirpado essa desconfiança, aliás não desarrazoada. Assim, comparados pretérito e presente, a impressão é das grandes conversões de almas e de ambientes, é a do perseguidor tornado apóstolo, é a de Saulo para Paulo, é a do meio mal são mudado em viveiro de saúde e alegria, é o Rio de Janeiro de antes e após Passos e Osvaldo Cruz, são os paues pontinos vencidos pela cidade de Litórea.

Relativamente à sua aula, ao que lhe declarei oralmente e em presença de dois moços, que já não são árvores em promissora florescência, mas árvores floridas e copiosamente frutificantes - Luís Gallotti e Themístocles Cavalcanti; - relativamente à sua aula, transcreverei aqui o que disse em carta² escrita á minha mulher, quer dizer, em carta em que falou o coração: “Assisti a uma aula de direito comercial do meu amigo dr. Ribas Carneiro. Que aula modelar! Em linguagem correta, claríssima e elegante, e em tom de palestra, em que os alunos eram tratados por vocês, expôs ele, sem auxílio de livro ou apontamento, matéria que, apesar de árida e rebelde a floreios, se tornou geométrica, colorida e apetecível para subsequente estudo. Além disso, foi a aula teórica e prática e os alunos, numerosos e atentos, passaram, por vezes, de ouvintes a interlocutores.

Saí dessa aula satisfeitíssimo e convicto de que a Faculdade de Niterói está cumprindo conscienciosamente a sua Missão.”

Julguei-me no dever de repetir essas coisas por escrito, como preito de justiça e sem qualquer intuito de lisonja: o meu preclaro amigo não pertence ao Conselho Nacional de Educação, junto ao qual, como sabe, estou tratando de interesses da Faculdade de Direito da minha terra. É que é do meu feitio otimista ou, antes, melhorista falar, sem quebra da verdade, de coisas agradáveis. Por esse motivo, nas cartas que quotidianamente escrevo à família e a amigos, e em que dou impressões de fatos memoráveis, não me referi ainda, e jamais me referirei, a certas cadeiras que vi em certo pretório; delas só falarei, quando, empalhadas ou estofadas, forem reintegradas na situação a que, na hierarquia mobiliária, têm direito certo e incontestável, libertas não direi da *capitis diminutio*, mas da *fundorum diminutio* que as violenta.

Creia-me sempre

Seu amigo, colega e admirador

Henrique Fontes.

¹ **Ribas Carneiro** - professor da Faculdade de Niterói, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro.

² Na correspondência enviada à sua esposa, durante o tempo em que esteve no Rio a serviço da faculdade de Direito, faltam cerca de três cartas; há uma lacuna nos dias 11, 12 e 13.

CARTA III

Rio de Janeiro, 13 de setembro de 1937.

Meu caro Governador Nereu Ramos,¹

Saúde e paz.

Conforme o propósito que lhe comuniquei de me aproximar aqui de sociedades douradas, para, assim, procurar reacender o gosto dos catarinenses pelas coisas de ciências e arte, estive com membros proeminentes da Academia Carioca de Letras. Relatei-lhes, de entrada, o prometimento que você me fizera, de casa para as associações, e é esse prometimento que tomo a liberdade de vir lembrar, esperando-lhe a positivação em verba orçamentária.

Desse primeiro contato com representantes do movimento cultural brasileiro, vi a necessidade de que o nosso Estado saia do marasmo em que se afundou. A dita Academia, sem embargo de o qualificativo *Carioca* atribuir-lhe caráter regional, vem fazendo obra que transcende os limites da capital da República, para se estender a todo o território nacional. Quiçá mesmo o transponha, dilatando-se a outras regiões onde se fale o português e onde se estude filologia românica. Não exagero. Bastará dizer que o trabalho do grupo de entusiastas que tem Afonso Costa e Nogueira da Silva à frente já chamou a atenção e está merecendo a colaboração de um filólogo do valor de Georges Millardet, professor da Sorbonne e da Universidade do Distrito Federal. Prova da eficiência desse cenáculo é o Congresso das Academias de Letras que ele reuniu no ano passado e a que sucedeu a confederação dessas sociedades. Do congresso, de que estão sendo publicados os anais, estive ausente Santa Catarina. E ela poderia ter-lhe trazido subsídios. Citarei um caso. Discutiu-se a

etimologia e significação de uma das palavras que entram no título da Academia: a palavra carioca. Foram apresentadas três teses eruditas, mas divergentes na conclusão. Pois, nesse ponto, Santa Catarina poderia ter produzido adminículo talvez decisivo: é que, entre nós, pelo menos, em nossa capital, o termo carioca tem valor de substantivo apelativo, cuja significação se ajusta às lições de Batista Caetano² e von Martius, citados pelos dissertadores, mas por eles não aceitas, de “casa da corrente do mato” e “domus fontis”.

Certo de você tudo fará para que o seu governo também se recomende pela proteção às obras desinteresseiras da inteligência e relembrando aqui a sugestão, já avivada em carta que enderecei ao Altamiro, do quarteirão universitário, abraça-o com muita estima

o amigo de sempre

Henrique Fontes.

¹ **Nereu de Oliveira Ramos** (1888 - 1958) é catarinense, realizou significativas mudanças no ensino como Interventor Federal e Governo do Estado. Foi professor da Faculdade de Direito de Santa Catarina e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e da Academia Catarinense de Letras. (In: **Os governantes em Santa Catarina**. De Carlos Humberto Corrêa, Florianópolis: UFSC, 1983).

² **Batista Caetano** (1826 - 1882) poeta mineiro, ensaísta - “poeta macambúzio” (COUTINHO, op. cit., p. 362).

CARTA IV

Florianópolis, 18 de dezembro de 1937.

Meu caro Luís Gallotti,¹

Saúde e muitas felicidades a você e aos seus, com votos especiais para que Luís Otávio² já esteja com a perna curada e rijo e são.

Só hoje respondo à sua amável carta de 24 de novembro, porque hoje, praticamente, entrei no regime de férias (elas começam a 21, mas hoje realizou-se a última sessão, que foi extraordinária e só para a leitura de acórdãos) e entro com o serviço em dia, pois só tenho um agravo para relatar na primeira sessão do ano vindouro, dois processos em que sou relator, recebidos ontem, e mais um outro em que sou revisor, também ontem recebido³.

O decreto-lei das desacumulações não teve a orientação que você esperava. A nossa Faculdade está, por isso, *agonizantezinha*⁴. Eu e os colegas magistrados deixamos o exercício a 11 de novembro e já fomos exonerados. Talvez a possa salvar a conversão em instituto livre que está sendo adotada por outros institutos oficiais e que está merecendo estudo do governo do Estado. Sobre a hipótese, tenho estado em correspondência com o Artur Costa, pondo-o ao corrente da solução que atenderia também ao nosso caso, que é o de instituição que deverá viver quase que exclusivamente de subvenção dos cofres estaduais. É preciso, pois, boa vontade do legislador federal, de modo que as escolas nessas condições: a) se considere como renda própria a subvenção; b) não se estenda a elas a assemelhação que se fez quanto ao Loyd, ao Banco do Brasil, etc., deixando-se expresso que não são atingidos pelas proibições dos artigos 92 e 159 da Carta Constitucional.

Penso até que o ensino muito poderá lucrar (já que não permitidas as acumulações nem mesmo no magistério) com a transformação das escolas oficiais em livres, estabelecendo, porém, fiscalização rigorosa em vez da que há atualmente e que está, em geral, confiada a pessoas sem conhecimentos técnicos e didáticos e que, por isso se limitam, quando de fato fiscalizam, à verificação de exterioridades burocráticas.

Entendo que no magistério, num estado corporativo, deve contar não só com professores - professores (ainda não temos Faculdade de Educação!), mas também com professores - profissionais, isto é, com professores que, por experiência própria, conheçam a realidade concreta da profissão para qual estão preparando os discentes; assim, no curso jurídico, que é o que nos interessa no momento, professores que tenham prática de julgar como juízes que também são, professores que conheçam, pelo trato quotidiano com os casos usuais e com os auditórios de justiça, o que é a lida do advogado. Teremos, assim, dentro das normas corporativas ajustado o ensino superior profissional, isto é, os que seguem uma profissão preparando os que a desejam abraçar. Dos vários misteres, como dizia Camões da “disciplina militar prestante”, também se pode proclamar que

Não se aprendem, Senhor, na fantasia
Sonhando, imaginando ou estudando,
Senão vendo, tratando e pelejando.

Em fim, meu caro Luís Gallotti, estou aqui a falar como se me coubesse legislar sobre ensino. Mas você sabe, e eu disso não faço mistério só estou nas lides jurídicas, nas quais me sinto muito honrado, por que circunstâncias inelutáveis me afastaram do magistério.

Agora, outro assunto, coisa positiva em que você me poderá valer. O meu distinto amigo dr. Vasco Henrique d'Ávila, procurador da República aqui, tem grande desejo de ir para igual cargo no Rio Grande do Sul, que, segundo lhe parece, vai vagar. Para tratar desse caso e também de outros que se prendem ao seu funcionamento junto à justiça local, deseja ele ir ao Rio. Mas, a não ser com licença, só poderia ir a chamado do Procurador Geral. Você não poderia conseguir esse chamado, ou fórmula equivalente? Desnecessário é lembrar que a vaga do dr. d'Ávila poderá resolver a situação do Osvaldo Bulcão.

Com estima de sempre, abraça-o
o admirador e amigo certo

Henrique da Silva Fontes.

¹ **Luis Gallotti** nasceu em Tijucas, SC em 1904. Formou-se em Direito no Rio de Janeiro. Titular da Sociedade Brasileira de Direito Internacional, do Instituto dos Advogados do Brasil, do Instituto Brasileiro de Educação, Ciências e Cultura e do Conselho Nacional de Desportos e membro da Academia Catarinense de Letras. Ministro do Supremo Tribunal Federal. (Informações dos arquivos da família Fontes.)

² Filho de Luis Gallotti, atualmente Ministro do Supremo Tribunal Federal.

³ Desembargador do Tribunal de Justiça de Santa Catarina, de 1937- 1946.

⁴ A Faculdade que havia sido equiparada às escolas federais - Lei no. 22.0098, de 1º de novembro de 1937 - foi desorganizada pelo Decreto-lei no. 120, de 9 de junho de 1938 em consequência da Carta Constitucional de 10 de novembro de 1937. Em razão disso, Professor Fontes labutou "teimosamente" até sua autorização em 9 de dezembro de 1956 (REVISTA DE CULTURA. Rio de Janeiro, nº. 2264, 1957).

CARTA V

Florianópolis, 21 de dezembro de 1937.

Meu caro Prefeito e amigo sr. Mauro Ramos,¹

Venho trazer-lhe meus parabéns e aplausos pela iniciativa de organizar o arquivo municipal² e instituir a publicação periódica das peças mais interessantes.

Haverá, assim, bom material para pesquisas históricas e para interpretações novas de fatos já conhecidos: o estudioso não terá necessidade de louvar-se nas narrativas e conclusões dos antecessores, que compulsaram documentos dificilmente encontráveis ou mesmo desaparecidos, e disporá de elementos para novos trabalhos que a ciência for exigindo.

Cumpre-me ainda salientar que o orientador do serviço, o operoso e culto dr. Osvaldo Rodrigues Cabral é segurança de que ele terá execução adequada.

Cordiais saudações.

Henrique da Silva Fontes.

¹ **Mauro Ramos** - catarinense, prefeito de Florianópolis de julho de 1937 a dezembro de 1940.

² Atualmente o arquivo está sem sede.

CARTA VI

Florianópolis, 29 de dezembro de 1937.

Meu caro Carlos da Costa Pereira,¹

Os trabalhos judiciários puseram-me em atraso a correspondência particular. Por esse motivo, só agora, aproveitando as férias, lhe mando meus agradecimentos pela oferta da monografia relativa ao nascimento de frei Fernando Trejo Y Senabria em São Francisco². Li - a com atenção que merecem os conscienciosos estudos que você faz, e tive a satisfação de verificar que, sem qualquer eiva de bairrismo, você, apoiando-se em autores aos quais seria grato terem o ilustre prelado por compatriota, deixa extreme de dúvida ser ele um conterrâneo seu e, assim, uma glória da terra catarinense.

Relativamente à observação que você faz à página 17, nos seguintes termos: “é de estranhar que, sendo o pai um Soares de Toledo, fosse o filho usar o patronímico Saavedra”, peço a sua atenção para o arranjo que, em geral, dão os espanhóis aos nomes de família: mencionam em primeiro lugar o apelido paterno e por último o materno. O nome de Dom Fernando Trejo y Senabria é um exemplo dessa regra. Isto posto, parece-me, entretanto, que você está com a razão em presumir que Fernando Arias de Saavedra não é irmão do bispo.

Cordialmente, aguardando novos trabalhos seus e desejando muito vê-lo nesta Capital a animar estudos históricos, abraça-o
o admirador e amigo certo

Henrique Fontes.

¹ **Carlos da Costa Pereira** (1890-1967) catarinense, foi diretor da Biblioteca Pública do Estado, secretário de Governo. Dedicou seus estudos à historiografia catarinense (SACHET, op. cit., pp. 311-312).

² **O nascimento de Frei Fernando Trejo y Sanabria, em São Francisco**. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado, 1937.

CARTA VII

Florianópolis, 18 de junho de 1938.

Meu prezado amigo dr. Afonso Costa,¹

Recebi hoje sua provável carta de 13 do corrente e apresso-me em dar-lhe resposta, pois já estou em dívida relativamente à notícia que prometi enviar sobre a reorganização da Academia². Conforme convite que expedi aos acadêmicos e de que mandei um exemplar ao ilustre amigo, realizou-se, precisamente há um mês, reunião para ser tratado o assunto. O resultado foi satisfatório. Houve número suficiente para uma assembléia, sendo logo eleita a diretoria. A escolha do presidente, conforme telegraficamente lhe comuniquei, recaiu no dr. Ivo Aquino,³ que, pelo seu notável talento e profunda cultura geral, jurídica e literária, está perfeitamente à altura do cargo. Além disso, tem ele alta situação social, pois é presentemente Secretário do Interior e Justiça. A Academia tem já feito algumas sessões semanais e estou certo de que, brevemente, tratará de entrar para a Federação.

Eu não faço parte da diretoria, porque os poucos lazeres que me deixa e serviço forense estão consagrados ao Instituto e à Faculdade de Direito, ora transformada em escola livre. O Instituto Histórico, do qual sou presidente, reorganizado em abril último, vai trabalhando com regularidade. Assim é que comemorou com sessão solene o jubileu da lei áurea e vai realizando suas sessões ordinárias todas as quintas-feiras. Em breve, com auxílio do governo do Estado, recenterá a publicação de sua Revista.⁴ O Governo já cogitou de dar-lhe sede própria,⁵ propondo-se comprar a casa em que nasceu o poeta Luís Delfino,⁶ que seria restaurada. Essa casa é, porém, pequena. É modestíssima casa de porta

e janela, encravada entre outras casas e, assim, sem proporções para uma sede qual a requer o Instituto. Há aqui outra casa também histórica e com mais terreno e além disso com curiosas linhas coloniais. Está velha e fora de alinhamento, mas poderá ser reedificada no mesmo estilo arquitetônico. É a casa em que nasceu Vítor Meireles⁷. Sobre ela, numa atrevida contraproposta, íamos falar ao chefe do Governo, o dr. Nereu Ramos, que está dando o devido valor aos nossos trabalhos. Conto-lhe estas miudezas, para que o meu amigo fique ciente de que estou vigilante e de que conto com excelentes companheiros. Para amostra, envio-lhe pelo correio comum um número do Diário Oficial em que há um parecer do Instituto relativamente à data do descobrimento do Brasil. No mesmo jornal encontrará o meu distinto amigo desalinhavado trabalho meu, lido por ocasião de justa homenagem⁸ prestada ao eminente brasileiro dr. Lauro Müller.

Peço-lhe me recomende aos seus preclaros confrades Pócion Serpa, Atilio Milano, Modesto de Abreu, Cândido Jucá e Aduino Câmara. Ao nosso bom Nogueira da Silva, por seu intermédio, mando fraternal abraço. Deixo aqui, também expresso o grande pesar que me causou a morte prematura do operoso Alcides Bezerra.⁹

Desejando-lhe, meu prezadíssimo dr. Afonso Costa, todas as felicidades e esperando ver, dentro em pouco, realizado o seu nobre sonho da aliança¹⁰ de todas as Academias de Letras, abraça-o, com muita estima
do admirador e amigo certo

Henrique Fontes.

¹ **Afonso Costa** (1885-1955) era poeta mineiro, ensaísta, conferencista, biógrafo, jornalista e funcionário público, presidente da Federação das Academias de Letras, membro da Academia Baiana de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia e correspondente da Academia Cearense de Letras (COUTINHO, op. cit., p. 470. v. 1).

² Na carta de 27 de abril, Afonso Costa reclama a reorganização da Academia Catarinense de Letras, a única do Sul sem atividade. Em 13 de junho envia cópia dos estatutos da Federação das Academias de Letras, já, na data de 2 de setembro envia recorte de um periódico o qual transcreveu no Jornal do Comércio que fala sobre a reabertura da Academia Catarinense de Letras, em 19 de novembro, segue a relação de documentos necessários para reabri-la.

³ **Ivo d'Aquino Fonseca** (1895-1974) catarinense, político e primeiro Secretário da Educação em Santa Catarina (SACHET. op. cit., p.264).

⁴ A Revista só foi publicada em 1943, uma edição no 1º semestre e outra no 2º.

⁵ A casa do poeta já não existe mais. Há novas construções no local, como o Clube Doze.

⁶ "**Luís Delfino dos Santos** nasceu a 25 de agosto de 1834, na cidade do Desterro, hoje Florianópolis." Poeta desde jovem, pertencia à linha sensualista do parnasianismo brasileiro (DELFINO, Luís. **Os melhores poemas de Luís Delfino**/ sei. de Lauro Junkes, SP: Global, 1991).

⁷ Onde, atualmente, encontra-se o Museu Vítor Meireles.

⁸ As homenagens se encontram em **Pensamentos, palavras e obras**. De Itajaí - Terceiro Caderno. Florianópolis: Ed. Autor, 1963.

⁹ **Alcides Bezerra** - paraibano, estudioso dos aspectos filosóficos de direito e história do Brasil. Deixou inúmeras obras, como por exemplo, **A revolução científica do direito**, Rio de Janeiro: Bibolós, 1933.

¹⁰ Registro na Federação das Academias de Letras.

CARTA VIII

Florianópolis, 17 de setembro de 1938.

Exmo. Sr. Professor dr. João Henrique,

Conhecedor e admirador que sou de obras do ilustre colega, desejava possuir a intitulada *Origem e significação dos nomes de pessoas*, pois a matéria de que ela trata grandemente me interessa e de há muito vem sendo objeto de meus estudos. Pedi-a recentemente à Livraria Globo, que me deu a lacônica resposta: “Não temos”. Tomo, por isso, a liberdade de me dirigir ao erudito autor, solicitando-lhe o obséquio de me informar onde a poderei adquirir.

Antecipando meus agradecimentos, subscrevo-me, com alta consideração,

colega e admirador

Henrique Fontes.

CARTA IX

Florianópolis, 24 de outubro de 1938.

Exmo. Sr. Professor dr. João Henrique,

Muito agradeço ao ilustre colega a gentileza da oferta da *Filologia jurídica* e da *Origem e significação dos nomes próprios*¹. O primeiro desses livros já figura na minha estante; mas o exemplar ora recebido, dada a amável dedicatória, que para mim lhe dá novo valor, substituirá o que possuo. Quanto ao segundo, que era o que, no momento, me interessava especialmente, li-o já, com a devida atenção. E, porque o ilustrado autor deseja que cada estudioso contribua com suas luzes e esforços para desvendar o mistério da origem e significação de tais nomes, direi, à pressa, breves palavras relativamente a alguns mencionados nas primeiras páginas do interessante trabalho.

AVELINO deve ser nome pátrio: de Avela (a malífera Abella, de que fala Vergílio, na *Eneida*, VII, 740), ou de Avelino, também na Itália. Note-se que Abela parece afim do germânico *APFEL*. A ela devem o nome as avelãs. Registre-se também: Santo André Avelino, festejado a 10 de novembro.

NEPOMUCENO é nome pátrio. O santo de nome João que tem tal sobrenome era natural de Pomuk, na Boêmia.

ALCEBÍADES é patronímico de Alcíbios (grego, alké e bios).

ANÍBAL é púnico: graça de Baal.

ÁTILA dão-no alguns como gótico e com a significação de paizinho.

BRENO originariamente é nome comum: designava o chefe entre os gauleses.

LUTERO, *CLOTÁRIO* e *LOTÁRIO* são formas divergentes. Elementos germânicos componentes: hlut, famoso, glorioso; hari, exército.

TALITA vem no Novo Testamento, Marcos. 5: 41. Lá é dada a significação: menina. Nos Atos dos Apóstolos há uma *TABITA*, 9: 40.

TAÍS é nome grego, também apelativo. Designava uma espécie de faixa usada na cabeça (thaís, thaídos).

ALARICO é gótico: todo poderoso.

ABELARDO parece francês; há quem lhe dê como étimo abeille e como significação colmeieiro.

ADALARDO é germânico: forte pela nobreza, nobre e forte (adal, hart).

ADALBERTO, germânico: brilhante pela nobreza, nobre e brilhante (adal, berht).

ADELAIDE, germânico: de qualidade nobre.

ADEMAR, *ADELMAR*, germânico: famoso pela nobreza.

ADEODATO, latim: dado por Deus. *DEODATO*: dado a Deus.

ADOLFO, germânico: nobre lobo. Significação igual tem o gótico *ATAULFO* e o anglo-saxão *EDELVOLFO*.

OVÍDIO, *ATÍLIO*... Os nomes vindos dos romanos são o tormento dos estudiosos. Muitos deles, oriundos como são de nomes gentílicos e de cognomes, não têm sentido propiciatório. Os próprios prenomes são, em geral, de chateza irritante, que contrasta com a fantasia dos gregos e germânicos e com a religiosidade dos hebraicos. Há uns que indicam simples numeração, como de soldados de uma decúria: Primus, Secundus... Faltam-lhes nomes que se emparelham com o já mencionado Clotário, que auspicia glórias militares, e a que literalmente correspondem os gregos Cleóstrato e Estrátocles. *JOÃO*, graça de Javé; *HENRIQUE*, o chefe da casa, o detentor da autoridade plena, que nomes

singularmente expressivos: um é afirmação de piedade; o outro é a atestação da confiança que o germano tem em si próprio.

Em fim, meu ilustre colega, tenho sobre coisas relativas a nomes de pessoas inúmeras notas que, por falta de tempo e também por estar incompleto o estudo,² ainda não foram coordenadas.

No seu trabalho encontrei a citação de uma obra que não conheço: *Nomi e cognomi*, de A. Bongioanni. Ficar-lhe-ei muito agradecido se me informar onde a poderei adquirir. Cita também o meu colega um nome que nunca se me deparou a que me interessa: *FIDESMIDE*. É que a significação que lhe é atribuída é a mesma que tem o hebraico *AASBAI*. Por esse motivo desejaria saber onde se encontra tal nome.

Com muita consideração, apresento-lhe as seguranças de apreço, fazendo votos pela completa felicidade do distinto colega

Henrique da Silva Fontes.

¹ As obras não foram localizadas na biblioteca da família Fontes.

² O **Dicionário de nomes próprios** é uma das últimas "empresas" de Henrique Fontes. Encontra-se na biblioteca particular da família o original encadernado relativo a primeira letra do alfabeto.

CARTA X

Florianópolis, 25 de novembro de 1938.

Meu caro e ilustre amigo dr. Afonso Costa,

Não me canso de admirar nem de proclamar a sua operosidade e a sua persistente ação para que outros também trabalhem.

Aqui também se tem feito sentir o influxo dessas suas excelentes qualidades. Assim é que a Academia de Letras, conforme já tenho noticiado, já está restaurada e vai trabalhando.¹ Já fez eleição para uma das vagas, estando a recepção marcada para 17 de dezembro, e conta três candidatos para outras cadeiras desocupadas. Espero, pois, que seu desejo, manifestado na concitadora carta datada do cívico dia 19, estará em breve satisfeito. Sobre o caso falei novamente com o presidente dr. Ivo Aquino e com outros acadêmicos.

O Instituto Histórico vai também trabalhando. Realiza sessões semanais e quinzenalmente ouve conferências de sócios. Já se realizaram oito e para 1º de dezembro há orador inscrito. Eu já roubei setenta minutos aos meus consócios, e outros tantos espero roubar ao meu amigo, apresentando-lhe a maçada impressa. Creio até que, ao menos pelo assunto, lhe interessará: versou sobre a vida do conselheiro José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Melo, que, no Estado natal do meu preclaro amigo, fundou a Academia Brasília dos Renascidos² e aqui na minha terra, por quinze anos, amargou numa fortaleza a reclusão que lhe foi imposta pelo marquês de Pombal. A impressão já está quase pronta, sendo supérfluo declarar que não me esquecerei de remeter o folheto aos seus exemplares companheiros, cuja assiduidade nos trabalhos da Academia e da

Federação, conforme vejo do *Jornal do Comércio*, corresponde aos primores do grande animador Afonso Costa.

Abraços afetuosos
do admirador e amigo certo

Henrique Fontes.

¹ A Academia se reuniu um só vez em 1938, conforme Melo, (1980), e de 1938 a 1946 "as coisas pouco mudaram" raros criaram muitos foram absorvidos por outros pólos culturais como Rio de Janeiro e São Paulo. Corrêa, (1997) comenta que as dificuldades econômicas, a falta de uma sede própria, as lutas do Contestado e a questão Vidal Ramos x Hercílio Luz contribuíram para adiar a organização e manutenção do acervo da academia, com isso dispersou-se em casa particular dos presidentes que nem sempre passavam a seus sucessores o acervo.

² "Fundada na Bahia em 1759 por José Mascarenhas. Deixou obras em prosa de valor documental, como o *Orbe seráfico novo brasílico* (1858-1859), de frei Santo Antônio de Santa Maria Jaboatão" (NOVA ENCICLOPÉDIA BARSA. Britânica do Brasil Publicações Ltda., 1997, v. 1).

CARTA XI

Florianópolis, 25 de novembro de 1938.

Prezado sr. dr. Renato Almeida,¹

Saudando-o muito cordialmente, acuso o recebimento de sua amável carta de 17.

Cumpre-me comunicar-lhe que ontem expedi pelo correio comum uma composição de João Francisco de Sousa Coutinho: *Missa à Santíssima Virgem*. Falta, infelizmente, a parte correspondente à letra, que a pessoa que ma forneceu, e de quem já tratei em minha carta anterior, o sr. Álvaro Sousa², não possui.

Gabou-me ele a peça, em cuja execução, em tempos passados, tomou parte. Acha-a até superior á *Missa do Santíssimo Sacramento* de que já lhe falei e de que ainda não envio cópia por ser obra mais extensa (51 páginas).

Continuo a trabalhar para obter novas composições e tenho esperanças de bom êxito. É desnecessário declarar que redobrarei esforços se, pela amostra enviada, julgar o autorizado dr. Renato Almeida que as produções de Coutinho merecem ser salvas do esquecimento.

Vão hoje umas notas sobre João ADOLFO Ferreira de MELO, que gozou de alto renome entre os catarinenses. Já providenciei também para ser copiada uma de suas músicas - *Dança fantástica*, opus 18, que espero enviar-lhe dentro em breves dias.

Com muita consideração, aguarda suas ordens
o admirador atencioso

Henrique Fontes.

¹ **Renato Costa Almeida** (1895 - 1981) era baiano, ensaísta, folclorista e bacharel em Direito, chefe do Serviço de Documentação MRE, professor, membro da Academia Brasileira de Música, Academia Brasileira de Filologia, IHGB (**ENCICLOPÉDIA DE LITERATURA BRASILEIRA**. Oficina literária Afrânio Coutinho; dir. de Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa. RJ: FAE, 1989. V.1).

² Álvaro Tolentino de Sousa.

CARTA XII

Florianópolis, 5 de dezembro de 1938.

Ilustre Professor Dr. Azevedo Macedo,

No dia marcado para início dos concursos em que o meu amigo e mestre e eu éramos examinadores, no dia em que eu deveria estar ufano a seu lado como colega, venho, constrangido explicar o telegrama que, a 30 de novembro, lhe enviou o diretor da Faculdade. Como o Senhor sabe, há uma lei federal que dá ao ministro da Educação o direito de mandar reabrir a inscrição para os concursos que não se tenham realizado no ano subsequente ao seu encerramento. Nestas condições estava o nosso. Por esse motivo, já depois de marcado o dia de hoje para o começo dos trabalhos, fez o diretor da Faculdade consulta ao Ministro para saber se ele desejava determinar a reabertura da inscrição. A consulta foi feita em tempo hábil para que viesse a tempo a resposta, e esta foi mesmo reiteradamente solicitada em telegramas. Mas até 30 de novembro não foi dada. Daí a procrastinação para o dia ainda indeterminável, porque até agora não veio a decisão desejada. Tudo isso nos deixou embaraçados, mormente diante do convite que havíamos feito ao meu preclaro amigo, que, em telegrama de 30, se me declarou pronto para vir tomar conta do seu posto de trabalho.

Com estas explicações, que lhe presto também em nome do Conselho Técnico, devo ainda declarar ao meu bondoso mestre que a Faculdade o indenizará de qualquer despesa que tenha feito com os preparativos da viagem e que poderá ser comunicada por meu intermédio.

Passo agora a assunto mais agradável. Recebi anteontem o seu trabalho *Campo Largo e o seu primeiro juiz de direito*. Um dos exemplares enviados traz amável dedicatória ao seu discípulo e admirador. Os demais não têm endereço, donde supor sejam para distribuição a quem possa apreciar a matéria versada. Li-o imediatamente, com a devida atenção, inteirando-me da vida de sua cidade natal e da gloriosa dita que lhe coube de ter por primeiro juiz e por perpétuo amigo o grande Macedo Soares. Muito apreciei as suas exatas observações sobre a alta missão civilizadora do juiz de direito nas cidades do interior, que a ação de Macedo Soares em sua terra bem demonstra e ilustra.

Com votos de completas felicidades, abraça-o
o discípulo, admirador e amigo

H. F.

CARTA XIII

Florianópolis, 11 de março de 1939.

Exmo. Sr. Coronel Henrique Ferreira Lima dos Santos,
M. D. Diretor do Arquivo Militar,
Lisboa.

Por indicação do meu eminente amigo sr. Almirante Henrique Boiteux, grande admirador de V. Exa. por motivo das prontas e prestimosas informações que de V. Exa. tem recebido, tomo a liberdade de me dirigir a V. Exa..

Como do livrinho que vai em separado verá V. Exa., se se designar lê-lo, fiz rápido estudo da vida do Conselheiro *JOSÉ MASCARENHAS PACHECO PEREIRA COELHO DE MELLO*, natural do Faro, que foi militar até cerca dos trinta anos e que teve um filho - Elias Alexandre e Silva, que também seguiu a carreira das armas. Muito me penhoraria, pois, V. Exa. se houvesse por bem fornecer-me qualquer notícia que porventura conheça relativamente ao pai ou ao filho como soldados, ou em outra qualquer condição.

Segundo informações que me foram recentemente prestadas, há ainda no Algarve parentes do Conselheiro: o professor Lister Franco, de Faro, e o sr. Manuel Figueiredo Mascarenhas, de São Bartolomeu de Messines. Ao primeiro já escrevi, oferecendo-lhe um exemplar do meu modesto trabalho e remetendo-lhe outros para distribuição a estudiosos, à imprensa e a instituições locais.

Desculpar-me-á V. Exa. o atrevimento da carta, que é de filho de português, acostumado a sempre confiadamente dirigir-se a patrícios de seu pai. Além disso, tenho para mim que, entre pessoas que se dedicam a estas coisas de

pensamento, deve haver fraternidade capaz de desculpar importunações como a presente.

Com muita veneração e antecipando agradecimentos pela atenção que V. Exa. quiser dispensar ao meu pedido, sou de V. Exa..

Henrique da Silva Fontes.

CARTA XIV

Florianópolis, 13 de maio de 1939.

Exmo. Sr. Professor Dr. Pedro Calmon,¹

Muito desvanecido, recebi suas palavras sobre o meu opúsculo, tendo grata surpresa na informação relativa ao filho do Conselheiro José Mascarenhas. Não me espantou, entretanto, a data do nascimento de Elias Alexandre, pois me parecia pouco provável que ele houvesse nascido por volta do ano de 1759, na Bahia, o que, na melhor hipótese, lhe daria 20 anos por ocasião da ida para Portugal em 1778. Era pouco crível que pessoa dessa idade já houvesse prestado serviços capazes do galardão de um hábito de Cristo. Surpreendeu-me foi o lugar do nascimento, porque, pelas conjecturas que eu andava a fazer, deveria ele ter visto a luz em Portugal. Mas sabê-lo nascido no Rio de Janeiro e em 1753, quando o pai, como frisa V. Exa., era ainda estudante, é realmente de atordoar. Só se há na vida da genitora de Elias romance começado no reino e interrompido com viagem para o Brasil...

Fica ao meu cuidado, - e esse já era mesmo propósito meu, - rastrear nos arquivos daqui informes sobre pai e filho. Espero também que deles me venham notícias de Portugal, pois enviei o meu trabalho² a um membro da família Mascarenhas residente na cidade do Faro, o professor Lister Franco. Enviei-o ainda ao coronel Henrique Ferreira Lima dos Santos, diretor do Arquivo militar, de Lisboa, e que me dizem ser pessoa tão erudita quão prestimosa.

Do que apurar ou receber darei conta a V. Exa., esperando, por outro lado, a prometida remessa do seu artigo sobre Elias Alexandre.

Honrou-me também V. Exa. com a declaração de que desejaria conhecer outros trabalhos históricos meus. Pouco lhe poderei mandar nesse gênero, porque sempre tive vida de escassos lazeres e os que, depois de juiz, vou tendo consagro-os à regência de uma cadeira de Economia Política e, conforme explico no meu opúsculo, à pesquisa não mais da história dos homens, que outrora me interessou, mas da história dos nomes dos homens. Neste assunto tenho também pouca coisa publicada, mas possuo apontamentos já bastante desenvolvidos.

Na coleção da Revista do Instituto Histórico daqui, tenho o prazer de lhe enviar em separado, e no retalho de jornal que vai incluso nesta, terá V. Exa. amostra dos meus velhos e novos estudos.

Com muito apreço e aguardando ordens de V. Exa., subscreve-se

Henrique Fontes.

¹ *Pedro Calmon Moniz de Bittencourt* (1902 - 1985) era baiano, professor, historiador, biógrafo, ficcionista, ensaísta, crítico e orador. Filiado a várias academias e institutos (COUTINHO, op.cit., pp. 366-367, v.1).

² O Conselheiro José Mascarenhas Pacheco Coelho de Melo (biografia). Florianópolis: Entres, 1938.

CARTA XV

Florianópolis, 3 de junho de 1939.

Meu caríssimo dr. Afonso Costa,

Saúde e muitas felicidades.

Respondo à sua prezada carta de 4 do mês findo.

A adesão do Instituto Histórico já seguiu, sendo designado representante o dr. Dinis Júnior.¹ A do Governo do Estado irá brevemente. Posso até adiantar-lhe que já foi consultada pessoa aí residente sobre se aceita a representação. Hoje, pelo correio comum, envio a minha adesão. Não poderei, porém, comparecer ao Congresso, como era meu ardente desejo, e isso por vários motivos, sendo o preponderante o não poder presentemente afastar-me do Tribunal.

Quanto à confederação da Academia Catarinense, não há ainda razão para desânimos. Acho até que o meu tenaz amigo tem agora oportunidade para nova e decisiva arremetida, falando ao respectivo presidente, o dr. Ivo Aquino, que aí está em serviço do Governo do Estado, no qual tem o cargo de Secretário do Interior e Justiça. Terá também o meu apostolar amigo ensejo para conhecer um dos mais cultos e brilhantes espíritos da terra barriga-verde. O dr. Ivo está hospedado no Hotel América, à rua do Catete.

Muito cordialmente o abraça e pede ordens
o confrade e amigo certo

H. F.

¹ ***Dinis Júnior*** foi deputado por Santa Catarina, era qualificado como defensor, trabalhador, enfim um **Cavaleiro Medieval** recebendo epítetos de “Cyrano” e “Sancho Pança” por Geraldo da Rocha.

CARTA XVI

Florianópolis, Estado de Santa Catarina, Brasil, 9 de junho de 1939.

Exmo. Sr. Coronel Henrique de Campos Ferreira Lima,

Cumprimentando-o muito cordialmente, apresso-me em agradecer a V. Exa. a atenção que se dignou dispensar à minha carta e os valiosos presentes de que fez acompanhar a sua delicada resposta, datada de 17 do mês findo.

A *Sentença da alçada*¹ é para mim de inestimável utilidade, porque me traz subsídio para maior desenvolvimento que pretendo dar ao estudo da vida de José Mascarenhas. E o mais interessante é que, devido à raridade desse documento, sempre me pareceu pouco provável tê-lo à mão para consulta direta. A gentileza de V. Exa. trouxe-me, porém, o mais grato desengano.

A *História de Angola*², de que só tive conhecimento há cerca de um mês, é outro livro que se me tornara indispensável e, por isso, ia eu dar os passos necessários para o obter. Dele tive notícia por intermédio do ilustre historiador patricio dr. Pedro Calmon, a quem eu havia remetido a monografia relativa a Mascarenhas. Informou-me ele que já havia escrito um artigo sobre Elias Alexandre³ e prometeu enviar-mo; até agora não cumpriu, entretanto, o prometido. Pedi-me ainda que procurasse nos arquivos daqui notas sobre Elias, e para isso já me entendi com pessoa competente. A V. Exa. oportunamente comunicarei qualquer novidade que se venha a descobrir sobre o filho de Mascarenhas.⁴

Os trabalhos de sua autoria que V. Exa. ofereceu ao Instituto Histórico, de que tenho a honra de ser presidente, foram entregues na sessão que ontem se realizou, e da ata respectiva constarão as palavras de rigorosa justiça que proferi

sobre o fidalgo préstimo de V. Exa.. Dos trabalhos enviados e de outra constantes do catálogo da exposição bibliográfica de autores militares portugueses, fica bem patente o mérito do operoso e erudito polígrafo que é V. Exa.. Vou até providenciar junto a livrarias do Rio de Janeiro para obter os que se referem a figuras literárias.

Pelo correio comum, remeterei a V. Exa. algumas obras brasileiras cujo conhecimento, segundo penso, poderá interessar-lhe, e com grande satisfação receberei de V. Exa. a declaração de que se interessa por tais e tais livros brasileiros.

Assim, enviando-lhos, poderei significar-lhe o meu alto apreço e insaldável reconhecimento. Enviarei também dez exemplares da minha despretensiosa conferência⁵, e da sua bondade espero se digne dar-lhes os seguintes destinos: um ao Arquivo Histórico Militar, um à Academia de Ciências, um à Sociedade de Geografia, um ao sr. dr. Manuel Múrias, um ao sr. João Lúcio de Azevedo e um à biblioteca de Évora, onde há cartas que Mascarenhas escreveu a D. Manuel Cenáculo. Aos restantes dará V. Exa. o destino que achar conveniente.

Do professor Lister Franco ainda nada recebi. É, entretanto, possível que ele ainda me envie o artigo de que V. Exa. me deu notícia. Se o não fizer, eu mesmo lho pedirei.

Com a mais subida consideração, reiterando seus agradecimentos e desejando a V. Exa. as mais completas felicidades, subscreve-se

o confrade e admirador atento

Henrique Fontes.

¹O nome da obra é **A sentença da alçada do Porto**.

² Por Elias Alexandre da Silva Corrêa com uma nota prévia de v. 1. Lisboa - 1937 (Obra Rara).

³ Filho do Conselheiro José Mascarenhas.

⁴ Ver Carta XIV a Calmon, de 17/6/39.

⁵ **O Conselheiro José Mascarenhas Pacheco Coelho de Melo** (biografia). Florianópolis: Entres, 1938.

CARTA XVII

Florianópolis, 17 de junho de 1939.

Exmo. Sr. Professor Dr. Pedro Calmon,

Apresentando-lhe cumprimentos muito cordiais e confirmando minha carta de 13 de maio, envio pelo correio comum, em dois pacotes, a coleção da REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA, com falta apenas do primeiro volume, há muito esgotado.

Recebi, há dias, carta do diretor do Arquivo Histórico Militar de Lisboa, coronel Henrique de Campos Ferreira Lima. Nada encontrou ele, segundo me diz, no Arquivo que dirige, nem no da Torre do Tombo, relativamente a José Mascarenhas nem a Elias Alexandre. Entretanto, em sinal do seu desejo de corresponder ao meu pedido, mandou-me dois livros preciosos: a *Sentença da alçada do Porto*, redigida por Mascarenhas e estampada em 1758, e a *História de Angola*, de Elias. Agradecendo a extrema gentileza do prestimoso militar, cientifiquei-o de que recentemente tivera notícia da obra de Elias, e indiquei o nome do meu ilustre informante, e enviei-lhe ainda obras brasileiras notáveis, entre elas *O espírito da sociedade colonial*, de Pedro Calmon.

Continuando a esperar o artigo que V. Exa. escreveu sobre o filho de Mascarenhas, subscreve-se, com alta consideração.

Henrique Fontes.

CARTA XVIII

Florianópolis, 2 de janeiro de 1940.

Meu Caro Tomás,¹

Saúde e muitas felicidades em 1940 e sempre.

Fui a 31 a Itajaí cumprimentar nossa boa e santa Mãe. Tive o desprazer de a encontrar de cama, em consequência de dores hepáticas. Deixei-a, porém, melhor, parecendo, graças a Deus, que o caso não é de gravidade.

Estou aproveitando as férias do Tribunal para por em dia a minha correspondência, que, por causa dos muitos serviços do ano passado, caiu em notável atraso. É por isso que só agora vão as minhas impressões sobre o **Almanaque - Índice**.² Acho-o de bom tomo, de modo que, já antes de compulsado, se insinua ao leitor como obra merecedora de atenção. Quanto ao conteúdo, muito bem lhe fica o abrir com a notícia biográfica de um brasileiro por muitos títulos ilustre. É prática digna de continuação. O trabalho do prof. J. Lourenço Rodrigues sobre coisas do calendário é muito instrutivo e é justamente específico para a obra. A demais matéria é, - nem podia deixar de o ser, dado o critério de quem a selecionou, - excelente. Há, porém, necessidade, em futuras publicações, de entremear os sólidos escritos com outros breves e leves, com alguns brevíssimos até, porque essas são jóias ou meras quinquilharias mais apreciadas nos almanaques: pensamentos sentenciosos (clássicos portugueses nos fornecem sem conto), ditos agudos, anedotas, quadrinhas, provérbios, adivinhas, problemas, curiosidades de todo o gênero e especialmente verbais.

Aliás, tu mesmo isso reconheces na apresentação, quando dizes: “Não houve tempo para o recrutamento de colaboradores. Falta a parte charadística...” Reconheces ainda que o calendário é lamentavelmente exíguo. Nesse particular, parece-me que um dos desenvolvimentos necessários é aumentar o número dos santos do dia, assunto em que podes contar com a minha colaboração. Outra coisa que também amenizam os almanaques são as boas gravuras.

Em fim, tu, melhor do que eu, sabes o que convém às publicações desse gênero, cujos melhoramentos se prendem, afinal, a recursos financeiros já amealhados ou prováveis em vista da aceitação do livro.

Passando a outro assunto: preciso de um favor teu, que é o seguinte: indagares com toda a brevidade, no Ministério da Educação, se já foi nomeada a comissão incumbida de estudar os livros didáticos, de conformidade com o decreto-lei n. 1.006, de 30 de dezembro de 1938. Em caso afirmativo, de quem se compõe. Em caso negativo, se vai ser prorrogado o prazo estabelecido no mesmo decreto. Motiva este pedido o propósito que tenho de pedir aprovação para os livros que organizei,³ quando Diretor da Instrução Pública, nos quais, como sabes, não tenho nenhuma vantagem pecuniária nem de outra ordem. Tenho, porém, a eles ligado o meu trabalho e o meu nome e daí vem a estimação que lhes voto. Além disso, são mais baratos do que outros quaisquer, prestando assim auxílio aos desprovidos de bens. Essa modicidade de preço foi até um dos motivos de sua elaboração. Outro,- e não menos poderoso,- foi incluir neles o nome de DEUS, que em outros fora sistematicamente omitido.

Em casa⁴, graças aos Céus, vamos passando bem.. O Maneca pretende dedicar-se à advocacia. O José, ao que parece, será candidato a uma promotoria. O Davi, que já concluiu o curso ginásial, quer estudar engenharia. Fala em ir para Ouro Preto, para seguir o curso de Minas, mas estou achando difícil satisfazer-lhe o desejo. Irá provavelmente para Curitiba. O Vítor passou para o segundo ano de

engenharia. O Paulo continua com boa clínica, havendo muito aproveitado na excursão. A Bernadete está no quinto ginásial. A Alba entrou para o primeiro. A Theresinha concluiu o curso primário. Vai matricular-se no pré-ginásial.

Abraços muito cordiais.

Henrique Fontes.

¹ **Cônego Tomás Adalberto da Silva Fontes** nasceu em Itajaí, 1891, dirigiu de 1917 a 1919 o semanário *A Época*. Escreveu a *Gramática Alemã* e em maio de 1925 fixou residência no Rio de Janeiro onde fundou a REVISTA DE CULTURA. Irmão de Henrique Fontes, mantinha uma correspondência ativa e regular (*De Itajaí*, 3º. Caderno).

² Era uma publicação anual da REVISTA DE CULTURA.

³ **Série Fontes**

⁴ Os nomes que seguem são de seus filhos.

CARTA XIX

Florianópolis, 12 de janeiro de 1940.

Meu caro Tomás,

Respondo à tua carta de 9. Fico-te muitíssimo agradecido pelos passos que deste por motivo dos livros escolares. Em breve remeterei o requerimento ao Ministro por teu prestigioso intermédio. E por motivo de livro preciso de novo favor teu: é conseguires-me um de Afonso Arinos de Melo Franco¹ - *Terra do Brasil*, publicado no ano passado do qual tenho notícia por uma apreciação que dele fez, no Jornal, Luís Camilo de Oliveira Neto. Trata esse livro, entre outras matérias, das *Cartas Chilenas*², que muito me interessam, ocorrendo ainda a circunstância de o autor professar opinião que contraria a de Caio de Melo Franco,³ sendo entretanto conforme com o meu pensar, isto é, que a famosa sátira⁴ é de Tomás Antônio Gonzaga e não de Cláudio Manuel da Costa. Já procurei a obra em vários catálogos, não a encontrando. Por esse motivo é que recorro a ti. Talvez o Edmundo Pinto⁵ te possa dar alguma indicação sobre ela, porque provavelmente mantém relações com o autor.

Estive hoje com o nosso prestimoso amigo sr. Ferraz. Disse-me ele que o título não foi remetido para poupar despesas de comissão. Podes, entretanto, entregar ao Banco aí a importância respectiva, à qual, se o pagamento for feito a 20, devem ser acrescentados 20\$ resultantes do atraso. Oportunamente, remeter-te-á ele o título com a devida quitação.

Caso precisas de matéria para a Revista⁶, posso remeter-te alguns verbetes do projetado dicionário Onomástico.

Em casa, graças a Deus, vamos todos passando bem. De Itajaí tenho boas notícias. Mamãe já está há muito restabelecida.

Abraços e votos de felicidades

Henrique da Silva Fontes.

¹ Afonso Arinos publicou **Terra Brasil**, em 1938, **Prefácio às Cartas Chilenas** em 1940 (crítica) constitui um dos problemas de autoria mais intrincados da literatura brasileira, e **Marília de Dirceu**, de Tomás Antônio Gonzaga em 1944 (COUTINHO, op.cit., pp. 246-247, v.1).

² **Cartas Chilenas**. 1ª ed. por Santiago Nunes Ribeiro (Minerva Brasiliense, n.8, 1845). (Edição incompleta, contendo sete cartas).

Cartas Chilenas. 2ª ed. por Luís Francisco da Veiga. Rio de Janeiro, Laemmert, 1863. Completa.

³ **Caio de Melo Franco** (1896-1955) era uruguaio, poeta e ensaísta defendia a autoria de Cláudio Manuel da Costa às **Cartas Chilenas**; escreveu **O Inconfidente Cláudio Manuel da Costa** (COUTINHO, op. cit., pp. 395-396,626, v.1).

⁴ O intrincado enigma do autor das **Cartas Chilenas** foi apresentado em tese por Cecília Meireles em Washington no Colóquio Luso-Brasileiro em 1950. A escritora cotejou a obra **Hissope**, de Dinis, dotado de grande veia satírica, com as **Cartas Chilenas** e concluiu ser deste a autoria (COUTINHO, op. cit., pp. 396-396, v.1).

⁵ **Edmundo da Luz Pinto** (1898-1963) era carioca, político, diplomata, professor e um dos fundadores da Academia Catarinense de Letras. Sua biblioteca foi doada ao curso de Direito da UFSC (MEIRINHO, Jali. **Datas históricas de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1985).

⁶ REVISTA DE CULTURA.

CARTA XX

Florianópolis, 10 de maio de 1940.

Senhor Cônsul,¹

Cumprimentando-o muito afetosamente e ainda sob a grata impressão da palestra de ontem, tenho o prazer de lhe enviar a tradução portuguesa do *Fausto*, tradução que é uma das primorosas obras de Antônio Feliciano de Castilho.²

Envio-lhe também um livrinho³ de que sou autor.

Quanto a *FACA*, encontrei no *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de Antenor Nascentes, o seguinte:

“**FACA** - 1 (instrumento de cortar): do lat. *facula*, segundo A. Coelho. Cortesão acha inadmissível o étimo *facula* pois foneticamente daria *falha* ou *fagua*. Diz que o espanhol tem também *faca* (do lat. *falx*) e daí certamente importamos o vocábulo. O esp. *faca*, que significa *faca curva*, vem, segundo a Academia Espanhola, do árabe *farkla*. Observe-se que o *kha* árabe dá *f* em português, de modo que teríamos *farfa* e não *faca*. Observe-se também que em espanhol *faca* se traduz *cuchillo* e que nas outras línguas românicas não há vocábulo morfologicamente correspondente.”

Limito-me a transcrever o que consigna o dicionarista, porque sobre o assunto ainda não formei opinião.

Quanto a *GARFO*, parece que em latim as palavras correspondentes são *fuscinula* e *furcula*. Neste último está patente o seu parentesco com o francês *fourchette*.

Subcrevo-me, com grande consideração,

Henrique da Silva Fontes.

¹ Provavelmente da França, segundo informações da família.

² **Antônio Feliciano Castilho** (1800-1875) era escritor português; representante do academicismo romântico em Portugal (NOVA ENCICLOPÉDIA BARSA. Britânica do Brasil LTDA., op. cit., v. 1, p.213).

³ Biografia do Conselheiro Mascarenhas.

CARTA XXI

Florianópolis, 20 de julho de 1940.

Eminente e venerado amigo sr. Desembargador Vieira Ferreira,¹

Saudando-o muito afetuosamente e a exma. Família,² peço-lhe mil desculpas desta demorada resposta ao delicado telegrama em que me comunicou a feliz chegada e às cartas muito prezadas de 8 de maio e 17 de junho. As múltiplas ocupações do Tribunal e da Faculdade forçam-me freqüentemente a faltas desta ordem. Espero, pois, que o preclaro Mestre me releve a em que incorri, pois na sua amizade, contrariando o provérbio de que “honra e proveito não cabem num saco”, tenho eu reunidos esses dois benefícios, que a sagacidade popular tem por incompatíveis. Assim é que, ao mesmo tempo que eu lhe agradeço a preciosa informação relativa ao texto de Apolônio de Rodes em que ocorre a palavra Cleópatra, já me apresento com outro pedido: o de fornecer-me texto e tradução de um passo do mesmo autor em que os *Árcades* são dados como anteriores à Lua. Segundo as minhas notas são os versos 263 e 264 do livro IV das *Argonáuticas*.

Quanto aos dicionários gregos que o meu Amigo e Mestre viu em nossa casa, são os de Bailly e J. Blanche e *Étymologique de la langue grecque*, de Émile Boisac, 3 ed., 1938. Junto vai cópia do que neles se encontra relativamente ao homérico *prothéousin*. Vai também a interpretação que ao termo dá uma tradução da *Ilíada*, edição Hachette.

Já publiquei o meu estudo sobre a pronúncia do nome Cleópatra. Saiu na *Revista de Cultura*,³ de meu irmão Padre Tomás Fontes, a quem vou escrever, pedindo-lhe remeta um exemplar ao meu douto amigo.

Inclusive vai a desejada lista dos sócios do Instituto Histórico, entre os quais, logo que seja votado o novo regimento interno, teremos a honra de incluir o ilustre autor de *Azambuja e Urussanga*.

Aproxima-se a data da reunião do 9º Congresso Nacional de Geografia⁴ - 6 de setembro. O Ministro Bernardino de Sousa, que é o presidente, tem sido incansável na propaganda e dela, e do apoio positivo dos governos da União e deste Estado, resultará, ao que parece, uma assembléia notável pela quantidade e qualidade dos congressistas. Seria magnífica ocasião para o egrégio Mestre vir novamente a Santa Catarina, trazendo ainda o subsídio de sua autoridade e sabedoria a um empreendimento que certamente honrará a cultura brasileira. Eu faço parte da comissão executiva, mas até aqui nada pude fazer pelo Congresso, por causa dos meus serviços funcionais. A 1º de agosto, entrarei, porém, no gozo de 60 dias de férias e começarei então a auxiliar, no que puder, ao apostolar presidente Bernardino de Sousa.

Peço-lhe, meu bondoso Mestre e Amigo, apresente meus respeitos a exma. Senhora e exma. Filha, a quem minha mulher muito se recomenda, e que disponha sempre

Henrique da Silva Fontes.

¹ **Joaquim Vieira Ferreira** escreveu o relato em primeira pessoa **Azambuja e Urussanga** publicado pelas oficinas Gráficas do D.O., Niterói, 1939, que narra e descreve de forma pitoresca as cidades colonizadas a mando do Presidente da Província Dr. Alfredo Escagnole Taunay.

Conforme entrevista concedida por Theresinha e Bernadette Fontes, o Desembargador esteve na casa do Professor Fontes, juntamente com a esposa e filha para almoço. Na caderneta de anotações da Viagem ao Rio de Janeiro, em 17 de abril de 1954, Professor Fontes anota: "Instituto Histórico: Conferência do Desembargador Vieira Ferreira sobre a Amazônia; tomei assento à mesa." No dia 27: "Visita ao Desembargador Vieira Ferreira."

² Conforme relato da Família Fontes, o desembargador esteve hospedado por alguns dias na casa dos Fontes juntamente com a família.

³ REVISTA DE CULTURA. Ano XIV- 1940 - v. 27, RJ. Jan./jun. n. 159, p. 1299.

⁴ Henrique Fontes atuou como membro da Comissão Organizadora do Congresso em Florianópolis.

CARTA XXII

Florianópolis, 20 de julho de 1940.

Meu caro Tomás,

Saúde e felicidades.

Peço-te a fineza de endereçar um número da tua REVISTA em que saiu o meu “Caso de prosódia”¹ ao desembargador Vieira Ferreira, rua Coronel Moreira César, 66, Niterói. O destinatário é varão de propecta idade, pois já goza o *otium cum dignitate* da aposentadoria, e é grande conhecedor de línguas e coisas clássicas. Lê os autores gregos e latinos no original, com a mesma naturalidade com que nós lemos um autor francês. E tem espantosa memória. A propósito do nome Cleópatra, concordando com minha opinião, declarou-me conhecer um verso de Apolônio de Rodes em que se vê ser breve a sílaba **pa**; e, de fato, forneceu-me depois o verso devidamente escandido. Acho que seria precioso colaborador para a tua REVISTA.

Ainda não tive tempo de escrever ao nosso amigo Padre Padberg.

Graças a Deus, vamos todos passando bem. O nosso amigo Manoel Pedro da Silva² é que está seriamente enfermo.

Abraços afetuosos meus e de todos os de nossa casa.

Henrique da Silva Fontes.

¹ V. Carta XXIII.

² Casado com Laura Born, tia de Clotilde da Luz Fontes, pai de Célia e Aurélia, personagens dos livros **Série Fontes**.

CARTA XXIII

Florianópolis, 25 de julho de 1940.

Meu caríssimo amigo Professor Padberg,

Se eu imaginasse que o meu douto Mestre poderia ser um dos leitores do desprezioso estudo que mandei para a REVISTA CULTURA, é bem possível que desistisse de dar a lume. Leitor que, na melhor hipótese, tivesse algumas tinturas de grego é que me seria dado esperar, e nunca do porte de quem, com alta competência, é catedrático de filologia grega da Universidade do Brasil, pois, conforme o meu Mestre sabe, entre as minhas más qualidades não há a da presunção. E, porque a encontro a cada passo, é que desconfio de certas erudições, e, por isso, recebo-as com reserva e precaução igual à de quem anda em terra onde corre muito dinheiro falso. Quero saber de onde veio a moeda e quem é que ma entrega, para, se necessário for, fazer a minha própria pesquisa. Vem daí o meu espírito crítico e também a cautela que emprego nas minhas poucas afirmações, a que, em regra, deixo margem para admitirem exceções que eu desconheço, mas cuja existência me parece possível. Dito isto, ao mesmo tempo que lhe agradeço as bondosas palavras relativas ao meu modestíssimo estudo, passo a referir-me ao que nele lhe pareceu menos exato e que, a seu ver, é tudo o que um caturra poderia encontrar com um vidro de aumento.

“Na 1. p. a 129, a respeito da última sílaba decisiva para a acentuação em grego, conviria fazer uma restrição a palavras barítonas”, - observa o meu Mestre. E tem razão. Disse eu: “em grego a sílaba decisiva para acentuação é a última, ao passo que em latim é a penúltima. À quantidade dessas sílabas está, numa e noutra língua, submetida a posição da sílaba tônica.” A palavra posição

vale somente para o latim. O que eu deveria ter dito, usando do resguardo que pouco abaixo se encontra (“quando em grego a sílaba final é longa, a palavra não pode ser proparoxítona”), era o seguinte: À quantidade dessas sílabas está, numa e noutra língua, submetida à tônica. É asserto que convém aos vocábulos paroxítonos e proparoxítonos, que estão em causa, e também aos perispômenos e properispômenos, que são alheios ao pleito.

“P. 131: É longa a sílaba terminada em vogal seguida por duas consoantes. Melhor: encerrando uma vogal... Por exemplo, *est, stirpo, agmen, oblatus*. Se a vogal termina a sílaba, como em *ne-axis, a-xis*, etc., precisa acrescentar: seguida por duas consoantes (ou consoante dupla) na mesma palavra”. Eis aí outra advertência do meu bondoso Mestre.

- De fato, a expressão proposta é mais compreensiva, porque não abranger só as sílabas abertas, que foram as por mim consideradas, serão também as fechadas. E devo frisar que falei em sílabas e não em vogais, como se diz em livros que tive à mão, porque sigo o ensinamento de M. Niedermann em observação que ele chama remarque importante: “*Éviter l’erreur, repandue dans les manuels français depuis la grammaire de Despautères et la Méthode latine de Port-Royal, qui consiste à dire que la position allonge la voyelle. C’est la SYLLABE, non la VOYELLE, qui devient longue par position*” (***Précis de phonétique historique du latin***, p. 239). Quanto às consoantes duplas, deixei-as sem menção, porque me pareceu ser desnecessária no caso. Nem assinalei, por outro lado, que a sílaba seguinte deveria ser de outra palavra, porque estava a tratar de vocábulos isolados e não a escandir versos. Recebo, porém, com muito agrado e reconhecimento as observações, que serão aproveitadas, se, por ventura, houver publicação.

“*Addic*”? (parece ocorrer só *addice*, p. ex.. em *Plauto*), “*educ*” - por que não seria paroxítono? - são outros reparos do meu acatado Mestre. A eles

respondo com as seguintes palavras do citado Niedermann: “*En réservant les cas du type de addíc, edúc, dont il sera parlé ci-après, aucun polysyllabe n’était accentué sur finale Si un mot accentué normalement sur la pénultième longue perdait après coup sa finale, la place de l’accent n’en était point modifiée. C’est ainsi que addíc, edúc, qui sont pour addíce, edúce (voir § 24, 1°), ont maintenu l’accent sur la syllabe qui le portait avant la chute de l’e final*” (op. cit., p. 21).

“*Theodóra* (α puro e longo, só no dialeto *iónico-óre*).” A essa argüição, que merece acolhida, porque devem ser tomadas as formas de uso geral e não as dialetais, responderei apenas: Encontrei as duas formas no *Dictionnaire grec-français*, de Bailly, que aliás dá a terminada em e como jônica; preferi esta, porque nela é patente a qualidade da última sílaba.

Das minhas palavras verá o meu preclaro Mestre que não houve grande mudança no rapaz que, há 37 anos, conheceu como aluno atento e desejoso de saber. Hoje, por injunções da vida, e também porque sempre a encarou com toda a sua seriedade, é desembargador; mas, no seu trato com o direito, com os estudos de sua predileção e com o mundo, é o mesmo estudante sem vaidade e sem preguiça, que quer descobrir e proclamar a verdade.

Fico-lhe muitíssimo agradecido pelos escritos que me enviou, em que muito aprendi, e que precisam ser reunidos em livro. Quanto às lições mimeografadas, mande-mas sempre, certo de que terá em mim, como nos bons tempos de São Leopoldo, aluno aplicado, além de amigo e admirador, que lhe deseja todas as felicidades.

Henrique da Silva Fontes.

CARTA XXIV

Florianópolis, 23 de novembro de 1940.

Exma. Sra. Dona Virgínia Lefèvre,¹

Tive grande honra e satisfação em receber sua atenciosa carta de 2 do corrente, a que, por motivo dos meus escassos vagares, só hoje posso responder.

O nome *WILMA* é, realmente, germânico, conforme lhe pareceu. É forma hipocorística de *WILHELMA*, feminino de *WILHELM*, de onde procede o nosso *GUILHERME*. Relativamente a este último nome já escrevi um artiguete que creio haver-lhe mostrado. Dele envio cópia, da qual verá que a significação do nome é “elmo da vontade”, isto é, “defensor da vontade”, “defensor por vontade”, “pronto defensor”.

A propósito dos hipocorísticos, ou nomes de carinho, Kosenamen, como lhes chamam os alemães, que são numerosos em alemão como também em grego, convém lembrar, que sendo inicialmente familiares, - a exemplo dos nossos Chico, Zeca, Joca, Maricota, Anita, - passam por vezes a nomes autônomos, como sucedeu com Wilma, Fritz, Hans, Max, Heinz, Oto, e inúmeros outros. Note-se que o alemão *WILHELM* e o inglês *WILLIAN* têm o hipocorístico *WILLY*, e que de *WILHELMA* formou-se ainda *WILHELMINA*, a que corresponde o nosso Guilhermina e de que se originaram os hipocorísticos alemães Helmine, Mine e Minna, os ingleses Wilmott, Wilmot, Mina e Minella, e o polaco Minka.

No tocante a coisas célticas, possuo pouco material. Posso, entretanto, informar-lhe que, no concernente a nomes, seguem os celtas o sistema geral indo-europeu, - de que só se afastam os latinos e outros itálicos,- do nome composto:

CINGETO-RIX “rei dos guerreiros”, *VEROCINGETO-RIX* “grande rei dos guerreiros”, *ORGETO-RIX* “rei dos matadores”, *ARGIO-TALOS* “fronte de neve”, *REXTU-GENOS* “filho do direito”, *IUDI-CAR* “amigo do combate”, etc. Em catálogos, vejo anunciadas obras modernas que lhe poderão ser úteis: *Les celtes et l'expansion celtique jusqu'a l'époque de la tène* e *Les celtes à l'époque de la tène et la civilisation celtique*, ambas de Henri Hubert. São livros que a Civilização Brasileira, dessa capital, já teve à venda.

Sobre raízes árabes não tenho nenhuma obra especial; encontro, entretanto, numerosas referências a elas em livros que tratam das raízes hebraicas. Relativamente ao hebraico, possuo algumas obras e entre elas uma muito curiosa: *La langue hébraïque restituée*, de Fabre-d'Olivet, publicada pela primeira vez em 1815.

O meu livro de nomes ainda se acha em estado caótico. Nele trabalho, porém, diariamente, aproveitando todas as migalhas de tempo, com a tenacidade maníaca dos colecionadores. A consulta² com que a Senhora me distinguiu, e outras com que espero ainda me honre, serão para mim grande estímulo para o levar a termo.

Desejando-lhe todas as felicidades e pedindo-lhe me recomende ao Senhor seu Marido, apresento-lhe, minha Senhora, os meus mais respeitosos cumprimentos.

Henrique da S. Fontes.

¹ *Virgínia Lefèvre* - tradutora de diversas obras, entre tantas, podemos citar *Rebeca do vale do sol*; *Papai pernilongo*; *A meretriz de Saigon*; etc.

² Era comum escreverem para o Professor Fontes a fim de solicitar informações sobre o significado de nomes.

CARTA XXV

Florianópolis, 14 de janeiro de 1941.

Meu ilustre colega e prezado amigo desembargador Gustavo Piza,

Muito de coração retribuo os votos de felicidades que me enviou por motivo do ano novo. Este, porém, por causa da sua saída do Tribunal e da nossa terra, por falta da sua amabilíssima convivência, vai ser para os seus antigos companheiros um ano de grandes saudades, e, para mim, ainda de perda sem remédio. É que no eminente colega - jurista de profundos conhecimentos e de soluções lúcidas e humanas - eu tinha consultor para casos intrincados, como o tinha também quando necessitava de exato e clássico termo forense, necessidade em mim freqüente, porque a minha tardia entrada para a magistratura me acarretava às vezes a situação dos que, só depois de adultos, aprenderam a língua em que se devem exprimir.

Estou, meu caro amigo e mestre, a proclamar e agradecer proveitos auferidos da sua fidalga companhia; mas estou, por outro lado, a falar egoisticamente, porque eu também, se Deus me der vida e saúde para ter direito à aposentadoria voluntária,¹ a requererei imediatamente, não só para empregar os lazeres em estudos e obras socais da minha predileção, como também para abrir lugar a outros com direito de subir.

Aqui nada tem havido de importante, pelo menos era que lhe possa interessar. Além disso, como é de seu conhecimento, gosto mais de saber da vida de velhas personagens do que de bisbilhotar na dos meus contemporâneos. Delicio-me mais em descobrir notícias do conselheiro José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Melo, que foi desembargador como nós e que sentiu o que

incorrer nas iras do Marquês de Pombal, do que em saber como vai na diplomacia o nosso colega Pontes de Miranda, a quem aliás admiro, ou do que em procurar adivinhar quem possa ser atingido pelo artigo 177 da carta constitucional. Isto fica para os do meu feitio que viverem daqui a duzentos anos.

Mando-lhe um grande abraço e peço a Deus que lhe conceda todas as felicidades, a começar por vigorosa saúde, esperando que nunca se esqueça dos amigos e admiradores que aqui deixou e, em particular do

Henrique da Silva Fontes.

¹ Aposentou-se no cargo de Desembargador do TJSC em 1946.

CARTA XXVI

Florianópolis, 1º de fevereiro de 1941.

Meu caríssimo Edmundo,¹

Acabo de ler o seu discurso, trazido, sem endereço, pelo nosso boníssimo Acácio Moreira,² veterano da vida, mas sempre idealista, a realizar o significado do seu nome - “o sem malícia”. Digo acabo de ler, porque não considero leitura a passada de olhos por uma publicação que dele encontrei em jornal e que, pelos pastéis e mutilações, em vez do esperado encantamento, só me trouxe indignação contra os que tão pouco prezam os direitos dos autores e dos leitores.

Li o seu discurso religiosamente e fui-me sentindo naquele “arrebatamento misterioso”, de quem, semelhantemente ao orador, estivesse “a bordo de uma frota espectral e antiga”, a ouvir “vozes ilustres, que tinham o timbre de vultos de epopéia”. E tive também o sentimento “de que estava voltando”. É que eu também sonhei muitas vezes em ir à “matriz histórica da raça”, para participar “em família, das suas gloriosíssimas festas centenárias”... Imagino a emoção dos portugueses ao ouvirem o hino da gratidão brasileira, em voz ilustre com timbre de epopéia, e que tinha os esplendores da “chama interior que do coração se apruma para brilhar aos olhos” e que tinha também o travamento do raciocínio que, no estudo da vida lusitana e brasileira, acha com que alimentar e tornar fogueira o que poderia ser fugaz labareda de gravetos.

Imagino principalmente a sua emoção, meu venturoso Edmundo, ao falar sob históricas arcadas em nome de quatro séculos de brasilidade a oito de lusitanidade e a milênios de civilização ocidental e cristã. Que glória!

Para terminar, dir-lhe-ei, meu preclaro Edmundo, que preciso de que você me envie outro exemplar do seu discurso, que vazado na boa linguagem comum a Portugal e Brasil, dá aos portugueses a obrigação de lhe chamarem o nosso Edmundo. É que o exemplar que recebi veio anonimamente e eu considero-me com direito a um que tenha, ao menos, a assinatura do orador. Além disso, o recebido vai passar hoje mesmo a digno leitor: vai ser mandado ao Osvaldo Cabral, que está presentemente a veranear no Mar Grosso, na Laguna. Vai como compensação da recusa que, na qualidade do presidente do Instituto Histórico, tenho de opor à sua desistência de preferir, conforme desejo do senhor Ministro da Marinha, uma conferência sobre assuntos catarinenses a bordo de um navio-escola que proximamente nos visitará. O discurso irá, por isso, ao Osvaldo, que hoje figura galhardamente ao lado dos Boiteux, com advertência de que para as comissões de responsabilidade devem ser escolhidos os representantes que dêem tranquilidade e honra aos comitês. E, meu inesquecível Edmundo, melhor exemplo não há para o caso do que o seu.

Abraços muito cordiais
do admirador e amigo

Henrique Fontes.

¹ *Edmundo da Luz Pinto* - catarinense, Embaixador Representante do Brasil nas festas dos Oito Séculos de Portugal, 1940.

² Ocupava a cadeira vinte e nove da Academia Catarinense de Letras.

CARTA XXVII

Florianópolis, 1º de fevereiro de 1941.

Meu caro Osvaldo,¹

Mando-lhe uma jóia: o discurso que o Edmundo da Luz Pinto proferiu em Lisboa nas festas centenárias portuguesas. O Brasil foi nelas magnificamente representado pelo orador, que é, como sei de ciência própria, grande e amoroso conhecedor das glórias lusitanas.²

É o caso de Santa Catarina na aula - conferência que o sr. Ministro da Marinha deseja, em nossa terra, para os nossos futuros almirantes.

O orador escolhido não tem o direito de negar essa colaboração, embora ela lhe seja sacrifício de bem merecidas férias. Não valem, pois, as escusas já trazidas de viva voz nem as de que foi constrangido intermediário o nosso boníssimo Carlos Pereira.

Meus respeitos à dona Olívia.

Abraços, com votos de felicidades e com a certeza de novo triunfo,

Henrique Fontes.

¹ *Osvaldo Rodrigues Cabral* (1903-1978) era catarinense, médico e historiador, escreveu inúmeras obras sobre a "gente açoriana" (SACHET, op. cit., p 310).

² V. Carta XXVI, nota n. 1.

CARTA XXVIII

Florianópolis, 1º de fevereiro de 1941.

Meu caro Egon Schaden,¹

Saúde e felicidades.

Fico-lhe muito obrigado pela remessa dos escritos de Sud Menucci² relativos às *Cartas chilenas*. Trazem argumentos novos e valiosos, que se somam aos de Luís Camilo de Oliveira Neto, Afonso Arinos de Melo Franco e Manuel Bandeira no sentido de caber a autoria da famosa sátira a Gonzaga. Menucci admite ainda, e defende, a colaboração de Cláudio Manuel da Costa. Tenho lido com grande satisfação o que ultimamente se tem publicado sobre o assunto, porque vejo confirmada a minha opinião de que o mordaz panfleto é de Gonzaga. Apesar de não ter feito a minuciosa análise realizada por esses ensaístas (e nunca a pude fazer porque até me faltava o texto completo das *Cartas*, pelos trechos que delas conhecia e pelo meu conhecimento do estilo de Cláudio e de Gonzaga, sempre estive convencido de que elas não poderiam ser de Cláudio, pois nos versos deste não se encontram a linguagem fluente, natural e até moderna, com que são descritos os desmandos de Fanfarrão Minésio. Tal linguagem se encontra é na obra de Gonzaga.³

Estou muito interessado em conhecer o estudo de Pedro Calmon sobre o meu explorado Mascarenhas e muito lhe agradecerei, meu excelente e operoso Egon, a prometida cópia.

O Osni Régis⁴ ficou na primeira aula. Não houve *quorum* para outras. Não é de admirar, e isso já lhe fiz ver, pois, segundo li no *Correio da Manhã*, em artigo do Padre Arlindo Vieira, no CLASSICAE HUMANITATIS

SEMINARIUM da grande e culta Faculdade de Direito dessa grande e culta Capital, o eminente latinista Adelino da Silva Azevedo só teve no ano passado dez alunos...

Passei ao Osni a sua preciosa tradução do von den Steiner, na qual ele vai recolher material sociológico.

Recomende-me a exma. Senhora e disponha sempre do confrade e admirador certo

Henrique Fontes.

¹ *Egon Schaden* (São Bonifácio, 1913) era doutor em Ciências Humanas, diretor da REVISTA DE ANTROPOLOGIA, professor da USP e estudioso da cultura indígena (SACHET, op. cit., p. 272).

² MENUCCI, Sud. *À margem das "cartas chilenas"*. São Paulo, 1942

³ V. notas da Carta XVIII.

⁴ REGIS, Osni. *Classe social e poder*. Florianópolis: Ed. do Autor, 1955.

CARTA XXIX

Florianópolis, 11 de fevereiro de 1941.

Ilustre amigo e confrade sr. professor Aníbal Matos,¹

Desejando-lhe saúde e todas as felicidades e apresentando-lhe cumprimentos muito cordiais, respondo ao seu amável cartão de 23 de dezembro.

Quando recebi, já tinha em meu poder a *História média de Minas Gerais*, pois, embora endereçada ao Instituto, entendi desde logo que se tratava do exemplar fidalgamente prometido. Muito obrigado. Obra bem feita e bem documentada, trouxe-me bons subsídios, entre eles a narração das prepotências e maluqueiras do governador Antônio Carlos Furtado de Mendonça, nosso conhecido do tempo da invasão espanhola.

Fico-lhe também muito agradecido pelo artigo de Tristão de Athayde² relativo às *Cartas chilenas*, artigo de que eu não tinha notícia. Nele, o douto escritor, sem embargo dos seus francos elogios aos trabalhos minuciosos e eruditos dos que ultimamente têm defendido a autoria de Gonzaga (Luís Camilo de Oliveira Neto³, Manuel Bandeira⁴, Afonso Arinos de Melo Franco e Sud Menucci), declara que lhe ficam duas dificuldades para a aceitar: “a métrica do decassílabo solto, tão pouco arcádica e de que só Silva Alvarenga se serviu com maestria, entre nossos poetas do tempo, - e o feitio pouco satírico da musa confessada e pública de Gonzaga.” Isso o leva a aventar uma hipótese: a de ser autor do panfleto Silva Alvarenga, que “possuía por natureza essa veia satírica”, como patenteou no “Desertor das letras” e nos perfis dos “Vícios”, que, a seu ver, “equivalem em mérito às melhores páginas das *Cartas chilenas*”.

À primeira das objeções respondo eu, que sempre estive entre os partidários de Gonzaga⁵: o decassílabo solto não era nenhuma peculiaridade da versificação de Silva Alvarenga. Nem era raro na época. Nele escrevera o árcade Corrêa Garção as suas *Sátiras e epístolas*. Em decassílabos soltos fora também escrito o herói-cômico *Hissope* do árcade Antônio Dinis da Cruz e Silva⁶. Não admira, pois, que esse fosse o verso adotado por Critilo. Nesse verso foi vazado o *Uruguai*, de José Basílio, e nele poetaram Cláudio Manuel da Costa e Domingos dos Reis Quita. Não era, portanto, pouco arcádico.

A segunda dificuldade já se acha desfeita por Sud Menucci, que, firmado na *Marília de Dirceu* editada pelo professor Rodrigues Lapa,⁷ mostrou que Gonzaga, “com toda a sua austeridade de juiz, também sabia enveredar para a ironia e para o sarcasmo, se as situações lho exigiam”.

Por estas observações verá o meu ilustre amigo o apreço que dei ao artigo tão amavelmente remetido e que veio enriquecer a minha coleção de escritos relativos aos poetas do “grupo mineiro”, assunto que, nas minhas predileções, emparelha com o estudo dos nomes próprios das pessoas. As minhas ocupações de juiz e professor deixam-me, porém, poucos vagares para cuidar dessas coisas, “que a vida fazem deleitosa”.

Daí também a demora da presente resposta, que espero não seja a última, pois tenho muita honra em receber ordens de altos representantes do pensamento nacional, e entre eles tem assento o meu preclaro e nobre amigo.

Henrique Fontes.

¹ **Aníbal Pinto de Matos** (1886-1969) atuou crítico, teatrólogo, poeta, artista plástico e membro da Academia Mineira de Letras (COUTINHO, op. cit., p. 876, v.2).

² ATHAYDE, Tristão de. **Cartas chilenas** (In: **O Jornal**, Rio de Janeiro, 22 de dezembro de 1940).

³ OLIVEIRA, Luís Camilo. "A autoria das cartas chilenas" (In: **O Jornal**, Rio de Janeiro, 24, 31 de dezembro de 1939).

⁴ **BANDEIRA**, Manuel. "A autoria das cartas chilenas". (In: **REVISTA DO BRASIL**, abril de 1940).

⁵ "Depois do trabalho de Afonso Arinos de Melo Franco, publicado como introdução à edição das **Cartas (...)**, a tese da autoria de Gonzaga vem recebendo as preferências das publicações oficiais" (COUTINHO, 1985 op. cit., p.258).

⁶ **Cecília Meireles** levantou a tese em "Um enigma do século XVIII; Antônio Dinis da Cruz e Silva" (In: Atas do Colóquio Internacional de Estudos Luso-brasileiros. Nashville, Vanderbilt University Press, 1953).

⁷ RODRIGUES LAPA, M. **Prefácio à edição de Marília de Dirceu**. Lisboa: Sá da Costa,, 1937. Publicou também **Poesias e cartas chilenas**. Edição crítica. RJ:MEC-INL, 1957 e **As "cartas chilenas. Um problema histórico e filológico**. RJ:MEC, 1948.

CARTA XXX

Florianópolis, 25 de novembro de 1941.

Senhor Professor Roger Bastide,¹

Apresentando-lhe cumprimentos muito respeitosos, tenho a honra de, com esta, lhe enviar a tradução que fiz do seu profundo estudo sobre “O lugar de Cruz e Sousa no movimento simbolista”,² publicada ontem, octogésimo aniversário do nascimento do grande poeta.

Perdoe-me o preclaro Professor a audácia do ato, motivado pelo desejo de que o estudo magnífico tivesse maior divulgação em nosso meio; e perdoe-me, também, se por falha do entendimento e não por vício da vontade, cá e lá passei de *traduttore* a *tradittore*. Tive, além disso, pouco tempo para o trabalho, inclusive a revisão tipográfica - apenas três dias, o que não me deu lugar para maior esmero.

As faltas existentes, e que peço ao eminente Professor se digne apontar, serão, porém, emendadas, porque o pensamento fiel do Autor, nas belas e exatas língua e linguagem do original, será estampado na REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA,³ que brevemente reaparecerá e como subalterna sairá ainda a sua trasladação em língua portuguesa.

Creia, senhor Professor, na grande admiração que lhe vota, quem se
subscreeve

devotado servidor

H. da S. F.

¹ **Roger Bastide** (1861-1974) "sociólogo francês. Radicado no Brasil de 1937 a 1954, lecionou em São Paulo e publicou diversos livros e estudos sobre a cultura afro-brasileira" (In: **NOVA ENCICLOPÉDIA BARSA**. Britânica do Brasil Publicações Ltda., 1997, v. 1, p.116).

² "O trabalho que o prof. Roger Bastide nos enviou foi traduzido do francês pelo des. Henrique Fontes e publicado, em primeira mão, no "Diário Oficial do estado", de 24 de novembro de 1941." Revista do IHGSC, v.1, 1º semestre de 1943. (Apud IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO, separata, 1943).

³ Revista do IHGSC, v.10, 1º semestre de 1943.

CARTA XXXI

Florianópolis, 11 de dezembro de 1941.

Ilustre confrade sr. dr. Manuel Duarte,¹

Saúdo-o muito cordialmente, desejando-lhe todas as felicidades e pedindo-lhe ainda transmita meus cumprimentos ao seu distinto filho dr. Clóvis, para quem, em separado e cumprindo promessa feita, envio um livrinho² de minha autoria.

Fico-lhe grandemente agradecido pelas fotografias e notas³ que se dignou enviar-me, que serão utilíssimas e que dão lugar a novo atrevimento meu: o de solicitar algumas informações históricas sobre a Santa Casa e também fotografia da mesma. Quanto ao apostólico Irmão Joaquim, é provável que tenha parentes nesse Estado, pois que um seu irmão por nome João Francisco de Faria e Costa se ausentou para o Rio Grande, talvez por volta de 1797, e faleceu a 11 de setembro de 1811. É só o que sei desse Costa. Conheço, porém, os nomes e naturalidade dos pais e avós.

Não são de minha especialidade os estudos genealógicos, de modo que poucas notas possuo relativamente à matéria. À vista, entretanto, do nome Maria dos Passos Duarte, constante dos esclarecimentos que o meu preclaro confrade deseja, lembrei-me de ter encontrado esse nome, ou outro parecido, em velhos livros da matriz de Nossa Senhora do Desterro. E ontem verifiquei que a memória não me traiçoeira. O que encontrei foi o seguinte:

“Aos vinte sete dias do mês de janeiro do ano de mil e setecentos e vinte na face da Igreja na forma do Sagrado Concílio Tridentino na presença do Padre Luís

de Albuquerque da Companhia de Jesus andando em missão com provisão do Reverendo Vigário da Vara o Padre Dom Antônio Rechadel receberão se por palavras de presente Manoel Duarte Camacho Batizado na Freguesia de Nossa Senhora da Graça dos Pinhais de Curitiba, donde veio de tenra idade para esta Freguesia e daí passou para a de Santo Antônio da Laguna onde era morador, filho legítimo de Antônio Bicudo Camacho já defunto, e de sua mulher Maria de Passos, e Paula Moreira batizada nesta Freguesia de Nossa Senhora do Desterro, filha legítima de Domingos Lopes, e de sua mulher Paula Moreira: sendo testemunhas presentes o Doutor Desembargador Rafael Pires Pardiniho, que estava assinado, Orbana Rodrigues, Merência Fernandes e muitas pessoas do povo, e o dito Padre estava assinado. O Vigário Francisco Justo Santiago.”

Se lhe parecer que estamos em boa pista, continuarei as pesquisas porque merece osr. dr. Manuel Duarte
do admirador e confrade agradecido

Henrique da Silva Fontes.

¹ Escreveu **Os alemães em Santa Catarina (notas de um excursionista)**, artigos publicados no Jornal do Comércio de 12, 14 e 23 de maio. RJ: Tipografia do Jornal do Comércio, 1917.

² A biografia do Conselheiro Mascarenhas.

³ Dados para os livros **Irmão Joaquim, o Vicente de Paulo brasileiro e A irmandade do Senhor dos Passos e o seu hospital, e aqueles que os fundaram.**

CARTA XXXII

Florianópolis, 13 de dezembro de 1941.

Revmo. Sr. Padre Ernesto Vogt,¹

Apresento a V. Revma. os meus cumprimentos mais respeitosos.

Ocupando-me, nos poucos lazeres que me deixam os trabalhos de obrigação, com o estudo de nomes de pessoas, - e isto sistematicamente e há nove anos e meio, - li com muito interesse, na REVISTA ECLESIASTICA BRASILEIRA, o artigo de V. Revma. intitulado “O nome de Maria à luz de recentes descobertas arqueológicas”.

Li-o e copiei-o na íntegra, porque me parece rigorosamente científico.

Parece-me, por outro lado, bem fundada a opinião de V. Revma., no tocante a ver o nome de Maria sugerido no **Benedictus**, juntamente com os de Jesus e João, Isabel e Zacarias. Não o estará ele igualmente no **Magnificat**? Nesta palavra não há também a idéia de altura, pois o tornar grande não implica a de elevar, altear?

Perdoe-me V. Revma. o atrevimento da observação feita por um ignorante da língua hebraica e perdoe-me ainda o da proposta que possa a fazer: V. Revma. cita um livro que para os meus estudos é de suma importância - M. Noth, *Die israelitischen personennamen*. Dando-lhe eu as necessárias garantias e que consistiriam na antecipada remessa de talvez proveitoso penhor, que poderia ser um dos seguintes livros: Fabre d'Olivet, *La langue hébraïque restituée*, 2 v. , *fac-símile* da edição de 1816, e G. de Vasconcelos-Abreu, *Curso de literatura e língua samscritica clássica e védica*, 2

volumes, - não mo poderia V. Revma. emprestar pelo tempo necessário para leituras e notas?

Outras seguranças poderei dar a V. Revma. e, caso se digne dar-me resposta, embora negativa, peço ainda a fineza de me informar quais as obras especializadas que possui relativamente a antroponímia.

Com grande respeito, sou

de V. Revma.

admirador e amigo certo

Henrique da S. Fontes.

¹ **Padre Ernesto Vogt, SJ** - Professor e Reitor do Pontifício Instituto Bíblico de Roma, é competente em Ciências Bíblicas; traduziu os Salmos para a liga de Estudos Bíblicos diretamente do texto em hebraico; mais tarde essa bíblia entrou para **Bíblia mais bela do mundo**.

CARTA XXXIII

Florianópolis, 13 de dezembro de 1941.

Sr. Professor Serafim Silva Neto,¹

Saudando-o muito cordialmente, venho agradecer-lhe a oferta da *Miscelânea de estudos em honra de Antenor Nascentes*, publicação de que já tinha notícia e que ia procurar adquirir. A sua amabilidade antecipou o cumprimento do meu desejo, e ainda com a vantagem de trazer-me exemplar com autografo e dedicatória gentilíssima.

Li imediatamente o ensaio relativo ao “Ensino da gramática histórica”. Foi homenagem ao doador, já muito meu conhecido pelas *Fontes do latim vulgar*² e outros escritos, e também por informações de meu irmão Padre Tomás, e foi igualmente interesse pelo assunto, pois que já militei como professor de língua portuguesa.

Estou muito de acordo com a sua orientação de ensino. Ensinar assim é tratar a língua como ela é: floresta a viçar, e não museu botânico, como tentam dela fazer os que exageram as análises, tornadas fim e não instrumento de estudo.

Principalmente por causa da chamada análise lógica é que Camões não tem a geral estima dos estudantes brasileiros. É que ele põe “nos corações um grande medo”, e isso porque professores há que não se servem da análise para lhe clarear obscuridades, desempanando belezas enevoadas, mas para o tornar real o Cabo Tormentória, em que há “cada ano... naufrágios, perdições de toda sorte”.

Muito aprecio o seu entusiasmo comunicativo próprio ao verdadeiro professor, e esse entusiasmo, aliado aos conhecimentos seguros do mestre, torna

certamente a gramática histórica “não só agradável e até aprazível”, senão estudo preferido, desses a que continuamos adquiri-los por toda a vida, porque enchem deliciosamente os vagues dos trabalhos de obrigação.

Creia-me, meu caro e jovem professor, que as suas lições têm esse condão e, por isso, deseja vê-las multiplicadas
admirador e amigo agradecido

Henrique da S. Fontes.

¹ **Serafim da Silva Neto**, filólogo, ensaísta, professor. Deixou inúmeras contribuições no ramo da filologia. Atuou como professor e pesquisador na Universidade de Lisboa. Foi professor visitante da Faculdade de Filosofia de Santa Catarina a convite do professor Fontes. V. Cartas LXX e XXXV.

² **Fontes do latim vulgar** “O appendix probi”, Ed. Comentada - RJ: Ed. ABC, 1938, de Serafim da Silva Neto.

CARTA XXXIV

Florianópolis, 26 de maio de 1942.

Meu caro conterrâneo e amigo Alexandre Konder,¹

Com muito prazer respondo à sua carta de 25, agora mesmo recebida.

Sobre Anita, no Instituto, não temos material de importância. Completa informações poderá fornecer-lhe o nosso venerando coestaduano almirante Henrique Boiteux,² a quem você encontrará diariamente no Clube Naval. Segundo penso, é quem melhor conhece a vida da famosa guerreira, a quem já biografou.

Sobre dona Joana de Gusmão encontrará você informações no volume V dos **Anais do Museu Paulista**. Há nele uma notícia biográfica publicada pelo doutor Afonso de Taunay³ e elaborada por José Gonçalves dos Santos Silva (não da Silva Santos, como por equívoco é declarado). É a informação mais desenvolvida que conheço. Dona Joana é figura que também me interessa, porque conviveu com o irmão Joaquim Francisco do Livramento, de quem pretendo ocupar-me num ensaio biográfico.

Do nosso coestaduano marechal Carlos de Campos há uma obra que trata de heroínas brasileiras.

Em separado lhe mando um trabalho histórico de minha autoria.

Abraçando-o muito afetuosamente e desejando-lhe todas as felicidades, aqui fica ao seu dispor

do admirador e amigo certo

Henrique Fontes.

¹ **Alexandre Konder** (1901-1953) jornalista catarinense, escreveu vários livros e reportagens sobre raças orientais (SACHET, op. cit., p.129).

² **Henrique Boiteux** (1862-1945) escritor catarinense, militar, diretor da Biblioteca, Museu e Arquivo e pesquisador da Ciência e da História Naval e Militar (SACHET, op. cit., p.308).

³ **Afonso D'Escragnole Taunay** (1876-1958) era escritor catarinense, autor de dezenas de obras sobre História do Brasil, de São Paulo, da Literatura, da Ciência e da Arte e da Lingüística, a obra referida é **Em Santa Catarina colonial** (São Paulo: Anais do Museu Paulista), (SACHET, op. cit., p.308).

CARTA XXXV

Florianópolis, 26 de maio de 1942.

Meu caro professor Serafim Silva Neto,

Encontrou-me sua amável carta a lavrar um acórdão em *habeas-corpus* em que se discutiu a competência para julgamento de infanticídio *honoris causa*, cometido no ano passado, mas processado este ano, na vigência de novas leis: se do júri ou do juiz singular. O assunto é deveras interessante e o debati longamente, e fui até designado para lavrar o acórdão, porque foi vencido o relator. Confesso-lhe, porém, meu ilustre colega de bacharelado em direito, que mais interessantes me parecem estas coisas de linguagem, a que o meu jovem amigo, com entusiasmo e proficiência, se consagra e de que eu tive de me afastar, porque não tenho vocação para mártir.

Sua carta fez-me interromper a grave tarefa e tomar da pena e da máquina para imediata resposta, porque, em caso contrário, ficaria ela, como tantas outras, a aguardar a oportunidade, que raramente chega, de me sobrarem algumas migalhas de tempo. E eu desejo muito a sua amizade, porque é a de filólogo gênero Mário Barreto¹, seguro e autorizado desde os primeiros escritos.

Junto vai uma pílula antroponímica, que, com tempo furtado a autos e aulas, manipulei ontem.

Com muita estima e desejando-lhe todas as felicidades, abraça-o
do amigo e admirador

Henrique Fontes.

Z E N A I D E

Para o álbum da declamadora
paulista Zenaide Vilalva de Araújo.

ZENAIDE é, conforme interpreto, patronímico de *ZENAS*, isto é, “a filha de Zenas”, “a descendente de Zenas”; e *ZENAS*, - tinha esse nome um colaborador do apóstolo São Paulo, - é, de certo, forma hipocorística de *ZENÁGORAS*, “o que fala como *ZEUS*”, o que discursa como Júpiter helênico.

ZENAIDE é, assim, “a que é da estirpe daquele que fala semelhantemente ao pai dos homens e dos deuses”, - nome bem ajustado a quem penetra e desvenda os segredos e encantamentos da palavra falada.

Florianópolis, 25 de maio de 1942.

Henrique Fontes.

¹ *Mário Castelo Branco Barreto* (1879 - 1931) filólogo, professor, estudioso da língua portuguesa contribuiu com várias obras no ramo da filologia e tradução. (COUTINHO, op. cit., v 1, p. 303)

CARTA XXXVI

Florianópolis, 4 de abril de 1943.

Exmo. Sr. Dr. Escagnole Dória,

Recebi com muita satisfação sua amável carta de 27 de março.

Com lhe remeter a conferência do dr. Oton da Gama d'Eça¹, proferida no Instituto Histórico, de que sou presidente, nada mais fiz do que cumprir dever de cortesia, porquanto era sabedor do seu parentesco com o preclaro Visconde Taunay, e disso sabia, porque o Senhor mesmo me disse: é que já tive a honra de lhe ser apresentado, em 1921 ou 1922, quando aí estive representando o Estado de Santa Catarina num congresso de ensino. Eu era então diretor da Instrução Pública.

O dr. Oton d'Eça é muito conhecido na nossa pequena Florianópolis. Não há necessidade de indicação de rua nem de número da casa. Ele é realmente da família do Barão de Batovi, que era irmão do seu avô.

Remeter-lhe-ei brevemente, em livro, a conferência que proferi em dezembro último sobre Lacerda Coutinho.² Saem com ela o "Greenhalgh" e outros versos, alguns não incluídos nas *Páginas soltas*.³ No meu trabalho, que já foi estampado no Diário Oficial do Estado, há referências ao Senhor. Remeti-lhe, por essa razão, um exemplar, que conluo agora não ter lhe chegado às mãos.

Desejando-lhe, sr. dr. Escragnole Dória, todas as felicidades,
esperando ordens suas para as cumprir com muito gosto.

Henrique da Silva Fontes.

¹ **Oton Lobo de Gama d'Eça** (1892 - 1965) professor do curso de Direito, escritor catarinense, um dos idealizadores da Academia Catarinense de Letras. Deixou várias obras, dedicou "anos de sua vida à convivência com os homens do mar - homens puros de almas limpas - e com seus alunos de Direito Romano." (SACHET, op. cit. p. 115).

² **Homens do passado**, sobre Lacerda Coutinho. Por Henrique Fontes. v. XI, 2ª Fase, 2º semestre, p.79, 1943. Consta nessa edição I **Conferência**: lida em 15/12/42, II **Posfácio**: fala sobre os poemas e III **Poesias**: "Greenhalgh" e outros poemas, **Páginas soltas**.

³ **Páginas Soltas** são sonetos e mais alguns poemas - em número de 28 - encontrados no período desterrense. "Greenhalgh" é um poema dedicado ao Senhor Ricardo Greenhalgh, O. D. C., RJ, 1866, XII estrofes.

CARTA XXXVII

Florianópolis, 12 de junho de 1943.

Sr. Nereu Corrêa,¹

Agradeço-lhe as expressões amáveis de sua carta de 7 do corrente. O seu informante naturalmente só me conhece de fotografia, porque nelas também me acho com o rosto mais fechado do que o vejo no espelho. Não sou hermético. Nem sou doutoral. Basta ler o que escrevo. Procuro ser entendido. Poucas afirmações categóricas faço e poucas graduações também estabeleço para fatos e pessoas. Cito os meus fornecedores de material. Não deprecio trabalho alheio, sendo as minhas discordâncias expostas cortesmente. Leio com boa disposição o que outros escrevem. Assim é que tenho lido os escritos seus que encontrei em jornais, formando meu juízo sobre o autor: moço estudioso, autodidata, com boas qualidades de analista e com capacidade para sínteses, a quem seria benéfico o encontro de companheiros para confraternização espiritual e literária. Desejei sempre, por isso, que se me oferecesse oportunidade para o conhecer, e para o contar entre os amigos a quem me refiro na conferência, amigos que, sem formar panelinha de mútuos elogios, se estimam sinceramente e se coadjuvam, com trocas de idéias, com observações auxiliares e mesmo com amistosas correções.

Junto lhe envio outro trabalho meu. Vai também um número da REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO² para a biblioteca do nosso Centro Cultural.

Com muito apreço e desejando-lhe todas as felicidades, subscreve-se o
amigo e admirador

Henrique da Silva Fontes.

¹ **Nereu Corrêa** (1914-) era catarinense, professor, crítico literário. Colaborou para diversos jornais e revistas do Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Presidente da ACL (1965-1968) e fundou a revista **SIGNO** (**SACHET**, op.cit., p. 294) .

² V. 10, 1º semestre, ano 1943.

CARTA XXXVIII

Florianópolis, 27 de setembro de 1943.

Ilustre amigo e colega professor Haroldo Valladão,¹

Cumprimento-o muito cordialmente, desejando-lhe todas as felicidades.

Vai em separado uma coleção da Jurisprudência do Tribunal de Apelação deste Estado relativa ao ano de 1942 (13 de maio de 1942 a 27 de janeiro de 1943). A jurisprudência relativa ao ano corrente está sendo publicada semanalmente no **Diário Oficial**, do Estado, em fascículos próprios para encadernação. Deixo de lhe mandar os que foram estampados até aqui, porque, segundo me informou o Bibliotecário do Tribunal, o dr. Aderson Ferro já lhos levou, tomando ainda assinatura dos subseqüentes. Informou-me ainda o mesmo funcionário que o dr. Aderson adquiriu aqui os números da Revista que estão faltando ao meu nobre amigo e de que eu trouxe a relação. Não os procurei, por isso. Se, entretanto, não for exata a informação, peço-lhe que mo comunique, para ter cumprimento a minha promessa.

Recebi, com honrosa dedicatória, o livro de seu venerando Pai *Campanha da princesa*.² Já li a introdução e lerei o livro todo, não só como homenagem ao eminente Autor, senão também porque trata de um dos meus assuntos prediletos: coisas de história e de cultura mineiras. Agradecerei, em breve.

Com encanto e proveito estou lendo o livro com que me brindou, ao penhorar-me com despedidas pessoais na Central do Brasil. A minha impressão será divulgada pela imprensa, abrindo-se-me assim ensejo para proclamar o

apreço em que o tenho, pela sua inteligência, pela sua cultura, pela sua bondade, pelo seu espírito público e pelo seu cumprimento que dá aos seus deveres.

Disponha sempre
do colega, admirador e amigo certo

Henrique Fontes.

¹ **Haroldo Valladão** filho de Alfredo Valladão, vide carta 19/9/43. Jurista e professor, presidente do Instituto dos Advogados do Brasil de 1944 a 1946, e do Conselho Federal dos Advogados do Brasil de 1950 a 1952. Discursou em homenagem ao Ministro Luís Gallotti e Themístocles Brandão Cavalcanti na 9ª Conferência Nacional da OAB, na UFSC, 1982.

² Obra Rara de Alfredo Valladão. RJ: Leuzinger, 1937.

CARTA XXXIX

Florianópolis, 29 de setembro de 1943.

Exmo. Sr. Ministro Professor Alfredo Valladão,

De mais duas finezas me tornou devedor o ilustre filho de V. Exa. Professor Haroldo Valladão: a primeira foi levar meu nome ao conhecimento de seu preclaro e venerando Pai, e a outra, dela decorrente, foi ocasionar-me a oferta, com bondosa dedicatória, desse monumento de carinhoso entusiasmo e de bem fundada admiração pela terra natal, que é o livro *Campanha da princesa*.

Já li a introdução e, desde logo, me enterneci com o invocado verso camoniano - “Esta é a ditosa pátria minha amada” -, porque é também a saudação com que reverencio a cidadezinha de meu berço - Itajaí -, sempre que, revendo-a ou dela me despedindo, a diviso a mirar-se nas águas do seu rio cintilante e sagrado.

Vi também, de pronto, Senhor Ministro, que bem quadra à *Campanha da Princesa* o epíteto de Atenas Sul-mineira. Este fato, além da obrigação que me corre de prestar ao Autor a verdadeira homenagem que aos autores se deve prestar, qual é a de lhes ler os escritos, é a razão para que, com atenção e enlevo, percorra o livro inteiro, porque entre os estudos¹ que deleitam está o de coisas mineiras, como poderá ver V. Exa. de alocução minha, que junto vai.

Tomo ainda a liberdade de enviar a V. Exa. outros trabalhos meus, aqui deixando consignados os meus agradecimentos pela honrosa oferta que V.

Exa. me fez e pedindo a Deus que, para proveito das letras nacionais, guarde a V.
Exa. por tempo longo e sempre próspero.

Henrique da S. Fontes.

¹ A biografia do Conselheiro Mascarenhas.

CARTA XL

Florianópolis, 29 de setembro de 1943.

Meu caro amigo e chefe dr. Afonso Costa,

Saúde e muitas felicidades.

Já dei cumprimento às suas ordens: junto ao dr. Nereu,¹ logo que lhe fui agradecer os cumprimentos de boas vindas, e junto ao Presidente da Academia só ontem, porque ele estava ausente.

O dr. Nereu está pronto a mandar publicar a obra de Carlos Rubens², desde que ela represente verdadeira glorificação de Vítor Meireles. Peço-lhe, por isso, que a leia, para apurar essa circunstância. Quanto aos proventos materiais de que é merecedor o atribulado biógrafo, deve ela ser proposta por ele próprio, ou pelo meu ilustre amigo. Como vê, há inteira boa vontade da parte do nosso esclarecido Interventor. Precisamos, pois, aproveitá-la sem perda de tempo.

O caso da Bela Adormecida³ resolver-se-á depois de eleger-lhe diretoria, para o que prometeu o Presidente⁴ dar passos necessários e com brevidade. Estou também trabalhando no mesmo sentido, entendendo-me para tanto com os acadêmicos. O primeiro com que falei, e de quem obtive inteiro apoio foi o dr. Nereu⁵.

Porque tenho muita coisa que por em andamento, não sou hoje mais extenso.

Agradeço-lhe ainda uma vez todas as suas gentilezas, espero novas ordens, peço-lhe me consiga um exemplar da obra do ministro Hermenegildo de

Barros, transmitindo-lhe recomendações de minha mulher e envio-lhe um abraço muito apertado e muito saudoso.

Henrique Fontes.

¹ Nereu Ramos.

² Encarregado de estudar e organizar os trabalhos de Vítor Meireles.

³ Muito embora Melo (1980) argumente que a Academia estava em completo "marasmo" e Santa Catarina vivia sem música, teatro e poesia, Sachet (1985) comenta que de 1922 até esse período, houve grande produção. Corrêa (1997) concorda com essa observação e vai mais longe, dizendo que durante período houve grande produção, ficando trabalhos esparsos em diários e semanários da época devido a dificuldade e falta de recursos para publicação de obras literárias nacionais, principalmente catarinense.

Micelli, em *Intelectuais e as classes dirigentes no Brasil (1920-1945)*, comenta "a lista de autores estrangeiros que ostentam os recordes de vendas em 1937" e a importação de bens culturais, antes no original, agora passa a ser consumida com editores com direitos de obras de tradução. "As três maiores editoras - pela ordem, Companhia Editora Nacional/Civilização Brasileira, Editora Globo e Livraria José Olympio Editora — constituem os principais investidores na publicação de obras de ficção, nacionais e estrangeiras, embora cada uma delas aplique seus recursos segundo estratégias distintas." e "Seis em cada dez livros editados no país em 1929 provinham da capital federal, dois de São Paulo e um do Rio Grande do Sul." e conclui que o motivo especial do Rio de Janeiro editar mais obras, está diretamente relacionado com a proximidade da José Olympio à Academia Brasileira de Letras.

⁴ Ivo Aquino permaneceu no cargo até 1945, depois entregou-o a Oton Gama d'Eça. (CORRÊA, 1996, p. 64.)

⁵ Nereu Ramos.

CARTA XLI

Florianópolis, 14 de maio de 1944.

Ilustre amigo sr. general Mário Tourinho,

Queira levar à conta do meu serviço que tenho tido no Tribunal de Apelação e na Faculdade de Direito e só lhe mandar agora a prometida opinião sobre a *Memória do cerco da Lapa*, respondendo também só hoje ao seu honroso cartão de 27 de março.

A leitura completa e repousada da Memória confirmou o juízo que, pela parte já conhecida, sobre ela eu formulara: a de ser trabalho muito valioso.

Realmente, expõe com muita animação e clareza os sucessos principais da destemerosa resistência, evidenciando o propósito do autor de dizer a verdade, e só a verdade, sobre o muito que viu e de que participou e sobre o que de outros colheu relativamente aos fatos historiados. E os fatos capitais ressaltam da só narração que deles é feita e não de insistente valorização com que os encareça o autor, o qual, por sua vez nunca aparece em primeiro plano, mas apenas fugitivamente, como nestes lances:

“Clemente e Lebon contrabatem a (artilharia adversa) do cemitério e os canhões de César Franco e Mário Tourinho, da praça da cadeia, a do Alto do Monje” (p. 38); e “os dois canhões da praça dos tenentes Mário Tourinho e César tiveram os seus objetivos divididos: frente e flanco, varrendo a tiro o Sharapnel as duas linhas de atiradores” (p. 42).

Entretanto, a ação de Lebon Régis¹ e a de outros, no dia a que concerne a última referência, e que foi o de maior e mais demorado ataque à cidade, merece desenvolvida e enaltecida descrição.

O leitor, por tudo isso, homologa estas palavras do autor: “Fui íntegro e intransigente na sinceridade com que me propus ser verdadeiro”, e dele discorda quanto àquelas em que pensa ter “claudicado na forma” em que acha terem as suas páginas “aspecto e caráter simplesmente narrativos”.

A discordância se impõe, porque a linguagem é fluente, correta, clara e, apesar de despretensiosa e singela, viva e agradável. Além disso, ultrapassa a Memória os limites de simples narrativa, pois estuda antecedentes e conseqüências, aprecia caracteres e, com serena autoridade, analisa atos e eventos militares.

Aí está, meu respeitável amigo, a impressão que me deixou a sua contribuição para o Congresso de História da revolução de 1894, que deve ter continuação em outros trabalhos históricos, porque a sua vocação para estudos tais está provada e será consagrada.

Desejando-lhe todas as felicidades, peço-lhe me recomende a exma. Senhora e gentilíssima Filha, mandando ordens
do admirador e amigo

Henrique Fontes.

¹ Secretário Geral do Estado durante o governo de Vidal Ramos (1910- 1914), escreveu **O perigo alemão e o problema do ensino em Santa Catarina**. RJ: Tipografia do Jornal do Comércio, 1917.

CARTA XLII

Florianópolis, 5 de agosto de 1944.

Meu caro Monçaide Ferreira,

Fui agradavelmente surpreendido com a minha admissão, por proposta sua, na Sociedade de Estudos Filológicos. Fico-lhe muito obrigado, e dou-lhe parabéns pelo seu prestígio na associação que

“aceita de vontade
o que o ledo Monçaide lhe oferece,
como se longa já fora a amizade”.

Vejo que Camões escreveu estes versos para você.

Cumpre-me declarar que também não caiu em esquecimento a minha promessa: o professor Said Ali repetiu a explicação a meu irmão cômico Tomás Fontes e espero comunicar-lha de viva voz, pois, se Deus quiser, passarei ainda este mês aí por São Paulo com destino ao Congresso de Geografia, que se reunirá em setembro no Rio. Levarei também os velhos livros sobre os quais lhe falei e que lhe interessaram.

Abraça-o muito cordialmente, desejando-lhe todas as felicidades

Henrique Fontes.

CARTA XLIII

Florianópolis, 5 de agosto de 1944.

Ilmo. Sr. Celestino Correia Pina,

Muito Digno Primeiro Secretário da Sociedade de Estudos Filológicos,
São Paulo.

Causou-me grande alegria a inclusão do meu nome na categoria de membro correspondente dessa douta e utilíssima Sociedade, conforme comunicação que tivestes a bondade de me fazer em ofício de 23 de julho próximo findo.

Agradecendo a honrosa eleição, junto envio, para a biblioteca, alguns trabalhos meus,¹ a fim de ajuizarem os ilustres consócios se andaram acertadamente, ou não, no aprovar a proposta do meu excelente amigo sr. Monçaide Ferreira; e, em breve, atrever-me-ei também a procurar entrada no “Boletim” com escrito relativo a Antroponímia, especialidade a que, nos escassos vagares das obrigações de juiz e de professor de Economia Política, me venho aplicando desde 1932, e sobre a qual, se Deus me der vida e saúde, ainda espero publicar um livro que concorra para lhe difundir o estudo: um Manual Antroponímico.²

Quero também, desde já, desobrigar-me junto à Tesouraria, pelo que para pagamento da jóia e da primeira anuidade, remeto a importância de quarenta cruzeiros.

E asseguro-vos, Sr. Secretário, que tudo farei pelo cultivo da Filologia Clássica e da Filologia Portuguesa e, principalmente, “em prol do soerguimento e

da prática da sã vernaculidade”, objetivos capitais da Sociedade em que vós e outros mestres preclaros houvestes por bem admitir-me.

Atenciosas saudações.

Henrique da S. Fontes.

¹ Provavelmente **Estudinhos Antroponímicos**, 1ª série, 1944; 2ª série, 1949.

² **Digressões antroponímicas**, 1951.

CARTA XLIV

Florianópolis, 6 de janeiro de 1945.

Meu caro Loureiro Fernandes,

Mal recebi os **ANAIS** - o que ocorreu há menos de duas horas -, cortei-lhe as folhas e percorri-o todo.

Trabalho completo e bem feito, dá perpetuidade ao que se fez no patriótico Congresso de História da Revolução de 1894.

E você foi o operário - mor de toda a obra, desde a sua ideação até à cúpula imponente que são os **ANAIS**.

Meus aplausos, meu viridente, imarcescível e salutífero Loureiro!

Espero que realize a anunciada visita; mas não seja ela das de médico, e sim para conversação repousada, para folga ao seu labor variadíssimo e intenso.

Abraços muito afetuosos de felicidades
do admirador e amigo certo

Henrique Fontes.

CARTA XLV

Florianópolis, 8 de maio de 1945.

Sr. Dr. Afonso Costa,

Só hoje, dia da VITÓRIA,¹ quando fui ao palácio ao Palácio congratular-me com o Interventor dr. Nereu Ramos², - e pela VITÓRIA também vivamente me congratulo com meu querido Amigo, Mestre e Chefe, - só hoje é que fiquei inteirado do resolvido acerca do livro de Carlos Rubens.³

Explica-se a demora dessa informação pelo fato de, há mais de três meses andar às voltas com um eczema no pé esquerdo, que me força a permanecer em casa, pois o sapato atinge a parte chagada. Saio somente quando há necessidade absoluta. Avistei-me, por isso, poucas vezes com o dr. Nereu⁴ depois que ele daí voltou: na sua recepção, a que compareci, em sessões do Instituto Histórico (duas conferências de Joaquim Ribeiro⁵ e comemoração do centenário do Barão do Rio Branco) e na missa votiva pelo décimo aniversário de governo,⁶ a 1º do corrente. Mas só hoje é que pude tratar do caso. É fácil de compreender a minha alegria pelo êxito completo da empresa a que o prestantíssimo Amigo meteu os ombros. Imagino, por outro lado, a alegria do atribulado idealista Carlos Rubens pela edição monumental do livro que com tão paciente carinho elaborou.

Tem aí o grande animador da Academia Carioca e da Federação das Academias de Letras uma compensação para as decepções que não lhe têm faltado. Essa é uma vitória sua indisputável. Eu quero lembrar outras coisas: o LACERDA COUTINHO, sobre o qual teve Carlos Rubens a bondade de escrever interessante comentário (do qual recebi um exemplar, que agradeço), e

outros trabalhos que têm sido apresentados no Instituto Histórico de Santa Catarina prendem-se aos seus toques de despertar. Só lhes resistiu a Bela Adormecida. Mesmo assim, deu sinais de vida, que, além de outros proveitos, lhes valeram um de ordem econômica: da subvenção que lhe deu o Estado amealhou mais de cinco mil cruzeiros. O Príncipe que a desencantar já encontrará recursos para modesto enxoval... E nisto tem parte o sr. dr. Afonso Costa.

Quão de lamentar é, pois, o seu afastamento de associações em que era tão útil e das quais irradiava influência para tão remotas gentes!

Já completei, graças a Deus, os trinta anos necessários para a aposentadoria voluntária: mas não terminei a consolidação da legislação de terras. É serviço que exige exames minuciosíssimos, complicados ainda pela abundante legislação federal que, de vez em quando, interfere em matéria anteriormente da competência estadual. Daí freqüentes perplexidades do cerzidor de leis.

Abraço-o com grande estima, desejando-lhe saúde robusta e todas as felicidades.

Henrique Fontes.

¹ Fim da Segunda Guerra.

² Interventor Federal do Estado de Santa Catarina de 1937-1945.

³ Sobre o artista catarinense Vítor Meireles.

⁴ Nereu Ramos.

⁵ **Joaquim Ribeiro** (1907-1964) poeta, ensaísta, romancista, contista, dramaturgo, folclorista, filólogo e professor universitário, membro da Academia Brasileira de Filologia, do Instituto Histórico e Geográfico e Academia Brasileira de Letras(COUTINHO, op. cit., p. 1149).

⁶ Nereu Ramos

CARTA XLVI

Florianópolis, 29 de junho de 1945.

Meu caro Tomás,

Desejo-te saúde e todas as felicidades.

Leva à conta do meu muito serviço a falta de notícias minhas. Ainda não ultimei a comissão, que tenho, de consolidar as leis de terras do Estado¹ e, por isso, embora já tenha completado trinta anos de serviço público², não pude requerer a minha aposentadoria. No mês que vem, se Deus quiser, concluirei o trabalho.

Junto vai o opúsculo³ por que se interessa o sábio Said Ali. Envio também um exemplar para o professor Matoso Câmara. Posto não tenha preparo para entender devidamente o assunto, estou lendo com toda a atenção as suas *Notas gramaticais do sânscrito*. A seguinte observação que nelas encontrei:

“há exemplos esporádicos de transferência de formas passivas para a correspondente ativa da classe “ya”, por simples recuo do acento tônico, sem se substituírem as desinências mediais”

fez-me recordar fato análogo, mas não esporádico e sim regular, da língua grega, que até hoje só encontrei assinalado no *Curso de raíces griegas*, por el doctor Jesus Díaz Leon (México, 1940):

“En las voces compuestas de un substantivo y un verbo, es de gran importancia marcar con precision el acento, conforme el valor que se le quiere dar á la palabra. Quando el acento descansa sobre alguna de las sílabas del verbo es una voz activa, y se descansa en el substantivo es pasiva:

Antropófago - el que come hombres.

Antropófago - el que es comido por los hombres.”

O livro dá ainda outros exemplos, que omito, substituindo-os por três outros: *theophóros* - que leva um deus, *theóphoros* - inspirado por um deus; *Theotókos* - a mãe de Deus, *theótokos* - o filho de um deus; *hippodrómicos* - o corredor de cavalo, “cursor equestris”, *hippódromos* - o lugar onde correm os cavalos.

Estamos a preparar a nossa tradicional fogueira de São Pedro. Já mandamos avisar parentes e amigos, todos os quais já sabem que é festa à antiga com aipim e melado.

Esperamos com muita alegria a tua próxima visita.

Henrique.

¹ Projeto de consolidação das leis do Estado de Santa Catarina, 1947.

² Se afastou do cargo de desembargador do TJES para fazer a consolidação das leis do estado.

³ Provavelmente *Estudinhos antroponímicos*, 1944, 1ª série.

CARTA XLVII

Florianópolis, 15 de julho de 1945.

Meu distinto colega e amigo professor Rosário Mansur Guérios,¹

Saúde e felicidades.

Em ARQUIVOS DO MUSEU PARANAENSE, v. V, ontem recebido, vi seus trabalhos e o de Arion Dall'Igna Rodrigues.² Percorri-os ligeiramente, mas pretendo lê-los, logo que me sobre tempo.

Para o já ilustre discípulo, mando, por intermédio do sábio Mestre, um exemplar da primeira edição de *O Selvagem*, de Couto de Magalhães, pedindo-lhe também que o informe: 1º, de que de *O Tupi na geografia nacional*³ há uma terceira edição de 1928, “correta e aumentada”, impressa na seção gráfica da Escola de Aprendizes Artífices, da Bahia; e, 2º, de que o professor Egon Schaden traduziu uma parte da obra de Carl von den Steiner,⁴ que já foi estampado em São Paulo. O endereço desse professor, que é filho de Francisco Serafim Guilherme Schaden (modesto professor primário, hoje aposentado, residente em São Bonifácio do Capivari, município de Palhoça, Santa Catarina, citado em *O xocren é idioma caingangue*⁵), é caixa postal nº 2.059, São Paulo.

Fiquei muito satisfeito com a eleição do meu preclaro colega para membro correspondente da Academia Brasileira de Filologia, da qual tenho igual título em Florianópolis.

Que notícias me dá do seu *Dicionário de nomes próprios*?⁶ Continuo a esperá-lo, certo do proveito que trará para os meus estudos congêneres.

Abraçando-o com muita estima, peço-lhe que nas férias também se lembre de amigos que se presumem civilizados, entre os quais está

Henrique da S. Fontes.

¹ **Rosário Farâni Mansur Guérios** - professor da UFPR, estudioso da língua indígena, escreveu *O xocren é idioma cainguangue*, separata dos Arquivos do Museu Paranaense, II, Curitiba, 1942.

² **Arion Dall'igna Rodrigues** - Professor, escreveu "Línguas brasileiras." Para o conhecedor das línguas indígenas. São Paulo: Loyola, 1986.

³ Há uma 2ª ed. corrigida e aumentada de 1914, Teodoro Sampaio. SP: O Pensamento.

⁴ **Karl von den Steiner**, 1887, pesquisou a existência de sambaquis no litoral catarinense (SACHET, op. cit., p. 272).

⁵ SEPARATA DOS ARQUIVOS DO MUSEU PARANAENSE, v. 4, Curitiba, 1945, esgotado.

⁶ **Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes**. 2ª ed. revista e ampliada; A 1ª ed. foi em 1947.

CARTA XLVIII

Florianópolis, 9 de setembro de 1945.

Meu caro Silveira Júnior,¹

Fico-lhe agradecido pela comunicação da resposta do professor Silveira Bueno.

Acho que você deve insistir na sua explicação. Não renove, porém, qualquer referência aos elogios que lhe parecem insinceros.

A etimologia de bitruca não envolve nenhum caso de filologia românica ou germânica, em que, realmente, seria atrevimento seu querer contrariar o ilustre professor. É caso de termo de gíria, de termo que você conheceu talvez no seu nascedouro e de que acompanhou a carreira vitoriosa. O douto professor só o observou de passagem e nem lhe apreendeu a verdadeira pronúncia.

Para aproveitar a comparação que você faz, dir-lhe-ei que Davi, quando enfrentou Golias, não era ainda guerreiro. Não pôde, por isso, ajeitar-se com a armadura e as armas do rei Saul. Pastorzinho mal saído da meninice, sabia apenas manejar a sua funda; com ela, porém, abatia leões e ursos, na defesa do rebanho paterno. E com ela venceu o gigante.

Você, de sua parte, não conhece sânscrito nem grego nem latim nem tudesco; mas tem, conforme já declarou, a prática de caixeiro de botequim; conhece, pois, a fala e as metáforas dos paus d'água e, neste particular, pode falar com autoridade.

Não faça, por favor, uso desta minha opinião. Apesar de alguns me suporem gramático, tenho medo dos azedumes dos mesmos e não quero

desavenças com eles. Quando saudei o professor de quem ora nos ocupamos, tomei até para tema da minha alocução as brigas de gramáticos.

Abraço-o muito cordialmente, desejando-lhe todas as felicidades.

Henrique Fontes.

¹ *Norberto Cândido Silveira Júnior* - agricultor, comerciante, funcionário público e escritor catarinense, dirigiu os jornais *Itajaí* e *O Sol* e membro do Conselho Estadual de Cultura (SACHET, op. cit., p. 167).

CARTA XLIX

Florianópolis, 13 de setembro de 1945.

Meu caro Silveira Júnior,

É gracioso e valioso o seu artigo sobre a *BITRUCA*. Se não quiser enviá-lo diretamente ao professor Silveira Bueno, cujo endereço é - rua Pedro de Toledo, n. 195, São Paulo, mande-me um exemplar, que eu farei a remessa.

Quem é o Sunga?

É favor dizer ao Nereu Corrêa que a conferência não caiu em esquecimento. Estou apenas esperando oportunidade.

Abraços muito cordiais.

Henrique Fontes.

CARTA L

Florianópolis, 4 de outubro de 1946.

Exma. Senhorinha Míriam Lifchitz,

Apresentando-lhe atenciosas saudações, respondo com grande prazer à sua carta de 27 de setembro.

Realmente, conforme lhe informou o meu excelente Amigo professor Egon Schaden, venho, há muitos anos, fazendo estudos sistemáticos de Antroponímia, de modo que, embora conheça do hebraico pouco mais do que os seus sinais de escrita, poderei fornecer-lhe algumas indicações relativamente aos nomes pessoais dessa língua. Os meus estudos são principalmente de ordem filológica; procuro, em primeiro lugar, a etimologia e a significação dos nomes. Nessas pesquisas, entretanto, devo muitas vezes transpor os limites lingüísticos, para entrar na vida social, pois a denominação das pessoas é fato social, que os elementos lingüísticos, por si sós, nem sempre explicam. Os nomes devem também ser estudados em seu conjunto ou em suas séries, e desse estudo não fragmentado resultam conclusões sobre o caráter do povo. Nos antroponímicos hebraicos e semíticos em geral domina a religiosidade. Ao sentimento religioso dos babilônios revelado nos nomes pessoais faz referência José Huby, em *Christus*, “História das religiões”, p. 101 e 114, 3 v. Relativamente aos nomes em que entra o de uma divindade - nomes theóforos - estou alinhavando um ensaio, de que lhe envio o começo. A propósito do interesse psicológico e social dos nomes¹ há observações interessantes em Albert Dauzat - *Les noms de personnes*, p. 6 a 9.

Fornecer-lhe-ei ótimos subsídios para a sua tese a grande obra de F. Vigouroux - *Dictionnaire de la bible* -, onde há um desenvolvido artigo no verbete **Noms** e onde se trata particularizadamente dos nomes de Deus e de cada um dos nomes pessoais que figuram na Bíblia. É obra que se encontra em bibliotecas eclesiásticas e que, com certeza, será achada na monumental Biblioteca Municipal dessa Capital. Lá também há de haver a Enciclopédia Hebraica, de que conheço uma edição em inglês e que traz longo artigo sobre os nomes hebraicos. Tenho notícia de um livro alemão especializado - M. Noth - *Die israelitischen personennamen* -, mas ainda não consegui vê-lo. Encontrei-o citado em um trabalho, que lhe recomendo - “O nome de Maria à luz de recentes descobertas arqueológicas”, que se acha na REVISTA ECLESIASTICA BRASILEIRA, em volume relativo ao ano de 1940 ou 1941. É escrito por um jesuíta, o padre Ernesto Vogt, que ultimamente, no Seminário de São Leopoldo, Rio Grande do Sul, de que é professor, leu um ensaio sobre nomes hebraicos, do qual hei de receber um exemplar, logo que seja publicado.

É isso, Exma. Senhorinha, o que de pronto e ao correr da máquina, para não demorar resposta, posso dizer-lhe sobre o assunto. Outras informações mais precisas talvez lhe possa fornecer, se tiver conhecimento do esquema a que obedecerá seu trabalho. Em todo caso, pode estar certa de que lhe mandarei os elementos de que disponho, pois é grande a minha alegria em encontrar pessoas estudiosas e principalmente de assuntos da minha predileção. Não vejo nelas concorrentes, que me possam furtar descobertas e primazias, mas cooperadores em obra de cultura e de solidariedade científica e humana.

Queira recomendar-me ao professor Schaden e dispor com toda a franqueza, do seu confrade e admirador

Henrique da S. Fontes.

NOMES TEÓFOROS

Significativos como são originariamente os nomes de pessoas, é natural que, com freqüência, revelem sentimento religioso, já por serem comemorativos de fato da vida de uma pessoa ligado a ato da divindade, já por encerrarem um agradecimento, uma consagração, uma prece à divindade, ou, simplesmente, porque a designação da pessoa foi aproveitada para uma afirmação de fé.

O nome que contém o de uma divindade é chamado de teóforo: é nome “que leva um deus”, pois isso significa a palavra teóforo. De tal espécie são o egípcio **Ramsés** “Filho de Ra”, o hebraico **Eliézer** “Meu Deus é auxílio”, e o babilônico **Nabucodonosor** “Nebo proteja a coroa”, o fenício **Asdrubal** “Auxílio de Baal”, o sânscrito **Indrasena** “Dardo de Indra”, o árabe **Abdalá** “Servo de Alá”, o grego **Teodoro** “presente de Deus”, o latino **Deusdedit** “Deus deu”, o germânico **Godofredo** “Paz de Deus”, e muitíssimos outros nos mais diversos idiomas.

Henrique Fontes.

¹ Publicou em 1945 “Da importância dos nomes de pessoas para estudos de psicologia social”.

CARTA LI

Florianópolis, 23 de dezembro de 1947.

Meu caro e ilustre Amigo e Professor Silveira Bueno¹,

A veleidade de perfeição de que a sabedoria popular moteja no brocardo “o melhor é inimigo do bom”, tem-me trazido freqüentes dissabores. As desenvolvidas cartas, que projeto, matam as imediatas e inadiáveis, embora breves, que eu deveria escrever. E a experiência semi-secular ainda não me corrigiu nem por certo corrigirá, porque “pau que nasce torto, tarde ou nunca se endireita”.

Esta é a razão de silêncios e ingratidões, com que suplicio e sou supliciado, principalmente supliciado, porque afinal sou eu o lesado em ótimas amizades como é a do meu querido Amigo e Mestre, felizmente tão tolerante para com os meus emudecimentos.

Os seu livros, gentilmente enviados, li-os e reli-os para minha delícia e para meu proveito, particularmente o *Auto das regateiras*,² de que já vi nas livrarias nova edição. Era mesmo propósito meu mandar-lhe observações em abono de opiniões suas, por exemplo no caso de almotacé, a cuja casinha se refere o Caldas Aulete no verbete relativo a esta última palavra. Li também os seus artigos referentes à vinda a Santa Catarina, tendo sido um deles, por iniciativa de excelente Carlos da Costa Pereira, Diretor da Biblioteca, estampado no **Diário Oficial do Estado**, aparadas umas rebarbas ferri-marechalícias. Enfim, o professor Silveira Bueno não foi nem será esquecido nem de mim nem dos meus, que, nos anais da família, registram como gloriosa a sua visita amiga e encantadora.

A Revista do Instituto está atrasada. O último número corresponde ao segundo semestre de 1944. Não foi, por isso, enriquecida com a sua conferência sobre Virgílio Várzea, que há de ser publicada. O Instituto vai vivendo: mas não mais alcançou dias esplêndidos como os do início de 1945. Em 1948, queremos comemorar o segundo centenário da colonização açoriana.

Estou aposentado desde fevereiro de 1946. Não advogo nem trabalho para ganhar dinheiro: continuo, porém, a lecionar na Faculdade de Direito. Tenho intensificado os meus estudos antroponímicos. Tenho em composição tipográfica um folheto,³ que talvez saia em janeiro e claro é que seu exemplar estará entre os da primeira expedição.

E aqui, para mais uma vez não cair no pecado de orgulho de que me penitenciei, lanço ponto final, desejando ao meu insigne Amigo e Mestre e a todos os seus um Natal muito feliz, um Ano Novo muito próspero, votos que são também os de minha mulher e de meus filhos, e desejando também que se nos abra oportunidade para novo encontro em Florianópolis, onde tem o preclaro Professor muitos admiradores e aproveitados alunos.

Abraços muito cordiais.

Henrique Fontes.

¹ **Francisco da Silveira Bueno**, professor, filólogo, dicionarista, poeta, ensaísta, jornalista e contista. Contribuiu em várias obras e ensaios lingüísticos.

² Resumo de Silveira Bueno para tese de concurso da cadeira de Filologia Portuguesa na USP EM 1939, **O auto das regateiras de Lisboa. Composto por hum frade loyo filho de hua dellas**. 2ª ed., Lisboa, 1945, Apud SILVA NETO, Serafim da. **Ensaios de filologia portuguesa**. RJ: Companhia Nacional, 1956.

³ **Estudinhos antroponímicos**, 1949, 2ª série.

CARTA LII

Florianópolis, 16 de abril de 1948.

Sr. Dr. Andrade Murici,

Realizando o seu desejo e cumprindo a promessa que fiz em telegrama de 2 do corrente, envio-lhe, em separado, dados biográficos e produções de Araújo Figueredo.

O Ascetério, livro esgotado e que não possuo, eu mesmo o copiei, para maior segurança de exatidão. Os inéditos, de que falam as notícias, dizem-me que estão com o meu amigo Tito de Carvalho, que aí reside e trabalha na Asapress.

Com tempo, poderei colher as muitas poesias que Araújo publicou nos jornais da terra e que, segundo me informam, constituem a matéria que se acha com Tito.

O que vai é, porém, suficiente para dar a idéia do poeta e de que quanta justiça é incluí-lo no panorama do simbolismo brasileiro.

Por que não vem até aqui abeberar-se do estranho vate e místico? Proponho-me a, oportunamente, dar os passos necessários, se o meu preclaro patrício se comprometer a proferir aqui uma conferência sobre assunto de sua especialidade.

Não fui mais pronto na remessa nem sou mais extenso nestas linhas, porque ando às voltas com o Primeiro Congresso de História Catarinense,

comemorativo do segundo centenário da colonização açoriana, do qual proximamente lhe hão de notícias.

Cordiais saudações.

Henrique Fontes.

P.S. O poeta e os de sua família são Figueredo, sem i na segunda sílaba. Logo que tenha oportunidade, irei procurar o termo de batismo do poeta,¹ nos livros da paróquia desta Capital.

¹ "Publicada a Edição do Centenário (1961), - ele remeteu-me até certidão de batismo ("batistério", como se dizia) do Poeta." In: ANDRADE, Murici. "Henrique da Silva Fontes". **Signo**. Ano 4, N° 4, 1971, p. 57

CARTA LIII

Florianópolis, 1º de novembro de 1948.

Meu caro Amigo e ilustre Mestre Professor Paiva Boléo,¹

A subversão das noções de tempo e distância que trouxe o avião já se fazia estranhar a falta de notícias suas. Elas chegaram-me hoje, pelas onze horas. E não quero também deixá-lo a estranhar tardanças de minha parte.

Muito obrigado lhe fico pela delicadeza de me dirigir a primeira carta depois do regresso, mal emerso ainda do mar de gentes e de coisas em que se afundou por trinta dias e a defrontar com a montanha de serviço que, nesse tempo, se alteou em sua mesa de trabalho.

Muito obrigado também pelas expressões bondosas sobre a minha ação, exaradas na carta e na entrevista, que aqui será divulgada.

Ando ainda muito ocupado com o expediente complementar das sessões do Congresso;² mas terei presente, para breve solução, a remessa de noticiário ao Reitor da Universidade e ao Ministro dos Estrangeiros, aos quais também escreverei oficialmente. Portugal há de saber que o Congresso teve “excepcional importância” e que terá, se Deus quiser, excepcionais conseqüências e que, para tanto, contribuiu decisivamente o Professor Dr Manuel de Paiva Boléo.

Supérfluo é dizer que fico ansioso a esperar as conclusões a que chegou com os seus estudos *in loco*.

Já me informei do objeto esquecido: está em poder do gerente do hotel e já providenciei para que siga por via aérea.

Não me esqueci da REVISTA PORTUGUESA DE FILOLOGIA, como verá dentro em breve.

Dentro em breve, irão também novas notícias.

Não me esquecerei das recomendações que mandou aos muitos amigos e admiradores que aqui deixou.

A minha Mulher e meus filhos agradecem e retribuem as afetuosas saudações, das quais cada um tomou, pessoalmente, conhecimento, porque a sua carta foi lida por todos. Queira também recomendar-me a exma. Senhora, não se esquecendo de que está a dever-me a retribuição de um grupo de família.

Desejando-lhe todas as felicidades e, entre elas, a de novas vindas à Terra de Santa Cruz, onde pôde sentir que o português não é estrangeiro, abraça-o cordialmente

do amigo certo e discípulo atento

Henrique Fontes.

¹ **Manuel Paiva Boléo** - filólogo português, criou o **Atlas Lingüístico de Portugal, Português e Europeu e Português do Brasil**. Participou do Primeiro Congresso de História de Santa Catarina, em 1948, a convite do professor Fontes.

² **Primeiro Congresso de História Catarinense comemorativo do Segundo Centenário da Colonização Açoriana**, realizado em Florianópolis, de 5 a 12 de outubro de 1948.

CARTA LIV

Florianópolis, 12 de novembro de 1948.

Exma. Sra. Dona Cecília Meireles¹,

Cumprimento-a muito respeitosamente.

Lamentamos os do Congresso de História Catarinense a sua ausência e lamentamos também haver a sua valiosa colaboração chegado no último dia e, assim, sem tempo para ser apresentada à comissão respectiva.

Mas tudo, com boa vontade, se remedeia: para a sua vinda à terra em que hão de ser mais vivas as influências açorianas, há de, se Deus quiser, aparecer oportunidade - pois não demos jeito de até cá, de mais longe, vir o insigne Paiva Boléo? -: para o “Panorama Folclórico de Açores”, há de haver lugar nos Anais, onde ele é imprescindível para os estudos folclóricos, que o Congresso iniciou e de modo promissor. A comissão que os tinha a seu cargo reuniu especialistas, que apreciaram com critério científico os trabalhos presentes, dando-lhes pareceres orientadores. Fundou-se ainda, para trabalhar com a Comissão Nacional de Folclore, a subcomissão estadual.

Parece-me que o congresso teve êxito cabal. Se, para a vinda de estudiosos de fora, não houve as facilidades das competições esportivas, não lhe faltaram, entretanto auxílios oficiais, avultando o de Cr\$ 100.000 do Governo Estadual, pago de pronto, e o de Cr\$ 200.000 do Governo da União, já constante de lei e que será empregado na publicação dos Anais.

Felicitando-me pelo ensejo, que me abriu o Congresso, de vir a ser conhecido pela distintíssima Patrícia e de a ligar ao movimento cultural catarinense, aguardo suas determinações e ensinamentos.

Henrique da S. Fontes

¹ **Cecília Meireles** (1901-1964) poetisa brasileira, deixou inúmeras obras e estudos sobre a literatura brasileira, açoriana e ibérica.

CARTA LV

Florianópolis, 25 de agosto de 1949.

Revmo. Sr. Padre Provincial da Companhia de Jesus,

Desejando fazer ao Congresso Brasileiro de Língua Vernácula, que se reunirá em outubro próximo no Rio de Janeiro, uma comunicação sobre o livro *Sintaxe e gramática histórica da língua portuguesa*, do meu sábio e saudoso mestre Padre Pedro Schneider (P. S.),¹ venho solicitar a V. Revma. o grande obséquio de me fornecer notas biobibliográficas do Autor, informando-me também se do citado livro, além da primeira edição, que foi impressa “como manuscrito”, e da segunda, que foi estampada com a indicação de “primeira edição”, alguma outra foi dada a lume; e, caso o tenha sido, peço ainda a V. Revma. se digne informar-me onde a poderei adquirir.

Antecipando agradecimentos, apresento a V. Revma. as minhas respeitadas saudações.

Henrique da Silva Fontes.

¹ Forma como chamavam Pe. Pedro Schneider.

CARTA LVI

Florianópolis, 3 de setembro de 1949.

Meu caro Vítor Peluso,¹

Saúde e felicidades.

Sabíamos eu e os seus muitos amigos que Você ainda vivia, porque, freqüentemente, pedíamos notícias ao Wilmar. estranhávamos, entretanto, o seu silêncio, principalmente sobre o aparelho de gravação de voz² tão ansiosamente esperado pelo pessoal do folclore, que vai trabalhando com persistente entusiasmo sob o comando do Osvaldo Cabral, que, com ajuda decisiva do Departamento de Estatística, já tem em andamento a impressão, em multilite, do primeiro boletim³ da Subcomissão Estadual.

Quanto ao aparelho, chegamos à conclusão de que nos será mais valioso o de fio. Por isso, se o dinheiro não der para adquirir um de fio e um de disco, preferimos o primeiro, da melhor qualidade e bem provido de fios. O de disco poderemos obtê-lo aqui.

Gostei extraordinariamente das suas informações sobre a organização da vida urbana ianque. Tenho-as lido a muitos, a começar pelo pessoal da família e a seguir pela gente do folclore. Só observações tais, feitas por pessoas inteligentes e capazes, como Você, valem uma viagem ao estrangeiro para subsequente aproveitamento. Isto é melhor do que a importação de técnicos estrangeiros, mais prontos em ver os nossos defeitos e deficiências do que a nossa grande capacidade de adaptação e de progresso.

Desejo-lhe, pois, meu caro Peluso, pelo que está vendo e assimilando e pelos estudos especializados que para aí o levaram, firme saúde e plena

tranqüilidade espiritual, para que nos traga modelos bons e novos, desejando-lhe ainda que nunca lhe falte aqui o apoio dos poderes públicos, porque com ele é possível passar, de imediato, do plano do pensamento para o da ação.

Abraços muito cordiais
do confrade amigo e admirador

Henrique Fontes.

¹ **Vitor Antônio Peluso Júnior** (1909) é catarinense, engenheiro-geógrafo e professor universitário. Estudou e escreveu sobre a geografia física e humana de Santa Catarina (SACHET, op. cit. p. 333)

² Aparelho de som com toca-fitas e etc.

³ **Boletim Catarinense de Folclore**, Vol. 11/ ANO III, março de 1952, Imprensa Oficial, Florianópolis, SC.

CARTA LVII

Florianópolis, 18 de novembro de 1949.

Meu prezado confrade e amigo Sr. Durval Ferreira,

Renovo meus agradecimentos pelas suas gentilezas por ocasião das minhas passagens por essa atarefadíssima cidade, na qual, entretanto, o comércio não mata iniciativas de cultura, de tradição e de caridade.

Relativamente ao nome Arakén, encontro em Nelson de Senna a seguinte explicação: “ARAKÉN - não abona muito a vivacidade do portador de tal nome, porque designa, entre os povos tupis, um pássaro dorminhoco... O nome Arakén ficou popularizado depois que um romance indiano de José de Alencar criou um personagem assim chamado.” (*Alguns estudos brasileiros*, 1. série, BH, 1937, “Traços de ethnologia brasileira sobre a onomástica indígena”, p. 64).

Quanto a *DORVAL-DURVAL*, há em Rosário Farani Mansur Guérios os seguintes verbetes: “*DORVAL*, v. Durval”. “*DURVAL*, germ.; al. Thorwald; ant. nórdico Thorwaldr: “o que governa (wald) sobre Thor”, i. é. “sacerdote de Thor”, deidade germânica dos trovões; op. lat. Tonans: “o tonante”, i. é., Júpiter.” (*Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*, Editora do Brasil S.A., Curitiba, 1949, p. 80).

A etimologia é aceitável, tanto mais porque não encontra obstáculos de ordem fonética; mas a respeito dela ainda não fiz estudo particular. Em todo o caso, eu interpretaria o nome não como “o que governa sobre Thor”, mas como “o que governa como Thor” ou “o que governa por Thor”, isto é, “em nome de Thor”.

Pelo correio comum, vai o prometido número da Revista do Instituto; nem me esquecerei da promessa de admissão entre os sócios correspondentes.

Recomende-me aos ilustres e bondosos confrades Doutores Álvaro Parente e Archimedes Bava, e disponha sempre de quem, pedindo a Deus que lhe conceda todas as felicidades, se reafirma

seu admirador e amigo certo

Henrique Fontes.

CARTA LVIII

Florianópolis, 26 de novembro de 1949.

Meu caro Dr. Artur Pereira,

Procurando elementos para elucidar a nossa palestra de ontem, encontrei a seguinte notícia:

“Ao aproximar-se a morte parece (Adriano) ter recobrado o perdido sossego, se é verdade que fez estes versos, muito criticados então, e que são, todavia, uma das mais delicadas composições poéticas da época:

Animula vagula, blandula,
Hospes comesque corporis,
Quae nunc abilis in lóca?
Pallidula, rigida, nudula,
Nec, ut soles, dabis jocos.”

(César Cantu - *História universal*, ampliada por Antônio Ennes, v. V, p. 192).

Se não me falham os meus escassos conhecimentos de latim (há textos latinos que, com perdão dos latinistas e dos radiologistas, para mim se assemelham a fotografias destes), isto assim se pode interpretar:

Alminha vagabunda, mansinha,
Hóspede e companheira do corpo,
Para que lugar partirás agora?
Amarelinha, rígida, nuazinha,
Nem, como é de teu costume, servirás
de chacota.

Para maior segurança, quando encontrar Custódio Campos, vou pedir-lhe a opinião.

Recado do

Henrique Fontes.

CARTA LIX

Florianópolis, 5 de dezembro de 1949.

Meu caro Vá(ter) Spalding,¹

Saúde e felicidades.

Respondo à sua prezada carta de 16 de novembro, atendendo-lhe aos vários itens.

1. O Congresso correu bem. Houve pouca discussão acalorada. A que mais o foi teve por causa uma indicação do Professor Oiticica relativa a publicações em que se deturpa a boa linguagem, e relativa também a nomes despropositados impostos a pessoas. A crítica por ele feita da balbúrdia reinante é exata; mas o remédio oficial proposto para a epidemia é que não era propinável, a menos que caíssemos em regime tirânico mais requintado que alguns que já existiram e que ainda existem. A indicação, nos termos em que foi proposta, não passaria; por isso, retirou-a o autor. Os Congressistas eram na sua quase totalidade do Rio, e principalmente da média e nova geração: Joaquim Matoso da Câmara Júnior, Ismael de Lima Coutinho, Modesto de Abreu, Gladstone Chaves de Melo, Serafim Silva Neto, Carlos Henrique da Rocha Lima, Sílvio Elia, Celso Ferreira da Cunha, Jesus Belo Galvão, etc. Da velha geração, os principais eram José Oiticica, Eugênio Vilhena de Moraes, Antenor Nascentes e Jaques Raimundo. Foi Vice-presidente o Professor Sousa da Silveira, que, sendo talvez o mais velho Congressista, é o mestre acatado dos jovens filólogos. Tiveram, além disso, parte ativa nos trabalhos vários Imortais, entre eles: Gustavo Barroso, Presidente, como Presidente que é da Academia; Rodrigo Otávio Filho, Secretário-geral e incansável propulsor do Congresso: o magnífico Reitor Pedro

Calmon e Celso Kiling. Gente de fora, que descobri: dois de São Paulo: Mário de Sousa Lima e Carlos Burlamaqui Kopcke, doudas e ótimas pessoas, o primeiro de meia idade e o segundo jovem entusiasta, que, conforme depois me declarou, se surpreendera com descobrir que um grave desembargador seu companheiro de comissão era um espírito jovial; dois de Minas: Abgar Renault e Mário Casassanta (este com grande pesar meu, só compareceu a uma sessão de comissão); e um cearense moço, Professor Girão, a quem só vi numa sessão parcial a defender veementemente um seu parecer, que suscitara uma declaração de voto divergente. Infelizmente, não compareceram gaúchos a esta jornada filológica. Pelo menos, lá não descobri nenhum. Fui relator de dois trabalhos distribuídos à Comissão de História e Literatura (a outra Comissão era de Filologia): um do Professor Jaime Cortesão, que foi Congressista assíduo, e outra de Oscar Bastian Pinto, que, pelas referências que faz a fatos gaúchos, há de ser *guasca*. Eu apresentei uma breve comunicação sobre “Uma gramática baseada na Réplica, de Rui Barbosa”, e que é um trabalho do meu sábio Mestre leopoldense padre Pedro Schneider, geralmente conhecido por P. S. Os trabalhos apresentados ao Congresso não chegaram a quarenta.

2. No Rio de Janeiro, passei bem, graças a Deus. Demorei-me apenas dezenove dias, de modo que pouco pude fazer. Tive, entretanto, tempo para ir mais de uma vez ao Arquivo Nacional, de que é Diretor o meu grande amigo Doutor Vilhena de Moraes, e também à Biblioteca Nacional, onde travei conhecimento pessoal com o Diretor Josué Montello, que se prontificou a remeter-me um microfilme do que lá existe relativamente a Elias Alexandre da Silva Corrêa.

3. O nosso amigo Osvaldo Cabral já está instalado na sua bela e confortável casa nova, cuja peça mais cobiçável é o amplo e bem iluminado

gabinete de trabalho. Já o visitei, para lhe desejar muitos e prósperos anos de residência.

4. As fotos que Você trouxe para o nosso Congresso são conhecidas do Osvaldo, segundo ele me disse; e ele vai rastreá-las, para que se encaminhem para a sua querência.

Agora itens meus.

1. Os Anais estão em composição. O trabalhos da 1. seção já estão paginados e na dependência da última revisão. São dois: um dos Lucas Boiteux e outro do Carlos Pereira. A eles foi adicionado um do Doutor Taunay, chegado tardiamente. Está-nos atrasando o muito serviço da Imprensa Oficial.

2. Preciso de que Você me consiga os Anais do Primeiro Congresso de História Riograndense, para os dar ao Professor Dr. Jaime Cortesão, que neles está interessado. Você pode remeter-lhos diretamente para o seguinte endereço: Rua Ibituruna, 72, Rio de Janeiro. Caso Você ainda não tenha relações pessoais com o ilustre Professor, será uma boa oportunidade para as entabular. Ao Professor Cortesão vou comunicar o pedido que ora faço e também a remessa direta, a que ele dará lugar.

Desculpe-me este procedimento autoritário, porque nós pertencemos a uma confraria cujo lema é SERVIR, pelo que, mandando-lhe recomendações dos meus, peço as suas ordens, abraçando-o cordialmente

Henrique Fontes.

¹ **Válter Spalding** (1901-1976) era poeta gaúcho, contista, cronista, teatrólogo, ensaísta, crítico, biógrafo, folclorista, tradutor e membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Participou do Primeiro Congresso de História Catarinense, em 1948. (COUTINHO, op. cit., v.2).

CARTA LX

Florianópolis, 27 de abril de 1950.

Meu caro Silveira Júnior,

Saúde e muitas felicidades.¹

A sua apreciada carta de 11 do corrente não teve imediata resposta por motivo de muito serviço no dia em que a abri. Entrou na fila, mas, depois, - diga-se a verdade, - caiu em esquecimento. Eu, porém, sofro de insônia; e, nas minhas vigílias, que decorrem na cama à espera de que o sono venha afinal, lembro-me da muita coisa que está por fazer. Esta noite lembrei-me da sua carta; e, despachando o serviço urgente, passo a dar-lhe resposta.

Eu não tenho dúvida em dizer “faço votos de muitas felicidades”, e uso freqüentemente, em cartas e telegramas, a fórmula elíptica “muitas felicidades”. A palavra felicidade não está aí no sentido de “qualidade do que é feliz”, de “estado de quem é feliz”, de “bem-aventurança”; mas no de “bom êxito”, “acontecimento propício”, “evento favorável”, “fato que dá satisfação”. Nada há, assim, de estranhável no plural. Pode-se também dizer: “Faço votos de muita felicidade”. Aí, sim, felicidade quer dizer “estado de quem é feliz”. Deseja-se que tal estado não seja precário, mas intenso, duradouro.

Uma observação: a polêmica em que se empenharam os dissidentes não foi gramatical, porque não estava em causa nenhuma regra de gramática. A frase, como disse muito bem o que a usou, está gramaticalmente certa. A discussão foi sobre a conveniência ou desconveniência de termos pelo seu sentido. Versou, por isso, não sobre gramática, mas sobre lógica.

Mande o seu trabalho sobre “Termos e expressões regionais” à Subcomissão de Folclore, que o receberá com agrado. Convém dispor os elementos colhidos em ordem alfabética.

Como vai o anuário de 1951?

Diga ao Nereu Corrêa que tenho estranhado o seu silêncio.

Abraços

do confrade

Henrique Fontes.

¹Henrique Fontes grifou a expressão para, de antemão, chamar a atenção do seu destinatário quanto à sua posição em relação ao uso da expressão no plural.

CARTA LXI

Florianópolis, 22 de dezembro de 1950.

Meu prezado Amigo e ilustre Mestre Professor Paiva Boléo,

“Quão doce é o louvor, e a justa glória
Dos próprios feitos, quando são soados!”

.....
“Quem valorosas obras exercita,
Louvor alheio muito o experta e incita”.

Ocorreram-me estes lapidares conceitos do sonoro lusíada, ao ver impresso e ao reler O CONGRESSO DE FLORIANÓPOLIS.¹

Bem haja, Sr. Professor, pelo estímulo que nos trouxe e pela propaganda que faz de um certame cultural luso-brasileiro não despiciendo!

O seu trabalho terá, conforme já lhe disse, lugar de relevo em nossos Anais, no primeiro volume, que conterà a parte noticiosa, estando já com 96 páginas impressas. O segundo volume, que compreende os escritos apresentados às três primeiras seções, já está quase pronto, e estamos a esforçar-nos para que ainda o fique este ano. Terá cerca de 600 páginas, das quais já estão impressas 516, quase concluída a composição da restante matéria.

Com a presente carta, respondo às suas muito apreciadas de 14 e 23 de agosto e 6 de novembro, cumprindo-me informar-lhe que também me veio às mãos a primeira cópia do seu relatório, que se extraviaria entre outra correspondência.

A carta de 14 de agosto trouxe-me a nova cópia do relatório, que imediatamente devolvi, sem ter tido tempo para o fazer acompanhar de palavras que ampliassem as notas brevíssimas, que lhe apus.

A carta de 23 de agosto encontrou-me de partida para Blumenau, aonde fui para, como Presidente do Instituto Histórico, participar das festas do primeiro centenário da fundação da colônia. Tomei imediatas providências para conseguir o desejado mapa do Estado, mas não o pude obter nas precisas condições nem o poderia com brevidade, porque o Engenheiro Vítor Peluso, que mo poderia mandar desenhar, estava em Blumenau a organizar uma exposição etnológica.

De Blumenau, mal iniciadas as festas, tive de me ausentar, para ir a Itajaí, a fim de assistir ao sepultamento de minha querida Mãe,² que, aos 91 anos de idade, foi chamada ao Céu. Eu tinha ido vê-la poucos dias antes e, apesar de o seu estado de saúde inspirar cuidado, não só pela idade, mas também por angústias que padecera e estava a padecer com a doença do seu filho Cônego Tomás, que esteve à morte, nunca supus que tivesse tão rápido passamento.³ O doloroso fato concorreu para ficarem sem resposta as cartas de agosto. Ando, além disso, muito atarefado com os Anais, que me levam diariamente à tipografia; tenho também as minhas obrigações de professor da Faculdade de Direito, e trabalho com afinco nas minhas *Digressões antroponímicas*,⁴ em cuja página de rosto pus o ano de 1950, sem entretanto, poder concluir-lhe a redação ainda este ano. Devem abranger umas 180 páginas, incluindo os índices e tratarão de mais de 1.500 nomes. Há nelas duas referências a obras do meu caro Mestre. Já estão impressas 128 páginas.

Na sua carta de 14 de agosto, há uma pergunta sobre se resultara alguma coisa de positivo do Congresso Brasileiro de Língua Vernácula. A minha opinião é afirmativa, embora não tivesse o Congresso a concorrência que seria de

se esperar, em face do interesse que há no Brasil pelas coisas da língua nacional. Houve pouca propaganda, de modo que os trabalhos apresentados não chegaram a 40, isto é, foram apenas um terço dos trazidos ao nosso provinciano Congresso de História. Houve também poucas pessoas dos Estados. Ao que apurei, sem falar nas do Estado do Rio, que é uma quase dependência da Capital da República, compareceram dois paulistas, representantes oficiais; dois mineiros, nas mesmas condições; um professor cearense, que não sei em que caráter se apresentou; e um catarinense, que fui eu e que lá estive como particular e à minha custa. Foram, porém, apresentados trabalhos de grande valor e havia congressistas de primeira classe. Foi assíduo nas sessões o Professor Jaime Cortesão, e tive a honra de ser relator de um seu ensaio. Eu apresentei modesta comunicação relativa a uma gramática escrita por um meu professor e baseada na famosa *Réplica*, de Rui Barbosa (o Congresso era comemorativo do centenário do nascimento deste insigne brasileiro). Certamente lhe agradecerá a informação de que nenhum congressista pôs em dúvida que a língua nacional é a língua portuguesa.. De Anais do Congresso, segundo me disse em carta recente o Professor Gladstone de Melo (autor da *Língua do Brasil*), ainda não há notícia.

Em sua carta de 6 de novembro, há uma pergunta a cerca da opinião dos meus filhos sobre a eleição presidencial. Eles, naturalmente, desejavam a vitória, pela qual trabalharam bravamente, do seu candidato Brigadeiro Eduardo Gomes; mas, no setor estadual, foram vencedores, porque alcançaram a eleição do seu candidato ao governo do Estado. Meu filho Paulo foi reeleito deputado à Assembléia Estadual, assim como também o foi o Osvaldo Cabral.

Recebi e li, com encanto e proveito, a sua tradução de “O Barbarismo segundo os gramáticos latinos”, ferozes gramáticos de estirpe não extinta. Acredito que a “Biblioteca de Lingüística” consiga muitos fregueses no Brasil. A dificuldade está em obter escudos para pagamento. Talvez se resolva esse

problema, voltando à economia natural, à economia da troca: autores portugueses seriam pagos com livros brasileiros, que aí poriam à venda, embolsando-se dos escudos devidos.

(A presente carta, nesta altura, foi suspensa pela chegada do nosso amigo Dr. Joaquim Madeira Neves, que dela tomou conhecimento, pedindo-me então que solicitasse do prezado Mestre uma relação de trabalhos publicados aí em Coimbra sobre antropologia e medicina legal. Anda ele às voltas com a docência livre de medicina legal, para a qual se vai inscrever na nossa Faculdade de Direito. O tema que escolheu prende-se a raça e criminalidade. Procurou-me, não só porque, apesar da disparidade entre a sua juventude e a minha velhice, somos bons amigos, mas também porque desejava confirmação de umas etimologias da palavra raça. Mostrei-lhe o que tenho sobre o assunto, inclusive o *Etymologisches wörterbuch*, de Kluge e Götze, edição de 1948. Quando se retirou depois de agradável palestra, eram horas de jantar, pelo que ficou esta para ser concluída hoje. À noite, veio a nossa casa outro amigo nosso - o Osvaldo Cabral, também candidato à docência livre. Já escreveu sua tese, que versa sobre *O segredo médico em face da lei penal e da deontologia*. Pediu-me ele que dissesse ao ilustre Mestre que está para lhe escrever e que vai seguir as suas instruções para a expedição postal do Boletim de Folclore. É preciso aqui um esclarecimento, que será a chave do enigma do interesse pela docência livre: a Faculdade vai receber, de acordo com lei federal já sancionada, uma subvenção anual que lhe permitirá pagar vencimentos iguais aos dos professores da Universidade do Brasil, ou sejam mais de oito mil cruzeiros mensais. Eu, que sou interessado na matéria, vou, entretanto, pleitear redução nesses vencimentos, para termos saldos que permitam adquirir terreno para uma cidade universitária e para a construção e instalação de uma escola monumental, que faça de Florianópolis, no Brasil, o que é Coimbra em Portugal. E fecho aqui o longo parêntese, para por

termo a esta já fastidiosa carta. São oito horas e quarenta e cinco minutos, - hora brasileira de verão -, na realidade, são sete horas com os ditos minutos.)

No ano que vem, se Deus quiser, providenciarei para a continuação das assinaturas da sua preciosa REVISTA PORTUGUESA DE FILOLOGIA, que merece ser conhecida e amparada também no Brasil.

No Rio de Janeiro, quando lá estive por ocasião do Congresso de Língua Vernácula, visitei o venerado Professor Said Ali e tive a satisfação de saber que o meu caro Mestre também o visitara, em companhia do nosso boníssimo Serafim Silva Neto, e que lhe expressara o conceito em que o tem como o principal sabedor da sintaxe portuguesa.

Todos os meus, que já leram com alegria “O Congresso de Florianópolis”, lhe mandam cordiais recomendações e votos de boas festas, extensivos a todos os seus. Iguais recomendações e votos também lhe apresenta do amigo, admirador e discípulo

Henrique Fontes.

¹ Primeiro Congresso de História Catarinense comemorativo do Segundo Centenário da Colonização Açoriana, realizado em Florianópolis, de 5 a 12 de outubro de 1948.

² “Dona Ana Fontes expirou na madrugada do dia 2 do corrente, acompanhando orações dos que lhe assistiram aos últimos momentos, havendo recebido, horas antes, a comunhão e a extrema unção.” Cf. **Pensamentos, palavras e obras**. De Itajaí 3º caderno 1ª parte, 1963 ed. do Autor.

³ Pe. Tomás só veio a falecer em 16 fevereiro de 1961 aos 70 anos de idade.

⁴ Publicada em 1951.

CARTA LXII

Florianópolis, 24 de junho de 1951.

Sr. Acadêmico Múcio Leão,¹

Por que não incluir entre os *brasileirismos*, e sob a denominação de “palavras de formação erudita”, os que o lúcido Relator do respectivo Dicionário aponta em seu sólido parecer: *Silogeu, necrotério, cardápio, convescote*, etc.?

Releve o operoso Acadêmico a talvez impertinente pergunta do provinciano

Henrique da S. Fontes.

¹ Publicava ensaios no **Correio da Manhã**.

CARTA LXIII

Florianópolis, 21 de fevereiro de 1952.

Meu douto colega Professor Dr. José de Sá Nunes,¹

Agradeço-lhe, retribuindo-os muito de coração, os votos de felicidades neste ano novo, que, para nós, crentes, sejam quais forem os seus eventos, é mais um ano da graça do Nosso Senhor Jesus Cristo.

Agradeço-lhe também, muito confortado, as palavras animadoras com que apreciou o meu desambicioso livro e que, corroborando as de outros sabedores que já o leram, me decidem, se Deus me der vida e saúde, a desenvolvê-lo em outro, que se baseia na sistematização apresentada para os fatos que ele expõe.

Era dever meu escrever-lhe extensamente em resposta às suas conceituosas ponderações relativas ao nome civil. Tenho, porém, poucos vagares, já por andar às voltas com a expedição do meu livro, que não visou a vantagens econômicas, mas ao desejo de vulgarizar conhecimentos que se me afiguram relevantes; já por estar envolvido na fundação de uma Faculdade de Filosofia; já também pelas minhas funções na Faculdade de Direito, que, no mês passado, me levaram ao Quinto Congresso de Estabelecimentos Particulares de Ensino,² que se reuniu em Porto Alegre. Usarei, por isso, linguagem quase telegráfica, o que se me afigura preferível a procrastinar a resposta, para a dar longa e minuciosa. O melhor é inimigo do bom.

1º O **Jornal do Comércio** de 19 de agosto de 1951 não o recebi, por ocasião da remessa que ocorreu naquele mês e que motivou reclamação minha, atendida, mas sem suprimento dos números não enviados. Fiquei, assim, privado

do artigo nele inserto, pois todos os seus escritos são sempre por mim lidos com a merecida consideração. Por outro lado, não possuo o livro do Dr. Otávio Monteiro da Silva. Peço, entretanto, a sua atenção para o que, a respeito de prenome com acepção de “antenome”, digo à p. 201, linhas 11 a 26.

2º A razão da minha preferência pela bipartição do nome civil dei à p. 200, linhas 21 e 22. Não impugno, porém, a de Mestre Leite de Vasconcelos, a qual, sobre ser a mesma do anotador anônimo das “Reflexões sobre a língua Portuguesa”, de Francisco José Freire (ver *Antroponímia portuguesa*. p. 15, nota; e *Reflexões*, 2. Ed., v. I, p. 149), foi no Brasil adotada pelo decreto n. 9.886, de 7 de março de 1888, que institui Registro Civil:

“Art. 58. O assento do nascimento deverá conter:

(...) 5º O nome e sobrenome que forem ou houverem de ser postos à criança; (...) 8º Os nomes, sobrenomes e apelidos dos pais; (...) 9º Os nomes, sobrenomes e apelidos de seus avós paternos e maternos; 10º Os nomes, sobrenomes e apelidos (...) do padrinho, da madrinha e de duas testemunhas (...)”.

3º A enumeração nome-prenome é velha em nossa legislação. Remonta, pelo menos, a 1832, pois assim reza o art. 86 da lei de 29 de novembro desse ano, que promulgou o Código do Processo Criminal da Primeira Instância: “As testemunhas (...) devem declarar seus nomes, pronomes (sic).

Repete-se a enumeração no artigo 176 do muito louvado decreto nº 737, de 25 de novembro de 1850: (as testemunhas) “devem declarar seus nomes, pronomes (sic).

A mesma enumeração foi introduzida no Projeto do Código Civil, do insigne Clóvis, por emenda do deputado Anísio de Abreu, sendo a palavra pronomes corrigida para pronomes por Mestre Carneiro Ribeiro.

O formidável Rui, baseando-se em Bluteau, entendeu prenome como “antenome”, no passo que o meu ilustre colega citou em sua carta. O termo é, porém, tomado com o sentido que os franceses dão a prénom em disposição que

regulou o registro civil. Algumas delas são por mim citadas à p. 189 das minhas *Digressões*.

E aqui faço ponto, na expectativa de que ele não seja o da nossa amistosa conversa epistolar, nutrindo ainda a esperança de o ver nesta nossa tranqüila Florianópolis, onde encontrará uma casa amiga e muitos admiradores e discípulos.

Henrique Fontes.

¹ **José de Sá Nunes** (1936) poeta catarinense, trovador, teatrólogo, romancista e professor.

² Cf. *Caderneta de Anotações* das décadas de 40 e 50, Prof. Fontes esteve em Porto Alegre por volta de 14 de janeiro de 1952 como representante da Faculdade de Direito; há várias anotações de nomes e endereços de gaúchos a quem ofertou seu livro **Digressões Antroponímicas**.

CARTA LXIV

Florianópolis, 22 de fevereiro de 1952.

Meu douto colega Professor José Quintela Vaz de Melo,

Desejo-lhe paz, saúde e todas as felicidades.

Venho agradecer-lhe a oferta de *Estudos de Filologia*, “O a da palavra Abysmo” e “Um anacronismo na Candelária”, trabalhos que li de imediato e que me puseram ante notável conhecedor das línguas clássicas e de línguas semíticas.

Que frutuosa explicação terá tão copioso saber em estudos antroponímicos! Será mesmo imperdoável ao seu possuidor não os aproveitar, nesse campo, em obra de conjunto. A messe clama por operários, e estes serão ainda os de primeira hora.

Interpreto as palavras de sua carta de 14 de janeiro: “em breve, irei ter o prazer de conhecê-lo pessoalmente”- como anunciadoras de próxima vinda a esta Capital, fato que me enche de alegria e a que já dou o complemento de ver e ouvir o ilustre mestre, em erudita conferência, a enriquecer os estudiosos catarinenses.

Do seu programa dê-me notícia, para que eu, na medida de minhas forças, lhe acrescente qualquer adjutório.

Muito cordialmente,
o colega e admirador

Henrique Fontes.

CARTA LXV

Florianópolis, 1º de março de 1952.

Meu caro Luís Gallotti,

Muito agradecido lhe fico pela oferta dos seus “Pareceres”.

Acabo de percorrer-lhe o índice, tendo lido os relativos assuntos que mais me interessam, como, entre outros, o de p. 5 a 7 (inelegibilidade), o de p. 97 e 98 (magistrado-cotista), o de p. 263 e 264 (empate) e o de p. 383 (prenome).

Mais uma vez, encantei-me com seu poder de síntese sem prejuízo da clareza.

O parecer relativo a empate tem o rigor das formulações algébricas e tem força de solução matemática.

Renovo, por isso, o meu voto de ver a sua lucidez e sabedoria condensadas em obra de conjunto.

Junto vai um livro meu.¹ Vai atrasado, não porque Você não esteja entre os meus amigos de primeira linha, mas porque comecei a distribuição pelos filólogos (“gramático agora é termo depreciativo), os quais, contra o que é habitual nessa raça irritável, o tem recebido com benevolência.

Brevemente, mandá-lo-ei aos seus egrégios Colegas.

Pena foi não termos tido tempo para conversar.

Recomende-me a exma. Senhora.

Abraços

do velho e atarefado amigo, Henrique Fontes.

¹ Provavelmente *Digressões antroponímicas*, 1951.

CARTA LXVI

Florianópolis, 3 de abril de 1952.

Exmo. Sr. Professor Marques Braga,¹

Muito lhe agradeço as bondosas palavras com que apreciou o meu livro, as quais, sem que eu me julgue herói de “valorosas obras”, fizeram ressoar-me aos ouvidos o sentencioso dito camoniano:

“Quem valorosas obras exercita
Louvor alheio muito o experta e incita”.

Muito agradecido lhe sou também pelas oferta das *Cartas de Teófilo Braga* e das *Éclogas de Bernardim Ribeiro*: Cartas em que o grande e provecto subscritor vaza o alto conceito que lhe merecia o então jovem destinatário; Éclogas sobremodo preciosas, já porque eu não as conhecia todas, já também pela esmerada edição em que se apresentam, esmerada no feitio gráfico e nos comentários eruditos.

Sou ledor de bucólicos, não só como apreciador da poesia lírica, que se me afigura a poesia mais substancial - (Camões é grande épico, porque é incorrigivelmente amoroso e enche a sua epopéia de lirismo) -, senão também pelos subsídios que os bucólicos fornecem à antroponímia. Para aprofundado estudo neste particular, tem-me, porém, faltado não só tempo, mas principalmente obras fundamentais, como as dos italianos, espanhóis e franceses e ainda de alguns autores de língua portuguesa.

A propósito de antropônimos de Bernardim Ribeiro, submeto ao juízo do preclaro Mestre as minhas seguintes opiniões:

1) *JANO* pode se anagrama de *JOAN*, forma arcaica de *JOÃO*: de sua amada *JOANA* toma Bernardim nome para si e apresenta-se como *JOAN*, e transfere o seu nome para ela, que passa a *BERNARDINA* ou, hipocoristicamente, *DINA*. Lembre-se ainda que *RIBEIRO* anda acasalado com *RIBEIRA*.

2) *JENAO* é anagrama de *JOANE*, outra forma arcaica de *JOÃO*.

3) *LORIBAINA* é anagrama de *BRIOLANJA* (I = J, como em, *JOANA* - *AÔNIA*).

4) *LAMBERTEU* parece anagrama de alguma forma arcaica ou popular de *BARTOLOMEU*.

Para a poesia pastoril de Camões em que há uma desdenhosa *DOMINGAS*:

“Domingas! - no vale brado;
Responde o eco: - Domingas!
E tu ainda te não vingas
De me ter doudo tornado?”

Tenho esta explicação, que, igualmente, submeto à sua superior instância: “*DOMINGAS*”, na voz do eco, será “Dou mingas” (o eco, em devaneios literários, sempre dá respostas adequadas). Anda, entretanto, o trocadilho despercebido, tanto em Portugal como no Brasil, pelo seguinte: em Portugal, o antropônimo pronuncia-se Du-mingas, que nada sugere; e, no Brasil, onde a pronúncia é Dô-mingas, não corre a corruptela mingas de mínguas. Para admitir que, no século XVI, a pronúncia seria Dô-mingas, tenho apoio de Gonçalvez Viana:

“O átono valendo por u é uma particularidade da pronúncia portuguesa (...), que é necessário manter, não só porque estamos perfeitamente seguros de que em tais circunstâncias tivesse tido sempre esse valor, mas também porque no Brasil ele se diferencia do u, exceto quando final” (p. 92); e

“No Brasil, como já ponderei, se mantém em geral a distinção entre o e u na pronúncia das sílabas antetônicas, como documento, portanto, modificar, etc.” (*Ortografia Nacional*, Lisboa, 1904, p. 93).

Outra alegria me trouxeram a sua carta e os seus livros: o poder comunicar-lhe um fato que sempre desejei chegasse ao seu conhecimento. Em 1947, proferiu o Professor Henry Hare Carter, aqui em Florianópolis, uma conferência, na qual, de passagem, se referiu à sua estada em Coimbra. Interessou-me essa circunstância; e, por isso, o procurei no fim da sessão, travando-se entre nós animada conversação, no curso da qual me falou ele no *Cancioneiro da ajuda*, de que publicara uma edição diplomática. Confessei-lhe que a desconhecia, possuindo, entretanto, uma recente edição portuguesa abundantemente anotada. Mostrou-se ele surpreso com a minha afirmação e, curioso, acompanhou-me até nossa casa, onde se certificou da exatidão da notícia, verificando ainda, com grata e nova surpresa, que o seu nome e a sua edição haviam merecido especial homenagem na edição Marques Braga. Ofertei-lhe o meu exemplar e tive a principesca recompensa de um da edição diplomática, com a seguinte dedicatória: “Ao eminente amigo Professor Dr. Henrique da Silva Fontes como lembrança de nossa agradável conversação em Florianópolis e de sua “descoberta” da 5. edição, e com forte abraço do autor da 4., Henry Hare Carter, Adido Cultural Norte-americano. São Paulo, 10/VII/47”.

Em separado e pelo correio comum, vão alguns outros desambiciosos trabalhos meus, na esperança de que não encerrará com esta carta a nossa tão bem começada correspondência e amizade.

Desejando-lhe, Sr. Professor Marques Braga, todas as felicidades e pedindo a Deus lhe conceda longos e prósperos anos de vida, que lhe permitam

publicar novas e preciosas obras completas de velhos autores portugueses, aqui
fica ao seu dispor

discípulo, admirador e agora amigo

Henrique Fontes.

¹ Professor do Liceu de Pedro Nunes (Lisboa). "Sua atividade concentrou-se na publicação comentada de antigos textos portugueses. Entre eles, as *Écoglas*, de Bernardim Ribeiro, as *Obras Devacum*, de Gil Vicente, e os *Autos de Camões*" *Manual de Filologia Portuguesa*. 2ª ed. RJ: Livraria Acadêmica, 1957, p. 115.

CARTA LXVII

Florianópolis, 30 de abril de 1952.

Meu prezado Amigo e ilustre mestre Professor Matoso Câmara Júnior,¹

Fico-lhe muito agradecido pela sua tese **Contribuição para uma estilística da língua portuguesa**, não só pela gentileza do presente, mas principalmente pelos ensinamentos, sugestões e encanto que ela me proporcionou.

O estudo estilístico da língua, feito com a orientação do seu livro e não nas formas das velhas retórica e poética, precisa avultar e desenvolver-se nas escolas, porque, com mostrar análises e pesquisas que valorizam a língua e o discurso, fortalecerá discentes, alunos e estudiosos contra a excessiva gramaticalização que está enevoado a contemplação da língua portuguesa que a faz temida e não amada.

Palmas, pois, ao seu livro. Palmas ao Autor, que o deve desdobrar em outros escritos e que, certamente, o há de frutificar na cátedra a que concorre e na qual já o tem por vencedor

o aluno, amigo e admirador

Henrique Fontes.

¹ *Joaquim Matoso da Câmara Júnior*, professor e pioneiro dos estudos lingüísticos no Brasil.

CARTA LXVIII

Florianópolis, 30 de abril de 1952.

Meu ilustre e prezado amigo

Sr. Ministro Afrânio Antônio da Costa,

Pedindo a Deus que lhe conceda e a exma. Família todas as felicidades, venho trazer-lhe vivos agradecimentos pela carta de 20 de dezembro do ano passado, que veio acompanhada de interessantes notas colhidas principalmente no cândido Padre Manuel Bernardes, e pela carta de 2 do corrente, que trouxe consigo o *Dictionnaire étymologique des noms de famille et prénoms de France*, de Albert Dauzat.

Reforçam-se os meus agradecimentos com a satisfação de ver no preclaro amigo um homem de palavra, pois, apesar da viagem à Europa, que preparava e que realizou, escreveu-me a primeira carta três dias antes da partida; e, apesar das distrações e peripécias da excursão absorvente, não se esqueceu da promessa de lá procurar algo de novo relativo aos meus estudos.

Já examinei o livro de Dauzat, que me forneceu alguns fatos que eu desconhecia. No seu conjunto, não satisfaz, entretanto, a nós brasileiros, porquanto a maior parte dos verbetes contém informações sobre nomes franceses de família. Os nomes de família não nos despertam, em geral, curiosidade. Os nossos são poucos e, na maioria, corriqueiros. Nem temos preocupações nobiliárias nem o horror ao sangue judeu. Não andamos, por isso, empenhados em provar que o nosso nome de família é atestado da condição de cristão velho. O mesmo não se dá em outros povos. Assim é que os alemães que, a princípio, se extasiavam especialmente ante os seus velhos prenomes de belos e belicosos

significados, passaram também, no período do irritado racismo, a preocupar-se com os nomes de família.

O meu desambicioso livro¹ vai tendo boa acolhida de entendidos, daquém e dalém - mar, o que me anima a preparar-lhe segunda edição, ampliada com apêndices que apresentem novos fatos e novos nomes. Peço, por isso, ao eminente e erudito amigo que não se esqueça de me enviar observações que sobre o assunto vá colhendo, com as quais muito ajudará e penhorará
o admirador e amigo

Henrique da S. Fontes.

¹ Digressões antroponímicas, 1951.

CARTA LXIX

Florianópolis, 8 de janeiro de 1953.

Meu preclaro Presidente Dr. Cláudio de Souza,¹

Fico-lhe muito agradecido pela sua obsequiosa carta de 23 de dezembro, que veio acompanhada de um recorte do **Jornal do Comércio** do 20 de mesmo mês com as palavras que, a propósito do meu livro *Digressões Antroponímicas* e de um discurso de paraninfo, bondosamente proferiu o nosso infatigável consócio Rodrigo Otávio Filho, ao entregar exemplares dos mesmos trabalhos à insigne Academia Brasileira de Letras.

Foi homenagem que a mim, desambicioso e provinciano autor, muito comoveu, porque não viso a glórias literárias nem a vantagens econômicas, tanto assim que o meu livro sobre nomes de pessoas, editado à custa de não fartos vencimentos, só por exceção o tenho vendido, havendo por outro lado já oferecido mais da metade da tiragem, que foi de 1.000 exemplares, a pessoas às quais penso possa o mesmo interessar. Tenho sido compensado com a alegria de receber apreciações favoráveis de entendidos nacionais e estrangeiros, às quais se acrescentam as do brilhante Acadêmico.

O meu intuito é divulgar o assunto, pouco versado ainda em língua portuguesa, mas divulgá-lo dentro das normas científicas, embora, à primeira vista, possa dar a impressão de que me lancei a devaneios sentimentais e pouco objetivos, próprios para mocinhas de colégio religioso, porquanto a turma de novéis professoras é o livro dedicado. Sistematizei, por isso, afinal a matéria, e para a sistematização peço o exame do meu douto Presidente.

O livro, posto mencione no rosto o ano de 1950, viu a luz, realmente como declara o colofão, a 14 de novembro de 1951. Entre os seus primeiros exemplares expedidos estão endereçados ao nosso iluminante PEN Clube do Brasil,² do qual, com ufania e em cumprimento dos estatutos, me declaro sócio, e ao seu benemérito Presidente.

Remeto, entretanto, dois outros exemplares, aos quais dará destino o vigilante Presidente, a quem peço a Deus conceda todas as felicidades, em 1953 e sempre.

Henrique da S. Fontes.

¹ *Cláudio Souza* (1876- 1954) era paulista, farmacêutico, mas dedicou-se só às letras, exercendo atividade jornalística e teatrais - drama e humor (COUTINHO, op. cit., p. 1273).

² POETRY, ESSAY, NOVEL fundado em 1921, na Inglaterra, e no Brasil por Cláudio Souza - "clube da inteligentzia" - local onde se reúnem pessoas da cultura do mundo inteiro para comemorar o prêmio nobel da literatura (COUTINHO, op. cit. p. 1273).

CARTA LXX

Florianópolis, 15 de março de 1956.

Meu caro Serafim,¹

Deus lhe dê todas as felicidades e aos seus!

Respondo à sua prezada carta, hoje recebida.

Vou pedir² ao nosso colega Eudoro de Sousa³ que atenda o desejo nela exposto, porque, em razão do excesso de trabalho, fui obrigado a licenciar-me na Faculdade de Filosofia⁴, suspendendo todo o trabalho intelectual. Estou em extremo esgotamento e sofrendo grandes angústias.⁵ Só Deus sabe como vivo, e em sua Divina Vontade pus minha vida, na qual hoje completando 71 anos⁶, pelos quais rendo a Deus os meus agradecimentos.

Peço-lhe que reze por mim.

Abraços muito cordiais.

Henrique Fontes.

¹ V. Carta XXXIII, nota 1.

² O Prof. Serafim não datava suas cartas, pelo conteúdos das existentes no arquivo, não há nenhuma pista de algum pedido que tenha feito ao Prof. Fontes antes de mudar-se para Lisboa, portanto esta carta não se encontra no arquivo.

³ **Eudoro de Sousa** - Entre outros trabalhos, traduziu *Poética*/ Aristóteles - São Paulo: Ars Poética, 1992.

⁴ Do ano de 1953 a 1955 não foram encontradas, na correspondência do professor Fontes, cartas de conteúdo literário, lingüístico ou histórico. Durante o ano de 1954, ele esteve por três vezes no Rio de Janeiro e São Paulo a serviço da Faculdade de Filosofia, daí se conclui que o tempo para troca de correspondência se tornou escasso.

Na primeira viagem ao Rio de Janeiro, de 17 de abril a 5 de maio de 1954, compareceu no Conselho Nacional de Educação, Delegacia de Ensino Superior, CAPES, INEP, Faculdade de Filosofia da PUC e Escola de Serviço Social. E para aproveitar o "tempo perdido" entre às idas e vindas a essas repartições, esteve no Palácio São Joaquim, na Biblioteca do DASP, Associação Brasileira de Filologia, Biblioteca Nacional, Fundação Rui Barbosa, Instituto Histórico, Instituto de Patrimônio Histórico Nacional, Instituto do Livro, Centro D. Vital, PEN Clube do Brasil, Templo da Humanidade, Colégio Santo Inácio, UNE e Centro Catarinense. Durante esse período, assistiu a aulas, conferências, participou de eventos culturais, compareceu a missas, visitou amigos e fez novos.

Na segunda, de 2 de setembro a 1º de outubro de 1954, há a seguinte anotação: "Faculdade Catarinense de Filosofia proc. 77872152 Dr. Aídes Fernandes Machado - F. C. Ec. n. 1078688/46". Porém antes de ir ao Rio, passou por São Paulo e assistiu a uma sessão do Congresso Eucarístico, foi ao Instituto Histórico; no Congresso de História apresentou a comunicação "A Beata Joana de Gusmão", e no Segundo Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros fez outra comunicação, "O Empréstimo a Juros desde as Ordenanças do Reino até as atual legislação brasileira". Em 19 de setembro, seguiu para ao Rio e cumpriu o mesmo itinerário da viagem anterior, no tentando, acrescentou mais uma visita, ao Real Gabinete Português de Leitura onde assistiu à conferência do Prof. Manuel de Paiva Boléo; nesse mesmo dia, jantou na casa do Senhor Davi Pereira de Carvalho, sogro do Prof. Serafim da Silva Neto, juntamente com o Prof. Paiva Boléo.

Na sua terceira corrida ao Rio, de 31 de outubro a 3 de dezembro de 1954, permaneceu em São Paulo 21 dias. Seguiu para o Rio de Janeiro no dia 21; com o objetivo principal de tratar assuntos relativos à Faculdade de Filosofia.

⁵ Devido às constantes idas ao Rio, professor Fontes passou por um período de grande esgotamento físico.

⁶ 15 de março - dia do aniversário do professor Fontes.

CARTA LXXI

Florianópolis, 18 de junho de 1956.

Meu caro Serafim,

Fico-lhe muitíssimo agradecido pela oferta de *Fontes do latim vulgar*, de que possuo a 1. edição.

Já comecei a leitura, que me está sendo grandemente proveitosa pela segurança e atualização dos ensinamentos. Recomendei-o à Theresinha, que tem como livro de aula a *Introdução ao estudo da filologia portuguesa*, sobre o qual me fez esta observação: “O Professor Serafim é tão claro escrevendo como falando”.

Parece-me que, graças a Deus, obtive sensível melhora, mas não posso ainda reassumir as funções na Faculdade de Filosofia,¹ pelo que vou requerer prorrogação da Licença por mais quatro meses.

Peço a Deus que lhe conceda todas as felicidades, sendo os meus extensivos a todos os seus.

Cordialmente, com um grande abraço,
o admirador e amigo

Henrique Fontes.

¹ Ver notas da Carta LXX.

CARTA LXXII

Florianópolis, 28 de junho de 1956.

Meu prezado Amigo e Mestre Professor Paiva Boléo,

Recebi ontem *Os nomes étnicos-geográficos e alcunhas coletivas*, que li imediatamente, não só em homenagem ao Autor e por força do interesse que voto ao assunto, como também porque agora - faça-se a vontade de Deus! - por motivo de esgotamento no trabalho, estou afastado das minhas funções na Faculdade de Filosofia, dispondo assim de tempo.

O seu estudo sugere e orienta pesquisas em nosso meio, mormente no tocante às alcunhas coletivas. Exemplifico. Os catarinenses, como sabe, são *barrigas-verdes*, os riograndenses do sul são *gaúchos* ou *guascas*, os espírito-santenses são *capixabas*, etc. Alcinha dadas aos moradores de outras cidades: os de São Francisco são *bacucus*, os de Palhoça são *caranguejos*, etc. Em Itajaí, minha terra natal, os da margem direita do rio, onde fica a cidade, são *cadeados*, os da outra margem são *amaros*.

Quanto à palavra *galego*, a que há referência no seu instrutivo trabalho, tomou aqui em Florianópolis, não sei por que motivo, significação especial na linguagem popular: designa pessoa alourada, principalmente as de cabelo cor de fogo. Surpreendeu-me tal significação, quando, em 1910, vim para cá e a encontrei usada entre os rapazes do Ginásio Catarinense,¹ de que fui professor. Havia entre os alunos um, de origem alemã, que era tratado por “galego Rupp”, indaguei da razão do estranho tratamento, sabendo então que era derivado da cor do cabelo. É termo corrente e parece que se está estendendo a outras localidades. Na minha cidade natal e pelo Brasil afora, é designação pejorativa de *português*.

Agradecendo a oferta e não sendo mais desenvolvido, porque preciso de moderação no trabalho, peço a Deus que lhe conceda toda as felicidades e abraço-o muito cordialmente.

Henrique Fontes.

¹ Hoje, Colégio Catarinense.

CARTA LXXIII

Florianópolis, 14 de agosto de 1956.

Meu caro Serafim,

Peço a Deus que lhe conceda muita saúde e tranqüilidade, votos que estendo a todos os seus.

À sua carta de 1º de julho, que me fez o bem de remédio tônico, só hoje respondo, porque estive aguardando o brinde que nela Você me anunciava: *Textos medievais portugueses e seus problemas*,¹ que só recebi trasantontem, dia 11, sábado.

Entrei-lhe imediatamente na leitura, que continuei domingo, e mui própria é ela para o dia do Senhor, já pela venerabilidade imanente no medieval, já pelo conteúdo espiritual do “Livro de buen amor”, do “Livro das aves”, dos “Diálogos de São Gregório”, do fragmento de “Santo Agostinho”, do “Espelho de Cristina” e do “Livro de José de Arimatéia”. O próprio passo político da “Crônica de Dom João”,² do precursor de historiadores modernos que foi Fernão Lopes, também se espiritualiza, dominante que nele é Nun’Álvares Pereira, o futuro Frei Nuno de Santa Maria.

Fiz leitura pausada e meditada, como requeriam a autoridade do escritor e a matéria, que, justamente por ser de velharias, é cheia de novidades para o leitor e aluno de hoje. E o escritor, que a fundo conhece a matéria, tem o dom da clareza, de modo que, a quem atento o leia e verse os escritos compendiados proporciona o aproveitamento que se alcançaria num curso inicial de português arcaico.

Muito aprendi, meu caro Amigo e Mestre, e aqui lhe expresso o meu agradecimento, afirmando-lhe ainda que a recomendação do seu livro, que já fiz a minha filha Theresinha, hei de também fazer a outros alunos de Letras Neolatinas da nossa - minha e sua - Faculdade Catarinense de Filosofia.

Que bom seria para ela ter nova cooperação sua e durante um ano, na cadeira de Filologia Românica! Pense nisso, meu caro Serafim; e pense, não só em termos altruísticos de ajuda, senão também pela parte prática e decisiva do descanso e de saúde. Aqui, em companhia da esposa e filhos e também (por que não?) do Sr. Davi e Senhora, longe dessa babilônia, terá Você tempo, paz e ambiente amigo para, espalhando sabedoria, imprimindo rumos e criando discípulos, recobrar forças tão necessárias aos trabalhos que tem em curso e a outros de que hão mister os estudos de profundidade do nosso vernáculo.

Porque lhe falei em minha filha, devo referir-lhe que ela teve imensa alegria na conversa que com Você conseguiu manter pelo telefone, por lhe ter sido impossível procurá-lo em sua residência, e devo também referir-lhe que ela está interessadíssima na sua vinda, sobre a qual já me falou.

Relativamente à nossa Faculdade, cumpre-me informá-lo de que vai bem, nada tendo sofrido com a minha licença, que ainda continua e que provavelmente se estenderá por todo este ano, pois tem no Professor Agostinho da Silva um como condestável, título exato que para ele acho e que, no correr destas linhas, me foi sugerido pelo vulto de Nun'Álvares. Ele está também a colaborar, entusiástica e eficientemente, com o Governo do Estado, como chefe da Diretoria de Cultura, este ano criada na Secretaria da Educação.

Quanto ao precioso Guia,³ não está esquecido. O meu afastamento do trabalho prejudicou-lhe o andamento, mas já estou providenciando para que a impressão recomece e se ultime.

Na extensão dessa carta creio que Você verá que, graças a Deus, se acentuaram as minhas melhoras.

Recomende-me aos seus e receba uma grande abraço
do amigo, admirador e discípulo

Henrique Fontes.

P.S. À p. 104 do seu livro, vejo que Você publicou este ano *Ensaio de filologia portuguesa*⁴, que lhe peço me faça remeter pelo reembolso.

Felicito-o pela excelente revisão dos Textos. É uma grande ventura ter um livro sem erros tipográficos.

16- 8 - 56

¹ **Textos medievais portugueses e seus problemas**, de Serafim da Silva Neto, Coleção de estudos filológicos. N 2 MEC, Casa de Rui Barbosa, 1956.

² São transcrições de manuscritos medievais portugueses; I - **Livro de buen amor**, do **livro das aves**, II - **dos diálogos de São Gregório**, III - **do fragmento de Santo Agostinho**, IV - **do espelho de Cristina** e V - **do livro de José de Arimatéia**.

³ Cf. **Pensamentos, palavras e obras**, 1º Caderno, pp. 26-30, Serafim da Silva Neto esteve em Florianópolis em 7 de outubro de 1955 para o Curso de Dialetologia Brasileira a convite do professor Fontes. Depois de ministrar as aulas, resumiu e escreveu um "Guia para estudos dialetológicos" publicado no Centro de Estudos Filológicos, n. 4.

⁴ Editado pela PUCRJ/ Companhia Editora Nacional, 1956, contendo resenhas de diversas obras de filólogos da época.

CARTA LXXIV

Florianópolis, 22 de agosto de 1956.

Exmo. Sr. Senador Juraci Magalhães,¹

Ontem na VOZ DO BRASIL, ouvi que V. Exa. discursara, no Senado, por motivo do centésimo quinquagésimo sétimo aniversário da Casa Pia dos Órfãos de São Joaquim.

Estou sobremodo interessado em conhecer as palavras de V. Exa., porque tenho em adiantada elaboração a biografia do fundador dessa Casa - o Irmão Joaquim do Francisco Livramento², e, embora saiba, pelos elementos compulsados, entre os quais está a “Notícia Histórica” do Dr. Joaquim dos Reis Magalhães, que ela se há de ter instalado em 1799, nada encontrei sobre o dia em que ocorreu a abertura. Tomo, por isso, a liberdade de solicitar a V. Exa. que me envie o seu discurso, no qual respigarei os elementos novos que encerre, mencionando-o na bibliografia do meu modesto trabalho, do qual já publiquei alguns trechos, conforme V. Exa. poderá ver do impresso que remeto em separado.

Posso informá-lo de que o sábio Dr. Braz do Amaral também intentou escrever a biografia do fundador da Casa dos Órfãos, tendo-lhe eu, a pedido do então Interventor General Cândido Caldas, fornecido as informações bibliográficas que possuía, o que fiz com muita satisfação, porque, segundo expliquei, a minha devoção ao Irmão Joaquim só lhe construiria pobre capelinha, ao passo que o Mestre Baiano havia de erigir-lhe grandiosa basílica.

Pedindo a Deus que sempre ilumine V. Exa. na sua honesta atividade parlamentar, apresento-lhe as mais atenciosas saudações.

Henrique da S. Fontes.

¹ **Juraci Magalhães** (1905) cearense, memorialista, militar e político (COUTINHO, op. cit. v. 1).

² Personagem da biografia **O Irmão Joaquim, o Vicente de Paulo Brasileiro**, 1958.

CARTA LXXV

Florianópolis, 24 de agosto de 1956.

Ilustre Confrade Sr. Dr. Augusto de Lima Júnior,

Saudando-o muito cordialmente e pedindo a Deus que lhe dê todas as felicidades, venho agradecer-lhe a *História de Nossa Senhora em Minas Gerais*¹.

Recebi-a ontem e comecei logo a percorrê-la, e li, de imediato, os capítulos que mais me interessaram, relativos que são a duas invocações minhas conhecidas, mas cujo histórico ignorava por completo: Nossa Senhora do Livramento e Nossa Senhora da Oliveira.

De Nossa Senhora do Livramento aqui, nesta cidade de Nossa Senhora do Desterro, a velha Desterro, portadora agora de nome que lembra fratricídios e tripúdio de vencedores sobre vítimas, há antiga imagem que pertenceu a importante família que dela tirou o seu nome, ato que, individualmente, outro devoto repetiu - o benemérito Irmão Joaquim Francisco do Livramento, que trocou o apelido de Costa pelo de Livramento. Esta imagem tem presentemente lugar condigno no Hospital de Caridade da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, do qual o citado Irmão Joaquim foi um dos fundadores.

Quanto a Nossa Senhora da Oliveira, é invocação que encontrei na catedral do Bispado de Vacaria, no Rio Grande do Sul, da qual é orago.

Felicito-o pelo seu livro, que é feito com piedade comunicativa. Depois de o ler, vou passá-lo a uma escritora conterrânea que tem em elaboração um trabalho sobre as invocações de Nossa Senhora - a Professora Dona Edésia Aducci², que, pela linha materna, pertence à família Livramento.

Do Irmão Joaquim Francisco do Livramento estou ultimando uma biografia, da qual já publiquei alguns trechos, como o eminente Confrade poderá ver do impresso que vai em separado.

Eu também tenho particular devoção à Mãe de Deus, devoção herdada de meus Pais, que, no batismo, por Madrinha me deram Nossa Senhora da Conceição. E à celeste Madrinha peço todas as bênçãos para o religioso Confrade, propagador da sua glória e da sua bondade para com os homens.

Henrique da S. Fontes.

¹ De Lima Jr. *História de Nossa Senhora em Minas Gerais. Origem das principais invocações*. BH: Imprensa Oficial, 1956.

² Escritora catarinense de peças teatrais religiosas.

CARTA LXXVI

Florianópolis, 3 de outubro de 1956.

Meu caro Serafim,

Confirmando minha carta de 14 de agosto, na qual lhe agradeci a oferta de *Textos medievais*¹ e em que lhe aventei a regência da cadeira de Filologia Românica em nossa Faculdade de Filosofia em 1957 (que felicidade e proveito teríamos nós com a sua vinda!), peço a Deus que lhe conceda e a todos os seus as maiores felicidades.

A composição do precioso “Guia” vai continuando. Acho, porém, necessitado de exame o “Esboço de questionário”,² porque dele não encontrei exemplar com a revisão do Autor. Remeto-lhe, por isso, as notas que um dos alunos - o Wálter Piazza³ - passou a limpo, modificadas à vista de outros elementos que eu possuo. Nessas notas, há alguma palavras escritas a lápis, que são sugestões minhas e que Você, com toda a franqueza, poderá rejeitar.

Recebi o tomo I do volume II da sólida RPF⁴ e, logo que tenha tempo, escreverei a Você algumas observações a respeito das “Notas sobre o baloico”,⁵ no tocante à *burrinha* ou *burrica*.

Abraços muito cordiais
do amigo e discípulo

Henrique Fontes.

¹ SILVA NETO, op. cit.

² Para utilizar no “Guia para estudos dialetológicos”.

³ **Walter Piazza** (1925) professor universitário, catarinense e pesquisador da História catarinense.

⁴ REVISTA PORTUGUESA DE FILOLOGIA

⁵ Ver REVISTA PORTUGUESA DE FILOLOGIA, tomo I, v. 2.

CARTA LXXVII

Florianópolis, 27 de outubro de 1956.

Exmo. Sr. Professor Doutor Rui F. Mayer,

A luminosidade das idéias e a magia da linguagem das “Reflexões a propósito de um centenário”, que inexplicavelmente recebi e que versam assunto alheio aos meus estudos, arrastaram-me a ler, na íntegra, o conceituoso discurso de um Mestre apostolar, descobrindo, afinal, a razão da remessa: a colonização açoriana em Santa Catarina.

Em separado, remeterei a V. Exa. o 2º volume dos Anais do Congresso comemorativo dessa Colonização, informando-o de que o 1º, que historiava as comemorações, já se acha em vias de publicação, sendo que as teses apresentadas no Congresso fornecem matéria para mais dois volumes.

O nome de V. Exa. foi anotado para futuras remessas.

Conceda Deus a V. Exa. todas as felicidades!

Henrique da Silva Fontes.

CARTA LXXVIII

Florianópolis, 26 de dezembro de 1956.

Meu querido Amigo e Mestre Serafim da Silva Neto,

Respondo, em linguagem telegráfica, à sua carta sem data, mas pelo correio carimbada a 17 do corrente.

1. Retribuo os votos de boas festas. Conceda Deus a Você e a todos os seus abundantes bênçãos em 1957 e sempre!

2. Recebi, e muito agradeço, os *Ensaio de filologia portuguesa*¹, que já havia adquirido numa livraria local, embora certa estivesse de que Você não se deslembraria do velho amigo e aluno admirador. Por ora, por falta tempo, pois ultimamente me absorvi em trabalhar no meu projetado dicionário antroponímico, apenas percorri o livro para tomar conhecimento do conteúdo, todo ele para mim sobremodo interessante. Com vagar e com a merecida atenção, farei demorada leitura, da qual mandarei as costumeiras e miudinhas observações.

3. Cumprimentando-o pelo resultado do concurso, do qual já tivera notícias. Luta de gigantes, não poderia ter outro desfecho.

4. Folgo com o seu propósito do curso intensivo de Filologia Românica, de que o Professor Agostinho da Silva me informou. Estamos estudando a fórmula que o concretize, para glória e proveito da nossa Faculdade de Filosofia.

5. O “Guia”, cuja impressão foi retardada pela minha retirada do trabalho, está em bom andamento, esperando vê-lo concluído ainda este ano ou nos primeiros dias do entrante.

6. Graças a Deus, senti-me com coragem para reassumir as funções de Diretor² a 17 do corrente mês.

Abraços muito cordiais.

Henrique Fontes.

¹ SILVA NETO, op. cit.

² Professor Agostinho Batista da Silva assumia a direção enquanto Professor Fontes afastava-se.

CARTA LXXIX

Florianópolis, 13 de agosto de 1957.

Meu caro Gladstone Chaves de Melo,

Peço a Deus que lhe dê paz e todas as felicidades.

O exemplar da *Iniciação à filologia portuguesa*, com que Você me brindou, recebi-o com dobrada alegria, já por ver que não fui esquecido pelo Autor, já porque havia pedido o livro à Acadêmica, logo que tive a notícia do seu aparecimento em 2. edição. E, porque esta se diz “refundida e aumentada”, passei imediatamente a confrontar-lhe o texto com o primitivo, muito meu conhecido e dos meus alunos, verificando que houve louváveis atenuações de objurgatórias, sem prejuízo da veemência e santa indignação que ao ensinamento escrito dão o calor de aula oral. Assim, as obras de Cândido de Figueiredo já não são condenadas à pena de fogo, nem merece desprezo o colete - “vestimenta indispensável a um bom gramático”.

Verifiquei também que o Autor, autêntico lingüista, alargou o campo de observação, estendendo-o à Câmara Municipal do Distrito (p. 312) e aos hipocorismos do caçula Agostinho (p. 263), a quem dou parabéns pela honra de estar citado em livro que terá perenidade, honra que também me coube, muito me envaidecendo. E, a propósito de menções, notei que os nomes de dois periódicos figurantes na 1. edição (p. 283) foram merecidamente exterminados e incluídos genericamente entre as “revistas juvenis de histórias em quadrinhos” (p. 357).

Cito estas miudezas, para mostrar a atenção que dei ao livro.

Quanto a assuntos maiores, referir-me-ei a duas reconsiderações, num caso para a aplaudir e no outro para ter o atrevimento de discordar.

Aplaudo a reconsideração no tocante ao aspecto (1. edição, p. 173 v. p. 232), cuja existência em português fora negada na 1. edição (p. 173); mas, no tocante ao advérbio (1. edição, p. 174 e 177; 2. edição, p. 233 e 234), peço vênha para declarar que me parece melhor doutrina a primitiva, e isto, entre outras razões, porque tanto o advérbio constitui classe própria que, na estrutura do período, ao lado das orações subordinadas substantivas e adjetivas, aparecem as adverbiais.

Declararei ainda que, no capítulo da análise sintática, esperava encontrar as observações feitas pelo Autor no Manual, publicado em 1954, acerca de dois empregos do gerúndio, onde há esta observação, com que estou de acordo: “Se fôssemos procurar um equivalente sintático, encontrá-lo-íamos numa oração autônoma” (p. 139). Esta sua opinião lembrou-me a peremptória enumeração de Carlos Porto Carreiro:

“A coordenação (...) faz-se 1º por justaposição ou posposição (...); 2º por meio de conetivo (conjunção coordenativa) (...); 3º por meio de um particípio presente, que não indique circunstância, mas uma ação ligada à anterior pela simples relação de continuidade. Ex. Por volta do meio dia a chuva cessou, ficando o nevoeiro somente. (Isto é ... e ficou o nevoeiro, etc.). Em outro dia se abriu o cofre, tornando a ajoelhar o elefante diante de Sua Santidade. (Padre M. Bernardes)”

(*Gramática da Língua Nacional*, 2º ano - Rio de Janeiro, Jacintho Ribeiro dos Santos, 1918, p. 396).

Perdoe-me ainda outra minúscula observação: a tradicional discriminação das partes do discurso (1. ed., p. 174; 2. ed., p. 233), que ainda encontrei em vigor, quando, há mais de sessenta anos, comecei a ler gramáticas, não incluía o numeral como espécie autônoma e sim o particípio (palavra que participa da natureza do verbo e do adjetivo).

Direi, finalmente, que o livro muito lucrou com a inclusão da história da língua portuguesa, com resumos mnemônicos e com a bibliografia sumária de cada capítulo.

Um grande abraço de quem o admira não só como lúcido estudioso da língua, mas também como bravo defensor da dignidade administrativa e dos dinheiros públicos,

Henrique Fontes.

CARTA LXXX

Florianópolis, 1º de outubro de 1958.

Meu caro e preclaro Amigo Andrade Murici,

Dê-lhe Deus paz e todas as felicidades!

Da nota anexa, verá o que pude (conseguir para, prazerosamente, atender a carta de 28 de julho). Vai a certidão de batismo, que além de afirmar a data do nascimento, mostra que o Cruz nasceu livre.¹ Vão 28 outros escritos encontrados e não constantes do seu rol.² Vai também um elogio do Várzea ao Cruz.³

Relativamente aos pedidos da carta de 20 de setembro⁴, nada encontrei, sendo que a Biblioteca Pública não possui o jornal a **Tribuna**.⁵

A *Festa Inquieta*⁶ enlevou-me, como já me ocorrera ao ler o *São Jerônimo*, de Teixeira de Pascoaes: parecia que a leitura tinha acompanhamento de música em surdina.

Desculpe-me a pressa. É para não retardar a entrega do material com que Andrade Murici mais glorificará o já glorioso Cruz e Sousa.⁷

Espero novas ordens.

Abraços muito cordiais do

H. Fontes.

P. S. Gostaria de conhecer as *Impressões de província*, do Vergílio Várzea.

Talvez se possa promover-lhe a publicação.⁸

¹ V. Carta LII, nota 3.

² Conforme relato de Theresinha Fontes, filha mais nova de Henrique Fontes, "*Papai, além de estudar a vida do poeta, sempre dedicou especial atenção à sua família, que mora no Rio de Janeiro*". Há algumas cartas da bisneta de Cruz e Sousa solicitando ajuda em dinheiro, pois a família era pobre em recursos financeiros. Na Caderneta de Anotações do professor Fontes, relativa ao ano de 1954, consta sua ida, juntamente com Afonso Várzea, ao Realengo visitar os descendentes do Poeta e no enterro do Prof. Fernando Raja Gabaglia encontrou com a Senhora Silvio da Cruz e Sousa, esposa no neto do poeta.

³ Há na biblioteca particular da família Fontes uma pasta com cópias de todo o material organizado.

⁴ Essa carta não se encontra nos arquivos de Henrique Fontes.

⁵ **Tribuna Popular**

⁶ Obra de Andrade Murici.

⁷ CRUZ E SOUSA, João da. **Obra completa**. Organização, introdução, notas, cronologia e bibliografia: Andrade Murici. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1961.

⁸ Cf. Carta LXXX, de Andrade Murici, **Impressões da Província** contém os artigos "A Guerrilha Catarinense" (1885-1889), publicados no **Correio da Manhã** do Rio de Janeiro, são 8 artigos longos, 17 de fevereiro e 03, 10, 17, 24 e 31 de março.

CARTA LXXXI

Florianópolis, 5 de dezembro de 1958.

Caríssimo Amigo Dr. Andrade Murici,

Deus lhe dê paz, saúde e todas as bênçãos!

Vai junto tudo o que foi possível encontrar para satisfazer às suas prezadas cartas de 9 de outubro e 2 de novembro.¹

Vão também escritos não pedidos, mas que podem interessar-lhe.

Não foi encontrado o periódico **A Pena**².

A Biblioteca Pública não possui a **Tribuna Popular**.

Continue a pedir!

Carlos da Costa Pereira,³ que se aposentou, mudou-se para São Francisco do Sul, sua terra natal. Vai fazer falta ao meio intelectual florianopolitano.

A minha biografia do Irmão Joaquim está dependendo do índice onomástico e da capa. Mando-lhe as folhas finais.

Em janeiro, se Deus quiser, irei aí em serviço da Faculdade de Filosofia.

Abraços muito cordiais do

Henrique Fontes.

¹ Nessa época Andrade Murici estava organizando a **Obra completa**, de Cruz e Sousa. Escreve ao professor Fontes solicitando, entre outras coisas, a certidão de batismo do poeta, artigos, poemas e alguns itens publicados em **Regeneração**, de 30/5/1885, **Jornal do Comércio**, de 05/6/1885 e **O Moleque** a fim de datar e citar a origem dos inéditos.

² Cf. Carta de Andrade Murici, de 9/10/58, ao professor Fontes, tratava-se do periódico do Clube Literário Cruz e Sousa; 1º número saiu em 20 de julho de 1902, mas ignorava a origem.

³ Na Carta VI, nota 1, solicita que o Professor Fontes contate com Carlos da Costa Pereira.

CARTA LXXXII

Florianópolis, 4 de fevereiro de 1960.

Meu querido Amigo e Mestre Serafim da Silva Neto,

Muito satisfeito com sua carta escrita dessa “risonha Lisboa”¹ e retribuindo os votos de felicidades, apresso-me em responder à sua consulta relativa à pronúncia, em Santa Catarina, do “s final de palavra e final de sílaba”: se se trata do “s carioca, dito chiante”.²

Em Itajaí, minha terra natal, é essa a pronúncia e também o é aqui na velha Desterro, e talvez em todo o litoral em que os açorianos foram povoadores predominantes.

Ainda me lembro da estranheza com que os gaúchos do Ginásio Conceição, de São Leopoldo, onde me internei em 1903, ouviam de minha boca a palavra *bisca*, nome de jogo de cartas que era uma das nossas diversões. Um conterrâneo meu também escandalizou os colegas da aula de geografia pelo modo como pronunciava *foz*, e eles o importunavam, repetindo *foch, foch*.

Como era natural, procurei adaptar-me ao s gaúcho, bem sibilante; e, dois anos depois, quando regresssei à terrinha, surpreendi os meus pela nova pronúncia.

Posso afirmar que o s chiante não é geral em Santa Catarina. Afirmando diante de duas observações flagrantes. A 27 de janeiro, fui procurado na Faculdade de Filosofia, por uma senhora, cuja procedência foi imediatamente denunciada pela pronúncia particular da gente de São Francisco, no litoral norte do Estado. A boa senhora, que tem vocação literária, exibiu-me volumoso romance datilografado, pedindo-me que o lesse. Escusei-me, alegando, com

rigorosa verdade, a falta de tempo. Pediu-me, então, que a deixasse ler-me o prefácio. Não procurei razão para recusa; antes, achei que do céu me tinha caído um presente. E ela, com ênfase, começou a leitura e eu aguicei o ouvido, para lhe perceber os ss finais. Acabado o prefácio, ante a minha certamente inesperada atenção, revelou-me a senhora que também compunha versos e, menoscabando os que escrevem história, trabalho para ela de mera compilação (nisto percebi que havia remoque a um historiógrafo da sua terra), - pediu-me que lhe ouvisse o poema em que celebra os albores da vida francisquense; e pediu-me depois que ouvisse uns versos comemorativos da morte do pai; e outros versos vieram, que me agradaram, sem me distraírem do policiamento fonético.

Mas eu não estava sozinho na Faculdade, e a entusiástica recitação foi interrompida por uma funcionária que me foi prevenir de que o Professor Osvaldo Cabral queria falar-me. O aviso não era inteiramente falso; mas, na realidade, era ato da mais fina caridade, praticado com a piedosa intenção de me libertar do que supunham ser um suplício chinês.

Mas, a feita estava a observação, e duplamente satisfeito estava eu; já por ter um elemento seguro para incluir na resposta ao meu Amigo e Mestre, já porque, certamente, proporcionei à boa senhora, que é esposa de modesto estivador, um dia alegre, pois encontrara qualificado ouvinte para as suas lucubrações literárias. E confesso que fiquei desejoso de pronunciar, ao modo dela e de seus conterrâneos, os ss finais, não chiantes como no Desterro e Itajaí, nem tão sibilantes como os gaúchos, em que há de haver influência castelhana.

Três dias depois, ouvi a leitura de longo discurso do Governador do Estado,³ que é de Tubarão, ao sul de Santa Catarina; e, valendo-me da prerrogativa da supraseduagenário (o termo é do Marquês de Maricá), ouvi-o comodamente sentado, estando a maioria da assistência de pé no salão em que Sua Exa. falava; e fiquei tão preso ao assunto - relatório de um ano de

administração - como aos ss finais, verificando que estes, a exemplo da pronúncia francisquense, são intermediários entre as chiantes desterrenses e os sibilantes gaúchos.

O meu embebecimento no discurso não passou despercebido a uma Senhora de cuja presença não dei acordo: disse ela a um filho meu que prestara mais atenção à minha atenção do que à fala governamental. Tanto pode num gramático um fato da língua!

Em sua prezada carta, oferece-me Você os seus préstimos: “Peça-me, sem constrangimento, o que precisar: Talvez algum livro?”

Sim. Preciso de um: o *Onomástico Medieval*, de Cortesão,⁴ tão precioso para os meus estudos antroponímicos. Sei que é obra raríssima (até hoje só vi o exemplar que Você possui); mas, hoje, graças a Deus, com as minhas duas aposentadorias (no Tribunal e na Faculdade de Direito) considero-me rico e posso dar-me o luxo de adquirir raridades (no Rio, ultimamente, comprei a 1. edição do *Caramuru* por sete mil cruzeiros, na Kosmos).⁵

A Faculdade de Filosofia vai prosperando e este ano, por obra das diligências que fiz no Rio, vai instalar os cursos de Pedagogia e Didática.

Queira recomendar-me à exma. Senhora e receber, com os votos de felicidades que a Deus ergo, um cordialíssimo abraço.

Henrique Fontes.

Em Tempo. Mais uma observação ensejada depois da escrita a carta.

Meu filho Manuel, em companhia de sua mulher⁶, foi a Curitiba, em dezembro, para comemorar o 20º ano de bacharelado em direito. Foi um dos oradores da festa. A Senhora de um colega elogiou-lhe o discurso à minha nora, dizendo que também muito saboreara o “chiadinho de Florianópolis”.

¹ O professor Serafim não datava suas cartas, em nenhuma há qualquer menção de data, exceto essa em que ele pede informações sobre o s catarinense. Há a seguinte referência: *Desde novembro p.p. estou em Portugal, a convite do Governo Português, ensino Filologia Portuguesa na Universidade de Lisboa*. Conclui-se que a carta é de novembro de 1959 a partir das datas da correspondência do professor Fontes.

² Estas observações constam na obra **História da língua portuguesa**/ Serafim da Silva Neto.— Prefácio/ Sílvio Elia.— Apresentação/ Celso Cunha.— 5^a ed. — RJ: Presença: INL, 1988, p. 629; nota de rodapé “¹⁰⁷” Devo esta informação ao Professor Henrique Fontes, a quem consultei”.

³ Heriberto Hülse.

⁴ A obra não foi localizada na biblioteca particular da família Fontes.

⁵ A obra consta na biblioteca particular da família Fontes.

⁶ Senhora Laudelina Oliveira da Luz Fontes

CARTA LXXXIII

Florianópolis, 5 de fevereiro de 1962.

Meu caro e ilustre Andrade Murici,

Pedindo a Deus que lhe conceda todas as bênçãos, principalmente paz e saúde, respondo à sua prezadíssima carta de 12 de dezembro, aqui chegada a 3 ou 4 de janeiro, com informações preciosas e recheio também precioso, atestados que são do êxito brilhante das comemorações de que Andrade Murici foi o proeminente fator.

Com o meu “exame e retificação” das relações de Cruz com Fritz Müller, não quis, de qualquer maneira, diminuir a valia da *Obra completa*, nem atribui a paternidade das informações ao iluminante coordenador. Fiquei na carta de Fritz Müller, que, desenganadamente, não pode referir-se a Cruz; mas estudei e admiti a possibilidade de ter o naturalista tratado com o futuro grande poeta: “Pelo exposto, não é impossível que Cruz e Sousa, não por três anos, mas por alguns meses, que seriam os decorridos entre julho e outubro de 1874, tenha tido a honra de haver sido aluno de Fritz Müller. É preciso, porém, que se tragam provas, porque os fatos expostos tornam pouco prováveis as relações escolares entre os dois grandes vultos”.

Retruca o meu preclaro Amigo: Por mim, considero a “tradição” e a constante referência dos amigos e colegas como valiosas. Teriam Virgílio Várzea e outros inventado a frase célebre: “Cruz e Sousa tu serás, etc. ...”?

Acato a sua opinião. Ela se enquadra na possibilidade, que admiti: “É preciso que se tragam provas”. Sabe, pois, estudar se há essa “tradição” e em que se funda, e documentar “a constante referência de amigos e colegas”. É

matéria que, se Deus quiser, ainda estudarei, expondo com lisura o resultado do “reexame” e, conseqüentemente, se for caso, fazendo “retificação”.

É matéria interessante para 2. edição, que, jubiloso, vejo prognosticada em sua cara missiva, edição para que lhe poderei fornecer escritos ainda não *enlivrados* (perdoe-me o neologismo), bem como novos subsídios cronológicos.

Será muito acolhida a sua colaboração concernente a Oscar Rosas, nascido a 12 de fevereiro de 1864, e a outros contemporâneos dele. Oscar está no rol dos que serão lembrados nas próximas comemorações a que alude a carta que hoje escrevi ao Almirante Lucas Boiteux e de que envio cópia.

As anunciadas doações caberão mais proveitosamente à Biblioteca Pública, que lhes assegura resguardo e, ao mesmo tempo, acessibilidade. O Diretor Tito Carvalho ficou contentíssimo com a notícia.

Recebi e fiz chegar ao seu destino a carta endereçada ao Major Ildefonso Juvenal.

Um grande e cordial abraço

H. Fontes.

CARTA LXXXIV

Florianópolis, 5 de fevereiro de 1962.

Muito Prezado Amigo Almirante Lucas Boiteux,¹

Deus lhe dê muita saúde e muita paz, sendo os meus votos extensivos a todos os seus.

Fico-lhe agradecidíssimo pela remessa do interessante artigo-depoimento que sobre Cruz e Sousa publicou na velha e gloriosa, mas hoje quase que ignorada **Gazeta de Notícias**.

A propósito dele, venho pedir a sua preciosíssima colaboração para o trabalho de equipe a que me referi em “O nosso Cruz e Sousa: reconstituir plenamente a época em que se formou a personalidade de Cruz e Sousa”.

Essa reconstituição interessa muitíssimo a várias comemorações que devem ser empreendidas aproximadamente, estando entre elas a do centenário do nascimento de José Boiteux, a cuja memória e a cujas iniciativas continuo fiel.

Esperamos, pois, subsídios seus, - os seus sempre exatos subsídios, - declarando-lhe, preliminarmente, que a nossa Biblioteca Pública não possui nenhum número do **Colombo** nem da **Tribuna Popular**, motivo pelo qual serão muito importantes todas as informações relativas aos dois periódicos.

É pensamento do Tito de Carvalho e meu tirar cópias dos principais subsídios, para irem sendo fornecidas aos colaboradores e a outros estudiosos; e,

para tanto, a Biblioteca, da qual o Tito é Diretor, já está autorizada a adquirir um aparelho multiplicador.

Certo da sua inestimável ajuda, abraça-o muito cordialmente

H. Fontes.

¹ **Lucas Alexandre Boiteux** (1880 - 1966) Contra-almirante da Marinha de Guerra, pesquisador da História de Santa Catarina. (SACHET, op. cit., p.309 e 310).

CARTA LXXXV

Florianópolis, 13 de agosto de 1962.

Ilustre Amigo Dr. Bernardo Pedral Sampaio,

Muito grato lhe fico pela remessa dos seus *Gentílicos, antropônimos e alcunhas e Apelidos afetuosos familiares no Brasil*, que li, com encanto pela linguagem clara e escorreita e com proveito pelas informações que apresenta e pelos estudo que sugere.

Sobre apelidos familiares já escrevi alguma coisa com intuito sistematizador, que publiquei em meu livro *Digressões antroponímicas*, estampando há mais de dez anos. É livro que, praticamente, ficou fora de comércio e de que possuo uns poucos exemplares, que guardo avaramente para presentes especiais, como será o caso do ilustre Amigo, se pelo livro se interessar.¹

Em separado, pelo correio comum, vão alguns impressos, que o informarão de como está empregada a minha velhice.

Um grande abraço com votos a Deus de muitas felicidades.

H. Fontes.

¹ A respeito de sua opinião sobre o assunto, v. Carta LXIX, a Cláudio de Souza.

CARTA LXXXVI

Florianópolis, 18 de setembro de 1962.

Meu caro Afonso,

Recebi os dois novos adminículos. Muito obrigado.

Ontem, o Instituto Histórico, ao qual se associou a Academia de Letras, comemorou o centenário de Henrique Boiteux. A festa correu bem, tendo discursado os Presidentes das duas instituições: Fontes e Gama d'Eça. Se Deus quiser, há de também correr bem o centenário de Virgílio Várzea. Para isto estou trabalhando e o Tito Carvalho igualmente.

Continue, pois, a remeter-me elementos. Mande-me o que souber sobre o pessoal da Companhia Julieta dos Santos¹: sobre a atrizinha, sobre Moreira de Vasconcelos Francisco e também sobre o irmão poeta Antônio, sobre Francisca Leal, Joaquim Leal Ferreira, Jesuína Leal, Adelina de Castro e João Rocha de Quadros.

Um grande braço, com votos a Deus de muitas felicidades.

Henrique Fontes.

¹ Em ensaio ainda inédito, datilografado, cerca de 28 páginas, “A companhia dramática Julieta dos Santos e o meio cultural desterrense”, de Henrique da Silva Fontes, conta que a companhia de teatro chegou a Florianópolis em 22 de dezembro de 1882, era um grupo modesto, além da menina atriz, faziam parte, o empresário Francisco Moreira de Vasconcelos, as atrizes Francisca Leal Ferreira, Jesuína Leal e Adelina de Castro e os atores, Joaquim Leal Ferreira, Irineu Manoel dos Santos, pai da menina, e João Rocha de Quadros. A pequena atriz causou grande impacto no meio poético. Cruz e Sousa dedicou os seguintes versos à menina:

“Chegou enfim o desembarque dela
Causou-me logo a impressão!
É meiga e pura como sã bonina,
Nos olhos vivos doce luz revela!

É graciosa, sacudida e bela,
Não tem os gestos de qualquer menina,
Parece um gênio que seduz, fascina,
Tão atraente, singular é ela!

Chegou enfim! eu murmurei, contente!
Fez-se em minh'alma purpurina aurora,
O entusiasmo me brotou fremente!

Vimos - lhe apenas a construção sonora,
Vimos a larva, nada mais, somente!...
Falta-nos ver a borboleta agora!...”

Consta a seguinte observação no ensaio: “Memorável coincidência”: “Julieta foi saudada por um futuro poeta, como fora Gemma Cuniberti pelo futuro grande poeta Raimundo Corrêa”.

CARTA LXXXVII

Florianópolis, 18 de setembro de 1962.

Meu ilustre e prezado Amigo Almirante Lucas Boiteux,

Graças a Deus, correu bem a festa do centenário do nosso querido Henrique Boiteux. Enviei-lhe ontem o discurso que deveria ser lido por mim. Mande-lhe não só para que o ilustre Amigo e os seus dele tenham imediato conhecimento, mas também para receber correções e aumentos. Espero essa sua ajuda, pedindo-lhe, declaradamente, que me mande notas sobre a vida de Henrique na Marinha. E também como deputado. Foi dele a iniciativa das armas e Bandeira do Estado? - pergunto. Por falta de certeza, omiti referências. Mande-me, meu caro Almirante, o que lhe parecer memorável, inclusive retratos e desenhos, porque pretendo publicar o meu discurso em folheto, dando-lhe os possíveis complementos. Interessa-me muito a bibliografia. Neste particular, informo-o de que nela encontro notícias de "Reminiscências", trabalho que não conheço e que me seria utilíssimo.

Encerrando a sessão, que foi conjunta do Instituto Histórico e da Academia, tendo por esta falado o Gama d'Eça, referi-me ao centenário de José Boiteux em 1965, e para ele convidei a assistência, convidando-a igualmente para o centenário de Lucas Boiteux em 1980, fazendo votos para que o homenageado também assista à comemoração.

Abraço-o muito cordialmente e mando-lhe as minhas congratulações, aguardando os seus preciosos e exatos adminículos, também sobre José. Deste muito me interessa o referente ao jornalzinho **Colombo**, que falta em nossa

Biblioteca Pública e que é essencial para conhecer o grupo de rapazes literatos que nele estrearam. Mais uma vez um grande abraço.

Henrique Fontes.

CARTA LXXXVIII

Florianópolis, 7 de março de 1963.

Senhor Luís de Sousa Cunha,

Atendendo ao seu desejo de possuir o meu livro *Digressões antroponímicas*, tenho o prazer de lhe oferecer um exemplar, e um só e não dois, como deseja, porque são poucos os que ainda possuo deste meu trabalho, que, praticamente, esteve fora de comércio, a exemplo das minhas outras publicações.

Envio-lhe também outros estudos congêneres, que se Deus quiser, serão ampliados e revistos num dicionário - *Pequeno dicionário de nomes de pessoas - etimológico e comparativo*.

Vão também outros escritos meus, e aqui estou às suas ordens para qualquer troca de idéias sobre antroponímia, assunto em que me ocupo há mais de trinta anos.

Muito cordialmente,

Henrique Fontes.

CARTA LXXXIX

Florianópolis, 11 de julho de 1963.

Meu prezado Amigo e ilustre Colega Professor Antenor Nascentes,¹

Deus lhe dê paz e todas as suas bênçãos!

Satisfeitíssimo, li no DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SANTA CATARINA, edição de 8 deste mês, o Decreto N. SE- 05-7-63/401, que “denomina estabelecimentos de ensino”, cujo o inciso 10 assim reza: “Grupo Escolar ‘Antenor Nascentes’, da Vila da Princesa, no Município de São José do Cedro”.

Meus parabéns! E repito palavras que disse há poucos dias:

“Que homenagem mais expressiva se poderá prestar a um professor do que ligar o seu nome a uma instituição escolar? Vale mais do que uma estátua. A estátua atravessará os tempos, mas parada, fria, muda. A instituição, círculo que é de pessoas, vive, vivifica, agita, alarga, constrói, frutifica”.²

Vai incluso um verbete do *Dicionário de nomes de pessoas, etimológico e comparativo*, pelo qual verá o apreço em que tenho os seus estudos. Estou nele trabalhando diariamente, apesar dos meus setenta e oito anos. Se o acabar graças a Deus! Se não o levar a termo, seja também Deus louvado pela graça de me conservar, na velhice, o amor do trabalho.³

Muito cordialmente,

Henrique Fontes.

ANDRADO. m. Germ. “Conselheiro da cólera” (ant. rât). V. Antelmo. Andrado, por cognome Módico, Andradus Modicus, corepíscopo de Sens de 843-849, poeta (*De fonte vitae*, e “Paixão de São Juliano e de seus companheiros”) (Alexander Baumgartner S.J., *Die lateinische und griechische literatur der christlicher völker*, 1905, p. 312). (Corepíscopo era o “nome que usaram até ao fim do séc. XI os vigários episcopais”, *Grande dicionário francês-português*, de Domingos de Azevedo, 4. ed.). Este nome **ANDRADO** abona a conjectura de Antenor Nascentes relativamente a Andrade sobrenome de origem geográfica: “Talvez represente um genitivo medieval”(Dic. etim., II).

¹ **Antenor Nascentes**, professor, filólogo. Muito contribuiu com suas obras e ensaios lingüísticos no Brasil.

² O nome **Henrique da Silva Fontes** também tem atravessado os tempos. Não permanece mudo e frio em “estátua parada”. Eis as instituições e repartições que levam seu nome frutificando e alargando conhecimentos:

Escolas públicas e estaduais de Tubarão, Itajaí e Rio de Janeiro;
 Centro Acadêmico da Faculdade de Direito de Itajaí;
 O Grêmio da Escola Estadual Celso Ramos de Joinville;
 Biblioteca do Instituto Estadual de Educação de Florianópolis;
 Biblioteca do Instituto de Estudos Filológicos da UFSC;
 Fórum de Videira (SC);
 Centro Integrado de Cultura Henrique da Silva Fontes - Florianópolis;
 Salas de projeção de audiovisual da Biblioteca Central da UFSC.

³A obra permanece inédita; organizada a letra “A”.

CARTA XC

Florianópolis, 24 de julho de 1963.

Meu caro Silveira de Sousa,¹

Muito obrigado pela oferta de seu livro!

Já o comprara ontem - é preciso animar os autores e os editores - isto é, ontem mesmo, li *Vinhas* e *O Charadista*² - o começo e o fim. Li, agora, as demais páginas, no exemplar ofertado, que já não é exemplar comum e comerciável, pessoalizado como foi pela estima do autor.

O seu livro “tem sofrimento na voz”. Foi sentido e é dorido.

Mas, meu Amigo, deixando de lado as ridículas, as interesseiras, as vazias, há também, “na praça”, vozes boas, animadoras, fraternas. Por que não as capta você igualmente e não as grava com a sua acuidade e a sua arte?

Por que o humorista, que você revelou ser nos escritos de rapaz, há de agora temperar tudo apenas com fel?

Muito obrigado! Dê-lhe Deus muita tranqüilidade e muita alegria comunicativa!

Henrique da S. Fontes.

¹ *João Paulo Silveira de Sousa* (1933) escritor catarinense, fazia parte do Grupo Sul., editou e participou de vários mensários, como *Oásis*, e *Boi-de-Mamão*.

² “O Charadista” “é um conto perfeito na concisão e linguagem depurada. Caracteriza muito bem a solidão do charadista excêntrico. “Vinhas” aborda “temas que repiam o dia-a-dia, o banal, o cotidiano, o existencial, na sua entediante monotonia.” JUNKES, Lauro. *Aníbal Nunes Pires e o grupo sul*. Florianópolis: UFSC, Lunardelli, 1982.

CARTA XCI

Florianópolis, 16 de outubro de 1963.

Muito prezado Amigo Padre Braun,¹

Deus lhe dê paz e todas as felicidades.

Venho pedir-lhe um obséquo: a retificação de uma inexatidão que o Senhor, muito camaradamente e em verdadeira “crítica construtiva”, me observou existir na tradução que fiz da fórmula mágica de Merseburgo, constante do meu livrinho *Nomes germânicos de pessoas*. Preciso do sentido justo, para incluir no meu *Dicionário de nomes de pessoas*.²

Em separado, vai o texto alemão com a inteligência a que chegaram os meus escassos conhecimentos da bela e difícil língua.

Antecipo os meus melhores agradecimentos.

Henrique Fontes.

É a seguinte a fórmula:

“Eiris sazun idisi, sazun hera duoder,
Suma hapt haptidun, suma heri lezidun,
Suma clubodun umbi cuonividi:
Insprine haptbandun, infar vigandun!”

Assim a traduz o dr. Hessel, em alemão:

“Einst setzten sich Idise nieder, setzten sich hierhin, dorthin,
Einige hefteten heftstricke, einige hielten Heere auf
Einige klaubten an den Knoten der Fesseln:
Entspring den Haftbanden, entfahre den Feinden!”

E isso significa em português: “Outrora estavam idises sentadas no chão, estavam sentadas aqui e acolá, umas estavam cordas, outras detinham exércitos, outras roíam os elos dos grilhões: deixa escapar o laço da prisão, deixa fugir o inimigo!”

¹ Professor do Colégio Catarinense.

² **Dicionário de nomes de pessoas, etimológico e comemorativo** - inédito.

CARTA XCII

Florianópolis, 18 de outubro de 1963.

Meu caro Barreiros,¹

Deslumbrou-me a iluminação que Você projetou sobre a minha pessoa, emparelhando-a, muito honrosamente para mim, com a de outro “Homem Diferente”.

Gostei sobremaneira da síntese “homem de teimosa vontade”. Sim, de “teimosa vontade”. “Teimosa” é o qualificativo justo. “Persistente” vontade, “tenaz” vontade são expressões genéricas, sem particular colorido, gastas em panegíricos. Ao revés, “teimosa” vontade é apreciação de concretos obstáculos enfrentados, é julgamento de obras acabadas ou, mesmo fracassadas, aplicável singularmente e não a qualquer vontade “perseverante”. É a expressão requerida pelos atos simpaticamente iluminados, aplicados por um pensador, que sabe a força das palavras.

Muito obrigado, meu caro Colega e Amigo Barreiros!

Saiba também que muito me consolam os aplausos que Você, autêntico Mestre, dá à iniciativa do Governador Celso Ramos, o outro “Homem Diferente”, na homenagem do Professorado.

Deus lhe dê paz e todas as felicidades.
Um grande e cordial abraço
do amigo de sempre

Henrique Fontes.

¹ **Francisco Barreiros Filho** (1891-1977) poeta catarinense, embora não tenha deixado nenhuma obra publicada, seu trabalho esparso em jornais locais está organizado em dissertação por Pedro Albeirice da Rocha, mestre em literatura pela UFSC - **A crônica e os poemas de Barreiros Filho**. UFSC, 1995.

CARTA XCIII

Florianópolis, 18 de outubro de 1963.

Meu ilustre e prezado Amigo Professor Paiva Boléo,

Deu-me grande alegria a sua carta de 12, hoje recebida e apresso-me em lhe dar resposta, para entabular agradável conversação.

Graças a Deus, dentro dos meus 78 anos, cumpridos a 15 de março, continuo os meus estudos antroponímicos, ajeitados agora em forma de dicionário: *Dicionário de nomes de pessoas, etimológico e comparativo*. Com as proporções que lhe estou dando, não é obra para velho; mas - que fazer? - é do meu feitio trabalhar; se for ao fim, seja Deus louvado, se lá não chegar, seja também Deus louvado pelo que me permitiu escrever.

Estou afastado do magistério desde a instalação da Universidade de Santa Catarina, à qual, graças a Deus, entreguei uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em completo funcionamento e instalada em uma Cidade Universitária. Do que foi feito tem o meu estimado Amigo notícia nas publicações que lhe envio. Informo-o de que os dois professores portugueses que eu para cá trouxe - Agostinho da Silva e Eudoro de Sousa - estão atualmente na Universidade de Brasília, onde são muito considerados. Agostinho já foi, em serviço ao Japão; Eudoro tem à sua disposição vários milhões de cruzeiros para instalação da Biblioteca Universitária.

Quanto à REVISTA PORTUGUESA DE FILOLOGIA, interrompida está a minha assinatura por falta de pagamento e até com débito da minha parte, e isso devido a dificuldades e, até aqui, impossibilidade na aquisição da moeda

portuguesa. Se a editora conseguir intermediário que possa cobrar o meu débito e receber assinatura, pode sacar contra mim.

Muito lhe agradecerei a remessa das oferecidas separatas das “R.P.F.”

O Índice do trabalho do Professor Custódio de Campos ainda não foi publicado.

Passo agora ao seu cuidadoso ensaio “O português continental”, que li e reli, e que lhe restituo.

Não me lembro dos conceitos que sobre ele expandi no Colóquio de São Paulo. É, porém, possível que se referissem aos vários falares correntes aqui em Santa Catarina, pelo que é cabível a classificação “falare catarinense”. Entre os “falares catarinenses”, um há com base açoriana, bem distinto dos outros, notadamente na entoação cantada, que serve de riso, não só para os de fora, mas também para os de outros falares catarinenses. Ouvi contar que o diplomata Carmelo Lampreia, que esteve em Florianópolis no começo do século e que, segundo me consta, era açoriano, ao escutar a toada de rendeiras que se agrupavam na entrada do hotel, indagou se elas eram das ilhas.

Em abono das afirmações do meu Amigo e Mestre, que é homem de fatos e não de “teses”, deve acentuar-se não, simplesmente, a quantidade de açorianos que imigraram, mas, necessariamente a sua proporção no núcleo demográfico em que se integraram; não só o número absoluto, mas também o número relativo. E o número relativo em Santa Catarina é impressionante, como se vê de estatística publicada pelo meu Amigo e que aproveitei em trabalho de que lhe envio um exemplar: os açorianos que para cá vieram nos meados do século XVIII dobraram a população, em vieram em Casais, circunstância que meu Amigo também tem acentuado.

Termino aqui, para não retardar a resposta, sendo que muitas outras informações e confirmações poderei dar com o tempo e após consultas de escritos a pessoas.

Um grande abraço e votos a Deus de muitas felicidades.

Henrique da S. Fontes.

CARTA XCIV

Florianópolis, 18 de novembro de 1963.

Meu caro Barreiros,

“Demando a Deus que me coroe de lizes”— impetrou Alphonsus de Guimaraens.

- Nota de fichário meu?

- Não. Fruto do desengano que também recebi de dicionários e gramáticos. Mas, “nossos campos têm mais flores”. E procuras de um poeta, e poeta da Brancura. Ele, certamente, cultivaria “a flor e símbolo da nobreza” e, igualmente, da candidez. Fui a Alphonsus de Guimaraens e só olhei o final dos versos. Surgiriam, logo, martírios e lírrios; e, depois, lírio, círio, delírio, e, mais além, prometedoramente, frises, cicatrices, felizes, imperatrizes; e, ainda, Beatrices, infelizes, Nizes, dizes; e, finalmente, já quase no extremo do jardim, mostram-se as buscadas flores em grinaldas fanérea.

“Ser o mais infeliz dos infelizes,
 Dos desgraçados o mais desgraçado!
 Demando a Deus que me coroe de lises...
 Ai! eu sou e serei sempre um finado!”
 (*Obras Completas*, Editora Aguilar, p. 357).

Meu caro Barreiros,

Agradecendo a alegria que me trouxe a sua carta, mando-lhe um grande abraço com os votos que faço a Deus pela sua felicidade.

Henrique Fontes.

CARTA XCV

Florianópolis, 12 de dezembro de 1963.

Meu caro José Ferreira da Silva,

Deus lhe dê paz e todas as felicidades!

Desculpe-me a demora com que respondo à sua carta de 20 de novembro, com a tentadora proposta de publicar um trabalho meu sobre Lauro Müller, nos seus CADERNOS DE BLUMENAU e com separatas. Muitíssimo obrigado! Mas não disponho de vagar para corresponder à gentileza.

Desculpe-me também a demora em agradecer a oferta de BLUMENAU, que Você diz “não ter pretensões de guia turístico”; ele o é, entretanto, e muito mais. É novo o tipo de trabalho que Você apresenta para registro e divulgação de coisas locais. É, como os CADERNOS, trabalho que, certamente, despertará brios de outros estudiosos, empenhando-se cada um em recolher e tornar conhecidas pessoas e efemérides das suas localidades.

Em breves dias, se Deus quiser, lhe mandarei o 3º caderno dos meus *Pensamentos, palavras e obras*, que tratará de Itajaí.

Um grande abraço
do amigo, admirador e aproveitador

Henrique Fontes.

CARTA XCVI

Florianópolis, 7 de agosto de 1964.

Sr. Dr. Viçoso Jardim,

O Irmão Joaquim, “O nosso Cruz e Sousa” e “O empréstimo a juros”, que motivam a sua amável carta de 26 de julho, hoje recebida, vão em separado, e vão com outros folhetos.

Faço a remessa com alto desvanecimento, dada a simpatia com que o colega se refere a escritos meus encontrados com seu amigo Luís Cunha, de quem ontem recebi carta desmedidamente elogiosa.

Dos seus amigos José Boiteux e Vítor e Adolfo Konder também fui íntimo. E a amizade do Vítor ocasionou-me o conhecer, no Ministério da Viação, o Dr. Viçoso Jardim, da alta administração do Estado do Rio e autor de nossa publicação do assunto financeiro ou contabilístico, que lá esteve em visita.

É possível que fosse o meu bondoso Colega. Se foi, continuaremos em amizade meu velho conhecimento; se não foi, está começada para mim uma nova amizade.

Deus lhe dê paz e todas as felicidades!

Henrique da S. Fontes.

CARTA XCVII

Florianópolis, 10 de junho de 1965.

Meu magnífico Amigo, e meu reitor e Mestre Pedro Calmon,

Quem é vivo sempre aparece; e eu, que , ultimamente, o tenho tido comigo convivente na épica *História do Brasil*, vou aparecer-lhe nesta carta.

Explico a convivência no livro: estou escrevendo uma crônica sobre a bicentenária *Irmandade do Senhor dos Passos e o seu hospital, e aqueles que os fundaram*; e a crônica desenvolve-se na vivência da Vila do Desterro, que é parte da vida do Sul do Brasil.

A gente importante da Vila pertenceu à Irmandade. O primeiro Provedor foi o Governador Coronel Francisco Antônio Cardoso de Meneses e Sousa, o “ilustre Meneses”, celebrado por José Basílio. O segundo Provedor foi o Ouvidor-geral. O terceiro foi o Sargento-mor Pedro da Costa Marim, o guardião do nosso imponente Conselheiro José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Melo, que assim se introduz na crônica. Entre as Irmãs dos Passos, aparece Ana de Santo Antônio, viúva de Luís da Assunção da Silva, e ela traz para a narrativa o seu operoso filho Elias Alexandre da Silva Correia. Foram Irmãos dos Passos os dois habilidosos Xavieres, o dos Pássaros e o das Conchas, auxiliares de Mestre Valentim, isto é, além de outros fatos, traz à cena o Vice-rei Luís de Vasconcelos. Complicações para a Vila e para a Irmandade acarretou a Invasão Espanhola, e ela precisa ser historiada. E assim por diante. E, para a História pátria, qual o guia mais seguro, mais atualizado e mais entusiasta do que Pedro Calmon?

Agora o meu aparecimento. Visitou-me, há dias, uma Sobrinha, que aí está fazendo um curso no Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação. Achei-a interessadíssima e, por isso, sugeri-lhe um trabalho concreto, que pode interessar ao meu preclaro Amigo, a quem prometi escrever, como o estou fazendo: uma busca, na Biblioteca Nacional, na seção de Documentos Biográficos, acerca de Elias Alexandre da Silva Correia; e dei-lhe a indicação que possuo: C. 317 - 6.

Ela ficou muito envaidecida com a possível incumbência. Chama-se Beatriz Montenegro d'Acampora,¹ é formada em Direito e funcionária da Reitoria da Universidade de Santa Catarina.

Caso interesse ao meu Mestre a pesquisa, é este o seu endereço: residência do Engenheiro Cabral de Vasconcelos, Rua das Laranjeiras, 350, apto. 402, fone 25-55-98.

Para encerrar, duas palavras ainda sobre a minha crônica, em que relato só um terço de século da vida da Irmandade; já estão impressas 240 páginas e elas, com o índice, passarão de 350.

O livro vai ser doado à benemérita Instituição, pagando-o eu do meu bolso. É melhor deixar um livro do que dinheiro para rica sepultura.

Se Deus quiser, mandar-lhe-ei um exemplar proximamente, e o meu ilustre Amigo fica isento de agradecê-lo, porque permanece credor pelo material fornecido, sólido e bem lavrado.

Um grande abraço, com votos a Deus de saúde e de muita paz.

Henrique da Silva Fontes.

¹ *Beatriz Montenegro d'Acampora* - poeta catarinense neo-romântica.

III

DEO GRATIAS!

“O autor de si próprio é um homem autêntico, aquele que faz da sua vida uma obra que exige permanente cumprimento.”

José de Miranda e Antônio Cascais¹

A transcrição das noventa e sete cartas não é um “ponto final” na correspondência epistolar de Henrique da Silva Fontes. Ainda há uma longa e árdua tarefa: a de analisar as cartas sob várias óticas, uma delas, a linguagem, enfocando a presença de neologismos, bem como o emprego constante dos “-íssimos”, em *agradecidíssimo, interessadíssimo* etc; dos plurais incomuns, bem vistos nas palavras de encerramento e assinaturas manuscritas.

Considero essa análise singular da epistolografia do professor Fontes um importante trabalho que poderá ser objeto de estudo mais aprofundado com o intuito de revelar o mestre, o historiador e o escritor.

Henrique Fontes descarregou toda sua paixão pela vida na correspondência. Respondeu aos amigos e se correspondeu com eles, debatendo sobre a sociedade, o país e a sua época, buscando incessantemente soluções para os problemas ligados à educação. Discorreu sobre a cultura e as letras. Sempre atuou com dedicação e profissionalismo, e, durante sua atuação no Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, contatou com intelectuais do Brasil e de Portugal para discutir temas históricos, literários e filológicos,

¹ MIRANDA, José; CASCAIS, Antônio. A lição de Foucault. In: FOUCAULT, op. cit., p. 25.

revelando-se promotor de grandes eventos culturais em Santa Catarina.

Fontes, como educador e escritor de vanguarda, foi um dos primeiros, entre os autores de livros didáticos, a inserir a mulher e a ecologia na sua temática. Suas qualidades também podem ser denotadas no seu estilo de correspondência e se exprimem nas palavras de justiça e de bondade.

A carta é uma forma pitoresca e positiva de revelar o íntimo de um homem público e intelectual. Se pensadas, efêmeras ou eternas, pragmáticas ou idealistas, as cartas de Henrique da Silva Fontes trazem suas confissões que abrangem todos os aspectos da vida, em toda sua plenitude, coincidindo “o olhar do outro e aquele que se volve para si próprio quando se aferem as ações cotidianas às regras de uma técnica de vida.”²

² FOUCAULT, op. cit., p. 160.

IV

BIBLIOGRAFIA

A - DE HENRIQUE DA SILVA FONTES

FONTES, Henrique da S. A Beata Joana Gomes de Gusmão.
Biografia. Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 1944.

_____. **A Irmandade do Senhor dos Passos e seu hospital, e aqueles que os fundaram.** Florianópolis: Edição do Autor, 1965.

_____. **A nossa geração e a justiça social.**
Discurso de paraninfo. Florianópolis: Faculdade de Direito, 1951.

_____. **A nova ortografia.** Florianópolis: Livraria Moderna, 1932.

_____. **Da importância dos nomes de pessoas para estudos de psicologia social.** Florianópolis: Publicações de estudos do centro de estudos filológicas, n.1, 1955.

_____. **Dicionário de nomes de pessoas, etimológico e comparativo.** Inédito.

_____. **Estudinhos antroponímicos.** Filologia 1^a série, 1944; 2^a série, 1949). Florianópolis: Edição do Autor.

_____. **José Artur Boiteux - Patriarca do ensino superior.** Florianópolis: Faculdade Catarinense de Filologia - Série Filológica, n.1, 1959.

_____. **Lacerda Coutinho.** Biografia e Crítica Literária. Florianópolis: Editora do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, 1943.

_____. **Nomes germânicos de mulheres.**
Florianópolis: Publicações da Faculdade Catarinense de Filosofia, Série Filologia, n.1, 1959.

_____. **O Conselheiro José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Melo.** Florianópolis: Editora Entres, 1938.

_____. **O empréstimo americano.** Estudos matemáticos. Florianópolis: Oficinas Gráficas de REPÚBLICA, 1933.

_____. **O empréstimo a juros desde as Ordenações do Reino até a atual legislação brasileira.** Florianópolis: Oficinas Gráficas de REPÚBLICA, 1954.

FONTES, Henrique da S. **O Irmão Joaquim, o Vicente de Paula Brasileiro.** Biografia. Florianópolis: Edição do Autor, 1958.

_____. **O prontuário ortográfico e prosódico.** 2. ed. ampliada. Florianópolis: Livraria Moderna, 1932.

_____. **Pensamentos, Palavras e obras.** Discurso e noticiário; Primeiro Caderno - Da Faculdade Catarinense de Filosofia, 1960; Segundo Caderno - Da Cidade Universitária, 1962; Terceiro Caderno - De Itajaí, 1963. Edição do Autor.

_____. **Série Fontes. Cartilha popular, Primeiro, Segundo, Terceiro e Quarto livro de leitura.** Florianópolis: Imprensa Oficial e Tipografia Livraria Entres, 1940/41/45/48.

_____. **Temas catarinenses.** Florianópolis: Edição do Autor, 1962.

B - SOBRE HENRIQUE DA SILVA FONTES

CORRÊA, Carlos Humberto. **Lições de política e cultura: a Academia Catarinense de Letras, sua criação e relações com o poder.** Florianópolis: ACL, 1996.

CORRÊA, Nereu et al. In Memoriam: Henrique da Silva Fontes. Florianópolis: Tipografia Oriente, 1966.

CORREIA, Ana Maria M. C. A Secretaria da Justiça e sua relação com a educação. Florianópolis: Editora da UFSC/ Arquivo Público do Estado, 1985.

FIORI, Neide A. Aspectos da evolução do ensino público: ensino público e política de assimilação cultural no Estado de Santa Catarina nos períodos Imperial e República. 2. ed. rev. Florianópolis: Editora da UFSC, 1991.

ÍNDICE analítico da REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA / Iaponam Soares e Leda Maria Prazeres org. Florianópolis: IGHSC, 1988.

REVISTA SIGNO. Florianópolis, n. 4, 1973.

SACHET, Celestino. A literatura catarinense. Florianópolis: Lunardelli, 1985.

SACHET, Celestino e SOARES, Iaponan. Presença da literatura catarinense. Florianópolis: Lunardelli, 1989.

SANTA CATARINA. Aspectos da vida e da obra de Henrique da Silva Fontes. Florianópolis: Conselho Estadual de Cultura, 1985.

THIAGO, Arnaldo S. História da literatura catarinense. Rio de Janeiro: s. ed., 1957.

C - DICIONÁRIOS

AULETE, Caldas. Dicionário contemporâneo da língua portuguesa. 5. ed. brasileira, revista e aumentada por Hamilcar Garcia, Rio de Janeiro, Editora Delta, 1964.

BASTOS, J. T. da Silva. **Diccionario etymológico, prosódico e orthográfico da língua portuguesa**. 2. ed., Lisboa, Parceria Antônio Maria Pereira Livraria e Editora, 1928.

COELHO, Jacinto P. **Diccionario de literatura**. 3. ed., Porto, Livraria Figueiredo, 1973.

FERREIRA, Aurélio B. H. **Novo diccionario Aurélio**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.

NASCENTES, Antenor. **Diccionario etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1952.

D - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

ABREU, Capistrano de. **Correspondência de Capistrano de Abreu**. Org. José Honório Rodrigues. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2 v, 1977.

ANDRADE, Mário de. **A lição do amigo**. Cartas a Carlos Drummond de Andrade, anotadas pelo destinatário. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

_____. **Cartas de Mário de Andrade a Álvaro Lins**. Apresentação de Ivan Cavalcanti Proença. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

_____. **Cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira**. Prefácio e notas de Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1958.

- _____. **Mário de Andrade: carta aos mineiros.** Org. Eneida Maria de Souza; Paulo Schimidt. Belo horizonte: UFMG, 1997.
- _____. **Mário e o pirotécnico aprendiz.** Org. Marcos Antônio de Moraes. Belo Horizonte: UFMG, 1995.
- _____. **Cartas a Murilo Miranda (1934 - 1945).** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- _____. **Cartas de Mário de Andrade a Prudente Moraes Neto (1924 - 1936).** Org. Georgina Koifman; apres. Antônio Cândido. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- _____. **Querida Henriqueta, cartas de Mário a Henriqueta Lisboa.** Org. Abigail de Oliveira Carvalho; revisão e introdução e notas de Pe. Lauro Palu. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance.** 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1990.
- BARROS, Roque Spencer. **A ilustração brasileira e a idéia de universidade.** São Paulo: Convívio, 1986.
- BILAC, Olavo. **O noivado de Bilac.** Org. Elmo Elton. Rio de Janeiro: Simões, 1954.
- CAMPADELLI, Samira. **Literatura, história e texto.** 1. ed. São Paulo: Saraiva, v. 3, 1994.
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil.** 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 6 v., 1986.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica.** 4. ed., Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1958.
- CORRÊA, Carlos H. **Os governantes em Santa Catarina de 1739 a 1982: notas biográficas.** Florianópolis: UFSC, 1983.

_____. **Cartas a Mário de Andrade.** Org. Fábio Lucas.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

_____. *III Encontro de edótica e crítica genética -*
ANAIS. João Pessoa, 1993.

_____. *Manuscrita.* v. 3 e 4. São Paulo: APML, USP,
1992, 1993.

V

ÍNDICE ONOMÁSTICO

Nome	Página
ALMEIDA, Renato	— 69.
BARREIROS FILHO, Francisco	— 228, 233.
BASTIDE, Roger	— 108.
BERNARDES, Loureiro	—
BOITEUX, Henrique	— 47.
BOITEUX, Lucas	— 215, 220.
BOLÉO, Paiva	— 152, 167, 190, 230.
BRAGA, Marques	— 178.
CABRAL, Osvaldo	— 102.
CALMON, Pedro	— 75, 82, 236.
CÂMARA JÚNIOR, Matoso	— 182.
CARNEIRO, Ribas	— 50.
CÔNSUL	— 88.
CORRÊA, Nereu	— 122
COSTA, Afonso	— 60, 67, 77, 128, 136, 218.
COSTA, Afrânio	— 183.
CUNHA, Luís de Sousa	— 222.
DÓRIA, Escragnolle	— 120.
DUARTE, Manuel	— 110.
FERNANDES, L	— 135.
FERREIRA, Durval	— 159.
FERREIRA, Joaquim Vieira	— 90.
FERREIRA, Monçaide	— 132.

FONTES, Tomás — 83, 86, 92, 138.
GALLOTTI, Luís — 54, 177.
GUÉRIOS, Rosário Mansur — 140.
HENRIQUE, João — 63, 64.
JARDIM, Viçoso — 235.
KONDER, Alexandre — 116.
LEFRÈVRE, Virgínia — 96.
LEÃO, Múcio — 172.
LIFCHITZ, Míriam — 145.
LIMA, Henrique F. — 73, 79.
LIMA JÚNIOR, Augusto — 157.
MACEDO, Azevedo — 71.
MAGALHÃES, Juraci — 195.
MATOS, Aníbal — 105.
MAYER, Rui F. — 200.
MEIRELES, Cecília — 154.
MELO, Glastone Chaves de — 203.
MELO, José Vaz de — 176.
MURICI, Andrade — 150, 206, 208, 213.
NUNES, José de Sá — 173.
NASCENTES, Antenor — 223.
PADRE Braun — 226.
PADRE Provincial da S.J. — 156.
PADBERG — 93.
PELUSO, Vítor — 157.
PEREIRA, Artur — 161.

PEREIRA, Artur — 161.
PEREIRA, Carlos da — 58.
PINA, Celestino — 133.
PINTO, Edmundo — 100.
PIZA, Gustavo — 98.
RAMOS, Mauro — 57.
RAMOS, Nereu — 52.
SAMPAIO, Bernardo Pedral — 217.
SCHADEN, Egon — 103.
SILVA, José Ferreira da — 234.
SILVA NETO, Serafim da — 114, 118, 187, 189, 192, 199, 201, 209.
SILVEIRA BUENO, Francisco — 148.
SILVEIRA JÚNIOR, Norberto Cândido — 142, 144, 165.
SPALDING, Válter — 162.
SOUSA, João Paulo Silveira de — 225.
SOUZA, Cláudio — 185.
TOURINHO, Mário — 130.
VOGT, Ernesto — 112.
VALLADÃO, Alfredo — 126.
VALLADÃO, Haroldo — 124.

VI

ÍNDICE DAS CARTAS

Carta	Página
CARTA I	47
CARTA II	50
CARTA III	52
CARTA IV	54
CARTA V	57
CARTA VI	58
CARTA VII	60
CARTA VIII	63
CARTA IX	64
CARTA X	67
CARTA XI	69
CARTA XII	71
CARTA XIII	73
CARTA XIV	75
CARTA XV	77
CARTA XVI	79
CARTA XVII	82
CARTA XVIII	83
CARTA XIX	86
CARTA XX	88
CARTA XXI	90
CARTA XXII	92
CARTA XXIII	93
CARTA XXIV	96

CARTA XXV	98
CARTA XXVI	100
CARTA XXVII	102
CARTA XXVIII	103
CARTA XXIX	105
CARTA XXX	108
CARTA XXXI	110
CARTA XXXII	112
CARTA XXXIII	114
CARTA XXXIV	116
CARTA XXXV	118
CARTA XXXVI	120
CARTA XXXVII	122
CARTA XXXVIII	124
CARTA XXXIX	126
CARTA XL	128
CARTA XLI	130
CARTA XLII	132
CARTA XLIII	133
CARTA XLIV	135
CARTA XLV	136
CARTA XLVI	138
CARTA XLVII	140
CARTA XLVIII	142
CARTA XLIX	144
CARTA L	145

CARTA LI	148
CARTA LII	150
CARTA LIII	152
CARTA LIV	154
CARTA LV	156
CARTA LVI	157
CARTA LVII	159
CARTA LVIII	161
CARTA LIX	162
CARTA LX	165
CARTA LXI	167
CARTA LXII	172
CARTA LXIII	173
CARTA LXIV	176
CARTA LXV	177
CARTA LXVI	178
CARTA LXVII	182
CARTA LXXVIII	183
CARTA LXIX	185
CARTA LXX	187
CARTA LXXI	189
CARTA LXXII	190
CARTA LXXIII	192
CARTA LXXIV	195
CARTA LXXV	197
CARTA LXXVI	199

CARTA LXXVII	200
CARTA LXXVIII	201
CARTA LXXIX	203
CARTA LXXX	206
CARTA LXXXI	208
CARTA LXXXII	209
CARTA LXXXIII	213
CARTA LXXXIV	215
CARTA LXXXV	217
CARTA LXXXVI	218
CARTA LXXXVII	220
CARTA LXXXVIII	222
CARTA LXXXIX	223
CARTA XC	225
CARTA XCI	226
CARTA XCII	228
CARTA XCIII	230
CARTA XCIV	233
CARTA XCV	234
CARTA XCVI	235
CARTA XCVII	236

VII

APÊNDICE

Meu prezado e illustre amigo sr. Almirante Boitsux,

Só agora, passados quasi seis meses, venho agradecer-lhe a gentileza da remessa do curioso oraculo que, em hexametro latino, responde ás consultas dos miseros ignorantes do dia de hoje sobre os dias por virem.

Não lhe agradei de prompto o maravilhoso presente, porque a sua chegada coincidiu com a explosão do movimento paulista e, numa quadra de correspondencia censurada, discretisar epistolamente sobre coisas sibyllinas ^{seria caso} para fazer erregalar-se o olho policial do governo, que mi naturalmente não admittiria que, em momento de tão graves apprehensões nacionaes, estivesse um official general de provedos sentimentos civicos a occupar-se com assumptos tão extranhos á ordem do dia, e por isso, no conteúdo da missiva, não enxergaria uma innocente distracção espiritual, mas lobrigaria talvez as cifras de ponderosos communicados capazes de solaparem as instituições.

Eu quis poupar aborrecimentos ao meu preclaro amigo, ainda á custa das regras da cortesia.

Agora parece, porém, que podemos falar, sem que em nossas palavras se lobrigue algo do mysterio do escripto remettido, cuja efficacia apurei, applicando-lhe os canones sobre a seguinte pergunta: Estará ainda longe o dia da confraternização geral americana? E do bojo da tabella foram surgindo letras que assim responderam:

DICO: SATIS SUBITO PRAEDICIIT COMMODA CARMEN.

Fiquei maravilhado. Formulei nova consulta e as letras magicas não me negaram solução consentanea com o interrogado.

Depois disso, resolvi-me a desvendar o mysterio.

Atraves das sommas, multiplicações e transposições pres-

criptas, tão complicadas como os canaes competentes da burocracia nacional, mas em todo o caso menos intrincadas do que o calculo do imposto sobre a renda e a legislação do ensino, cheguei ás seguintes conclusões:

1. O emaranhado e longo processo para obter os numeros que dão lugar á oata de letras na tabella, visa diminuir a frequencia das consultas, porque, conseguidas dez respostas, não obstantesseren 531.441 as combinações possíveis, not aria o consulente a repetição de seis palavras, no mínimo.

2. Nas respostas figuram somente as palavras dos seguintes seis grupos, uma de cada um delles e na orden em que elles vão aqui dispostos:

I	II	III	IV	V	VI
dico	etenim	fausto	rumpet tibi	foedera	fatum
ista	favens	cupido	complebit	talía	casus
ecce	sicas	licite	non cedit	prospera	numen
tanta	niris	dubie	solvat tibi	commoda	sidus
forte	lubens	subito	promittit	gaudia	hic annus
jura	magis	corto	praedicat	jubilia	vates
mille	magis	vere	cedet tibi	soecula	carmen
nommo	optas	juste	non reddet	proemia	tempus
credo	quidem	merito	donabit	debita	coelum

3. As palavras assim tomadas dão sempre um hexametro de sentido agradável, que, por vago, se ajusta mais ou menos á pergunta formulada.

4. Pode-se adaptar o oraculo á lingua vernacula, dependendo o caso de alguma paciencia.

Vê por ahí o meu bondoso amigo oapreço que me mereceu a sua interessante offerta. Por ella lhe renovo aqui meus agradecimentos, e outros mui cordiaes lhe apresento tambem pelo offerecimento de seu novo volume dos Nossos Almirantes, obra que o honra como tecnico, historiographo e patriota.

Abraços affectuosos e votos de felicidades de

16/12/52

Meu caro dr. Ribas Carneiro,

Já lhe expressei de viva voz o meu encanto pela sua aula e a minha edificação ante a eficiência de sua Faculdade. Sobre esta, relembrando a desconfiança que punha em quarentena o ensino e os exames de Niterói, já lhe disse ~~xxx~~ que é de se proclamar ter ella extirpado ~~xxxxxxxxxxxxxxxx~~ essa desconfiança, aliás não desarrazoadas. Assim, comparados pretérito e presente, a impressão é a das grandes conversões de almas e de ambientes, é a do perseguidor tornado apóstolo, é a de Saulo para Paulo, é a do meio malsão mudado em viveiro de saúde e alegria, é o Rio de Janeiro de antes e após Tasso e Osvaldo Cruz, são os paues pontinos vencidos pela diadema de Litórea.

Relativamente á sua aula, ao que lhe declarei oralmente e em presença de dois moços, que já não são árvores em promissora florescência, mas árvores floridas e copiosamente frutificantes - Luís Gallotti e Themístocles Cavalcanti; -relativamente á sua aula, transcreverei aqui o que disse em carta escrita á minha mulher, quer dizer, em carta em que falou o coração: "Assisti a uma aula de direito commercial do meu amigo dr. Ribas Carneiro. Que aula modelar! Em linguagem correcta, claríssima e elegante, e em tom de palestra, em que os alumnos eram tratados por vocês, expôs elle, sem auxílio de livro ou apontamento, matéria que, apesar de árida e rebelde a flores, se tornou geométrica, colorida e appetecível para subsequente estudo. Além disso, foi aula theórica e prática e os alumnos, numerosos e attentos, passaram, por vezes, de ouvintes a interlocutores. Saí dessa aula satisfeitíssimo e convicto de que a Faculdade de Niterói está cumprindo conscienciosamente a sua Missão."

Julguei-me no dever de lhe repetir estas coisas por escrito, como preito de justiça e sem qualquer intuito de lisonja: o meu preclaro amigo não pertence ao Conselho Nacional de Educação, junto ao qual, como sabe, estou tratando de interêsses da Faculdade de Direito da minha terra. É que é do meu feitio optimista ou, antes, melhorista falar, sem quebra da verdade, de coisas agradáveis. Por esse motivo, nas cartas que quotidianamente escrevo á família e a amigos, e em que dou impressões de factos memoráveis, não me referi ainda, e jamais me referirei, a certas cadeiras que vi em certo pretório: dellas só falarei, quando, empalhadas ou estofadas, foram reintegradas na situação a que, na hierarchia mobiliária, toem direito certo e incontestável, libertas não direi da capitis diminutio, mas da fundum diminutio que as violenta.

Creia-me sempre

Seu amigo, collega e admirador

Rio, 14 de maio de 1937.

Meu caro amigo Governador Herêu Ramos,

Saúde e paz.

Conforme o propósito que lhe communiquei de me aproximar aqui de sociedades doudas, para, assim, procurar reacender o gosto dos catharinenses pelas coisas de sciências e arte, estive com membros proeminentes da Academia Carioca de Letras. Pelatei-lhes, de entrada, o promettimento, que você me fizera, de casa para as associações, e é esse promettimento que tomo a liberdade de vir lembrar, esperando-lhe a positivação em verba orçamentária.

Dêsse primeiro contacto com representantes do movimento cultural brasileiro, vi a necessidade de que o nosso Estado saia do marasmo em que se afundou. A dita Academia, sem embargo de o qualificativo Carioca attribuir-lhe carácter regional, vem fazendo obra que transcende os limites da capital da República, para se estender a todo o território nacional. Quiçá mesmo o transponha, dilatando-se a outras regiões onde se fale o português e onde se estude philologia românica. Não exaggero. Bastará dizer que o trabalho do grupo de entusiastas que tem Affonso Costa e Pogueira da Silva á frente já chamou a atenção e está merecendo a collaboração de um philólogo do valor de Georges Millardet, professor da Sorbonne e da Universidade do Districto Federal. Prova da efficiência dêsse cenáculo é o Congresso das Academias de Letras que elle reuniu no anno passado e a que succedeu a confederação dessas sociedades. Do Congresso, de ^{que} estão sendo publicados os annaes, esteve ausente Santa Catharina. E ella poderia ter-lhe trazido subsídios. Citarei um caso. Discutiu-se a etymologia e significação de uma das palavras que entram no título da Academia: a palavra carioca. Foram apresentadas tres theses eruditas, mas divergentes na conclusão. Pois, nesse ponto, Santa Catharina poderia ter produzido adminículo talvez decisivo: é que, entre nós, pelo menos, em nossa capital, o termo carioca tem valor de substantivo appellativo, cuja significação se ajusta ás lições de Baptista Caetano e von Martius, citadas pelos dissertadores, mas por elles não aceitas, de "casa da corrente do mato" e "domus fontis".

Certo de você tudo fará para que o seu governo tambem se recomende pela protecção ás obras desinteresseiras da intelligência e relembrando aqui a suggestão, já avivada em carta que enderecei ao Altamiro, do quarteirão universitário, abraça-o com muita estima

o amigo de sempre

IV
Florianópolis, 18 de dezembro de 1937.

Meu caro Luis Gallotti,

Saúde e muitas felicidades a você e aos seus, com votos especiais para que Luis Octávio já esteja com a perna curada e rijo e sã.

Só hoje respondo à sua amável carta de 21 de novembro, porque hoje, praticamente, entrei no regimen de férias (ellas começaram a 21, mas hoje realizou-se a última sessão, que foi extraordinária e só para a leitura de accórdãos). e entro com o serviço em dia, pois só tenho um agravo para relatar na primeira sessão do anno vindouro, dois processos em que sou relator, recebidos ontem, e mais um outro em que sou revisor, também ontem recebido.

O decreto-lei das desaccumulações não teve a orientação que você esperava. A nossa Faculdade está, por isso, agonizantezinha. Tu e os collegas magistrados deixámos o exercício a 11 de novembro e já fomos exonerados. Talvez a possa salvar a conversão em instituto livre que está sendo adoptada por outros institutos officiaes e que está merecendo estudo do governo do Estado. Sobre a hypóthese, tenho estado em correspondência com o Arthur Costa, pondo-o ao corrente da solução que attenderia também ao nosso caso, que é o de instituição que deverá viver quasi exclusivamente de subvenção dos cofres estaduais. É preciso, pois, boa vontade do legislador federal, de modo que a escolas nessas condições: a) se considere como renda própria a subvenção; b) não se extenda a ellas a assemelhação que se fez quanto ao Lloyd, ao Banco do Brasil, etc., deixando-se expresso que não são attingidas pelas prohibições dos arts. 92 e 159 da Carta Constitucional.

Entendo até que o ensino muito poderá lucrar (já que não permitidas as accumulações nem mesmo no magistério) com a transformação das escolas officiaes em livres, estabelecendo, porém, fiscalização rigorosa em vez da que há actualmente e que está, em geral, confiada a pessoas sem conhecimentos technicos e didácticos e que, por isso se limitam, quando de facto fiscalizam, á verificação de exterioridades burocráticas.

Entendo que o magistério, num estado corporativo, deve contar não só com professores-professores (ainda não temos Faculdade de Educação!), mas também com professores-profissionais, isto é, com professores que, por experiência própria, conheçam a realidade concreta da profissão para a qual estão preparando os discentes; assim, no curso jurídico, que é o que nos interessa no momento, professores que

tenham prática de julgar como juizes que também são, professores que

conheçam, pelo trato quotidiano com os casos usuaes e com os auditórios de justiça, o que é a lida do advogado. Teremos, assim, dentro do honorario corporativas ajustado o ensino superior profissional, isto é, os que seguem uma profissão preparando os que a desejam abraçar. Nos vários ministeres, como dizia Camões da "disciplina militar prestante", tambem se pode proclamar que

Não se aprendem? Senhor , na fantasia,
Sonhando, imaginando ou estudando,
Senão vendo, tratando e pelejando.

Em fim, meu caro Lúcio Gallotti, estou aqui a falar como se me coubesse legislar sobre ensino. Mas você sabe, e eu disso não faço mysterio que só estou nas lidês jurídicas, nas quaes me sinto muito honrado, por que circunstâncias ineluctáveis me afastaram do magistério.

Agora, outro assumpto, coisa positiva em que você me poderá valer. O meu distincto amigo dr. Vasco Henrique d'Avila, procurador da República aqui, tem grande desejo de ir para igual cargo no Rio Grande do Sul, que, segundo lhe parece, vae vagar. Para tratar dêsse caso e tambem de outros que se prendem ao seu funcionamento junto á justiça local, deseja elle ir ao Rio. Mas, a não ser com licença, só poderia ir a chamado do Procurador Geral. Você não poderia conseguir êsse chamado, ou fórmula equivalente? Desnecessário é lembrar que a vaga do dr. Avila poderá resolver a situação do Oswaldo Bulcão.

Com a estima de sempre, abraça-p

o admirador e amigo certo

V

Florianópolis, 21 de dezembro de 1937.

Meu caro Prefeito e amigo sr. Mauro Famos,

Venho trazer-lhe meus parabens e applausos pela iniciativa de organizar o archivo municipal e instituir a publicação periódica das peças mais interessantes.

Haverá, assim, bom material para pesquisas históricas e para interpretações novas de factos já conhecidos: o estudioso não terá necessidade de louvar-se nas narrativas e conclusões dos antecessores, que compulsaram documentos difficilmente encontráveis ou mesmo desaparecidos, e disporá de elementos para novos trabalhos que a sciência for exigindo.

Cumpre-me ainda salientar que o orientador do serviço, o operoso e culto dr. Oswaldo Rodrigues Cabral é segurança de que elle terá execução adequada.

Cordiaes saudações.

Florianópolis, 29 de dezembro de 1937.

Meu caro Carlos da Costa Pereira,

Os trabalhos judiciários puseram-me em atraso a correspondência particular. Por esse motivo, só agora, aproveitando as férias, lhe mando meus agradecimentos pela oferta da monographia relativa ao nascimento de frei Fernando Trejo y Senabria em São Francisco. Li-a com a atenção que merecem os conscienciosos estudos que você faz, e tive a satisfação de verificar que, sem qualquer eiva de bairrismo, você, apoiando-se em autores aos quaes seria grato terem o illustre prelado por compatriota, deixa extreme de dúvida ser elle um conterrâneo seu e, assim, uma glória da terra catharinense.

Relativamente á observação que você faz á pagina 17, nos seguintes termos: "é de extranhar que, sendo o pae um Soares de Toledo, fôsse o filho usar o patronímico Saavedra", peço a sua atenção para o arranjo que, em geral, dão os hespanhóes aos nomes de família: mencionam em primeiro lugar o appellido paterno e por último o materno. O nome de D. Fernando da Trejo y Senabria é um exemplo dessa regra. Isto posto, parece-me, entretanto, que você está com a razão em presumir que Fernando Arias de Saavedra não é irmão do bispo.

Cordialmente, aguardando novos trabalhos seus e desejando muito vê-lo nesta Capital a animar estudos históricos, abraça-o

o admirador e amigo certo

Florianópolis, 18 de Junho de 1938.

Meu prezado amigo dr. Affonso Costa,

Recebi hoje sua gravel carta de 13 do corrente e apresse-me em dar-lhe resposta, pois já estou em dívida relativamente à notícia que prometti enviar sobre a reorganização da Academia. Conforme convite que expedi aos académicos e de que mandei um exemplar ao illustre amigo, realizou-se, precisamente há um mês, reunião para ser tratado o assumpto. O resultado foi satisfactorio. Houve numero sufficiente para uma assembleia, sendo logo eleita a directoria. A escolha do presidente, conforme telegraphicamente/comuniquei, recaiu no dr. Ivo de Aquino, que, pelo seu notavel talento e profunda cultura geral, jurídica e literaria, está perfeitamente à altura do cargo. Além disso, tem elle alta situação social, pois é presentemente Secretário do Interior e Justiça. A Academia tem já feito algumas sessões semanaes e estou certo de que, brevemente, tratará de entrar para a Federação.

Eu não faço parte da directoria, porque os poucos lazeres que me deixa o serviço ferense estão consagrados ao Instituto e à Faculdade de Direito, ora transformada em escola livre. O Instituto Histórico, de qual seu presidente, reorganizado em abril ultimo, vai trabalhando com regularidade. Assim é que commemorou com sessão solenne o jubileu da lei aurea e vai realizando suas sessões ordinarias todas as quintas-feiras. Em breve, com auxilio do governo do Estado, reencetará a publicação de sua Revista. O Governo já cogitou de dar-lhe sede propria, propende-se comprar a casa em que nasceu o poeta Luis Delfino, que seria restaurada. Essa casa é, porém, pequena. É modestissima nasadadeportada e janela, engravada entre outras casas e, assim, sem preperções para uma sede qual a requer o Instituto. Há aqui outra casa tambem historica e com mais terreno e além disso com curiosas linhas colonias. Está velha e fora de alinhamento, mas poderá ser reedificada no mesmo estylo architectónico. É a casa em que nasceu Victor Meirelles. Sobre ella, numa atrevida contraproposta, vamos falar ao chefe do Governo, o dr. Nereu Ramos, que está dando o devido valor aos nossos trabalhos. Conte-lhe estas miudezas, para que o meu amigo fique sciente de que estou vigilante e de que conto com excellentes companheiros. Para amor tra, envie-lhe pelo correio commum um numero do Diário Officiel em que há

um parecer do Instituto relativamente à data da descobrimento do Brasil. No mesmo jornal encontrará o meu distincto amigo ~~meu~~ desalinhavado trabalho meu, lido por ocasião de justa homenagem prestada ao eminente brasileiro dr. Lauro Müller.

Peço-lhe ~~que~~ me recomende aos seus ~~claros~~ confrades Phócion ~~Corpa~~, Attilio Milane, Modesto de Abreu, Cândido Jucá e Adauto Câmara. Ao nosso bom Nogueira da Silva, per seu intermédio, mando fraternal abraço. Deixo aqui também expresso o grande pesar que me causou a morte prematura de operoso Alcides Bezerra.

Desejando-lhe, meu prezadíssimo dr. Affense Costa, todas as felicidades e esperando ver, dentro em pouco, realizado o seu nobre sonho da alliança de todas as Academias de Letras, abraça-o, com muita estima

Handwritten signature and stamp:
 The signature appears to be "L. Costa" or similar, written in cursive. To the right of the signature is a circular stamp, which is mostly illegible due to fading and the quality of the scan. Some faint text is visible within the stamp, possibly including a date or a name.

VIII

Florianópolis, 17 de setembro de 1938.

Exmo. Sr. Professor Dr. João Henrique,

Conhecedor e apreciador que sou de obras do illustre collega, desejava possuir a intitulada ORIGEM E SIGNIFICAÇÃO DOS NOMES DE PESSOAS, pois a matéria de que ella trata grandemente me interessa e de há muito vem sendo objecto de meus estudos. Pedí-a recentemente à Livraria do Globo, que me deu a lacônica resposta: "Não temos". Tomo, por isso, a liberdade de me dirigir ao erudito autor, solicitando-lhe o obsequio de me informar onde a poderei adquirir.

Antecipando meus agradecimentos, subscrevo-me, com alta consideração,

Endereço:

Henrique da Silva Fontes,
Avenida Trompowsky, 14, Florianópolis,
Estado de Santa Catharina.

Florianópolis, 24 de outubro de 1938.

Exmo. Sr. Professor Dr. João Henrique,

Muito agradeço ao illustre collega a gentileza da offerta da FILOLOGIA JURIDICA e da ORIGEM E SIGNIFICAÇÃO DOS NOMES PROPRIOS. O primeiro d'esses livros já figura em minha estante; mas o exemplar ora recebido, dada a anável dedicatória, que para mim lhe dá novo valor, substituirá o que possuo. Quanto ao segundo, que era o que, e no momento, me interessava especialmente, li-o já, com a devida attenção. E, porque o illustrado autor deseja que cada estudioso contribua com suas luzes e esforços para desvendar os mysterios da origem e significação de taes nomes, direi, à pressa, breves palavras relativamente a alguns mencionados nas primeiras páginas do interessante trabalho.

AVELLINO deve ser nome pátrio: de Avella (a malifera Abella, de que fala Vergílio, na Eneida, VII, 740), ou de Avellino, tambem na Itália. Note-se que Abella parece affim do germânico APPEL. A ella deve o nome as avellãs. Registre-se tambem: Santo André Avellino, festejado a 10 de novembro.

NEPOMUCENO é nome pátrio. O santo de nome João que tem tal sobrenome era natural de Pomuk, na Bohémia.

ALCIBIADES é patronímico de Alkibios (grego, alké e bios).

ANNIBAL é púnico: graça de Baal.

ATTILA dão-no alguns como góthico e com a significação de paesinho.

BRENNO originariamente é nome comum: designava o chefe entre os gauleses.

LUTHERO, CLOTHÁRIO e LOTHÁRIO são formas divergentes. Elementos germânicos componentes: Hlut, famoso, glorioso; hari, exército.

TALITHA vem no Novo Testamento, Marcos, 5:41. Lá é dada a significação: menina. Nos Actos dos Apóstolos há uma TABITHA, 9:40.

THAÍS é nome grego, tambem appellativo. Designava uma espécie de faixa usada na cabeça (tháís, thaídos).

ALARICO é góthico: todo poderoso.

ABELARDO parece francês; há quem lhe dê como étymo abeille e como significação colmeieiro.

ADALARDO é germânico: forte pela nobreza, nobre e forte (adal, hart).

ADALBERTO, germânico: brilhante pela nobreza, nobre e brilhante (adal, berht).

ADELAIDE, germânico: de qualidade nobre.

X

Florianópolis, 25 de novembro de 1938.

Meu caro e illustre amigo dr. Affonso Costa,

Não me canso de admirar nem de proclamar a sua operosidade e a sua persistente acção para que outros também trabalhem.

Aqui também se tem feito sentir o influxo dessas suas excellentes qualidades. Assim é que a Academia de Letras, conforme já tenho noticiado, já está restaurada e vai trabalhando. Já fez eleição para uma das vagas, estando a recepção marcada para 17 de dezembro, e conta três candidatos para outras cadeiras desocupadas. Espero, pois, que o seu desejo, manifestado na conitadora carta datada do cívico dia 19, estará em breve satisfeita. Sobre o caso falei novamente com o presidente dr. Ivó de Aquino e com outros acadêmicos.

O Instituto Histórico vai também trabalhando. Realiza sessões semanais e quinzenalmente ouve conferências de sócios. Já se realizaram oito e para 19 de dezembro há orador ing cripto. Eu já roubei setenta minutos aos meus consócios, e outros tantos espero roubar ao meu amigo, apresentando-lhe a maçada impressa. Creio até que, ao menos pelo assumpto, lhe interessará: versou sobre a vida do conselheiro José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello, que, no Estado natal do meu preclaro amigo, fundou a Academia Brasília dos Renascidos e aqui na minha terra, por quinze annos, amargou numa fortaleza a reclusão que lhe foi imposta pelo marquês de Pombal. A impressão já está quasi prompta, sendo supérfluo declarar que não me esquecerei de remetter o folheto aos seus exemplares companheiros, cuja assiduidade nos trabalhos da Academia e da Federação, conforme vejo do Jornal do Comércio, corresponde aos primores do grande animador Affonso Costa.

Abraços affectuosos

[Handwritten signature and circular stamp]

Florianópolis, 25 de novembro de 1938.

Prezado sr. dr. Renato Almeida,

Saudando-o muito cordialmente, accuso o recebimento de sua amável carta de 17.

Cumpre-me communicar-lhe que ontem expedi pelo correio commum uma composição de João Francisco de Sousa Coutinho: Missa à Santíssima Virgem. Falta, infelizmente, a parte correspondente à letra, que a pessoa que ma forneceu, e de quem já tratei em minha carta anterior, o sr. Alvaro Sousa, não possui.

Gabou-ma elle a peça, em cuja execução, em tempos passados, tomou parte. Ach-a até superior à Missa do Santíssimo Sacramento de que já lhe falei e de que ainda não envio cópia por ser obra mais extensa (51 páginas).

Continuo a trabalhar para obter novas composições e tenho esperanças de bom êxito. É desnecessário declarar que redobrarei esforços se, pela amostra enviada, julgar o autorizado dr. Renato Almeida que as produções de Coutinho merecem ser salvas do esquecimento.

Vão hoje umas notas sôbre João ADOLFO Ferreira de MELLO, que gozou de alto renome entre os catharinenses. Já providenciei tambem para ser copiada uma de suas músicas - Dança fantástica, op. 18, que espero enviar-lhe dentro em breves dias.

Com muita consideração, aguarda suas ordens

o adm. att.

Florianópolis, 5 de dezembro de 1938.

Illustre Professor Dr. Azevedo Macedo,

No dia marcado para o início dos concursos em que o meu amigo e mestre e eu éramos examinadores, no dia em que eu deveria estar ufano ao seu lado como collega, venho constrangido explicar o telegramma que, a 30 de novembro, lhe enviou o director da Faculdade. Como o Sr. sabe, há uma lei federal que dá ao Ministro da Educação o direito de mandar reabrir a inscrição para os concursos que não se tenham realizado no anno subsequente ao seu encerramento. Nestas condições estava o nosso. Por esse motivo, já depois de marcado o dia de hoje para o começo dos trabalhos, fez o director da Faculdade consulta ao Ministro para saber se elle desejava determinar a reabertura da inscrição. A consulta foi feita em tempo hábil para que viesse a tempo a resposta, e esta foi mesmo reiteradamente solicitada em telegrammas. Mas até 30 de novembro não foi dada. Dahi a procrastinação para dia ainda indeterminável, porque até agora não veio a decisão desejada. Tudo isso nos deixou embaraçados, mormente diante do convite que havíamos feito ao meu preclaro amigo, que, em telegramma de 30, se me declarou pronto para vir tomar conta do seu posto de trabalho.

Com estas explicações, que lhe presto tambem em nome do Conselho Técnico, devo ainda declarar ao meu bondoso mestre que a Faculdade o indemnizará de qualquer despesa que tenha feito com os preparativos da viagem e que lhe poderá ser comunicada por meu intermédio.

Passo agora a assumpto mais agradável. Recebi ante-ontem o seu trabalho CAMPO LARGO E O SEU PRIMEIRO JUIZ DE DIREITO. Um dos exemplares enviados traz amável dedicatória ao seu discípulo e admirador. Os demais não tem endereço, donde suppor sejam para distribuição a quem possa apreciar a matéria versada. Li-o immediatamente, com a devida atenção, inteirando-me da vida de sua cidade natal e da gloriosa dita que lhe cebe de ter por primeiro juiz e por perpétuo amigo o grande Macedo Soares. Muito apreciei as suas exactas observações sobre a alta missão civilizadora do juiz de direito nas cidades do interior, que a acção de Macedo Soares em sua terra bem demonstra e illustra.

Com votos de completas felicidades, abraço-o

o discípulo, admirador e amigo

XIII

Exmo. Sr. Coronel Henrique Ferreira Lima dos Santos,
M. D. Director do Arquivo Militar,

Lisboa.

Por indicação do meu eminente amigo sr. Almirante Henrique Boiteux, grande admirador de V. Exa. por motivo das prontas e prestimosas informações que de V. Exa. tem fecebido, tomo a liberdade de me dirigir a V. Exa.

Como do livrinho que vai em separado verá V. Exa., se se dignar lê-lo, fiz rápido estudo da vida do Conselheiro JOSÉ MASCARENHAS PACHECO PEREIRA COELHO DE MELO, natural do Faro, que foi militar até cêrca dos trinta anos e que teve um filho - Elias Alexandre e Silva, que tambem seguiu a carreira das armas. Muito me pe-nhoraria, pois, V. Exa. se heuvesse por bem fornecer-me qualquer notícia que porventura conheça relativamente ao pai ou ao filho como soldados, ou em outra qualquer condição.

Segundo informações que me foram recentemente prestadas, há ainda no Algarve parentes do Conselheiro: o professor Lister Franco, de Faro, e o sr. Manuel Figueirido Mascarenhas, de São Bartolomeu de Messines. Ao primeiro já escrevi, oferecendo-lhe um exemplar do meu modesto trabalho e remetendo-lhe outros para distribuição a estudiosos, à imprensa e a instituições locais.

Desculpar-me-á V. Exa. o atrevimento da carta, que é de filho de portuguezs, acostumado a sempre confiadamente dirigir-se a patrícios de seu pai. Além disso, tenho para mim que, entre pessoas que se dedicam a estas coisas de pensamento, deve haver fraternidade capaz de desculpar importunações como a presente.

Com muita veneração e antecipando agradecimentos pela atenção que V. Exa. quizer dispensar ao meu pedido, sou de V. Exa.

Florianópolis, ¹³ ~~10~~ ^{maio} de abril de 1939.

Exmo. Sr. Professor Dr. Pedro Calmon,

Muito desvanecido, recebi suas palavras sôbre o meu opúsculo, tendo grata surpresa na informação relativa ao filho do Conselheiro José Mascarenhas. Não me espantou, entretanto, a data do nascimento de Elias Alexandre, pois me parecia pouco provável que elle houvesse nascido por volta do enno de 1759, na Bahia, o que, na melhor hypóthese, lhe daria 20 annos por ocasião da ida para Portugal em 1778. Era pouco crível que pessoa dessa idade já houvesse prestado serviços capazes do galardão de um hábito de Christo. Surprehendeu-me foi o lugar do nascimento, porque, pelas conjecturas que eu andava a fazer, deveria elle ter visto a luz em Portugal. Mas sabê-lo nascido no Rio de Janeiro e em 1753, quando o pae, como frisa V. Exa., era ainda estudante, é realmente de atordoar. Só se há na vida da genitora de Elias romance começado no reino e interrompido com viagem para o Brasil...

Fica ao meu cuidado, - e esse já era mesmo propósito meu, - rastrear nos archivos daqui informes ^{da} pae e filho. Espero tambem que delles me venham notícias de Portugal, pois enviei o meu trabalho a um membro da família Mascarenhas residente na cidade do Faro, o professor Lister Franco. Enviei-o ainda ao coronel Henrique Ferreira Lima dos Santos, director do Archivô Militar, de Lisboa, e que me dizem ser pessoa tão erudita quanto prestimosa.

Do que apurar ou receber darei conta a V. Exa. esperando, por outro lado, a promettida remessa do seu artigo sôbre Elias Alexandre.

Honrou-me tambem V. Exa. com a declaração de que desejaria conhecer outros trabalhos históricos meus. Pouco lhe poderei mandar nesse gênero, porque sempre tive vida de escassos lazeres e os que, depois de juiz, vou tendo consagro-os à regência de uma cadeira de Economia Política e, conforme explico no meu opúsculo, à pesquisa ^{muito} não da história dos homens, que outrora me interessou, mas da história dos nomes dos ho-
mens. Neste assumpto tenho tambem pouca coisa publicada, mas

possuo apontamentos já bastante desenvolvidos.

Na collecção da Revista do Instituto Historico aqui, que tenho o prazer de lhe enviar em separado, e do recorte de jornal que vai incluso nesta, terá V. Exa. amostra dos meus velhos e novos estudos.

Com muito aprêço e aguardando ordens de V. Exa.,
subscreve-se

Florianópolis, 3 de junho de 1939.

Meu caríssimo dr, Affonso Costa,

Saúde e muitas felicidades.

Respondo à sua prezada carta de 4 do mês findo.

A adesão do Instituto Histórico já seguiu, sendo designado representante o dr. Dinis Júnior. A do Governo do Estado irá brevemente. Posso até adiantar-lhe que já foi consultada pessoa aí residente sobre se aceita a representação. Hoje, pelo correio comum, envio a minha adesão. Não poderei, porém, comparecer ao Congresso, como era meurardente desejo, e isso por vários motivos, sendo o preponderante o não poder presentemente afastar-me do Tribunal.

Quanto à confederação da Academia Catharinense, não há ainda razão para desânimos. Acho até que o meu tenaz amigo tem agora oportunidade para nova e decisiva arremetida, falando ao respectivo presidente, o dr. Ivo de Aquino, que ahí está em serviço do Governo do Estado, no qual tem o cargo de Secretário do Interior e Justiça. Terá também o meu apostolar amigo ensejo para conhecer um dos mais cultos e brilhantes espíritos da terra barrigga verde. O dr. Ivo está hospedado no Hotel América, á rua do Cattete.

Muito cordialmente o abraça e pede ordens

o amigo e amigo

Florianópolis, Estado de Santa Catarina, Brasil,

9 de junho de 1939.

Exmo. Sr. Coronel Henrique de Campos Ferreira Lima,

Cumprimentando-o muito cordialmente, apresso-me em agradecer a V. Exa. a atenção que se dignou dispensar à minha carta e os valiosos presentes de que fez acompanhar a sua delicada resposta, datada de 17 do mês findo.

A SENTENÇA DA ALÇADA é para mim de inestimável utilidade, porque me traz subsídio para maior desenvolvimento que pretendo dar ao estudo da vida de José Mascarenhas. E o mais interessante é que, devido à raridade desse documento, sempre me pareceu pouco provável tê-lo à mão para consulta directa. A gentileza de V. Exa. trouxe-me, porém, o mais grato desengano.

A HISTÓRIA DE ANGOLA, de que só tive conhecimento há cerca de um mês, é outro livro que se me tornara indispensável e, por isso, ia eu dar os passos necessários para o obter. Dele tive notícia por intermédio do ilustre historiador patricio dr. Pedro Calmon, a quem eu havia remetido a monografia relativa a Mascarenhas. Informou-me êle que já havia escrito sobre Elias Alexandre e prometeu enviar-mo; até agora não cumpriu, entretanto, o prometido. Pedi-me ainda que procurasse nos arquivos daqui notas sobre Elias, e para isso já me entendi com pessoa competente. A V. Exa. oportunamente comunicarei qualquer novidade que se venha a descobrir sobre o filho de Mascarenhas.

Os trabalhos de sua autoria que V. Exa. ofereceu ao Instituto Histórico, de que tenho a honra de ser presidente, foram entregues na sessão que ontem se realizou, e da sta respectiva constarão as palavras de rigorosa justiça que proferi sobre o fidalgo préstimo de V. Exa. Dos trabalhos enviados e de outros constantes do catálogo da exposição bibliográfica de autores militares portugueses, fica bem patente o mérito do operoso e erudito polígrafo que é V. Exa. Vou até providenciar junto a livrarias do Rio de Janeiro para obter os que se referem a figuras literárias.

Pelo correio comum, remeterêi a V. Exa. algumas obras brasileiras cujo conhecimento, segundo penso, poderá interessar-lhe, e com grande satisfação receberei de V. Exa. a declaração de que se interessa por tais e tais livros brasileiros. Assim, enviando-lhos, poderei significar-lhe o meu alto apreço e insaldável reconhecimento. Enviarei também dez exemplares da minha despreziosa conferência, e da sua bondade espero se digna dar-lhos os seguintes destinos: um ao Arquivo Histórico Militar, um à Academia de Ciências, um à Sociedade de Geografia, um ao sr. dr. Manuel Múrias, um ao sr. João Lúcio de Azevedo e um à biblioteca de Évora, onde há as cartas que Mascarenhas escreveu a D. Manuel do Cenáculo. Aos restantes dará V. Exa. o destino que achar conveniente.

Do professor Lister Franco ainda nada recebi. E, entretanto, possível que êle ainda me envie o artigo de que V. Exa. me deu notícia. Se o não fizer, eu mesmo lho pedirei.

Com a mais subida consideração, reiterando seus agradecimentos e desejando a V. Exa. as mais completas felicidades, subcreve-se

Enderêço:
Henrique da Silva Fontes,
Avenida Trompowsky, 14
Florianópolis, Estado de Santa Catarina
BRASIL.

emp. adm. alinh.

Florianópolis, 17 de junho de 1939.

Exmo. Sr. Professor Dr. Pedro Calmon,

Apresentando-lhe cumprimentos muito cordiais e confirmando minha carta de 13 de maio, envio pelo correio commun, em dois pacotes, a collecção da REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATHARINA, com falta apenas do primeiro volume, há muito esgotado.

Recebi, há dias, carta do director do Archivo Histórico Militar de Lisboa, coronel Henrique de Campos Ferreira Lima. Nada encontrou elle, segundo me diz, no Archivo que dirige, nem do da Torre do Tombo, relativamente a José Mascarenhas nem a Elias Alexandre. Entretanto, em signal do seu desejo de corresponder ao meu pedido, mandou-me dois livros preciosos: a SENTENÇA DA ALÇADA DO PORTO, redigida por Mascarenhas e estampada em 1758, e a HISTÓRIA DE ANGOLA, de Elias. Agradecendo a extrema gentileza do prestimoso militar, scientifiquei-o de que recentemente tivera noticia da obra de Elias, e indiquei o nome do meu illustre informante, e enviei-lhe ainda obras ~~de~~ brasileiras notáveis, entre ellas O ESPÍRITO DA SOCIEDADE COLONIAL, de Pedro Calmon.

Continuando a esperar o artigo que V. Exa. escreveu sobre o filho de Mascarenhas, subscreve-se, com alta consideração.

Florianópolis, 2 de janeiro de 1940.

Meu caro Thomás,

Saúde e muitas felicidades em 1940 e sempre.

Fui a 31 a Itajahy cumprimentar nossa boa e santa Mãe. Tive o desprazer de a encontrar de cama, em consequência de dores hepáticas. Cixei-a, porém, melhor, parecendo, graças a Deus, que o caso não é de gravidade. Estou aproveitando as férias do Tribunal para pôr em dia a minha correspondência, que, por causa dos muitos serviços do anno passado, caiu em notavel atraso. É por isso que só agora vão as minhas impressões sobre o Almanaque-Índice. Acho-o de bom tomo, de modo que, já antes de compensado, se insinua ao leitor como obra merecedora de attenção. Quanto ao conteúdo, muito bem lhe fica o abrir com a noticia biográfica de um brasileiro por muitos títulos illustre. É pratica digna de continuação. O trabalho do prof. J. Lourenço Rodrigues sobre coisas do calendário é muito instructivo e é justamente específico para a obra. A demais matéria é, - e nem podia deixar de o ser, dado o critério de quem a seleccionou, - excellentes. Há, porém, necessidade, em futuras publicações, de entremear os sólidos escriptos com outros breves e leves, com alguns brevíssimos até, porque essas são as joias ou meras quinquilharias mais apreciadas nos almanaques: pensamentos sentenciosos (e os clássicos portuguezes no-los fornecem sem conto), ditos agudos, anedotas, quadrinhas, provérbios, adivinhas, problemas, curiosidades de todo o género e especialmente verbaes.

Aliás, tu mesmo isso reconheces na apresentação, quando dizes: "Não houve tempo para o recrutamento de collaboradores. Falta parte charadística..." Reconheces ainda que o calendário é lamentavelmente exíguo. Nesse particular, parece-me que um dos desenvolvimentos necessários é augmentar o número dos santos do dia, assumpto em que podes contar com a minha collaboração. Outra coisa que tambem amenizam os almanaques são as boas gravuras.

Em fim, tu, melhor do que eu, sabes o que convem às publicações desse género, cujos melhoramentos se prendem, afinal, a recursos financeiros já amealhados ou prováveis em vista da aceitação do livro.

Passando a outro assumpto: preciso de um favor teu, que é o seguinte: Indagares com toda a brevidade, no Ministério da Educação, se já foi nomeada a commissão incumbida de estudar os livros didácticos, de conformidade com o decreto-lei n. 1.006, de 30 de dezembro de 1938. Em caso affirmativo, de quem se compõe. Em caso negativo, se vae ser prorogado o prazo estabelecido no mesmo decreto. Motiva este pedido o propósito que tenho de pedir approvação para os livros que organizei, quando Director da Instrucção Pública, nos quaes, como sabes, não tenho nenhuma vantagem pecuniária nem de outra ordem. Tenho, porém, a elles ligado o meu trabalho e o meu nome e dahi vem a estimação que lhes trato. Além disso, são mais baratos do que outros quaesquer, presentando assim auxilio aos desprovidos de bens. Essa modicidade de preço foi até um dos motivos da sua elaboração. Outro, - e não menos poderoso, - foi o incluir nelles o nome de DEUS, que em outros fora systematicamente omittido.

Em casa, graças aos Céus, vamos passando bem. O Maneca pretende dedicar-se à advocacia. O José, adunque parece, será candidato a uma promotoria. O David, que já concluiu o curso gymnasial, quer estudar engenharia. Fala em ir para Ouro Preto, para seguir o curso de Minas, mas estou achando difficil satisfazer-lhe o desejo. Irá provavelmente para Curityba. O Victor passou para o segundo anno de engenharia. O Paulo continua com boa clínica, havendo muito aproveitado na excursão. A Bernadette está no quinto gymnasial. A Alba entrou para o primeiro. A Theresinha concluiu o curso primário. Vae matricular-se no pre-gymnasial.

Abraços muito cordiaes.

Florianópolis, 12 de janeiro de 1939.

Meu caro Thomás,

Respondo à tua carta de 9. Fico-te muitíssimo agrade-
cido pelos passos que deste por motivo dos livros escolares. Em
breve r emitterei o requerimento ao Ministro por teu prestigioso
intermediário. E por motivo de livro preciso de novo favor teu: é
consequeres-me um de Affonso Arinos de Mello Franco - TERRA DO TRA-
SIL, publicado no anno passado, do qual tenho notícia por uma apre-
ciação que delle fez, no Jornal, Luis Camillo de Oliveira Neto. Tra-
ta êsse livro, entre outras matérias, das CARTAS CHILENAS, que muito
me interessam, occorrendo ainda a circunstância de o autor professar
opinião que contraria a de Caio de Mello Franco, sendo entretanto
conforme com o meu pensar, isto é, que a famosa sá tyra é de Thomás
Antônio Gonzaga e não de Cláudio Manuel da Costa. Já procurei a
obra em vários catálogos, não a encontrando. Por êsse motivo é que
recorro a ti. Talvez o Edmundo Finto te possa dar alguma indicação
sôbre, porque provavelmente mantem relações com o autor.

Estive hoje com o mosso prestimoso amigo sr. Fer-
raz. Disse-me êlle que o título não foi remettido ~~para~~ para
poupar despesas de commissão. Podes, entretanto, entregar ao Ban-
co ahi a importância respectiva, à qual, se o pagamento for feito
a 20, deve ser acrescentados 20\$ resultantes do atraso. Opportuna-
mente, remetter-te-á êlle o título com a devida quitação.

Caso precisas de matéria para a Revista, posso re-
metter-te alguns verbetes do projectado dictionário Onomástico.

Em casa, graças a Deus, vamos todos passando bem.
De Itajahy tenho boas notícias. Mamãe já está há muito restabelecida

Abr aços e votos de felicidades

Florianópolis, 10 de maio de 1940.

Senhor Cônsul,

Cumprimentando-o muito affectuosamente e ainda sob a grata impressão da palestra de ontem, tenho o prazer de lhe enviar a traducção portugueza do FAUSTO, traducção que é um das primorosas obras de Antônio Feliciano de Castilho.

Envio-lhe tambem um livrinho de que sou autor.

Quanto a FACA, encontrei no Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, de Antenor Vascentes, o seguinte:

"FACA - 1 (Instrumento de cortar): do lat. falcula, segundo A. Coelho. Cortesão acha inadmissivel o étimo facula pois foneticamente daria falha ou fagua. Diz que o espanhol tem tambem faca (do lat. fals) e daí certamente importamos o vocábulo. O esp. faca, que significa faca curva, vem, segundo a Academia Espanhola, do árabe farkla. Observe-se que o kha árabe dá f em português, de modo que teríamos farfa e não faca. Observe-se tambem que em espanhol faca se trahía cuchillo e que nas outras línguas românicas não há vocábulo morfologicamente correspondente."

Limite-me a transcrever o que consigna o dictionarista, porque sôbre o assumpto ainda não formei opinião.

Quanto a GARFO, parece que em latim as palavras correspondentes são fuscínula e furcula. Neste último está patente o seu parentesco com o francês fourchette.

Subscrevo-me, com grande consideração,

Florianópolis, 20 de julho de 1940.

Eminente e venerando amigo sr. Desembargador Vieira Ferreira,

Saudando-o muito affectuosamente e à exma. Família, peço-lhe mui desculpadas desta demorada resposta ao delicado telegramma em que me communicou a feliz chegada e às cartas muito prezadas de 8 de maio e 17 de junho. As múltiplas occupações do Tribunal e da Faculdade forçam-me frequentemente a faltas desta ordem. Espero, pois, que o preclaro Mestre me releve a em que incorri, pois na sua amizade, contrariando o provérbio de que "honra e proveito não cabem num sacco", tenho eu reunidos êsses dois benefícios, que a sagacidade popular tem por incompatíveis. Assim é que, ao mesmo tempo que lhe agradeço a preciosa informação relativa ao texto de Apollônio de Rhodes em que ocorre a palavra Cleópatra, já me apresento com outro pedido: o de fornecer-me texto e traducção de um passo do mesmo autor em que os Arcades são dados como anteriores à Lua. Segundo as minhas notas são os versos 263 e 264 do livro IV das Argonauticas.

Quanto aos dictionários gregos que o meu Amigo e Mestre viu em nossa casa, são os de Bailly e J. Planche e ETYMOLOGIQUE DE LA LANGUE GRECQUE, de Émile Boisacq, 3ª edição, 1938. Junto vai cópia do que nelles se encontra relativamente ao homérico prothéousin. Vai também a interpretação que ao termo dá uma traducção da Ilíada, edição Hachette.

Já publiquei o meu estudo sobre a pronúncia do nome Cleópatra. Saiu na Revista de Cultura, de meu irmão Padre Thomás Fontes, a quem vou escrever, pedindo-lhe remetta um exemplar ao meu douto Amigo.

Inclusa va e a desejada lista dos sócios do Instituto Histórico, entre os quaes, logo que seja votado o novo regimento interno, teremos a honra de incluir o illustre autor de Azambuja e Urussanga.

Aproxima-se a data da reunião do 9º Congresso Nacional de Geographia - 6 de setembro. O Ministro Bernardino de Sousa, que é o presidente, tem sido incansável na propaganda e de ella, e do apoio positivo dos governos da União e deste Estado, resultará, ao que parece, uma assembléa notável pela quantidade e qualidade dos congressistas. Seria magnífica occasião para o egrégio Mestre vir novamente a Santa Catharina, trazendo ainda o subsídio de sua autoridade e sabedoria a um empreendimento que certamente honrará a cultura brasileira. Eu faço parte da comissão executiva, mas até aqui nada pude fazer pelo Congresso, por causa dos meus serviços functionaes. A 1º de agosto entrarei, porém, no gozo de 60 dias de férias e começarei então a auxiliar, no que puder, ao apto-tolar presidente Bernardino de Sousa.

Peço-lhe, meu bondoso Mestre e Amigo, apresente meus respeitos à exma. Senhora e exma. Filha, a quem minha mulher muito se recomenda, e que disponha sempre

Fpolis., 20/7/40.

Meu caro Thomás,

Saúde e felicidades.

Peço-te a fineza de endereçar um numero da tua REVISTA em que saiu o meu CASO DE PROSÓDIA ao desembargador Vieira Ferreira, rua Coronel Moreira César, 66, Niterói. O destinatário é varão de provecsta idade, pois já goza o otium cum dignitate de aposentadoria, e é grande conhecedor de línguas e coisas clássicas. Lê os autores gregos e latinos no original, com a mesma naturalidade com que nós lemos um autor francês. E tem espartoda memória. A propósito do nome Cleópatra, concordando com a minha opinião, declarou-me conhecer um verso de Apollônio de Rhodes em que se vê ser breve a sýllaba pa; e, de facto, forneceu-me depois o verso devidamente escandido. Acho que seria precioso collaborador ^{para a} ~~xx~~ tua REVISTA.

Ainda não tive tempo de escrever ao nosso amigo Padre Padberg.

Graças a Deus, vamos todos passando bem. O nosso amigo Manoel Pedro da Silva é que está seriamente enfermo.

Abraços affectuosos meus e de todos os de nossa casa.

Florianópolis, 25 de julho de 1940.

Meu caríssimo amigo Professor Padberg,

Se eu imaginasse que o meu douto Mestre poderia ser um dos leitores do desprezencioso estudo que mandei para a Revista de Cultura, é bem possível que desistisse de o dar a lume. Leitor que, na melhor hypóthese, tivesse algumas tinturas de grego é que me seria dado esperar, e nunca do porte de quem, com alta competência, é cathedrático de philologia grega na Universidade do Brasil, pois, conforme o meu Mestre sabe, entre as minhas más qualidades não há a da presumpção. E, porque a encontro a cada passo, é que desconfio de certas erudições, e, por isso, recebo-as com reserva e precaução igual à de quem anda em terra onde corre muito dinheiro falso. Quero saber de onde veio a moeda e quem é que ma entrega, para, se necessário for, fazer a minha própria pesquisa. Vem daí o meu espírito crítico e também a cautela que emprego nas minhas poucas afirmações, a que, em regra, deixo margem para admittirem excepções que eu desconheço, mas cuja existência me parece possível. Dito isto, ao mesmo tempo que lhe agradeço as bondosas palavras relativas ao meu modestíssimo estudo, passo a referir-me ao que nelle lhe pareceu menos exacto e que, a seu ver, é tudo o que um caturra poderia encontrar com um vidro de aumento.

"Na 1ª pag, a 129, a respeito da ultima syllaba decisiva para a accentuação em grego, conviria fazer uma restrição a palavras barytonas", - observa o meu Mestre. E tem razão. Disse eu: "em grego a syllaba decisiva para a accentuação é a última, ao passo que em latim é penúltima. A quantidade dessas syllabas está, numa e noutra língua, submettida a posição da syllaba tônica." A palavra posição vale somente para o latim. O que eu deveria ter dito, usando do resguardo que pouco abaixo se encontra ("quando em grego a syllaba final é longa, a palavra não pode ser proparoxytona"), era o seguinte: A quantidade dessas syllabas está, numa e noutra língua, submettida a tônica. É asserto que convem ~~atender~~ ^{atender} aos paroxytonos e proparoxytonos, que estão em causa, e também aos perispomenos e properispomenos, que são alheios ao pleito.

"Pag. 131: É longa a syllaba terminada em vogal seguida por duas consoantes. Melhor: encerrando uma vogal ... Por ex. est, stirpo, agmen, oblatus. Se a vogal termina a syllaba, como em ~~est, stirpo, agmen, oblatu~~ ^{est, stirpo, agmen, oblatu}, a-xis, etc., precisa acrescentar: seguida por duas consoantes (ou consoante dupla) na mesma palavra". Eis ahí outra advertência do meu bondoso Mestre.

^{propriedade é mais comprehensiva / propria}
- De facto, a expressão ~~propriedade é mais comprehensiva / propria~~ não só as syllabas abertas, que foram as por mim consideradas, senão também as fechadas. E devo frisar que falei em syllabas e não em vogaes, como se diz em livros que tive à mão, porque sigo o ensinamento de N. Nieder

mann em observação a que elle chama remarque importante: "Éviter l'erreur, repandue dans les manuels français depuis le grammaire de Despautères et la Méthode latine de Port-Royal, qui consiste à dire que la position allonge la voyelle. C'est la SYLLABE, non la VOYELLE, qui devient longue par position" (Précis de phonétique historique du latin, pag. 239). Quanto às consoantes duplas, deixei-as sem menção, porque me pareceu ser desnecessária no caso. Nem assignalei, por outro lado, que a síllaba seguinte deveria ser ~~de outra palavra~~, porque estava a tratar de vocábulos isolados e não a escandir versos. Recebo, porém, com muito agrado e reconhecimento as observações, que serão aproveitadas, se, por ventura, houver republicação.

"Addic"? (parece ocorrer só addice, p. ex. em Plauto), "educ" - porque não seria paroxýtono? - são outros reparos do meu acatado Mestre. A elles respondo com as seguintes palavras do citado Niedermann: "En réservant les cas du type de addic, édúc, dont il sera parlé ci-après, aucun polysyllabe n'était accentué sur la finale..... Si un mot accentué normalement sur la pénultième longue perdait après coup sa finale, la place de l'accent n'en était point modifiée. C'est ainsi que addic, édúc, qui sont pour addice, édúce (voir § 24, 1^o), ont maintenu l'accent sur la syllabe ~~finale~~ qui le portait avant la chute de l'e final" (op. cit., pag. 21).

"Theodórā (ᾱ puro e longo, só no dialecto jónico - -óre). A essa arguição, que merece acolhida, porque devem ser tomadas as formas de uso geral e não as dialectaes, responderei apenas: Encontrei as duas formas no Dictionnaire grec-français de Bailly, que aliás dá a terminada em ē como jónica; preferi esta, porque nella é patente a quantidade da última síllaba.

Das minhas palavras verá o meu preclaro Mestre que não houve grande mudança no rapaz que, há 37 annos, conheceu como alumno attento e desejoso de saber. Hoje, por injunções da vida, e também porque sempre a encarou em toda a sua seriedade, é desembargador; mas, no seu trato com o direito, com os estudos de sua predilecção e com o mundo, é o mesmo estudante sem vaidade e sem preguiça, que quer descobrir e proclamar a verdade.

Fico-lhe muitíssimo agradecido pelos escriptos que me enviou, em que muito aprendi, e que precisam de ser reunidos em livro. Quanto às lições mimeographadas, mande-mas sempre, certo de que terá em mim, como nos bons tempos de São Leopoldo, alumno applicado, além de amigo e admirador, que lhe deseja todas as felicidades.

Florianópolis, 23 de novembro de 1940.

Excelentíssima Senhora Dona Virgínia Lefèvre,

Tive grande honra e satisfação em receber sua atenciosa carta de 2 do corrente, a que, por motivo dos meus es casos vagares, só hoje posso responder.

O nome WILMA é, realmente, germânico, conforme lhe pareceu. É forma hipocorística de WILHELMA, feminino de WILHELM, de onde procede o nosso GUILHERME. Relativamente a este último nome já escrevi um artiguete que creio haver-lhe mostrado. Dêle envio cópia, da qual verá que a significação do nome é "elmo da vontade", isto é, "defensor da vontade", "defensor por vontade", "pronto defensor".

A propósito dos hipocorísticos, ou nomes de carinho, Kosenamen, como lhes chamam os alemães, que são numerosos em alemão, como também em grego, convem lembrar que, sendo inicialmente familiares, - a exemplo dos nossos Chico, Seca, Joca, Maricota, Anita, - passam por vezes a nomes autônomos, como sucedeu com Wilma, Fritz, Hans, Max, Heinz, Oto, e inúmeros outros. Note-se que o alemão WILHELM e o inglês WILLIAM tem o hipocorístico WILLY, e que de WILHELMA formou-se ainda WILHELMINA, a que corresponde o nosso Guilhermina e de que se originaram os hipocorísticos alemães Helmine, Mine e Minna, os ingleses Wilmett, Wilmot, Mina e Minella, e o polaco Minka.

No tocante a coisas célticas, possuo pouco material. Posso, entretanto, informar-lhe que, no concernente a nomes, seguem os celtas o sistema geral indo-europeu, - de que só se afastam os latinos e outros itálicos, - do nome composto: CINGETO-RIX "rei dos guerreiros", VEROCINGETO-RIX "grande rei dos guerreiros", ORGETO-RIX "rei dos matadores", ARGIO-TALOS "fronte de neve", REXTU-GENOS "filho do direito", IUDI-CAR "amigo do combate", etc. Em catálogos, vejo anunciadas obras modernas que lhe poderão ser úteis: LES CELTES ET L'EXPANSION CELTIQUE JUSQU'À L'ÉPOQUE DE LA TÈNE e LES CELTES À L'ÉPOQUE DE LA TÈNE ET LA CIVILISATION CELTIQUE, ambas de Henri Hubert. São livros que a Livraria Civilização Brasileira, dessa Capital, já teve à venda.

Sobre raízes árabes não tenho nenhuma obra especial; encontro, entretanto, numerosas referências a elas em livros que tratam de raízes hebráicas. Relativamente ao hebráico, possuo algumas obras e entre elas uma muito curiosa: LA LANGUE HEBRAÏQUE RESTITUÉE, de Fabre-d'Olivet, publicada pela primeira vez em 1815.

O meu livro de nomes ainda se acha em estado caótico. Nele trabalho, porém, diariamente, aproveitando todas as migalhas de tempo, com a tenacidade maníaca dos colecionadores. A consulta com que a Senhora me distinguiu, e outras com que espero ainda me honre, serão para mim grande estímulo para o levar a termo.

Desejando-lhe todas as felicidades e pedindo-lhe me recomende ao Senhor seu Marido, apresento-lhe, minha Senhora, os meus mais respeitosos cumprimentos.

Henrique A. P. ...

Florianópolis, 14 de janeiro de 1941.

Meu illustre collega e prezado amigo desembargador Gustavo Piza,

Muito de coração retribuo os votos de felicidades que me enviou por motivo do anno novo. Este, porém, por causa da sua saída do Tribunal e da nossa terra, por falta da sua amabilíssima convivência, vai ser para os seus antigos companheiros um anno de grandes saudades, e, para mim, ainda de perda sem remédio. É que no eminente collega - jurista de profundos conhecimentos e de soluções lúcidas e humanas - eu tinha consultor para casos intrincados, como o tinha também quando necessitava de exacto e clássico termo forense, necessidade em mim frequente, porque a minha tardia entrada para a magistratura me acarreta às vezes a situação dos que, só depois de adultos, aprenderam a língua em que se devem exprimir.

Estou, meu caro amigo e mestre, a proclamar e agradecer proveitos auferidas da sua fidalga companhia; mas estou, por outro lado, a falar egoisticamente, porque eu também, se Deus me der vida e saúde para ter direito à aposentadoria voluntária, a requererei imediatamente, não só para empregar os lazes em estudos e obras sociais da minha predilecção, como também para abrir lugar a outros com direito de subir. era

Aqui nada tem havido de importante, pelo menos que lhe possa interessar. Além disso, como é de seu conhecimento, gosto mais de saber da vida de velhas personagens do que de bisbilhotar na dos meus contemporâneos. Deliciei-me mais em descobrir notícias do conselheiro José Mascarenhas ~~Pacheco~~ ~~de~~ ~~Alcobaça~~ de Mello, que foi desembargador como nós e que sentiu o que incorrer nas iras do Marquês de Pombal, do que em saber como vai na diplomacia o nosso collega Pontes de Miranda, a quem aliás admiro, ou do que em procurar adivinhar quem possa ser atingido pelo artigo 177 da carta constitucional. Isto fica para os do meu feitio que viverem daqui a duzentos annos. abraço e

Mando-lhe um grande abraço e peço a Deus que lhe conceda todas as felicidades, a começar por vigorosa saúde, esperando que nunca se esqueça dos amigos e admiradores que aqui deixou e, em particular, do

Florianópolis, 18 de fevereiro de 1961.

tenho de oppor à sua desistência de preferir, conforme desejo do sr. Ministro da Marinha, numa conferência sobre assumptos catharinenses a bordo de um navio-escola que proxicamente nos visitará. O discurso irá, por isso, ao Oswaldo, que hoje figura galhardamente ao lado dos Boiteux, com a advertência de que para as comissões de responsabilidades devem ser escolhidos representantes que deem tranquillidade e honra aos committes. E, meu inseparável Edmundo, melhor exemplo não há para o caso do que o seu.

Abracos muito cordiaes

Li o seu discurso religiosamente e fui-me sentindo aquelle "arrebatemento mysterioso" de quem, zomalhantemente ao orador, estivesse "a bordo de uma frota espectral e antiga", a ouvir "vozes illustres, que tinham o timbre de vultos de epopéa". E tive tambem o sentimento "de que estava voltando" e que eu tambem souhei muitas vezes em ir à "matriz historica da raça", para participar "na familia, das suas gloriosissimas festas centenarias"... Imagino a emoção das portuguezes ao ouvirem o hymno da guarda brasileira, em voz illustre com timbre de epopéa, e que tinha os exploradores da "chama interior que se corria de apressa para brilhar aos olhos" e que tinha tambem a travessamento da raciocinacão que, no estudo da vida lusitana e brasileira, se aliam para alimentar e tornar fogueira que poderia ser fugaz labareira de gravetos.

Imagine principalmente a sua emoção, meu venturoso futuro, ao falar sob historicas arcadas em nome da quatro séculos de brasilidade a oito de lusitanidade e a milhões de civilizações occidental e cristã. Que glória!

Para terminar, dir-lhe-ei, sem hesitar, que precisa de que você me envie outro exemplar do seu discurso, que, vazado na boa linguagem commum a Portugal e Brasil, dá aos portuguezes a obrigação de lhe chamarem "pai da pátria". É que o exemplar que recebi veio anonymamente e eu queria sempre com direito a um ~~reconhecimento~~ que tenha, ao menos, a assinatura do orador. Além disso, o recebido vai passar hoje mesmo a mãos leiteras vai ser mandado ao Oswaldo Cabral, que está presentemente a veranear no Mar Grosso, na Laguna. Vai como compensação de recusa que, na qualidade de presidente do Instituto Histórico,

Florianópolis, 19 de fevereiro de 1941.

Meu caro Oswaldo,

Mando-lhe uma jóia: o discurso que o Edmundo da Luz Pinto proferiu em Lisboa nas festas centenárias portuguesas. O Brasil foi nellas magnificamente representado pelo orador, que é, como sei de sciência própria, grande e amoroso conhecedor das glórias lusitanas.

É o caso de Santa Catharina na aula-conferência que o sr. Ministro da Marinha deseja, ~~em~~ nossa terra, para os nossos futuros almirantes.

O orador escolhido não tem o direito de negar essa collaboração, embora ella lhe seja sacrificio de bem merecidas férias. Não valem, pois, as excusas já trazidas de viva voz nem as de que foi constrangido intermediário o noso boníssimo Carlos Pereira.

~~Respeitosos~~ a dona Olívia.

Abraços, com votos de felicidades e com a certeza de novo triumpho,

Florianópolis, 12 de fevereiro de 1941.

Meu caro Egon Schaden,

Saúde e felicidades.

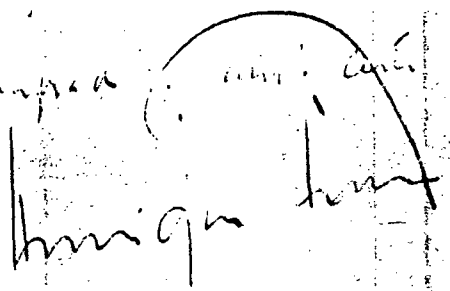
Fico-lhe muito obrigado pela remessa dos escriptos de Sud Menucci relativos às CARTAS CHILENAS. Trazem argumentos novos e valiosos, que se somam aos de Luis Camillo de Oliveira Neto, Affonso Arinos de Mello Franco e Manuel Bandeira no sentido de saber a autoria da famosa sátira a Gonzaga. Menucci admite ainda, e defende, a collaboração de Cláudio Manoel da Costa. Tenho lido com grande satisfação o que ultimamente se tem publicado sobre o assumpto, porque vejo confirmada a minha opinião de que o mordaz pamphleto é de Gonzaga. Apesar de não ter feito a minuciosa análise realizada por esses ensaistas (e nunca a pude fazer porque até me faltava o texto completo das CARTAS, pelos trechos que dellas conhecia e pelo meu conhecimento do estylo de Cláudio e de Gonzaga, sempre estive convencido de que ellas não poderiam ser de Cláudio, pois nos versos deste não se encontra a linguagem fluente, natural e até moderna, com que são descriptos os desmandos de Fanfarrão Minésio. Tal linguagem se encontra é na obra de Gonzaga.

Estou muito interessado em conhecer o estudo de Pedro Calmon sobre o meu explorado Mascarenhas e muito lhe agradeerei, meu excellent e operoso Egon, a promettida cópia.

O Osny Regis ficou na primeira aula. Não houve quorum para outras. Não é de admirar, e isso já lhe fiz ver, pois, segundo li no Correio da Manhã em artigo do Padre Arlindo Vieira, no Classicae Humanitatis Seminarium da grande e culta Faculdade de Direito dessa grande e culta Capital, o eminente latinista Adelino da Silva Azevedo só teve no anno passado dez alumnos...

Passei ao Osny a sua preciosa tradução do von den Steinen, na qual elle vae recolher material sociológico.

Recommende-me à exma. Senhora e disponha sempre

Amigável

 Henrique

Por estas observações verá o meu illustre amigo o apreço que dei ao artigo tão amavelmente remetido e que veio enriquecer a minha collecção de escriptos relativos aos poetas do "grupo mineiro", assumpto que, nas minhas predilecções, emparelha com o estudo dos nomes próprios de pessoas. As minhas occupações de juiz e professor deixam-me, porém, poucos vagares para cuidar dessas coisas, "que a vida fazem deleitosa".

Dahi tambem a demora da presente resposta, que espero não seja a última, pois tenho muita honra em receber ordens de altos representantes ^{do meu país} ~~nacionais~~, e entre elles tem assento o meu preclaro e nobre amigo.

MV

Henrique

Florianópolis, 11 de fevereiro de 1941.

Illustre amigo e confrade sr. professor Anníbal Mattos,

Desejando-lhe saúde e todas as felicidades e apresentando-lhe cumprimentos muito cordiaes, respondo ao seu amável cartão de 23 de dezembro.

Quando o recebi, já tinha em meu poder a HISTÓRIA MÉDIA DE MINAS GERAES, pois, embora endereçada ao Instituto, entendi desde logo que se tratava do exemplar fidalgamente promettido. Muito obrigado. Obra bem feita e bem documentada, trouxe-me bons subsídios, entre elles a narração das prepotências e maluqueiras do governador Antônio Carlos Furtado de Mendonça, nosso conhecido do tempo da invasão hespanhola.

Fico-lhe também muito agradecido pelo artigo de Tristão de Athayde relativo às CARTAS CHILENAS, artigo de que eu não tinha notícia. Nelle, o douto escriptor, sem embargo dos seus francos elogios aos trabalhos minuciosos e eruditos dos que últimamente tem defendido a autoria de Gonzaga (Luís Camillo de Oliveira Neto, Manuel Bandeira, Affonso Arinos de Mello Franco e Sud Menucci), declara que lhe ficam duas difficuldades para a aceitar: "a métrica do decasyllabo sólto, tão pouco arcádica e de que só Silva Alvarenga se serviu com maestria, entre os nossos poetas do tempo, - e o feitio pouco satyrico da musa confessada e pública de Gonzaga". Isso o leva a aventar uma hypótese: a de ser autor do pamphleto Silva Alvarenga, que "possuia por natureza essa veia satyrica", como patenteou no DESERTOR DAS LETRAS e nos perfis dos VICIOS, que, a seu ver, "equivalem em mérito às melhores páginas das CARTAS CHILENAS".

A primeira das objecções respondo eu, que sempre estive entre os partidários de Gonzaga: o decasyllabo sólto não era nenhuma peculiaridade da versificação de Silva Alvarenga. Nem era raro na época. Nelle escreveu o árcade Corrêa Garção as suas SATYRAS E EPÍSTOLAS. Em decasyllabos sólto fôra também escripto o herói-cômico HYSOPE do árcade Antônio Dinís da Cruz e Silva. Não admira, pois, que esse fôsse o verso adoptado por Critillo. Nesse verso foi vazado o URUGUAY, de José Basílio, e nelle poetaram Cláudio Manuel da Costa e Domingos dos Reis Quita. Não era, portanto, pouco arcádico.

A segunda difficuldade já se acha desfeita por Sud Menucci, que, firmado na MARILIA DE DIRCEU editada pelo professor Rodrigues Lapa, mostrou que Gonzaga, "com toda a sua austeridade de juiz, também sabia enveredar para a ironia e para o sarcasmo, se as situações lho exigiam?;

XXX

Florianópolis, 25 de novembro de 1941.

Senhor Professor Roger Bastide,

Apresentando-lhe cumprimentos muito respeitosos, tenho a honra de, com esta, lhe enviar a tradução que fiz do seu profundo estudo sobre O LUGAR DE CRUZ E SOUSA NO MOVIMENTO SIMBOLISTA, publicada ontem, octogésimo aniversário do nascimento do grande poeta.

Perdoe-me o preclaro Professor a audácia do ato, motivado pelo desejo de que o estudo magnífico tivesse maior divulgação em nosso meio; e perdoe-me, também, por falha do entendimento e não por vício da vontade, cá e lá passei de traduttore a tradittore. Tive, além disso, pouco tempo para o trabalho, inclusive a revisão tipográfica - apenas três dias, o que não me deu lugar para maior esmero.

As faltas existentes, e que peço ao eminente Professor se digne apontar, serão, porém, emendadas, porque o pensamento fiel do Autor, na bela e exata língua e linguagem do original, será estampado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, que brevemente ^{reaparecerá} como subalterna sairá ainda a sua tradução em língua portuguesa.

Creia, senhor Professor, na grande admiração que lhe vota, quem se subscreve

devotado seguidor
H. A. F. J.

Enderêço:

Henrique da Silva Fontes

Avenida Trompowsky, 14, Florianópolis, Santa Catarina.

Florianópolis, 11 de dezembro de 1941.

Ilustre confrade sr. dr. Manoel Duarte,

Saúdo-o muito cordialmente, desejando-lhe todas as felicidades e pedindo-lhe ainda transmitta meus cumprimentos ao seu distinto filho dr. Clovis, para quem, em separado e cumprindo a promessa feita, envio um livrinho de minha autoria.

Fico-lhe grandemente agradecido pelas fotografias e notas que se dignou enviar-me, que me serão utilíssimas e que dão lugar a novo atrevimento meu: o de solicitar algumas informações históricas sobre a Santa Casa e também fotografia da mesma. Quanto ao apostólico Irmão Joaquim, é provável que tenha parentes nesse Estado, pois que um seu irmão por nome José Francisco de Faria e Costa se ausentou para o Rio Grande, talvez por volta de 1797, e faleceu a 11 de setembro de 1811. É só o que sei dêsse Costa. Donheço, porém, os nomes e naturalidades dos pais e avós.

Não são de minha especialidade os estudos genealógicos, de modo que poucas notas possuo relativamente à matéria. À vista, entretanto, do nome Maria dos Passos Duarte, constante dos esclarecimentos que o meu preclaro confrade deseja, lembrei-me de ter encontrado êsse nome, ou outro parecido, em velhos livros da matriz de Nossa Senhora do Desterro. E ontem verifiquei que a memória não me traiçoeira. O que encontrei foi o seguinte:

"Aos vinte sete dias do mez de Janeiro do anno de mil e setecentos e vinte na face da Igreja na forma do Sagrado Concilio Tridentino na presença do Padre Luis de Albuquerque da Companhia de Jesus andando em missão com provisão do Reverendo Vigairo da Vara o Padre Tom Antonio Rechadel receberam se por palavras de presente Manoel Duarte Camacho bautizado na Freguezia de Nossa Senhora da Graça dos Pinhaes de Curitiba, donde veyo de tenra idade para esta Freguezia e dahi passou para a de Santo Antonio da Laguna onde era morador, filho legitimo de Antonio Bicuda Camacho já defunto, e de sua mulher Maria de Passos, e Paula Moreyra bautizada nesta Freguezia de Nossa Senhora do Desterro, filha legitima de Domingos Lopes, e de sua mulher Paula Moreyra: sendo testemunhas presentes o Doutor Desembargador Raphael Pires Pardinho, que estava assignado, Orbana Rodrigues, Merencia Fernandes e muitas pessoas do povo, e o dito Padre estava assignado. O Vigr? Francisco Justo Santiago."

Se lhe parecer que estamos em boa pista, continuarei as pesquisas porque muito merece o sr. dr. Manuel Duarte.

ao adm. . cumprido a 11 de dezembro

Florianópolis, 13 de dezembro de 1941.

Revmo. Sr. Padre Ernesto Vogt,

Apresento a V. Revma. os meus cumprimentos mais respeitosos.

Ocupando-me, nos poucos lazeres que me deixam os trabalhos de obrigação, com o estudo de nomes de pessoas, - e isto sistematicamente e há nove anos e meio, - li com muito interesse, na Revista Eclesiástica Brasileira, o artigo de V. Revma. intitulado O NOME DE MARIA À LUZ DE RECENTES DESCOBERTAS ARQUEOLÓGICAS. Li-o e copiei-o na íntegra, porque me parece rigorosamente científico.

Parece-me, por outro lado, bem fundada a opinião de V. Revma. no tocante a ver o nome de Maria sugerido no Benedictus, juntamente com os de Jesus e João, Isabel e Zacarias. Não o estará ele igualmente no Magnificat? Nesta palavra não há também a idéia de altura, pois o tornar grande não implica a de elevar, altear?

Perdoe-me V. Revma. o atrevimento da observação feita por um ignorante da língua hebraica e perdoe-me ainda o da proposta que passo a fazer: V. Revma. cita um livro que para os meus estudos é de suma importância - M. Noth, DIE ISRAELITISCHEI PERSONENNAMEN. Dando-lhe eu as necessárias garantias e que consistiriam na antecipada remessa de talvez proveitoso penhor, que poderia ser um dos seguintes livros: Fabre d'Olivet, LA LANGUE HEBRAÏQUE RESTITUÉE, 2 volumes, fac simile da edição de 1816, e G. de Vasconcellos-Abreu, CURSO DE LITERATURA E LÍNGUA SAMSCRÍTICA CLÁSSICA E VÉDICA, 2 volumes, - não me poderia V. Revma. emprestar pelo tempo necessário para leitura e notas?

Outras seguranças poderei dar a V. Revma. e, caso se digne dar-me resposta, embora negativa, peço ainda a fineza de me informar quais as obras especializadas que possui relativamente a antropônimo.

Com grande respeito, sou

de V. Revma.

Florianópolis, 13 de dezembro de 1941.

Sr. Professor Serafim Silva Neto,

Saudando-o muito cordialmente, venho agradecer-lhe a oferta da "Miscelânea de estudos em honra de Antenor Nascentes", publicação de que já tinha notícia e que ia procurar adquirir. A sua amabilidade antecipou o cumprimento do meu desejo, e ainda com a vantagem de trazer-me exemplar com autógrafa e dedicatória gentilíssima.

Li imediatamente o ensaio relativo ao "Ensino da gramática histórica". Foi homenagem ao doador, já muito meu conhecido pelas "Fontes do latim vulgar" e outros escritos, e também por informações do meu irmão Padre Tomás, e foi igualmente interesse pelo assunto, pois que já militei como professor de língua portuguesa.

Estou muito de acôrdo com a ^{sua} orientação de ensino. Ensinar assim é tratar a língua como ela é: floresta a visitar, e não museu botânico, como tentam ~~os~~ fazer os que exageram as análises, tornadas fim e não instrumento de estudo.

Principalmente por causa da chamada análise lógica é que Camões não tem a geral estima dos estudantes brasileiros. É que ele põe "nos corações um grande medo", e isso por que professores há que não se servem da análise para lhe clarear obscuridades, desempanando belezas emuevoadas, mas para o tornar real Cabo Tormentório, em que há "cada ano... naufrágios, perdições de toda sorte".

Muito aprecio o seu entusiasmo comunicativo próprio ao verdadeiro professor, e esse entusiasmo, aliado aos conhecimentos seguros do mestre, torna certamente a gramática histórica "não só agradável e até aprazível", senão estudo preferido, dêsses a que continuamos adôntos por toda a vida, porque enchem deliciosamente os vágares dos trabalhos de obrigação.

Creia, meu caro e jovem professor, que as suas lições tem esse condão e, por isso, deseja vê-las multiplicadas

Florianópolis, 26 de maio de 1942.

Meu caro conterrâneo e amigo Alexandre Konder,

Com muito prazer respondo à sua carta de 25, agora mesmo recebida.

Sobre Anita, no Instituto, não temos material de importância. Completas informações poderá fornecer-lhe o nosso venerando coestadano almirante Henrique Boitéux, a quem você encontrará diariamente no Club Naval. Segundo penso, é quem melhor conhece a vida da famosa guerreira, a quem já biografou.

Sobre dona Joana de Gusmão encontrará você informações no volume V dos Anais do Museu Paulista. Há nele uma notícia biográfica publicada pelo dr. Afonso de Taunay e elaborada por José Gonçalves dos Santos Silva (não da Silva Santos, como por equívoco é declarado). É a informação mais desenvolvida que conheço. Dona Joana é figura que também me interessa, porque conviveu com o Irmão Joaquim Francisco do Livramento, ~~do qual~~ prezando-se ~~de~~ em um ensaio biográfico.

Do nosso coestadano marechal Carlos de Campos há uma obra que trata de heroínas brasileiras.

Em separado lhe mando um trabalho histórico de minha autoria.

Abraçando-o muito afetuosamente e desejando-lhe todas as felicidade, aqui fica ao seu dispor

• *Alm. v. m. certo*

Florianópolis, 26 de maio de 1942.

Meu caro professor Serafim Silva Neto,

Encontrou-me sua amável carta a lavrar um acórdão em habeas-corpus e que se discutiu a competência para o julgamento de Infanticídio honoris causa, cometido no ano passado, mas processado este ano, na vigência de novas leis: se do júri ou do juiz singular. O assunto é de veras interessante e foi debatido longamente, e fui até designado para lavrar o acórdão, porém, fui vencido e relator. Confesso-lhe, porém, meu ilustre colega de bacharelado em direito, que mais interessantes me parecem estas coisas de linguagem, a que o meu ^{que} jovem amigo, com entusiasmo e proficiência, se consagra e de/eu tive de me afastar, porque não tenho vocação para mártir.

Sua carta fez-me interromper a grave tarefa e tomar da pena e da máquina para imediata resposta, porque, em caso contrário, ficaria ela, como tantas outras, a aguardar a oportunidade, que raramente chega, de me sobra-rem algumas migalhas de tempo. E eu desejo muito a sua amizade, porque é a de filólogo gênero Mário Barreto, seguro e autorizado desde os primeiros escritos.

Junto vai uma pílula antropométrica, que, com tempo furtado a autos e aulas, manipulei ontem.

Com muita estima e desejando-lhe todas as felicidades, abraça-o

Z E N A I D E

Para o album da declamadora paulista Zenaide Vilalva de A raújo.

ZENAIDE é, conforme interpreto, patronímico de ZENAS, isto é, "a filha de Zenas", "a descendente de Zenas"; e ZENAS, - tinha esse nome um colaborador do apóstolo S. Paulo, - é, de certo, forma hipocorística de ZENÁGORAS, "o que fala como Zeus", o que discursa como Jupter helênico.

ZENAIDE é, assim, "a que é da estirpe da-quele que fala semelhantemente ao pai dos ho-^{em}mens e dos deuses", - nome/ajustado a quem pe-netra e desvenda os segredos e encantamentos da palavra falada.

Rpolis., 25 de maio de 1942.

Henrique Fontes

XXXVI

Florianópolis, 4 de abril de 1943.

Exmo. Sr. Dr. Escragnolle Dória,

Recebi com muita satisfação a sua amável carta de 27 de março.

Com lhe remeter a conferência do dr. Oton da Gama d'Eça, proferida no Instituto Histórico, de que sou presidente, nada mais fiz do que cumprir dever de cortesia, por quanto era sabedor do seu parentesco com o preclaro Visconde Taunay, e disso sabia, porque o Sr. mesmo me disse: é que já tive a honra de lhe ser apresentado, em 1921 ou 1922, quando eu estive representando o Estado de Santa Catarina num congresso de ensino. Eu eu então diretor da Instrução Pública.

O dr. Oton d'Eça é muito conhecido na nossa pequena Florianópolis. Não há necessidade de indicação de rua nem do número da casa. Ele é realmente da família do Barão de Batóvi, que era irmão do seu avô.

Remeter-lhe-ei brevemente, em livro, a conferência que proferi em dezembro último sobre Lacerda Coutinho. Saem com ela o GEMENALGE e outros versos, alguns não incluídos nas PÁGINAS SOLTAS. No meu trabalho, que já foi estampado no Diário Oficial do Estado, há referências ao Sr. Remeti-lhe, por essa razão, um exemplar, que concluo agora não lhe ter chegado às mãos.

Desejo-lhe, sr. dr. Escragnolle Dória, todas as felicidades, esperando ordens suas para as cumprir com muito gosto.

Endereço

Henrique da Silva Fontes
Avenida Pompowsky, 14
Florianópolis, Santa Catarina.

XXXV/11

Florianópolis, 27 de setembro de 1943.

Ilustre amigo e colega Professor Haroldo Valladão,

Cumprimento-o muito cordialmente, desejando-lhe todas as felicidades.

Vai em separado uma coleção da Jurisprudência do Tribunal de Apelação deste Estado relativa ao ano de 1942 (13 de maio de 1942 a 27 de janeiro de 1943). A jurisprudência relativa ao ano corrente está sendo publicada semanalmente no DIA RIO OFICIAL, do Estado, em fascículos próprios para encadernação. Deixo de lhe mandar os que foram estampados até aqui, porque, segundo me informou o Bibliotecário do Tribunal, o dr. Anderson Ferro já lhos levou, tomando ainda assinatura dos subsequentes. Informou-me ainda o mesmo funcionário que o dr. Anderson adquiriu aqui os números da REVISTA que estão faltando ao meu nobre amigo e de que eu trouxe a relação. Não os procurei, por isso. Se, entretanto, não fôr exata a informação, peço-lhe que me comunique, para ter cumprimento a minha promessa.

Recebi, com honrosa dedicatória, o livro de seu venerando Pai CAMPANHA DA PRINCESA. Já li a introdução e lerei o livro todo, não só como homenagem ao eminente Autor, senão também porque trata de um dos meus assuntos prediletos: coisas de história e de cultura mineiras. Agradecerei, em breve.

Com encanto e proveito estou lendo o livro com que me brindou, ao penhorar-me com despedidas pessoais na Central do Brasil. A minha impressão será divulgada pela imprensa, abrindo-se-me assim ensejo para proclamar o aprêço em que o tenho, pela sua inteligência, pela sua cultura, pela sua bondade, pelo seu espírito público e pelo cumprimento que dá aos seus deveres.

Disponha sempre

do colega, a quem me: certo

Enderêço:

Henrique da Silva Fontes, av. Trompowsky, 14, Florianópolis.

XXXXX

Florianópolis, 29 de setembro de 1943.

Exmo. Sr. Ministro Professor Alfredo Valladão,

De mais duas finezas me tornou devedor o illustre filho de V. Exa. Professor Haroldo Valladão: a primeira foi levar meu nome ao conhecimento de seu preclaro e venerando Pai, e a outra, dela decorrente, foi ocasionar-me a oferta, com bondosa dedicatória, desse monumento de carinhoso entusiasmo e de bem fundada admiração pela terra natal, que é o livro CAMPANHA DA PRINCESA.

Já li a introdução e, desde logo, me enterneci com o invocado verso camoniano - "Esta é a ditosa pátria minha amada" -, porque é também a saudação ^{que,} com que reverencio a cidadezinha de meu berço - Itajaí-, sempre/revendo-a ou dela me despedindo, a diviso a mirar-se nas águas do seu rio cintilante e sagrado.

Vi também, de pronto, Senhor Ministro, que bem quadra a Campanha da Princesa o epíteto de Atenas Sul-mineira. Este fato, além da obrigação que me corre de prestar ao Autor a verdadeira homenagem que aos autores se deve prestar, qual é a de lhes ler os escritos, é razão para que, com atenção e enlevo, percorra o livro inteiro, porque entre os estudos que deleitam está o de coisas mineiras, como poderá ver V. Exa. de alocução minha, que junto vai.

Tomo ainda a liberdade de enviar a V. Exa. outros trabalhos meus, aqui deixando consignados os meus agradecimentos pela honrosa oferta que V. Exa. me fez e pedindo a Deus que, para proveito das letras nacionais, guarde a V. Exa. por tempo longo e sempre próspero.

XL

Florianópolis, 29 de setembro de 1943.

Meu caro amigo e chefe dr. Afonso Costa,

Saúde e muitas felicidades.

Já dei cumprimento às suas ordens: junto ao dr. Nereu, logo que lhe fui agradecer os cumprimentos de boas vindas, e junto ao Presidente da Academia só ontem, porque ela estava ausente.

O dr. Nereu está pronto^a mandar publicar a obra de Carlos Rubens, desde que ela represente verdadeira glorificação de Vítor Meireles. Peço-lhe, por isso, que a leia, para apurar essa circunstância. Quanto aos proventos materiais de que é merecedor o atribulado biógrafo, deve ela ser proposta por ele próprio, ou pelo meu ilustre amigo. Como vê, há inteira boa vontade da parte do nosso esclarecido Interventor. Precisamos, pois, ~~de~~ aproveitá-la sem perda de tempo.

O caso da Bela Adormecida resolver-se-á depois de eleger-lhe diretoria, para o que prometeu o Presidente dar os passos necessários e com brevidade. Estou também trabalhando no mesmo sentido, entendendo-me para tanto com os acadêmicos. O primeiro com quem falei, e de quem obtive inteiro apoio, foi o dr. Nereu.

Porque tenho muita coisa que pôr em andamento, não sou hoje mais extenso.

Agradeço-lhe ainda uma vez todas as suas gentilezas, espero novas ordens, peço-lhe me consiga um exemplar da obra do ministro Hermenegildo de Barros, transmito-lhe recomendações de minha mulher e envio-lhe um abraço muito apertado e muito saudoso.

Florianópolis, 14 de maio de 1944.

Ilustre amigo sr. general Mário Tourinho,

Queira levar à conta do muito serviço que tenho tido no Tribunal de Apelação e na Faculdade de Direito o só lhe mandar agora a prometida opinião sobre a Memória do cerco da Lapa, respondendo também só hoje ao seu honroso cartão de 27 de março.

A leitura completa e repousada da Memória confirmou o juízo que, pela parte já conhecida, sobre ela eu formulara: a de ser trabalho muito valioso.

Realmente, expõe com muita animação e clareza os sucessos principais da destemerosa resistência, evidenciando o propósito do autor de dizer a verdade, e só a verdade, sobre o muito que viu e de que participou e sobre o que de outros colheu relativamente aos fatos historiados. E os fatos capitais ressaltam da só narração que deles é feita e não de insistente valorização com que os encareça o autor, o qual, por sua vez nunca aparece em primeiro plano, mas apenas fugitivamente, como nestes lances:

"Clemente e Lebon ~~contrataram~~ a (artilharia adversa) do cemitério e os canhões de César Franco e Mário Tourinho, da praça da cadeia, a do Alto do Monje" (pág. 38); e "os dois canhões da praça dos tenentes Mário Tourinho e César tiveram os seus objetivos divididos: frente e flanco, varrendo a tiro de Sharapnel as duas linhas de atiradores" (pág. 42).

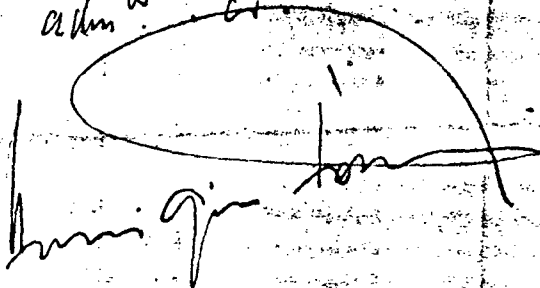
Entretanto, a ação de Lebon Regis e a de outros, no dia a que concerne a última referência, e que foi o de maior e mais demorado ataque à cidade, merece desenvolvida e enaltecida descrição.

O leitor, por tudo isso, homologa estas palavras do autor: "Fui ^{me} ~~inteligente~~ transigente na sinceridade com que propus ser verdadeiro", e dele discorda quanto àquelas em que ~~ele~~ pensa ter "claudicado na forma" e em que acha terem as suas páginas "aspecto e caráter simplesmente narrativos".

A discordância se impõe, porque a linguagem é fluente, correta, clara e, apesar de despretençiosa e singela, viva e agradável. Além disso, ultrapassa a Memória os limites de simples narrativa, pois estuda antecedentes e consequências, aprecia caracteres e, com serena autoridade, analisa atos e eventos militares.

Aí está, meu respeitável amigo, a impressão que me deixou a sua contribuição para a Congresso de História da revolução de 1894, que deve ter continuação em outros trabalhos históricos, porque a sua vocação para estudos tais está provada e será consagrada.

Desejando-lhe todas as felicidades, peço-lhe me recomende à exma. Senhora e gentilíssima Filha, mandando ordens

ho a km u


Florianópolis, 5 de agosto de 1944.

Meu caro Monçaide Ferreira,

Fui agradavelmente surpreendido com a minha admissão, por proposta sua, na Sociedade de Estudos Filológicos. Fico-lhe muito obrigado, e dou-lhe parabéns pelo seu prestígio na associação, que

"aceita de vontade

O que o ledo Monçaide lhe oferece,

Como se longa já fôra a amizade".

Vejo que Camões escreveu estes versos para você.

Cumpre-me declarar que também não caíu em esquecimento a minha promessa: o professor Saíd Ali repetiu a explicação a meu irmão cónego Tomaz Fontes e espero comunicar-lha de viva voz, pois, se Deus quiser, passarei ainda este mês aí por São Paulo, com destino ao Congresso de Geografia, que se reunirá em setembro no Rio. Levarei também os velhos livros sobre os quais lhe falei e que lhe interessaram.

Abraça-o muito cordialmente, desejando-lhe todas as felicidades

Endereço:
Avenida Trompowsky, 14
Florianópolis, Sta. Catarina.

XLIII

Florianópolis, 5 de agosto de 1944.

Ilmo. Sr. Professor Celestino Correia Pina,
Muito Digno Primeiro Secretário da Sociedade de Estudos Filológicos,

São Paulo.

Causou-me grande alegria a inclusão do meu nome na categoria de membro correspondente dessa douta e utilíssima Sociedade, conforme comunicação que tivestes a bondade de me fazer em offício de 23 de julho próximo findo.

Agradecendo a honrosa eleição, junto envio, para a biblioteca, alguns trabalhos meus, a fim de ajuizarem os ilustres consócios se andaram acertadamente, ou não, no aprovar a proposta do meu excelente amigo sr. Monçaide Ferreira; e, em breve, atrever-me-ei também a procurar entrada no "Boletim" com escrito relativo a Antroponímia, especialidade a que, nos escassos vagares das obrigações de juiz e de professor de Economia Política, me venho aplicando desde 1932, e sôbre a qual, se Deus me der vida e saúde, ainda espero publicar um livro que concorra para lhe difundir o estudo: um Manual Antroponímico.

Quero também, desde já, desobrigar-me junto à Tesouraria, pelo que, para pagamento da jóia e da primeira anuidade, remeto a importância de quarenta cruzeiros.

E asseguro-vos, Sr. Secretário, que tudo farei pelo cultivo da Filologia Clássica e da Filologia Portuguesa e, principalmente, "em prol do soerguimento e da prática da sã vernaculidade", objectivos capitais da Sociedade em que vós e outros mestres preclaros houvestes por bem admitir-me.

Atenciosas saudações.

XLIV

Florianópolis, 6 de janeiro de 1945.

Meu caro Loureiro Fernandes,

Mal recebi os ANAIS - o que ocorreu há menos de duas horas -, cortei-lhe as folhas e percorri-o todo.

Trabalho completo e bem feito, dá perpetuidade ao que se fez no patriótico Congresso de História da Revolução de 1894.

Para você foi o operário-mar de toda a obra, desde a sua ideação até a cúpula imponente, que são os ANAIS.

Meus aplausos, meu viridente, imarcescível e salutífero Loureiro!

Espero que realize a anunciada visita, mas não seja ela dos de médico, e sim para conversação repousada, para folga ao seu labor variadíssimo e intenso.

Abraços muito afetuosos e votos de felicidades

do Adm. am. cert.
Humberto Loureiro

Florianópolis, 8 de maio de 1945.

Sr. Dr. Afonso Costa,

Só hoje, dia da VITÓRIA, quando fui ao Palácio congratular-me com o Interventor dr. Nereu Ramos, — e pela VITÓRIA também vivamente me congratulo com o meu querido Amigo, Mestre e Chefe, — só hoje é que fiquei inteirado do resolvido acerca do livro de Carlos Rubens.

Explica-se a demora dessa informação pelo fato de, há mais de três meses andar eu às voltas com um eczema no pé esquerdo, que me força a permanecer em casa, pois o sapato atinge a parte chagada. Saio somente quando há necessidade absoluta. Avistei-me, por isso, poucas vezes com o dr. Nereu depois que ele daí voltou: na sua recepção, a que compareci, em sessões do Instituto Histórico (duas conferências de Joaquim Ribeiro e comemoração do centenário do Barão do Rio Branco) e na missa votiva pelo décimo aniversário de governo, a 12 do corrente. Mas só hoje é que pude tratar do assunto. É fácil de compreender a minha alegria pelo êxito completo da empresa a que o prestantíssimo Amigo meteu ombros. Imagino, por outro lado, a alegria do atribulado idealista Carlos Rubens pela edição monumental do livro que com tão paciente carinho elaborou.

Tem aí o grande animador da Academia Carioca e da Federação das Academias de Letras uma compensação para as decepções que não lhe têm faltado. Essa é uma vitória sua indisputável. E quero lembrar outras: o LACERDA COUTINHO, sobre o qual teve Carlos Rubens a bondade de escrever interessante comentário (do qual recebi um exemplar, que agradeço), e outros trabalhos que têm sido apresentados no Instituto Histórico de Santa Catarina prendem-se aos seus toques de despertar. Só lhes resistiu a Bela Adormecida. Mesmo assim, seus sinais de vida, que, além de outros proveitos, lhe valeram um decreto econômico de subvenção que lhe deu o Estado amelhrou mais de cinco mil cruzeiros. O Príncipe que a desencantar já encontrará recursos para modesto enxoval... E nisto tem parte o sr. dr. Afonso Costa.

Quão de lamentar é, pois, o seu afastamento de associações em que era tão útil e das quais irradiava influência para tão remotas gentes!

Já completei, graças a Deus, os trinta anos necessários para a aposentadoria voluntária; mas não terminei a consolidação da legislação de terras. É serviço que exige exames minuciosíssimos, complicados ainda pela abundante legislação federal que, muitas vezes em quando, interfere em matéria anteriormente da competência estadual. Daí frequentes perplexidades do cerzidor de leis.

Abraço-o com grande estima, desejando-lhe saúde robusta e todas as felicidades.

Exmo. Sr. COLONEL EDUARDO NEVES

Florianópolis, 8 de maio de 1945

Florianópolis, 20 de junho de 1945.

Meu caro Tomás,

Deixo-te saúde e todas as felicidades.

Leva à conta do teu muito serviço a falta de notícias minhas. Ainda não ultimei a comissão, que tenho, de consolidar as leis de terras do Estado e, por isso, embora já tenha completado trinta anos de serviço público, não pude requerer a minha aposentadoria. No mês que vem, se Deus quiser, concluirei o trabalho.

Junto vai o opúsculo por que se interessa o sábio Said Ali. Envio também um exemplar para o professor Matoso Câmara. Isto não tenha preparo para entender devidamente o assunto, estou lendo com toda a atenção as suas NOTAS GRAMATICAIS DE SANSKRITO. A seguinte observação que nelas encontrei:

"há exemplos esporádicos de transferência de formas passivas para a correspondente ativa da classe "ya", por simples recuo do acento tônico, sem se substituírem as desinências mediais"

fêz-me recordar fato análogo, mas não esporádico e sim regular, da língua grega, que até hoje só encontrei assinalado no CÍRCULO DE RAÍCES GRIEGAS, por el doctor Jesus Piaz Leon (México, 1940):

"En las voces compuestas de un substantivo y un verbo, es de gran importancia marcar con precisión el acento, conforme el valor que se le quiere dar á la palabra. Quando el acento descansa sobre alguna de las sílabas del verbo es una voz activa, y si descansa en el substantivo es pasiva:

Antropófago - el que come hombres.

Antropófago - el que es comido por los hombres."

O livro dá ainda outros exemplos, que omito, substituindo-os por três outros: theophóros - que leva um deus, theóphoros - inspirado por um deus; Theotókos - a mãe de Deus, theótotos - o filho de um deus; hippocrómos - o corredor de cavalo, "cursor equester", hippódromos - o lugar onde correm os cavalos.

Estamos hoje a preparar a nossa tradicional fogueira de S. Pedro. Já mandamos avisar parentes e amigos, todos os quais já sabem que é festa à antiga com aipim e melado.

Esperamos com muita alegria a tua próxima visita.

Florianópolis, 15 de julho de 1945.

Meu distinto colega e amigo professor
 Adário Paraná Mérios,

Saúde e felicidades.

Em ARQUIVOS DO MUSEU PARANAENSE, volume V, ontem recebido, vi seus trabalhos e o de Arion Tall Igna Rodrigues. Percorri-os ligeiramente, mas pretendo lê-los, logo que me sobre tempo.

Para o já ilustre discípulo, mando, por intermédio do sábio Mestre, um exemplar da primeira edição de O SELVAGEM, de Couto de Magalhães, pedindo-lhe também que o informe: 1º, de que de O TUPI NA GEOGRAFIA NACIONAL há uma terceira edição de 1928, "correta e aumentada", impressa na seção gráfica da Escola de Aprendizes Artífices, da Bahia; e, 2º, de que o professor Egon Schaden traduziu uma parte da obra de Carl von den Steinen, que já foi estampada em São Paulo. O endereço desse professor, que é filho de Francisco Serafim Guilherme Schaden (modesto professor primário, hoje aposentado, residente em São Bonifácio do Capivari, município de Palhoça, Santa Catarina, citado em O XOCREN E IDIOMA CAINGANGUE), é caixa postal nº 2.059, São Paulo.

Fiquei muito satisfeito com a eleição do meu preclaro colega para membro correspondente da Academia Brasileira de Filologia, da qual tenho igual título em Florianópolis.

Que notícias me dá do seu DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS? Continuo a esperá-lo, certo do proveito que trará para os meus estudos congêneres.

Abraçando-o com muita estima, peço-lhe que nas férias também se lembre de amigos que se presumem civilizados, entre os quais está

Florianópolis, 9 de setembro de 1945.

Meu caro Silveira Júnior,

Fico-lhe agradecido pela comunicação da resposta do professor Silveira Bueno.

Acho que você deve insistir na sua explicação. Não renove, porém, qualquer referência aos elogios que lhe parecem insinceros.

A etimologia de bitruca não envolve nenhum caso de filologia românica ou germânica, em que, realmente, seria atrevimento seu querer contrariar o ilustre professor. É caso de termo de gíria, de termo que você conheceu talvez no seu nascedouro e de que acompanhou a carreira vitoriosa. O douto professor só o observou de passagem e nem lhe apreendeu a verdadeira pronúncia.

Para aproveitar a comparação que você faz, dir-lhe-ei que Davi, quando enfrentou Golias, não era ainda guerreiro. Não pôde, por isso, ajeitar-se com a armadura e as armas do rei Saúl. O pastorzinho mal saído da meninice, sabia apenas manejar a sua funda; com ela, porém, abatia leões e ursos, na defesa do rebanho paterno. com ela venceu o gigante.

Você, de sua parte, não conhece sânscrito nem grego, nem latim nem tudesco; mas tem, conforme já declarou, a prática de caixeiro de botequim; conhece, pois, a fala e as metáforas dos naus d'água e, neste particular, pode falar com autoridade.

Não faça, por favor, uso desta minha opinião. Apesar de alguns me suporem gramático, tenho medo dos azedumes dos mesmos e não quero desavenças com eles. Quando saudei o professor de quem ora nos ocupamos, tomei até para tema da minha alocução as brigas de gramáticos.

Abraco-o muito cordialmente, desejando-lhe tôdas as felicidades.

XLIX

Florianópolis, 10 de setembro de 1945.

Meu caro Silveira Júnior,

É gracioso e valioso o seu artigo sobre a BIRROCA. Se não quiser enviá-lo diretamente ao professor Calveira Bueno, cujo endereço é - rua Pedro de Toledo, n. 185, São Paulo, mande-me um exemplar, que eu farei a remessa.

Com a sua saúde

É favor dizer ao Sr. Corréa que a conferência não caiu em esquecimento. Estou apenas esperando oportunidade.

Abraços muito cordiais.

L

Florianópolis, 4 de outubro de 1946.

Exma. Senhorinha Miriam Lifchitz,

Apresentando-lhe atenciosas saudações, respondo com grande prazer à sua carta de 27 de setembro.

Realmente, conforme lhe informou o meu excelente amigo professor Egon Schaden, venho, há muitos anos, fazendo estudos sistemáticos de Antroponímia, de modo que, embora conheça do hebraico pouco mais do que os seus sinais de escrita, poderei fornecer-lhe algumas indicações relativamente aos nomes pessoais dessa língua. Os meus estudos são principalmente de ordem filológica; procuro, em primeiro lugar, a etimologia e a significação dos nomes. Nessas pesquisas, entretanto, devo muitas vezes transpor os limites linguísticos, para entrar na vida social, pois a denominação das pessoas é fato social, que os elementos linguísticos, por si sós, não sempre explicam. Os nomes devem também ser estudados em seu conjunto ou em suas séries, e desse estudo não fragmentado resultam conclusões sobre o caráter do povo. Nos antropônimos hebraicos e semíticos em geral domina a religiosidade. Ao sentimento religioso dos babilônios revelado nos nomes pessoais faz referência José Huby, em CHRISTUS, história das religiões, págs. 101 e 114, 3ª vol. Relativamente aos nomes em que entra o de uma divindade - nomes teóforos - estou alinhavando um ensaio, de que lhe envio o começo. A propósito do interesse psicológico e social dos nomes há observações interessantes em Albert Dauzat - LES NOMS DE PERSONNES, págs. 6 a 9.

Fornecer-lhe-á ótimos subsídios para a sua tese a grande obra de F. Vigouroux - DICTIONNAIRE DE LA BIBLE -, onde há um desenvolvido artigo no verbete Noms e onde se trata particularizadamente dos nomes de Deus e de cada um dos nomes pessoais que figuram na Bíblia. É obra que se encontra em bibliotecas eclesásticas e que, com certeza, será achada na monumental Biblioteca Municipal dessa Capital. Lá também há de haver a Enciclopédia Hebraica, de que conheço uma edição em inglês e que traz longo artigo sobre os nomes hebraicos. Tenho notícia de um livro alemão especializado - M. Noth - DIE ISRAELITISCHEN PERSONENNAMEN -, mas ainda não consegui vê-lo. Encontrei-o citado em um trabalho, que lhe recomendo - O NOME DE MARIA À LUZ DE RECENTES DESCOBERTAS ARQUEOLÓGICAS, que se acha na Revista Eclesiástica Brasileira, em volume relat-

vo ao ano de 1940 ou 1941. É escrito por um jesuíta, o padre Ernesto Vogt, que ultimamente, no Seminário de São Leopoldo, Rio Grande do Sul, de que é professor, leu um ensaio sobre nomes hebraicos, do qual hei de receber um exemplar, logo que seja publicado.

É isso, exma. Senhorinha, o que de pronto e ao correr da máquina, para não demorar a resposta, posso dizer-lhe sobre o assunto. Outras informações mais precisas talvez lhe possa fornecer, se tiver conhecimento do esquema a que obedecerá o seu trabalho. Em todo o caso, pode estar certa de que lhe mandarei os elementos de que disponho, pois é grande a minha alegria em encontrar pessoas estudiosas e principalmente de assuntos da minha predileção. Não vejo nelas concorrentes, que me possam furtar descobertas e primazias, mas cooperadores em obra de cultura e de solidariedade científica e humana.

Queira recomendar-me ao professor Scadden e dispor com toda a franqueza

Henrique da Silva Fontes

Enderêço:

Henrique da Silva Fontes,
Avenida Trompowsky, 14,
Florianópolis, Santa Catarina.

N O M E S T E Ó P O R O S

Significativos como são originariamente os nomes de pessoas, é natural que, com frequência, revelem sentimento religioso, já por serem comemorativos de fato da vida da pessoa ligado a ato da divindade, já por encerrarem um agradecimento, uma consagração, uma prece à divindade, ou, simplesmente, porque a designação da pessoa foi aproveitada para uma afirmação de fé.

O nome que contém o de uma divindade é chamado teóforo: é nome "que leva um deus", pois isso significa a palavra teóforo. De tal espécie são o egípcio Ramsés "Filho de Ra", o hebraico Eliézer "Meu Deus é auxílio", o babilônico Nabucodonosor "Nebo proteja a coroa", o fenício Asdrubal "Auxílio de Baal", o sânscrito Indrasena "Dardo de Indra", o árabe Abdala "Servo de Alá", o grego Teodoro "Presente de Deus", o latino Deusdedit "Deus deu", o germânico Codofredo "Paz de Deus", e muitíssimos outros nos mais diversos idiomas.

.....
Henrique Pontes

LI

Florianópolis, 27 de dezembro de 1944.

Meu caro e ilustre Amigo e Professor Silveira Bueno,

A veleidade de perfeição de que a sabedoria popular moteja no brocardo "o melhor é inimigo do bom", tem-me trazido freqüentes dissabores. As desenvolvidas cartas, que projeto, matam as imediatas e inadmissíveis, embora breves, que eu deveria escrever. E a experiência semi-secular ainda não me corrigiu nem por certo corrigirá, porque "pau que nasce torto" tarde ou nunca se endireita".

Esta é a razão de silêncios e ingratidões, com que suplicio e sou supliciado, principalmente supliciado, porque afinal sou eu o lesado em ótimas amizades como é a do meu querido Amigo e Mestre, felizmente tão tolerante para com os meus emudecimentos.

Os seus livros, gentilmente enviados, li-os e reli-os para minha delícia e para meu proveito, particularmente o Auto das Negateiras, de que já vi nas livrarias nova edição. Era mesmo propósito meu mandar-lhe observações em abono de opiniões suas, por exemplo no caso de almotacé, a cuja casinha se refere o Caldas Aulete no verbete relativo a esta última palavra. Li também os seus artigos referentes à vinda a Santa Catarina, tendo sido um deles, por iniciativa do excelente Carlos da Costa Pereira, Diretor da Biblioteca, estampado no Diário Oficial do Estado, aparadas umas rebarbas ferri-marechalícias. Enfim, o professor Silveira Bueno não foi nem será esquecido nem de mim nem dos meus, que, nos anais da família, registram como gloriosa a sua visita amiga e encantadora.

O Revista do Instituto está atrasada. O último número corresponde ao segundo semestre de 1944. Não foi, por isso, enriquecida com a sua conferência sobre Virgílio Várzea, que há de ser publicada. O Instituto vai vivendo: mas não mais alcançou dias esplêndidos como os do início de 1945. Em 1948, queremos comemorar o segundo centenário da colonização açoriana.

Estou aposentado desde fevereiro de 1946. Não adoto nem trabalho para ganhar dinheiro: continuo, porém, a lecionar na Faculdade de Direito. Tenho intensificado os meus estudos troponímicos. Tenho em composição tipográfica um folheto, que talvez saia em janeiro e claro é que o seu exemplar estará em os da primeira expedição.

E aqui, para mais uma vez não cair no pecado do orgulho de que me penitenciei, lanço ponto final, desejando ao meu insigne Amigo e Mestre e a todos os seus um Natal muito feliz um Ano Novo muito próspero, votos que são também os de minha mulher e de meus filhos, e desejando também que se nos abra oportunidade para novo encontro em Florianópolis, onde tem o prazer o Professor muitos admiradores e aproveitados alunos.

Abrços muito cordiais.

Florianópolis, 16 de abril de 1948.

Sr. Dr. Andrade Muricy,

Realizando o seu desejo e cumprindo a promessa que fiz em telegrama de 2 do corrente, envio-lhe, em separado, dados biográficos e produções de Araújo Figueredo.

O Ascetario, livro esgotado e que não possuo, eu mesmo o copiei, para maior segurança de exatidão. Os inéditos, de que falam as notícias, dizem-me que estão com o meu amigo Tito Carvalho, que aí reside e trabalha na Asapress.

Com tempo, poderei colher as muitas poesias que Araujo publicou nos jornais da terra e que, segundo me informam, constituem a matéria que se acha com Tito.

O que vai é, porém, suficiente para dar idéia do poeta e de quanta justiça é incluí-lo no panorama do simbolismo brasileiro.

Por que não vem até aqui abeberar-se do estranho vate e místico? Proponho-me a, oportunamente, dar os passos necessários, se o meu preclaro patricio se comprometer a proferir aqui uma conferência sobre o assunto de sua especialidade.

Não fui mais pronto na remessa nem sou mais estenso nestas páginas, porque ando às voltas com o Primeiro Congresso de História Catarinense, comemorativo do segundo centenário da colonização açoriana. do qual provavelmente lhe há de ir notícias.

Cardeais saudações.

(Henrique Fontes)

P. S. O poeta e os de sua família são Figueredo, sem i na segunda sílaba. Logo que tenha oportunidade, irei procurar o termo do batismo do poeta, nos livros da paróquia desta Capital

Henrique da Silva Fontes
Avenida Trompowsky, 14
Florianópolis, S. C.

Florianópolis, 1º de novembro de 1948.

Meu caro Amigo e ilustre Mestre Professor Paiva Boléo,

A subversão das noções de tempo e distância que trouxe o avião já se fazia estranhar a falta de notícias suas. Elas chegaram-me hoje, pelas onze horas. E não quero também deixá-lo a estranhar taranças de minha parte.

Muito obrigado lhe fico pela delicadeza de me dirigir a primeira carta depois do regresso, mal emerso ainda do mar de gentes e de coisas em que se afundou por trinta dias e a defrontar com a montanha de serviço que, nesse tempo, se alteou em sua mesa de trabalho.

Muito obrigado também pelas expressões bondosas sobre a minha ação, exaradas na carta e na entrevista, que aqui será divulgada.

Ando ainda muito ocupado com o expediente complementar das sessões do Congresso: mas terei presente, para breve solução, a remessa de noticiário ao Reitor da Universidade e ao Ministro dos Estrangeiros, aos quais também escreverei oficialmente. Portugal há de saber que o Congresso teve "excepcional importância" e que terá, se Deus quiser, excepcionais conseqüências e que, para tanto, contribuiu decisivamente o Professor Dr. Manuel de Paiva Boléo.

Supérfluo é dizer que fico ansioso a esperar as conclusões a que chegou com os seus estudos in loco.

Já me informei do objeto esquecido: está em poder do gerente do hotel e já providenciei para que siga por via aérea.

Não me esqueci da Revista Portuguesa de Filologia, como verá dentro em breve.

Dentro em breve, irão também novas notícias.

Não me esquecerei das recomendações que mandou aos muitos amigos e admiradores que aqui deixou.

Minha Mulher e meus filhos agradecem e retribuem as afetuosas saudações, das quais cada um tomou, pessoalmente, conhecimento, por que a sua carta foi lida por todos. Queira também recomendar-me à mesma Senhora, não se esquecendo de que está a dever-me a retribuição de um grupo de família.

Desejando-lhetôdas as felicidades e, entre elas, a de novas vindas à Terra de Santa Cruz, onde pôde sentir que o português não é estrangeiro, abraça-o cordialmente

Florianópolis, 12 de novembro de 1948.

Exma. Sra. D^a Cecília Meireles,

Cumprimento muito respeitosamente.

Lamentamos os do Congresso de História Catarinense e a sua ausência e lamentamos também haver a sua valiosa colaboração chegado no último dia e, assim, sem tempo para ser apresentada à comissão respectiva.

Mas tudo, com boa vontade, se remedeia: para a sua vinda à terra em que não de ser mais vivas as influências acorianas, há de, se Deus quiser, aparecer oportunidade - pois não damos jeito de até cá, de mais longe. vir o insigne "Leivo Poléo" -; para o "Manorata Folclórico dos Açores", há de haver lugar nos Anais, onde é imprescindível para os estudos folclóricos, que o Congresso iniciou e de modo promissor. A comissão que os tinha a seu cargo reuniu especialistas, que apreciaram com critério científico os trabalhos presentes, dando-lhes pareceres orientadores. Fundou-se ainda, para trabalhar com a Comissão Nacional de Folclore, a sub-comissão estadual.

Quanto ao que o Congresso teve êxito cabal. Se, na realidade de estudiosos de fora, não houve as facilidades das competições esportivas, não lhe faltaram, entretanto, auxílios oficiais, avultando o de Cr\$ 100.000 do Governo Estadual, logo de pronto, e o de Cr\$ 200.000 do Governo da União, já constante de lei e que será empregado na publicação dos Anais.

Felicitando-me pelo ensejo, que me abriu o Congresso, de vir a ser conhecido pela distintíssima Patrícia e de a ligar ao movimento cultural catarinense, aguardo suas determinações e seus ensinamentos.

Henrique da Silva Fontes
Avenida Trompovsky, 14
Florianópolis, Santa Catarina

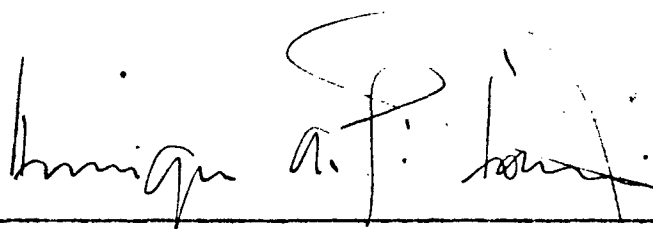
LV

Florianópolis, 25 de agosto de 1949.

Revmo. Sr. Padre Provincial da Companhia de Jesus,

Desejando fazer ao Congresso Brasileiro de Língua Vernácula, que se reunirá em outubro próximo no Rio de Janeiro, uma comunicação sobre o livro SYNTAXE E GRAMMATICA HISTÓRICA DA LINGUA PORTUGUEZA, do meu sábio e saudoso mestre Padre Pedro Schneider (P. S.), venho solicitar a V. Revma. o grande obséquio de me fornecer notas bio-bibliográficas do Autor, informando-me também se do citado livro, além da primeira edição, que foi impressa "como manuscrito", e da segunda, que foi estampada com a indicação de "primeira edição", alguma outra foi dada a lume; e, caso o tenha sido, peço ainda a V. Revma. se digne informar-me onde a poderei adquirir.

Antecipando agradecimentos, apresento a V. Revma. as minhas respeitosas saudações.



(Henrique da Silva Fontes)

Florianópolis, 3 de setembro de 1949.

Meu caro Victor Peluso,

Saúde e felicidades.

Sabíamos eu e os seus muitos amigos que Você ainda vivia, porque, freqüentemente, pedíamos notícias ao Wilmar. Estranhávamos, entretanto, o seu silêncio, principalmente sobre o aparelho de gravação de voz tão ansiosamente esperado pelo pessoal do folclore, que vai trabalhando com persistente entusiasmo sob o comando do Oswaldo Cabral, que, com a ajuda decisiva do Departamento de Estatística, já tem em andamento a impressão, em multilite, do primeiro boletim da Sub-comissão Estadual.

Quanto ao aparelho, chegámos à conclusão de que nos será mais valioso o de fio. Por isso, se o dinheiro não der para adquirir um de fio e um de disco, preferimos o primeiro, da melhor qualidade e bem provido de fios. O de disco poderemos obtê-lo aqui.

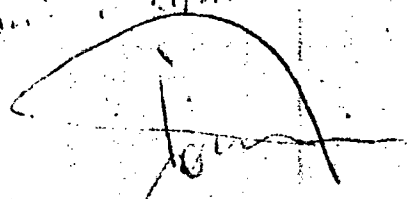
Gostei extraordinariamente das suas informações sobre a organização da vida urbana ianque. Tenho-as lido a muitos, a começar pelo pessoal da família e a seguir pela gente do folclore. Só observações tais, feitas por pessoas inteligentes e capazes, como Você, valem uma ~~visagem~~ visagem ao estrangeiro para subsequente aproveitamento. Isto é melhor do que a importação de técnicos estrangeiros, mais prontos em ver os nossos defeitos e deficiências do que a nossa grande capacidade de adaptação e de progresso.

Desejo-lhe, pois, meu caro Peluso, pelo que está vendo e assimilando e pelos estudos especializados que para aí o levaram, firme saúde e plena tranquilidade espiritual, para que nos traga modelos bons e novos, desejando-lhe ainda que nunca lhe falte aqui o apoio dos poderes públicos, porque com êle é possível passar, de imediato, do plano do pensamento para o da ação.

Abraços muito cordiais

do Imprensa, 4/9/49

W. Cabral



Florianópolis, 18 de novembro de 1949.

Meu prezado confrade e amigo Sr. Durval Ferreira,

Renovo meus agradecimentos pelas suas gentilezas por ocasião das minhas passagens por essa atarefadíssima cidade, na qual, entretanto, o comércio não mata iniciativas de cultura, de tradição e de caridade.

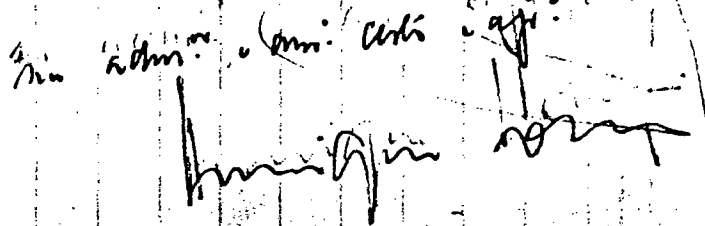
Relativamente ao nome Arakén, encontro em Nelson de Senna a seguinte explicação: "ARAKÉN - não abona muito a viva cidade do portador de tal nome, porque designa, entre os povos Tupis, um pássaro dorminhoco... O nome Arakén ficou popularizado depois que um romance indiano de José de Alencar criou um personagem assim chamado." (ALGUNS ESTUDOS BRASILEIROS, 1ª série, Belo Horizonte, 1937, Traços de ethnologia brasileira sobre a onomástica indígena, pág. 64).

Quanto a DORVAL-DURVAL, há em Rosário Parani Mansur Guérios os seguintes verbetes: "DORVAL, v. Durval". "DURVAL, germ.; al. Thorwald; ant. nórdico Thorwaldr: "o que governa (wald) sobre Thor", i. é, "sacerdote de Thor", deidade germânica dos trovões; cp. lat. Tonans: "o tonante", i. é, Júpiter." (DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO DE NOMES E SOBRENOMES, Editora do Brasil S/A, Curitiba, 1949, pág. 80).

A etimologia é aceitável, tanto mais porque não encontra obstáculos de ordem fonética; mas a respeito dela ainda não fiz estudo particular. Em todo o caso, eu interpretaria o nome não como "o que governa sobre Thor", mas como "o que governa como Thor" ou "o que governa por Thor", isto é, em nome de Thor".

Felo correio comum, vai o prometido número da Revista do Instituto; nem me esquecerei da promessa de admissão entre os sócios correspondentes.

Recomende-me aos ilustres e bondosos confrades Drs. Alvaro Parente e Archimedes Bava, e disponha sempre de quem, pedindo a Deus que lhe conceda tôdas as felicidades, se reafirma


 The block contains handwritten text and a signature. At the top, there are some faint notes: "A. M. Bava", "Arakén", and "Arakén". Below these, there is a large, stylized handwritten signature that appears to be "Arakén" or similar. To the right of the signature, there are some more faint handwritten marks.

LVIII

Meu caro Dr. Artur Pereira,

Procurando elementos para elucidar a nossa palestra de ontem, encontrei a seguinte notícia:

"Ao aproximar-se a morte parece (Adriano) ter recobrado o perdido sossego, se é verdade que fez estes versos, muito criticados então, e que são, todavia, umas das mais delicadas composições poéticas da época:

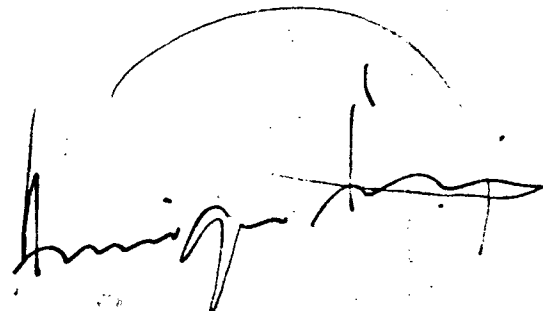
*Animula vagula, blandula,
Hospes comesque corporis,
Quae quid abibis in loca?
Pallidula, rigida, nudula,
Nec, ut soles, dabis jocos."*

(César Cantú - História Universal, ampliada por Antônio Ennes, vol. V., pág. 192).

Se não falham os meus escassos conhecimentos de latim (há textos latinos que, com perdão dos latinistas e dos radiologistas, para mim se assemelham a fotografias destes), isto assim se pode interpretar:

Alminha vagabunda, mansinha,
Hóspede e companheira do corpo,
Para que lugar partirás agora?
Amarelinha, rígida, nuazinha,
Nem, como é de teu costume, servirás de ~~chacota~~
Para maior segurança, quando encontrar o Custódio Campos, vou pedir-lhe a opinião.

Recado do
Epolis., 26/11/49.



Florianópolis, 5 de dezembro de 1949.

Meu caro Walter Spalding,
Saúde e felicidades.

Respondo à sua prezada carta de 16 de novembro, atendendo-lhe em vários itens.

1. O Congresso correu bem. Houve pouca discussão acalorada. A que mais o foi teve por causa uma indicação do Prof. Citicica relativa a publicações em que se deturpa a boa linguagem, e relativa também a nomes despropositados impostos a pessoas. A crítica por ele feita da balbúrdia reinante é exata; mas o remédio oficial proposto para a epidemia é que não era propinável, a menos que caíssemos em regime tirânico mais requintado que alguns que já existiram e que ainda existem. A indicação, nos termos em que foi proposta, não passava; por isso, retirou-a o autor. Os Congressistas eram na sua quase totalidade do Rio, e principalmente da média e nova geração: Joaquim Matoso da Câmara Júnior, Ismael de Lima Coutinho, Modesto de Abreu, Gladstone Chaves de Melo, Serafim Silva Neto, Carlos Henrique da Rocha Lima, Sílvio Elia, Celso Ferreira da Cunha, Jesus Belo Galvão, etc. Da velha geração, os principais eram José Citicica, Eugênio Vilhena de Moraes, Antenor Nascentes e Jacques Raimundo. Foi Vice-presidente o Professor Sousa da Silveira, que, sendo talvez o mais velho Congressista, é o mestre acatado dos jovens filólogos. Tiveram, além disso, parte ativa nos trabalhos vários Imortais, entre eles: Gustavo Barroso, Presidente, como Presidente que é da Academia; Rodrigo Octávio Filho, Secretário-geral e incansável propulsor do Congresso; o magnífico Reitor Pedro Salmon e Celso ~~Kudlog~~. Gente de fora, que descobri: dois de São Paulo: Mário de Sousa Lima e Carlos Furlamaqui Kopcke, doudas e ótimas pessoas, o primeiro de meia idade e o segundo jovem entusiasta, que, conforme depois me declarou, se surpreendera ~~xxxxxx~~ com descobrir que um grave desembargador seu companheiro de comissão era um espírito jovial; dois de Minas: Abgar Renault e Mário Casassanta (este com grande pesar meu, só compareceu a uma sessão de comissão); e um cearense moço, Professor Girão, a quem só vi numa sessão parcial a defender veementemente um seu parecer, que suscitara uma declaração de voto divergente. Infelizmente, não compareceram gaúchos a esta ~~sessão~~ ^{sessão filológica}. Pelo menos, lá não descobri nenhum. Fui relator de

LX
Florianópolis, 27 de abril de 1950.

estdôqônetrofl

Meu caro Silveira Júnior,

Saúde e muitas felicidades.

A sua apreciada carta de 11 do corrente não teve imediata resposta por motivo de muito serviço no dia em que a abri. Entrou na fila; mas, depois, - diga-se a verdade, - caiu em esquecimento. Eu, porém, sofro de insônia; e, nas minhas vigílias, que decorrem na cama à espera de que o sono venha afinal, lembro da muita coisa que está por fazer. Esta noite, lembrei-me da sua carta; e, despachado o serviço urgente, passo a dar-lhe resposta.

Eu não tenho dúvida em dizer "faço votos de muitas felicidades", e uso freqüentemente, em cartas e telegramas, a fórmula elíptica "muitas felicidades". A palavra felicidade não está aí no sentido de "qualidade do que é feliz", de "estado de quem é feliz", de "bem-aventurança"; mas no de "bom êxito", "acontecimento propício", "evento favorável", "fato que dá satisfação". Nada há, assim, de estranhável no plural. Pode-se também dizer: "Faço votos de muita felicidade". Aí, sim, felicidade quer dizer "estado de quem é feliz". Deseja-se que tal estado não seja precário, mas intenso; duradouro.

Uma observação: a polêmica em que se empenharam os dissidentes não foi gramatical, porque não estava em causa nenhuma regra de gramática. A frase, como disse muito bem o que a usou, está gramaticalmente certa. A discussão foi sobre a conveniência ou desconveniência de termos pelo seu sentido. Versou, por isso, não sobre gramática, mas sobre lógica.

Mande o seu trabalho sobre "Termos e expressões ~~regionais~~ regionais" à Sub-comissão de Folclore, que o receberá com agrado. Convém dispor os elementos colhidos em ordem alfabética.

Como vai o Anuário de 1951?

Diga ao Nereu Corrêa que tenho estranhado o seu silêncio.

Abraços

HENRIQUE DA SILVA FONTES

Avenida Niemcewsky, 14 - Florianópolis

Meu prezado Amigo e ilustre Mestre Professor Paiva Boléo,

"Quão doce é o louvor, e a justa glória
Dos próprios feitos, quando são soados!"

.....
"Quem valerosas obras exercita,
Louvor alheio muito o experta e incita".

Ocorreram-me estes lapidares conceitos do sonoro lusíada, ao ver
impresso e ao reler "O Congresso de Florianópolis".

Bem haja? Sr. Professor, pelo estímulo que nos trouxe e pela propa-
ganda que faz de um certame cultural luso-brasileiro não despreciando!

O seu trabalho terá, conforme já lhe disse, lugar de relêvo em nos-
sos Anais, no primeiro volume, que conterá a parte noticiosa, estando já
96 páginas impressas. O segundo volume, que compreende os escritos apre-
sentados às três primeiras secções, já está quase pronto, e estamos a es-
forçar-nos para ^{que} ainda o fique este ano. Terá cerca de 600 páginas, das
quais já estão impressas 516, estando quase concluída a ^{compilação da} restante matéria.

Com a presente carta, respondo às suas muito apreciadas de 14 e 23
de agosto e 6 de novembro, cumprindo-me informar-lhe que também me veio
às mãos a primeira cópia do seu relatório, que se extraviara entre outra
correspondência.

A carta de 14 de agosto trouxe-me a nova cópia do relatório, que
imediatamente devolvi, sem ter tido tempo para o fazer acompanhar de pa-
lavras que ampliassem as notas brevíssimas, que lhe apus.

A carta de 23 de agosto encontrou-me de partida para Blumenau, aon-
de fui para, como Presidente do Instituto Histórico, participar das festas
do primeiro centenário da fundação da colônia. Tomei imediatas providên-
cias para conseguir o desejado mapa do Estado, mas não o pude obter nas
precisas condições nem o poderia obter com brevidade, porque o Engenheiro
Victor Peluso, que me poderia mandar desenhar, estava em Blumenau a orga-
nizar uma exposição etnológica.

De Blumenau, mal iniciadas as festas, tive de me ausentar, para ir
a Itajaí, a fim de assistir ao sepultamento de minha querida Mãe, que, aos
91 anos de idade, foi chamada ao Céu. Eu tinha ido vê-la poucos dias an-
tes e, apesar de o seu estado de saúde inspirar cuidado, não só pela ida-
de, mas também por angústias que padecera e estava a padecer com a doen-
ca do seu filho Cônego Tomás, que esteve à morte, nunca supus que tivesse
tão rápido passamento. O doloroso fato concorreu para ficarem sem respos-
ta as cartas de agosto. Ando, além disso, muito atarefado com os Anais, que
me levam diariamente à tipografia; tenho também as minhas obrigações de
professor da Faculdade de Direito, e trabalho com afinco nas minhas Di-
gressões Antropométricas, em cuja página de rosto pus o ano de 1950, sem
entretanto, poder concluir-lhe a ^{matéria} ~~matéria~~ ainda este ano. Devem abranger
umas 180 páginas, incluindo os índices e tratarão de mais de 1.500 nomes.
Há nelas duas referências a obras do meu caro Mestre. *Já está impressas*

124 páginas.

Na sua carta de 14 de agosto, há uma pergunta sobre se resultara alguma coisa de positivo do Congresso Brasileiro de Língua Vernácula. A minha opinião é afirmativa, embora não tivesse o Congresso a concorrência que seria de esperar, em face do interesse que há no Brasil pelas coisas da língua nacional. Houve pouca propaganda, de modo que os trabalhos apresentados não chegaram a 40, isto é, foram apenas um terço dos trazidos ao nosso provincialano Congresso de História. Houve também poucas pessoas dos Estados. Ao que apurei, sem falar nas do Estado do Rio, que é uma quase dependência da Capital da República, compareceram dois paulistas, representantes oficiais; dois mineiros, nas mesmas condições; um professor cearense, que não sei em que caráter se apresentou; e um catarinense, que fui eu e que fui como particular e à minha custa. Foram, porém, apresentados trabalhos de grande valor e havia congressistas de primeira classe. Foi assíduo nas sessões o Professor Jaime Cortesão, e tive a honra de ser relator de um seu ensaio. Eu apresentei modesta comunicação relativa a uma gramática escrita por um meu professor e baseada na famosa Réplica, de Rui Barbosa (o Congresso era comemorativo do centenário do nascimento deste insigne brasileiro). Certamente lhe agradecerá a informação de que nenhum congressista pôs em dúvida que a língua nacional é a língua portuguesa. De Anais do Congresso, segundo me disse em carta recente o Professor Gladstone Chaves de Melo (autor da Língua do Brasil), ainda não notícia.

Em sua carta de 6 de novembro, há uma pergunta a cerca da opinião dos meus filhos sobre a eleição presidencial. Eles, naturalmente, desejavam a vitória, pela qual trabalharam bravamente, do seu candidato Brigadeiro Eduardo Gomes; mas, no sector estadual, foram vencedores, porque alcançaram a eleição do seu candidato ao governo do Estado. Meu filho Paulo foi reeleito deputado à Assembléia Estadual, assim como também o foi o Oswaldo Cabral.

Recebi e li, com encanto e proveito, a sua tradução de "O Barbarismo segundo os gramáticos latinos", ferozes gramáticos de estirpe não extinta. Acredito que a "Biblioteca de Linguística" consiga muitos fregueses no Brasil. A dificuldade está em obter os escudos para pagamento. Talvez se resolva esse problema, voltando à economia natural, à economia da troca; autores portugueses seriam pagos com livros fixos brasileiros, que aí poriam à venda, embolsando-se dos escudos devidos.

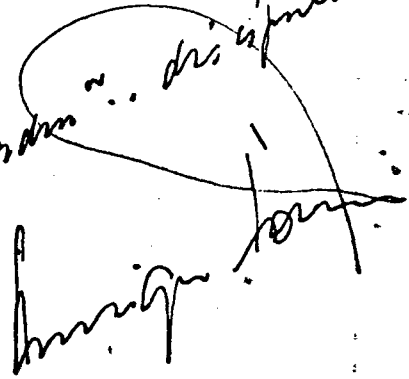
(A presente carta, nesta altura, foi suspensa pela chegada do nosso amigo Dr. Joaquim Madeira Neves, que dela tomou conhecimento, pedindo-me então que ^{solicitasse} do prezado Mestre uma relação de trabalhos publicados aí em Coimbra sobre antropologia e medicina legal. Anda êle às voltas com a docência livre de medicina legal, para a qual se vai inscrever na nossa Faculdade de Direito. O tema que escolheu prende-se a raça e criminalidade. Procurou-me, não só porque, apesar da disparidade entre a sua juventude e a minha velhice, somos bons amigos, mas também porque desejava confirmação de umas etimologias da palavra raça. Mostrei-lhe o que tenho sobre o assunto, inclusive o Etymologisches Wörterbuch, de Kluge e Götze,

ão de 1948. Quando se retirou, depois de agradável palestra, eram ho-
 de jantar, pelo que ficou esta para ser concluída hoje. A noite, váio
 essa casa outro amigo nosso - o Oswaldo Cabral, também candidato à do-
 ia livre. Já escreveu sua tese, que versa sobre "O segredo médico em
 da lei penal e da deontologia". Pediu-me êle que dissesse ao illustre
 re que está para lhe escrever e que vai seguir as suas instruções para
 pedição postal do Boletim de Folclore. É preciso aqui um esclarecimento?
 será a chave do enigma do interesse pela docência livre: a Faculdade vai
 ber, de acôrdo com lei/já sancionada, uma subvenção anual que lhe per-
 rá pagar vencimentos iguais aos dos professores da Universidade do Bra-
 ou sejam mais de oito mil cruzeiros mensais. Eu, que sou interessado
 atéria, vou, entretanto, pleitear redução nesses vencimentos, para ter-
 saldos que permitam adquirir terreno para uma cidade universitária e
 a construção e instalação de uma ^{escola} ~~prédio~~ monumental, que faça de Floria-
 lis, no Brasil, o que é Coimbra em Portugal. E fecho aqui o longo parên-
 , para pôr termo a esta já fastidiosa carta. São oito horas e quarenta
 nco minutos, - hora brasileira de verão-, na realidade, são sete horas
 os ditos minutos.)

No ano que vem, se Deus quiser, providenciarei para a continuação das
 naturas da sua preciosa Revista Portuguesa de Filologia, que merece ser
 ecida e amparada também no Brasil.

No Rio de Janeiro, quando lá estive por ocasião do Congresso de Lin-
 Vernácula, visitei o venerando Professor Said Ali e tive a satisfação
 saber que o meu caro Mestre também o visitara, em companhia do nosso bo-
 simo Serafim Silva Neto, e que lhe expressara o conceito em que o tem
 o principal sabedor da sintaxe portuguesa.

Todos os meus, que já leram com alegria do Congresso de Florianópo-
 s", lhe mandam cordiais recomendações e votos de boas festas, extensivos
 dos os seus. Iguais recomendações e votos também lhe apresenta

am: ... discípulo


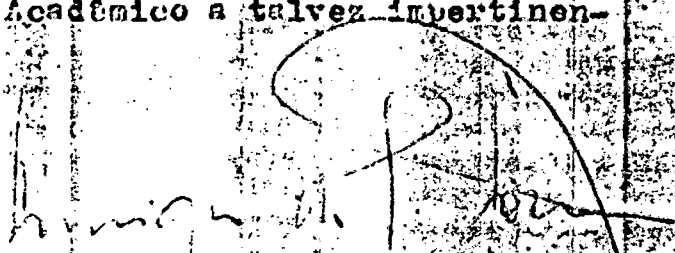
LXII

Florianópolis, 21 de junho de 1951.

Sr. Acadêmico Núcio Leão,

Por que não incluir entre os brasileirismos, e sob a denominação de "palavras de formação erudita", os que o lúcido Relator do respectivo Dicionário aponta em seu sólido Parecer: Silogeu, necrotério, cardápio, convés-cote, etc.?

Releve o operoso Acadêmico a talvez impertinente pergunta do provinciano



(Henrique da Silva Pontes)

Meu douto colega Professor Dr. José de Sá Nunes,

Agradeço-lhe, retribuindo-os muito de coração, os votos de felicidades neste novo ano, que, para nós, crentes, sejam quais forem os eventos, é mais um ano da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Agradeço-lhe também, muito confortado, as palavras animadoras a que apreciou o meu desambicioso livro e que, corroborando as de outros sabedores que já o leram, me decidem, se Deus me der vida e saúde, a desenvolvê-lo em outro, que se baseie na sistematização apresentada para os fatos que êle expõe.

Era dever meu escrever-lhe extensamente em resposta às suas continuas ponderações relativas ao nome civil. Tenho, porém, poucos momentos, já/andar às voltas com a expedição do meu livro, que não visou vantagens econômicas, mas ao desejo de vulgarizar conhecimentos que me afiguram relevantes; já por estar envolvido na fundação de uma Faculdade de Filosofia; já também pelas minhas funções na Faculdade de Direito, que, no mês passado, me levaram ao Quinto Congresso de Estabelecimentos Particulares de Ensino, que se reuniu em Porto Alegre. Usarei, por isso, linguagem quase telegráfica, e que se me afigura preferível a procrastinar a resposta, para a dar longa e minuciosa. O melhor inimigo do bom.

II O "Jornal de Commercio" de 19 de agosto de 1951 não o recebi, por omissão da remessa que ocorreu naquele mês e que motivou reclamação minha, atendida, mas sem suprimento dos números não enviados. Fiquei, assim, privado do artigo nêle inserto, pois todos os seus escritos são sempre por mim lidos com a merecida consideração. Por outro lado, não esqueço o livro do Dr. Octávio Monteiro da Silva. Peço, entretanto, a sua atenção para o que, a respeito de prênome com a aceção de "antano-", digo à pág. 201, linhas 11 a 26.

22 A razão da minha preferência pela bipartição do nome civil dá-se à pág. 200, linhas 21 e 22. Não impugno, porém, a de Mestre Leão de Vasconcellos, a qual, sobre ser a mesma do anotador anônimo das "Reflexões sobre a Língua Portuguesa", de Francisco José Freire (ver "Introdução Portuguesa", pág. 15, nota; e "Reflexões", 2ª edição, vol. I, pág. 149), foi no Brasil adotada pelo decreto n. 9.886, de

7 de março de 1888, que instituiu o Registro Civil:

"Art. 58. O assento do nascimento deverá conter:
 (...) 5º O nome e sobrenome que forem ou houverem de ser postos à criança; (...) 8º Os nomes, sobrenomes e apelidos dos pais; (...) 9º Os nomes, sobrenomes e apelidos de seus avós paternos e maternos; 10. Os nomes, sobrenomes e apelidos (...) do padrinho, da madrinha e de duas testemunhas (...)"

3º A enumeração ~~por~~ nome-prenome é velha em nossa legislação. Remonta, pelo menos, a 1832, pois assim reza o art. 86 da lei de 29 de novembro desse ano, que promulgou o Código do Processo Criminal da Primeira Instância: "As testemunhas (...) devem declarar seus nomes, prenomes (sic)".

Repete-se a enumeração no art. 176 do muito louvado decreto n. 757, de 25 de novembro de 1850: (as testemunhas) "devem declarar seus nomes, prenomes (sic)".

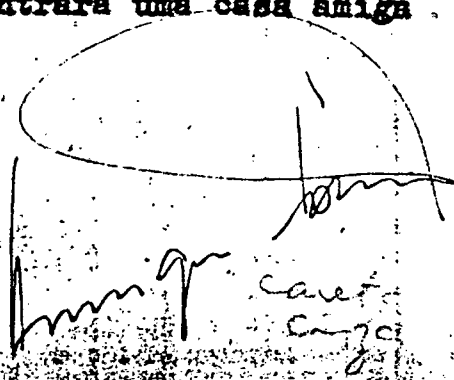
A mesma enumeração foi introduzida no Projeto do Código Civil, de insignes Clóvis, por emenda do deputado Anísio de Abreu, sendo a palavra prenomes corrigida para prenomes por Mestre Carneiro Ribeiro.

O formidável Rui, baseando-se em Bluteau, entendeu prenome como "anteposição", no passo que o meu ilustre colega citou em sua carta. O termo é, porém, tomado com o ^{sentido} ~~significado~~ que os franceses dão a pré-nom ~~em~~ disposições ~~relativas ao~~ Registro Civil. Algumas delas são por mim citadas à pág. 189 das minhas "Digressões".

E aqui faço ponte, na expectativa de que ele não seja o da nossa amistosa conversa epistolar, nutrindo ainda a esperança de o ver nesta nossa tranqüila Florianópolis, onde encontrará uma casa amiga e muitos admiradores e discípulos.

Endereço:

Henrique da Silva Fentes
 Avenida Trompowsky, 14.



Henrique da Silva Fentes

Meu douto colega Professor José Quintella Vaz de Mello,

Desejo-lhe paz, saúde e todas as felicidades.

Venho agradecer-lhe a oferta de "Estudos de Philologia", "O a da palavra abysmo" e "Um anachronismo na Candelária", trabalhos que li de imediato e que me puseram ante notável conhecedor das línguas clássicas e de línguas semíticas.

Que frutuosa aplicação terá tão copioso saber em estudos antropométricos! Será mesmo imperdável ao seu possuidor não os aproveitar, nesse campo, em obra de conjunto. A messe chama por operários, e estes serão ainda os da primeira hora.

Interpreto as palavras de sua carta de 14 de janeiro: "em breve, irei ter o prazer de conhecê-lo pessoalmente" — como anunciadoras de próxima vinda a esta Capital, fato que me enche de alegria e a que já dou o complemento de ver e ouvir o ilustre mestre, em erudita conferência, a enriquecer os estudiosos catarinenses.

De seu programa dê-me notícia, para que eu, na medida de minhas forças, lhe acrescento qualquer adjutório.

Muito cordilamente,

Endereço:

Henrique da Silva Pontes
Avenida Trompowsky, 14, Florianópolis, SC.

LXV

1º de março de 1952.

Meu caro Luiz Gallotti,

Muito agradecido lhe fico pela oferta dos seus "Pareceres".

Acabo de percorrer-lhe o índice, tendo lido os relativos a assuntos que mais me interessam, como, entre outros, o de págs. 5 a 7 (inelegibilidade), o de págs. 97 e 98 (magistrado-cotista), o de págs. 263 e 264 (empate) e o de pág. 383 (pre-nome).

Mais uma vez, encantei-me com o seu poder de síntese sem prejuízo da clareza.

O parecer relativo a empate tem o rigor das formulações algébricas e tem força de solução matemática.

Renovo, por isso, o meu voto de ver a sua lucidez e sabedoria condensadas em obra de conjunto.

Junto vai um livro meu. Vai atrasado, não porque Você não esteja entre os meus amigos da primeira linha, mas porque comeci a distribuição pelos filólogos ("gramáticos" é agora termo depreciativo), os quais, contra o que é habitual nessa raça irritável, o tem recebido com benevolência.

Brevemente, mandá-lo-ei aos seus egrégios Colegas.

Pena foi não termos tido tempo para conversar.

Recomende-me à exma. Senhora.

Abraços

de v. m. e. atenciosamente
Luiz Gallotti

Exmo. Sr. Professor Marques Braga,

Muito lhe agradeço as bondosas palavras com que apreciou o meu livro, as quais, sem que eu me julgue herói de "valerosas obras", fizeram ressoar-me aos ouvidos o sentençaio dito camoniano:

"Quem valerosas obras exercita
Louvor alheio muito o experta e incita".

Muito agradecido lhe sou também pela oferta das "Cartas de Teófilo Braga" e das "Elogias de Bernardim Ribeiro"; cartas em que o grande e provecto subscriptor vaza o alto conceito que lhe merecia o então jovem destinatário; Elogias sobretudo preciosas, já porque eu não as conhecia todas, já também pela esmerada edição em que se apresentam, esmerada no feitiço gráfico e nos comentários eruditos.

Sou leitor de bucólicos, não só como apreciador da poesia lírica, que se me afigura a poesia mais substancial- (Camões é grande épico, porque é incorrigivelmente amoroso e enche a sua epopéia de lirismo)--, senão também pelas subsídios que os bucólicos fornecem à antroponímia. Para aprofundado estudo neste particular, tem-me, porém, faltado não só tempo, mas principalmente obras fundamentais, como as dos italianos, espanhóis e franceses e ainda de alguns autores de língua portuguesa.

A propósito de antropônimos de Bernardim Ribeiro, submeto ao juízo do preclaro Mestre as minhas seguintes ~~antropônimas~~ opiniões:

- 1) JANO pode ser anagrama de JOAN, forma arcaica de JOÃO; de sua amada JOANA toma Bernardim nome para si e apresenta-se como JOAN, e transfere o seu nome para ela, que passa a BERNARDINA ou, hipocoristicamente, DINA. Lembre-se ainda que RIBEIRO anda acasalado com RIBEIRA.
- 2) JENAO é anagrama de JOANE, outra forma arcaica de JOÃO.
- 3) LORIBAINA é anagrama de BRIOLANJA (I = J, como JOANA - AONIA).
- 4) LAMBERTEU parece anagrama de alguma forma arcaica ou popular de BARTOLOMEU.

Para a poesia pastoril de Camões em que há uma desdenhosa DOMINGAS:

"Domingas! - no vale brado;
Responde o eco: -Domingas!
E tu inda te não vingas
De me ter doudo tornado?"

tenho esta explicação, que, igualmente, submeto à sua superior instância: "DOMINGAS", na voz do eco, será "Dou mingas" (o eco, em devaneios literários, sempre dá respostas adequadas). Anda, entretanto, o trocadilho despercebido, tanto em Portugal como no Brasil, pelo seguinte: em Portugal, o antropônimo pronuncia-se Du-mingas, que nada sugere; e, no Brasil, onde a pronúncia é Dô-mingas, não corre a ~~mesma~~ corruptela mingas de minguas. Para admitir que, no séc. XVI, a pronúncia seria Dô-mingaa, tenho o apoio de Gonçalves Viana:

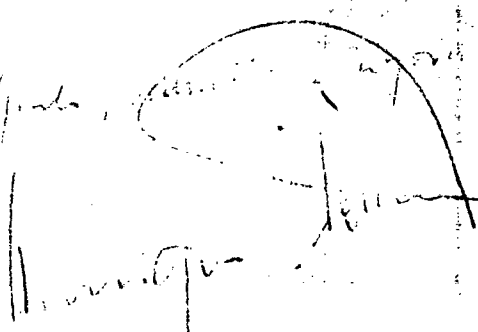
"O o átono valendo por u é uma particularidade da pronúncia portuguesa (...), que é necessário manter, não só porque não estamos perfeitamente seguros de que em tais circunstâncias tivesse tido sempre esse valor, mas também porque no Brasil ele se diferencia do u, excepto quando é final" (pág. 92); e

"No Brasil, como já ponderei, se mantém em geral a distinção entre o e u na pronúncia das sílabas antetónicas, como documento, portanto, modificar, etc." (pág. 93) (Ortografia Nacional, Lisboa, 1904).

Outra alegria netrouxeram a sua carta e os seus livros: o poder comunicar-lhe um fato que sempre desejei chegasse ao seu conhecimento. Em 1947, proferiu o Professor Henry Hare Carter, aqui em Florianópolis, uma conferência, na qual, de passagem, se referiu à sua estada em Coimbra. Interessou-me essa circunstância; e, por isso, o procurei no fim da sessão, travando-se entre nós animada conversação, no curso da qual me falou ele no Cancioneiro da Ajuda, de que publicara uma edição diplomática. Confessei-lhe que a desconhecia, possuindo, entretanto, uma recente edição portuguesa abundantemente ~~xxxxxxxx~~ anotada. Mostrou-se ele surpreso com a minha afirmação e, curioso, acompanhou-me até nossa casa, onde se certificou da exatidão da notícia, verificando ainda, com grata e nova surpresa, que o seu nome e a sua edição haviam merecido especial homenagem na edição Marques Braga. Ofertei-lhe o meu exemplar e tive a principessa recompensa de um da edição diplomática, com a seguinte dedicatória: "Ao eminente amigo Prof. Dr. Henrique da Silva Fontes como lembrança de nossa agradável conversação em Florianópolis e de sua "descoberta" da 5ª edição, e com forte abraço do autor da ~~em~~ 4ª. Henry Hare Carter, Adido Cultural Norte-americano. S. Paulo, 10/VII/47".

Em separado e pelo Correio Comum, vão alguns outros desambiciosos trabalhos meus, na esperança de que não se encerrará com esta carta a nossa ~~trabalho~~ tão bem começada correspondência e amizade.

Desejando-lhe, Sr. Professor Marques Braga, tôdas as felicidades e pedindo a Deus lhe conceda longos e prósperos anos de vida, que lhe permitam publicar novas e preciosas obras completas de velhos autores portugueses, aqui fica ao seu dispor

Henrique da Silva Fontes


Endereço:

Henrique da Silva Fontes
Avenida Trompowsky, 14
FLORIANÓPOLIS - Estado de Santa Catarina - Brasil

Florianópolis, 30 de abril de 1952.

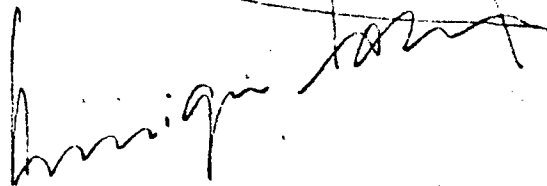
Meu prezado Amigo e ilustre Mestre Professor Mantoso Câmara Júnior,

Fico-lhe muito agradecido pela sua tese "Contribuição para uma Estilística da língua Portuguesa", não só pela gentileza do presente, mas principalmente pelos ensinamentos, sugestões e encanto que ela me proporcionou.

O estudo estilístico da língua, feito com a orientação do seu livro e não nas formas das velhas retórica e poética, precisa avultar e desenvolver-se nas escolas, porque, com mostrar análises e pesquisas que valorizam a língua e o discurso, fortalecerá discentes, alunos e estudiosos contra a excessiva gramaticalização que está enevoando a contemplação da língua portuguesa e que a faz temida e não amada.

Palmas, pois, ao seu livro. Palmas ao Autor, que o deve desdobrar em outros escritos e que, certamente, o há de frutificar na cátedra a que concorre e na qual já o tem por vencedor

aluno, am. adm.



Florianópolis, 30 de abril de 1952.

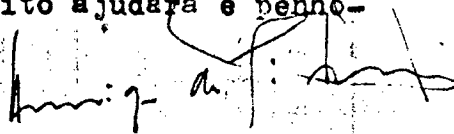
Meu ilustre e prezado amigo
Sr. Ministro Afrânio Antônio da Costa,

Pedindo a Deus que lhe conceda e à exma. Família tô-
das as felicidades, venho trazer-lhe vivos agradecimentos
pela carta de 20 de dezembro do ano passado, que veio acom-
panhada de interessantes notas colhidas principalmente no
cândido Padre Manuel Bernardes, e pela carta de 2 do cor-
rente, que trouxe consigo o "Dictionnaire Etymologique des
Noms de Famille et Prénoms de France", de Albert Dauzat.

Reforçam-se os meus agradecimentos com a satisfação
de ver no preclaro amigo um homem de palavra, pois, apesar
da viagem à Europa, que preparava e que realizou, escreveu
-me a primeira carta três dias antes da partida; e, apesar
das distrações e peripécias da excursão absorvente, não se
esqueceu da promessa de lá procurar algo de novo relativo
aos meus estudos.

Já examinei o livro de Dauzat, que me forneceu alguns
fatos que eu desconhecia. No seu conjunto, não satisfaz,
entretanto, ~~amavelmente~~ a nós brasileiros, porquanto a maior
parte dos verbetes contém informações sobre nomes france-
ses de família. Os nomes de família não nos despertam, em
geral, curiosidade. Os nossos são poucos e, na maioria, cor-
riqueiros. Nem temos também preocupações nobiliárias nem o
horror ao sangue judeu. Não andamos, por isso, empenhados
em provar que o nosso nome de família é atestado da condi-
ção de cristão velho. O mesmo não se dá em outros povos.
Assim é que os alemães que, a princípio, se extasiavam es-
pecialmente ante os seus velhos prenomes de belos e belico-
sos significados, passaram também, no período do irritado
racismo, a preocupar-se com os nomes de família.

O meu desambicioso livro vai tendo boa acolhida de en-
tendidos, d'aquém e d'além-mar, o que me anima a preparar-
lhe segunda edição, ampliada com apêndices que apresentem novos
fatos e novos nomes. Peço, por isso, ao eminente e erudito
amigo que não se esqueça de me enviar observações que sobre
o assunto vá colhendo, com as quais muito ajudará e penho-
rará

adm. A. C. 

Meu preclaro Presidente Dr. Cláudio de Souza,

Fico-lhe muito agradecida pela sua obsequiosa carta de 23 de dezembro, que veio acompanhada de um recorte do Jornal do Commercio de 20 do mesmo mês com as palavras que, a propósito do meu livro "Digressões Antroponímicas" e de um discurso de paraninfo, bondosamente proferiu o nosso infatigável consócio Rodrigo Octávio Filho, ao entregar exemplares dos mesmos trabalhos à insigne Academia Brasileira de Letras.

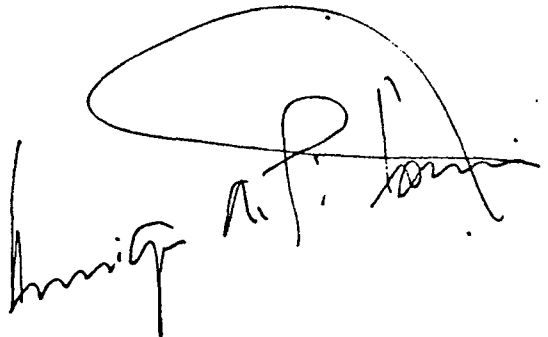
Foi homenagem que a mim, desambicioso e provinciano autor, muito comoveu, porque não viso a glórias literárias nem a vantagens econômicas, tanto assim que o meu livro sobre nomes de pessoas, editado à custa de não fartos vencimentos, só por exceção o tenho vendido, havendo por outro lado já ofertado mais de metade da tiragem, que foi de 1.000 exemplares, a pessoas às quais penso possa o mesmo interessar. Tenho sido compensado com a alegria de receber apreciações favoráveis de entendidos nacionais e estrangeiros, às quais se acrescentam as do brilhante Acadêmico.

O meu intuito é divulgar o assunto, pouco versado ainda em língua portuguesa, mas divulgá-lo dentro de normas científicas, embora, à primeira vista, possa dar a impressão de que me lancei a devaneios sentimentais e pouco objetivos, próprios para moçoilas de colégio religioso, porquanto a uma turma de novéis professoras é o livro dedicado. Sistematizei, por isso, afinal a matéria, e para a sistematização peço o exame do meu douto Presidente.

O livro, posto mencione no rosto o ano de 1950, viu a luz, realmente, como declara o colofão, a 14 de novembro de 1951. Entre os seus primeiros exemplares expedidos estão os endereçados ao nosso iluminante P. E. N. Clu de do Brasil, do qual, com ufania e em cumprimento dos estatutos, me declaro sócio, e ao seu benemérito Presidente.

Remeto, entretanto, dois outros exemplares, aos quais dará destino o vigilante Presidente, a quem peço a Deus conceda todas as felicidades, em 1953 e sempre.

Henrique da Silva Fontes
Avenida Tropowsky, 14
Florianópolis, S.C.



LXX

Florianópolis, 15 de março de 1956.

Meu caro Serafim,

Deus lhe dê tôdas as felicidades e aos seus!

Respondo à sua prezada carta, hoje recebida.

Vou pedir ao nosso colega Ludoro de Sousa que atenda o desejo nela exposto, porque, em razão do excesso de trabalho, fui obrigado a licenciar-me na Faculdade de Filosofia, suspendendo todo o trabalho intelectual. Estou em extremo esgotamento e sofrendo grandes angústias. Só Deus sabe como vivo, e em sua Divina Vontade pus minha vida, na qual estou hoje completando 71 anos, pelos quais rendo a Deus os meus agradecimentos.

Peço-lhe que reze por mim.

Abraços muito cordiais.

Avenida Trompowsky, 14.

Florianópolis, 28 de junho de 1956.

Meu prezado Amigo e Mestre Professor Paiva Boléo,

Recebi ontem "Os nomes étnicos-geográficos e alcunhas colectivas", que li imediatamente, não só em homenagem ao Autor e por força do interesse que voto ao assunto, como também porque agora - faça-se a vontade de Deus! - estou afastado das minhas funções na Faculdade de Filosofia, dispondo assim de tempo.

O seu estudo sugere e orienta pesquisas em nosso meio, morente no tocante às alcunhas coletivas. Exemplifico. Os catarinenses, como sabe, são barrigas-verdes, os riograndenses do sul são gaúchos ou guasacas, os espírito-santenses são capixabas, etc. Alcinhas dadas aos moradores de outras cidades: os de São Francisco são bacucus, os de Palhoca são caranguejos, etc. Em Itajaí, minha terra natal, os da margem direita do rio, onde fica a cidade, são cadeados, os da outra margem são amuros.

Quanto à palavra galego, a que há referência no seu instrutivo trabalho, tomou aqui em Florianópolis, não sei por que motivo, significação especial na linguagem popular: designa pessoa alourada, principalmente as de cabelo cor de fogo. Surpreendeu-me tal significação, quando, em 1910, vim para cá e a encontrei usada entre os rapazes do Ginásio Catarinense, de que fui professor. Havia entre os alunos um, de origem alemã, que era tratado por "galego Rupp"; indaguei da razão do estranho tratamento, sabendo então que era derivado da cor do cabelo. O termo corrente e parece que se está estendendo a outras localidades. Na minha cidade natal e pelo Brasil afora, é designação pejorativa de português.

Agradecendo a oferta e não sendo mais desenvolvido, porque preciso de moderação no trabalho, peço a Deus que lhe conceda todas as felicidades e abraço-o muito cordialmente.

Henrique da Silva Fontes
Avenida Trompowsky, 14

Florianópolis, 14 de agosto de 1956.

Meu caro Serafim,

Peço a Deus que lhe conceda muita saúde e tranquilidade, votos que estendo a todos os seus.

A sua carta de 19 de julho, que me fez o bem de remédio tônico, só hoje respondo, porque estive aguardando o brinde que nela V. me anunciava: Textos medievais portugueses e seus problemas, que só recebi três-ante-ontem, dia 11, sábado.

Entrei-lhe imediatamente na leitura, que continuei domingo, e mui própria é ela para o dia do Senhor, já pela venerabilidade iminente no medieval, já pelo conteúdo espiritual do Livro de buen amor, do Livro das aves, dos Diálogos de São Gregório, do fragmento de Santo Agostinho, do Espelho de Cristina e do Livro de José de Arimatéia. O próprio passo político da Crônica de D. João, do precursor de historiadores modernos que foi Fernão Lopes, também se espiritualiza, dominante que nele é Nun'Alvares Pereira, o futuro Frei Nuno de Santa Maria.

Fiz leitura pausada e meditada, como requeriam a autoridade do escritor e a matéria, que, justamente por ser de velharias, é cheia de novidades para o leitor e aluno de hoje. E o escritor, que a fundo conhece a matéria, tem o dom da clareza, de modo que ~~proporcionava~~ ^{proporcionava} a quem atento o lê e verse os escritos compendiados/o aproveitamento que ^{alcançaria} num curso inicial de português arcaico.

Muito aprendi, meu Caro Amigo e Mestre, e aqui lhe expresso o meu agradecimento, afirmando-lhe ainda que a recomendação do seu livro, que já fiz a minha filha Teresinha, hei de também fazer a outros alunos de Letras Neolatinas da nossa - minha e sua - Faculdade Catarinense de Filosofia.

Que bom seria para ela ter nova cooperação sua e durante um ano, na Cadeira de Filologia Românica! Pense nisso, meu Caro Serafim; e pense, não só em termos altruísticos de ajuda, senão também pela parte prática e decisiva do descanso e da saúde. Aqui, em companhia da Espôsa e filhos e também (por que não?) do Sr. David e Senhora, longe dessa babilônia, terá V. tempo, paz e ambiente amigo para, espalhando sabedoria, imprimendo rumos e criando discípulos, recobrar forças tão necessárias aos trabalhos que tem em curso e a outros de

LXXIII

que não mistér os estudos de profundidade do nosso vernáculo.

Porque lhe falei em minha filha, devo referir-lhe que ela teve imensa alegria na conversa que com V. conseguiu manter pelo telefone, por lhe ter sido impossível procurá-lo em sua residência, e devo também referir-lhe que ela está interessadíssima na sua vinda, sobre a qual já me falou.

Relativamente à nossa Faculdade, cumpre-me informá-lo de que vai bem, nada tendo sofrido com a minha licença, que ainda continua e que provavelmente se estenderá por todo este ano, pois tem no Prof. Agostinho da Silva um como condestável, título exato que para ele acho e que, no correr destas linhas, me foi sugerido pelo vulto de Nun'Álvares. Ele está também a colaborar, entusiástica e eficientemente, com o Governo do Estado, como chefe da Diretoria de Cultura, este ano criada na Secretaria da Educação.

Quanto ao precioso Guia, não está esquecido. O meu afastamento do trabalho prejudicou-lhe o andamento, mas já estou providenciando para que a impressão recomece e se ultime.

Na extensão desta carta creio que V. verá que, graças a Deus, se acentuaram as minhas melhoras.

Recomende-me aos seus e reciba um grande abraço

P.S. A pág. 104 do seu livro, vejo que V. publicou este ano Ensaio de Filologia Portuguesa, que lhe peço me faça remeter pelo reembolso.

Felicito-o pela excelente revisão dos Textos. É uma grande ventura ter livro sem erros tipográficos.

16-8-56.

Florianópolis, 22 de agosto de 1956.

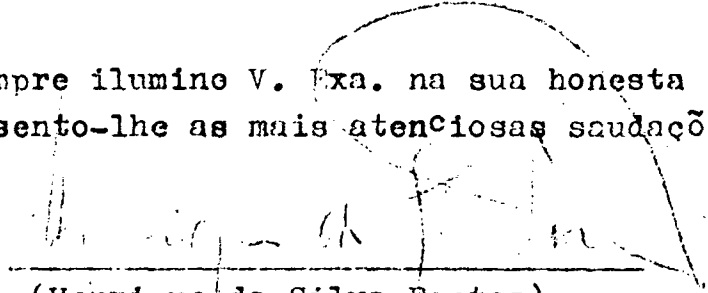
Exmo. Sr. Senador Juracy Magalhães,

Ontem na "Voz do Brasil", ouvi que V. Exa. discursara, no Senado, por motivo do centésimo quinquagésimo sétimo aniversário da Casa Pia dos Órfãos de S. Joaquim.

Estou sobremodo interessado em conhecer as palavras de V. Exa., porque tenho em adiantada elaboração a biografia do fundador dessa Casa - o Irmão Joaquim Francisco do Livramento, e, embora saiba, pelos elementos compulsados, entre os quais está a "Notícia Histórica" do Dr. Joaquim dos Reis Magalhães, que ela se há de ter instalado em 1799, nada encontrei sobre o dia em que ocorreu a abertura. Tomo, por isso, a liberdade de solicitar a V. Exa. que me envie o seu discurso, no qual respigarei os elementos novos que encerre, mencionando-o na bibliografia do meu modesto trabalho, do qual já publiquei alguns trechos, conforme V. Exa. poderá ver do impresso que remeto em separado.

Posso informá-lo de que o sábio Dr. Braz do Amaral também intentou escrever a biografia do fundador da Casa dos Órfãos, tendo-lhe eu, a pedido do então Interventor General Cândido Caldas, fornecido as informações bibliográficas que possuía, a que fiz com muita satisfação, porque, segundo expliquei, a minha devoção ao Irmão Joaquim só lhe construiria pobre Capelinha, ao passo que o Mestre Bahiano havia de erigir-lhe grandiosa basílica.

Pedindo a Deus que sempre ilumine V. Exa. na sua honesta atividade parlamentar, apresento-lhe as mais atenciosas saudações.



(Henrique da Silva Pontes)

Avenida Trompowsky, 14

Florianópolis, 24 de agosto de 1956.

Ilustre Confrade Sr. Dr. Augusto de Lima Júnior,

Saudando-o muito cordialmente e pedindo a Deus que lhe dê todas as felicidades, venho agradecer-lhe a "História de Nossa Senhora em Minas Gerais".

Recebi-a ontem e comecei logo a percorrê-la, e li, de imediato, os capítulos que mais me interessaram, relativos que são a duas invocações minhas conhecidas, mas cujo histórico ignora por completo: Nossa Senhora do Livramento e Nossa Senhora da Oliveira.

De Nossa Senhora do Livramento aqui, nesta Cidade de Nossa Senhora do Destêro, a velha Destêro, portadora agora de nome que lembra fratricídios e tripúdio de vencedores sobre vítimas, há antiga imagem que pertenceu a importante família que dela tirou o seu nome, ato que, individualmente, outro devoto repetiu - o benemérito Irmão Joaquim Francisco do Livramento, que trocou o apelido de Costa pelo de Livramento. Esta imagem tem presentemente lugar condigno no Hospital de Caridade da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, do qual o citado Irmão Joaquim foi um dos fundadores.

Quanto a Nossa Senhora da Oliveira, é invocação que encontrei na catedral do Bispado de Vacaria, no Rio Grande do Sul, da qual é orago.

Felicito-o pelo seu livro, que é feito com piedade comunicativa. Depois de o ler, vou passá-lo a uma escritora conterrânea que tem em elaboração um trabalho sobre as invocações de Nossa Senhora - a Professora Dr. Edésia Aducci, que, pela linha materna, pertence à família Livramento.

Do Irmão Joaquim Francisco do Livramento estou ultimando uma biografia, da qual já publiquei alguns trechos, como o eminente Confrade poderá ver do impresso que vai em separado.

Eu também tenho particular devoção à Mãe de Deus, devoção herdada de meus Pais, que, no batismo, por Madrinha me deram Nossa Senhora da Conceição. E à Celeste Madrinha peço todas as bênçãos para o religioso Confrade, propagador da sua glória e da sua bondade para com os homens.

(Henrique da Silva Fontes)

LXXVI

Florianópolis, 3 de outubro de 1956.

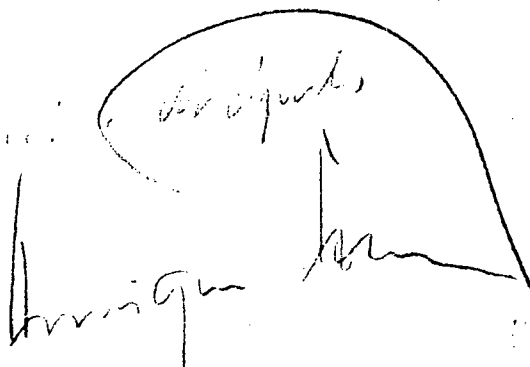
Confirmando minha carta de 14 de agosto, na qual lhe agradei a oferta de "Textos medievais" e em que lhe aventei a regência da cadeira de Filologia Românica em nossa Faculdade de Filosofia em 1957 (que felicidade e proveito teríamos nós com a sua vinda!), peço a Deus que lhe conceda e a todos os seus as maiores felicidades.

A composição do precioso "Guia" vai continuando. Acho, porém, necessitado de exame o "Esbôço de questionário", porque dele não encontrei exemplar com a revisão do Autor. Remeto-lhe, por isso, as notas que um dos alunos - o W. Piazza - passou a limpo, modificadas à vista de outros elementos que eu possuo. Nessas notas, há algumas palavras escritas a lápis, que são sugestões minhas e que V., com toda a franqueza, poderá rejeitar.

Recebi o tomo I do volume II da sólida RBF e, logo que tenha tempo, escreverei a V. algumas observações a respeito das "Notas sobre o baloico", no tocante à burrinha ou burrica.

Abraços muito cordiais

Henrique da Silva Fontes
Av. Trompowsky, 14

A handwritten signature in dark ink, enclosed within a large, hand-drawn oval. The signature is cursive and appears to read 'Henrique da Silva Fontes'. There are some faint, illegible markings above the signature.

Florianópolis, 27 de outubro de 1950.

Caro Sr. Prof. Dr. Ruy F. Mayer,

A luminosidade das ideias e a magia da linguagem das "Reflexões a propósito de um Centenário," que inescapavelmente recebi e que versam assunto afim ao meu estudo, arrastaram-me a ler, na íntegra, o concisíssimo discurso de um Mestre apostólico, descobrindo, afinal, a razão da remessa: a colonização açoriana em Santa Catarina.

Em separado, remeterei a V. Exa. o 2.º volume do Anuário do Congresso comemorativo dessa colonização, informando-o de que o 1.º, que historicará as comemorações, já se acha em vias de publicação, sendo que as teses apresentadas ao Congresso forneceram matéria para mais dois volumes.

O nome de V. Exa. foi inserido para futuras remessas.

Conceda Deus a V. Exa. todas as felicidades!

Henrique de L. Fontes

Henrique de L. Fontes

Av. Tronqueira, 14. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Florianópolis, 26 de dezembro de 1956.

Meu querido Amigo e Mestre Serafim da Silva Neto,

Respondo, em linguagem telegráfica, à sua carta sem data, mas pelo correio Carimbada a 17 do corrente.

1. Retribuo os votos de boas festas. Conceda Deus a V. e a todos os seus abundantes bênçãos em 1957 e sempre!

2. Recebi, e muito agradeço, os "Ensaio de Filologia Portuguesa", que já havia adquirido numa livraria local, embora certa estivesse de que V. não se deslembraria do velho amigo e aluno admirador. Por ora, por falta de tempo, pois ultimamente me absorvi em trabalhar no meu projetado dicionário antroponímico, apenas percorri o livro ^{para} tomar conhecimento do conteúdo, todo ele para mim sobremodo interessante. Com vagar e com a merecida atenção, farei demorada leitura, da qual mandarei as costumeiras e miúdas observações.

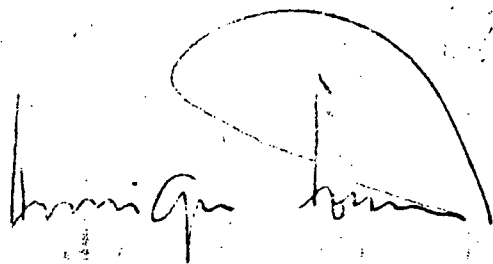
3. Cumprimento-o pelo resultado do Concurso, do qual já tivera notícias. Luta de gigantes, não poderia ter outro desfecho.

4. Folgo com o seu propósito do Curso intensivo de Filologia Românica, de que o Prof. Agostinho da Silva me informou. Estamos estudando fórmula que o concretize, para glória e proveito da nossa Faculdade de Filosofia.

5. O "Guia", cuja impressão foi retardada pela minha retirada do trabalho, está em bom andamento, esperando vê-lo concluído ainda este ano ou nos primeiros dias do entrante.

6. Graças a Deus, senti-me com coragem para reassumir as funções de Diretor a 17 do corrente mês.

Abracos muito cordiais.



Meu caro Gladstone Chaves de Melo,

Peço a Deus que lhe dê paz e tôdas as felicidades.

O exemplar da "Iniciação à Filologia Portuguesa", com que V. me brindou, recebi-o com dobrada alegria, já por ver que não fui esquecido pelo Autor, já porque havia pedido o livro à Aacadêmica, logo que tive notícia do seu aparecimento em 2ª edição. E, porque esta se diz "refundida e aumentada", passei imediatamente a confrontar-lhe o texto com o primitivo, muito meu conhecido e de meus alunos, verificando que houve louváveis atenuações de objurgatórias, sem prejuízo da veemência e santa indignação que ao ensinamento escrito dão o calor de aula oral. Assim, as obras de Cândido de Figueiredo já não são condenadas à pena de fogo, nem merece desprezo o colete - "vestimenta indispensável a um bom gramático".

Verifiquei também que o Autor, autêntico lingüista, alargou o campo de observação, estendendo-o à Câmara Municipal do Distrito (pág. 312) e aos hipocorismos do caçula Agostinho (pág. 263), a quem dou parabéns pela honra de estar citado em livro que terá perenidade, honra que também me coube, muito me envaidecendo. E, a propósito de menções, notei que os nomes de dois periódicos figurantes na 1ª edição (pág. 283) foram merecidamente exterminados e incluídos genericamente entre as "revistas juvenis de histórias em quadrinhos" (pág. 357).

Cito estas miudezas, para mostrar a atenção que dei ao livro.

Quanto a assuntos maiores, referir-me-ei a duas reconsiderações, num caso para aplaudir e no outro para ter o atrevimento de discordar.

Aplaudo a reconsideração no tocante ao aspecto (1ª edição, pág. 173 v. pág. 232), cuja existência em português fôra negada na 1ª edição (pág. 173); mas, no tocante ao advérbio (1ª edição, págs. 174 e 177; 2ª edição, págs. 233 e 234), peço vênica para declarar que me parece melhor doutrina a primitiva, e isto, entre outras razões, porque tanto o advérbio constitui classe própria que, na estrutura do período, ao lado das orações subordinadas substantivas e adjetivas, aparecem as adverbiais.

Declararei ainda que, no capítulo da análise sintática, esperava encontrar as observações feitas pelo Autor no Manual, publicado em 1954, acerca de dois emprêgos do gerúndio, onde há esta observação,

com que estou de acôrdo: "Se fôssemos procurar um equivalente sintático, encontrá-lo-famos numa oração "autônoma" (pág. 139). Esta sua opinião lembrou-me a peremptória enumeração de Carlos Pôrto Carreiro:

"A coordenação (...) faz-se 1º por juxtaposição ou posposição (...); 2º por meio de conectivo (conjunção coordenativa) (...); 3º por meio de um particípio presente, que não indique circunstância, mas uma ação ligada à anterior pela simples relação de continuidade. Ex. Por volta do meio dia a chuva cessou, ficando o nevoeiro somente. (Isto é ... e ficou o nevoeiro, etc.). Em outro dia se abriu o cofre, tornando a ajoelhar o elefante diante de Sua Santidade.

(Padre M. Bernardes)."

(Grammatica da Língua Nacional, 2º ano - Rio de Janeiro, Jacintho Ribeiro dos Santos, 1918, pág. 396).

Perdoe-me ainda outra minúscula observação: a tradicional discriminação das partes do discurso (1º edl, pág. 174; 2º ed., pág. 233), que ainda encontrei em vigor, quando, há mais de sessenta anos, comecei a ler gramáticas, não incluía o numeral como espécie autônoma e sim o particípio (palavra que participa da natureza do verbo e do adjetivo).

Direi, finalmente, que o livro muito lucrou com a inclusão da história da língua portuguesa, com os resumos mnemônicos e com a bibliografia sumária de cada capítulo.

Um grande abraço de quem o admira não só como lúcido estudioso da língua, mas também como bravo defensor da dignidade administrativa e dos dinheiros públicos,

Henrique da Silva Fontes.

LXXX

Florianópolis, 1º de outubro de 1958.

Meu caro e preclaro Amigo Andrade Muricy,

Dê-lhe Deus paz e tôdas as felicidades!

Da nota anexa, verá o que pude (conseguir para, prazerosamente, atender a carta de 28 de julho. Vai a certidão de batismo, que além de firmar a data do nascimento, mostra que o Cruz nasceu livre. Vão 28 outros escritos encontrados e não constantes do seu rol. Vai também um relógio do Várzea ao Cruz.

Relativamente aos pedidos da carta de 20 de setembro, nada encontrei, sendo que a Biblioteca Pública não possui o jornal a Tribuna.

A Festa Inquieta enlevou-me, como já me ocorrera ao ler o São Jerônimo, de Teixeira de Pascoaes: parecia que a leitura tinha acompanhamento de música em surdina.

Desculpe-me a pressa. É para não retardar a entrega do material com que Andrade Muricy mais glorificará o já glorioso Cruz e Sousa.

Espero novas ordens.

Atenciosamente,
Henrique da Silva Fontes

Florianópolis, 1º de outubro de 1958.

Henrique da Silva Fontes

Henrique da Silva Fontes

P.S. Gostaria de conhecer as Impressões de Província, do V. Várzea.

Talvez se possa promover-lhe a publicação.

LXXXI

Florianópolis, 5 de dezembro de 1958.

Caríssimo Amigo Dr. Andrade Muricy,

Deus lhe dê paz, saúde e tôdas as bênçãos!

Vai junto tudo o que foi possível encontrar para satisfazer às suas prezadas cartas de 9 de outubro e 2 de novembro.

Vão também escritos não pedidos, mas que podem interessar-lhe.

Não foi encontrado o periódico "A Pena".

A Biblioteca Pública não possui a "Tribuna Popular".

Continue a pedir!

Carlos da Costa Pereira, que se aposentou, mudou-se para São Francisco do Sul, sua terra natal. Vai fazer falta ao meio intelectual florianopolitano.

A minha biografia do Irmão Joaquim está dependendo do índice onomástico e da capa. Mando-lhe as fôlhas finais.

Em janeiro, se Deus quiser, irei aí em serviço da Faculdade de Filosofia.

Atenciosamente

Dr. Henrique

Florianópolis, 4 de fevereiro de 1960.

Meu querido Amigo e Mestre Serafim da Silva Neto,

Muito satisfeito com a sua carta escrita dessa "risonha Lisboa" e retribuindo os votos de felicidades, apresso-me em responder a sua consulta relativa à pronúncia, em Santa Catarina, do "s final de palavra e final de sílaba": se se trata do s carioca, dito chiante".

Em Itajaí, minha terra natal, é essa a pronúncia e também é aqui na velha Destêrro, e talvez em todo o litoral em que os agorianos foram povoadores predominantes.

Ainda me lembro da estranheza com que os gaúchos do Círculo Conceição, de São Leopoldo, onde me interneei em 1903, ouviam de minha boca a palavra bisca, nome do jogo de cartas que era uma das nossas diversões. Um conterrâneo meu também escandalizou os colegas da aula de Geografia pelo modo como pronunciava fos, e eles o importunavam, repetindo foch, foch.

Como era natural, procurei adaptar-me ao s gaúcho, bem sibilante; e, dois anos depois, quando regresssei à terrinha, surpreendi os meus pela nova pronúncia.

Posso afirmar que o s chiante não é geral em Santa Catarina. Afirimo-o diante de duas observações flagrantes. A 27 de janeiro, fui procurado, na Faculdade de Filosofia, por uma senhora, cuja procedência foi imediatamente denunciada pela pronúncia particular da gente de São Francisco, no litoral norte de Estado. A boa senhora, que tem vocação literária, exibiu-me volumoso romance dactilografado, pedindo-me que o lesse. Excusei-me, alegando, com rigorosa verdade, a falta de tempo. Pediu-me, então, que a deixasse ler-me o prefácio. Não procurei razão para recusar; antes, achei que do céu me tinha caído um presente. E ela, com ênfase, começou a leitura e eu aguicei o ouvido, para lhe perceber os ss

finais. Acabado o prefácio, ante a minha certamente inesperada atenção , revelou-me a senhora que também compunha versos e, menoscabando os que es crevem história, trabalho para ela de mera compilação (nisto percebi que havia remoque a um historiógrafo da sua terra), - pediu-me que lhe ouvisse o poema em que celebra os albores da vida francisquense; e pediu-me de pois que ouvisse uns versos comemorativos da morte do pai; e outros versos vieram, que me agradaram, sem me distraírem do policiamento fonético. Mas eu não estava sozinho na Faculdade, e a entusiástica recitação foi interrompida por uma funcionária que me foi prevenir de que o Prof. Oswaldo Cabral queria falar-me. O aviso não era inteiramente falso; mas, na realidade, era ate da mais fina caridade, praticado com a piedosa intenção de me libertar do que supunham ser um suplicio chinês.

Mas, feita estava a observação, e duplamente satisfeito estava eu: já por ter elemento seguro para incluir na resposta ao meu Amigo e Mestre, já porque, certamente, proporcionei à boa senhora, que é esposa de modesto estivador, um dia alegre, pois encontrara qualificado ouvinte para as suas lucubrações literárias. E confesso também que fiquei desejoso de pronunciar, ao modo dela e dos seus conterrâneos, os ss finais, não ohiantes como no Destêrro e Itajaí, nem tão sibilantes como os gaúchos, em que há de haver influência castelhana.

Três dias depois, ouvi a leitura de longo discurso do Governador do Estado, que é de Tubarão, ao sul de Santa Catarina; e, valendo-me da prerrogativa de suprasetuagenário (o termo é do Marquês de Maricá), ouvi-o cômodamente sentado, estando a maioria da assistência de pé no salão em que S.Exa. falava; e fiquei tão preso ao assunto-relatório de um ano de administração - como aos ss finais, verificando que estes, a exemplo da pronúncia francisquense, são intermediários entre as ohiantes desterrenses e os sibilantes gaúchos.

O meu embebimento no discurso não passou despercebido a uma Senhora de cuja presença não dei acôrdo: disse ela a um filho meu que prestara mais atenção à minha atenção do que à fala governamental.

Tante pode num gramático um fato da língua !

Em sua prezada carta, oferece-me Você os seus préstimos: "Peça-me, sem constrangimento, o que precisar: Talvez algum livro?"

Sim. Preciso de um: o "Onomástico Medieval", de Cortesão, tão precioso para os meus estudos antropométricos. Sei que é obra raríssima (até hoje só vi o exemplar que Você possui); mas, hoje, graças a Deus, com as minhas duas aposentadorias (no Tribunal e na Faculdade de Direito) considero-me rico e posso dar-me o luxo de adquirir raridades (no Rio, ultimamente, comprei a 1ª edição de "Garamurú" por sete mil cruzeiros, na Kosmos) e, em Santa Catarina, de "a final de por terra e final de A Faculdade de Filosofia vai prosperando e este ano, por obra das diligências que fiz no Rio, vai instalar os cursos de Pedagogia e Didática, velha Doutora, e talvez em todo o litoral os cursos de Ciências foram por queira recomendar-me à exma. Senhora e receber, com os votos de felicidades que a Deus ergo, um cordialíssimo abraço.

Meu filho Manoel, em companhia de sua mulher, foi a Curitiba, em dezembro, para comemorar o 20º ano de bacharelado em Direito. Foi um dos oradores da festa. A Senhora de um colega elogiou-lhe o discurso à minha no ra, dizendo que também muito saboreara o "chiadinho de Florianópolis".

Em tempo. Mais uma observação ensejada depois de escrita a carta.

Meu filho Manoel, em companhia de sua mulher, foi a Curitiba, em dezembro, para comemorar o 20º ano de bacharelado em Direito. Foi um dos oradores da festa. A Senhora de um colega elogiou-lhe o discurso à minha no ra, dizendo que também muito saboreara o "chiadinho de Florianópolis".

LXXXIII LXXXIV
Florianópolis, 5 de fevereiro de 1962.

Meu caro e ilustre Andrade Muricy,

Pedindo a Deus que lhe conceda tôdas as bênçãos, principalmente paz e saúde, respondo a sua prezadíssima carta de 12 de dezembro, aqui chegada a 3 ou 4 de janeiro, com informações preciosas e regheio também precioso, atestados que são do êxito brilhante das comemorações de que Andrade Muricy foi o proeminente fautor.

Com o meu "exame e retificação" das relações do Cruz com Fritz Müller, não quis, de qualquer maneira, diminuir a valia da "Obra Completa", e atribuí a paternidade das informações ao iluminante coordenador. Fiel na carta de Fritz Müller, que, ~~mas~~ desenganadamente, não pode refer-se a Cruz; mas estudei e admiti a possibilidade de ser o naturalista citado com o futuro grande poeta: "Pelo exposto, não é impossível que C. S., não por três anos, mas por alguns meses, que seriam os decorridos entre julho e outubro de 1874, tenha tido a honra de haver sido aluno de M. É preciso, porém, que se tragam provas, porque os fatos expostos tornam pouco prováveis as relações escolares entre os dois grandes vulgares".

Retruca o meu preclaro Amigo: Por mim, considero a "tradição" e constante referência dos amigos e colegas como valiosas. Teriam V. Varza e outros inventado a frase celebre: "C. e S. tu seras, etc. ..."?

Acato a sua opinião. Ela se enquadra na possibilidade, que admiti: É preciso que se tragam provas". Cabe, pois, estudar se ha essa "tradição" e em que se funda, e documentar "a constante referência do amigos e colegas". É matéria que, se Deus quizer, ainda estudarei, expondo com segurança o resultado do "reexame" e, conseqüentemente, se for caso, fazendo retificação".

É matéria interessante para a 2ª edição, que, jubiloso, vejo progosticada em sua cara missiva, edição para que lhe poderei fornecer es- ritos ainda não enlivrados (perdoe-me o neologismo), bem como novos sub- idios cronologicos.

Será muito bem acolhida a sua colaboração concernente a Oscar Ro- as, nascido a 12 de fevereiro de 1864, e a outros contemporâneos dele. Oscar esta no rol dos que serão lembrados nas proximas comemorações a que alude a carta que hoje escrevi ao Almirante Lucas Boiteux e de que envio cópia.

As anunciadas doações caberão mais proveitosamente à Biblioteca Pública, que lhes assegura resguardo e, ao mesmo tempo, acessibilidade. O Diretor Tito Carvalho ficou contentissimo com a noticia.

Recebi e fiz chegar ao seu destino a carta endereçada ao Major Aldefonso Juvenal.

Um grande e cordial abraço



(Henrique da Silva Pontes)

Florianópolis, 5 de fevereiro de 1962.

Muito prezado Amigo Almirante Lucas Boiteux,

Deus lhe dê muita saúde e muita paz, sendo os meus votos extensivos a todos os seus.

Fico-lhe agradecidíssimo pela renessa do interessante artigo-depoimento que sobre Cruz e Sousa publicou na velha e gloriosa, mas hoje quase ignorada Gazeta de Notícias.

A propósito dele, venho pedir a sua preciosíssima colaboração para o trabalho de equipe a que me referi em "O nosso Cruz e Sousa: reconstituir, amplamente, a época e o meio em que se formou a personalidade de Cruz e Sousa".


Essa reconstituição interessa muitíssimo a várias comemorações que devem ser empreendidas proxicamente, estando entre elas a do centenário do nascimento de José Boiteux, a cuja memória e a cujas iniciativas continuo fiel.

Esperamos, pois, subsídios seus, - os seus sempre exatos subsídios, - declarando-lhe, preliminarmente, que a nossa Biblioteca Pública não possui nenhum número do "Colombo" nem da "Tribuna Popular", motivo pelo qual serão muito importantes todas as informações relativas aos dois periódicos.

É pensamento de Tito Carvalho e xxx meu tirar cópias dos principais subsídios, para irem sendo fornecidas aos colaboradores e a outros estudiosos; e, para tanto, a Biblioteca, da qual o Tito é Diretor, já está autorizada a adquirir um aparelho multiplicador.

Certo da sua inestimável ajuda, abraça-o muito cordialmente

(Henrique da Silva Fontes)



Av. Trompowsky, 14.

LXXXV

Florianópolis, 13 de agosto de 1962.

Ilustre Amigo Dr. Bernardo Pedral Sampaio,

Muito grato lhe fico pela remessa dos seus GENTÍLICOS, TOPÔNIMOS E ALCUNHAS e APELIDOS AFETUOSOS FAMILIARES NO BRASIL, que li, com encanto pela linguagem clara e escorreita e com proveito pelas informações que apresenta e pelos estudos que sugere.

Sobre apelidos familiares já escrevi alguma coisa com intuito sistematizador, que publiquei em meu livro DIGRESSÕES ANTROPONÍMICAS, ^{estampado} há mais de dez anos. É livro que, praticamente, ficou fora de comércio e de que possuo uns poucos exemplares, que guardo avaramente para presentes especiais, como será o caso do ilustre Amigo, se pelo livro se interessar.

Em separadp, pelo correio comum, vão alguns impressos, que o informará de como está ^{sendo} empregada a minha velhice.

Um grande abraço com votos a Deus de muitas felicidades.

Henrique da Silva Fontes

Avenida Trompowsky, 14.

Florianópolis - Santa Catarina
Rua Estação Lúcio, n. 110
Reconhecimento pelo Decreto n. 45.500 de 1961
Florianópolis 8 de agosto de 1962
Biblioteca de Genealogia e História



LXXXVI

Florianópolis, 18 de setembro de 1962.

Minha cara Mafra,

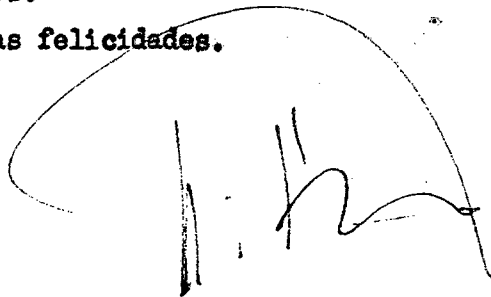
Recebi os dois novos adminículos. Muito obrigado.

Ontem, o Instituto Histórico, ao qual se associou a Academia de Letras, comemorou o centenário de Henrique Boiteux. A festa correu bem, tendo discursado os Presidentes das duas instituições: Fontes e Gama d'Eça. Se Deus quiser, há de também correr bem o centenário de Virgílio Várzea. Para isto estou trabalhando e o Tito Carvalho igualmente.

Continui, pois, a remeter-me elementos. Mande-me o que souber sobre o pessoal da Companhia Julieta dos Santos: sobre a atrizinha, sobre Moreira de Vasconcelos Francisco e também sobre o irmão poeta Antônio, sobre Francisca Leal, Joaquim Leal Ferreira, Jesuína Leal, Adelina de Castro e João Rocha de Quadros.

Um grande abraço, com votos a Deus de muitas felicidades.

Henrique da Silva Fontes
Av. Trompowsky, 12



Florianópolis, 18 de setembro de 1962.

Meu ilustre e prezado Amigo Almirante Lucas Boiteux,

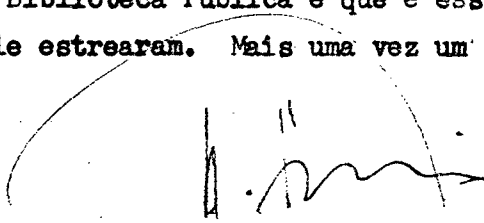
Graças a Deus, correu bem a festa do centenário do nosso querido Henrique Boiteux.

Enviei-lhe ontem o discurso que deveria ser lido por mim. Mandei-lho não só para que o ilustre Amigo e os seus dêle tenham imediato conhecimento, mas também para receber correções e aumentos. Espero essa sua ajuda, pedindo-lhe, declaradamente, que me mande notas sobre a vida de Henrique na Marinha. E também como deputado. Foi dêle a iniciativa das armas e da Bandeira do Estado? - pergunto. Por falta de certeza, omiti referências. Mande-me, meu caro Almirante, o que lhe parecer memorável, inclusive retratos e desenhos, porque pretendo publicar o meu discurso em folheto, dando-lhe os possíveis complementos. Interessa-me muito a bibliografia. Neste particular, informo-o de que nela encontro notícia de "Reminiscências", trabalho que não conheço e que me seria utilíssimo.

Encerrando a sessão, que foi ^{me}conjunta do Instituto Histórico e da Academia, tendo por esta falado o Gama dêça, referi ^{igualmente} ao centenário de José Boiteux em 1965, e para êle convidei a assistência, convidando-a ~~também~~ para o centenário de Lucas Boiteux em 1980, fazendo votos para que o homenageado também assista à comemoração.

Abraço-o muito cordialmente e mando-lhe as minhas congratulações, aguardando os seus preciosos e exatos adminículos, também sobre José. Dêste muito me interessa o referente ao jornalzinho "Colombo", que falta em nossa Biblioteca Pública e que é essencial para conhecer o grupo de rapazes literatos que nêle estreadam. Mais uma vez um grande abraço.

Henrique Fontes
Av. Trompowsky, 14



LXXXVII

Florianópolis, 7 de março de 1963

Senhor Luis de Sousa Cunha,

Reconhecida pelo Decreto n. 14.308 de 22-8-62
Fundada a 8 de setembro de 1881
Instituição de Direito de
L. 171



Atendendo o seu desejo de possuir o meu livro, "Digressões Antroponímicas", tenho o prazer de lhe oferecer um exemplar, e um só e não dois, como deseja, porque são poucos os que ainda possuem deste meu trabalho, que, praticamente, esteve fora de comércio, a exemplo das minhas outras publicações.

Envio-lhe também outros estudos congêneres, que se Deus quiser, serão ampliados e revistos num dicionário - PEQUENO DICIONÁRIO DE NOMES DE PESSOAS - ETIMOLÓGICO E COMPARATIVO.

Vão também outros escritos meus, e aqui estou às suas ordens para qualquer troca de idéias sobre antroponímia, assunto em que me ocupo há mais de trinta anos.

Muito cordialmente,


Henrique da Silva Fentes

Avenida Trompowsky, 14

Rua do Coronel Antônio Salveira, 55
Praça da Fava - Minas Gerais

Rua Ernesto Jones, 62

Florianópolis, 11 de julho de 1963.

Rio

Meu prezado amigo e ilustro Colega Prof. Antenor Nascentes,

Deus lhe dê paz e tôdas as suas bênçãos!

Satisfeitíssimo, li no Diário Oficial do Estado de Santa Catarina, edição de 8 dêste mês, o Decreto N. SE -05-07-63/401, que "denomina estabelecimento de ensino", cujo inciso 10 assim reza: "Grupo Escolar "Antenor Nascentes", da vila de Princesa, no Município de São José do Cedro".

Meus parabens! E repito palavras que disse há poucos dias:

"Que homenagem mais expressiva se poderá prestar a um professor do que ligar o seu nome a uma instituição escolar? Vale mais do que uma estátua. A estátua atravessará os tempos, mas parada, fria, muda. A instituição, círculo que é de pessoas, vive, vivifica, agita, alarga, constrói, frutifica".

Vai incluso um verbeto do "Dicionário de nomes de pessoas, etimológico e comparativo", pelo qual verá o aprêço em que tenho os seus estudos. Estou nêle trabalhando diariamente, apesar dos meus setenta e oito anos. Se o acabar, graças a Deus! Se não o levar a têrmo, seja também Deus louvado pela graça de me conservar, na velhice, o amor do trabalho.

Muito cordialmente,

ANDRADO, m. Germ. "Conselheiro da cólera" (anton, rât). V. Antelmo. | Andrado, por cognome Módico, Andradus Modicus, corepíscopo de Sens de 843-849, poeta (De fonte vitae, e "Paixão de S. Juliano e de seus companheiros") (Alexander Baumgartner S.J., Die lateinische und griechische Literatur der christlicher Völker, 1905, pág. 312). (Corepíscopo era o "nome que usaram até ao fim do séc. XI os vigários episcopais", Grande dicionário francês-português, de Domingos de Azevedo, 4ª ed.). Este nome Andrado abona a conjectura de Antenor Nascentes relativamente a Andrade, sobre nome de origem geográfica: "Talvez represente um genitivo medieval" (Dic. etim., II).

Meu caro Silveira A. Sousa,

Muito obrigado pela oferta do seu livro!

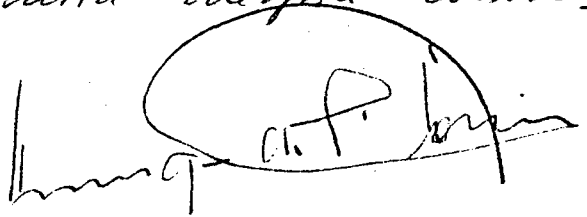
Já o comprara antes - e preciso avisar os autores e os editores - i.e., entre outros, as "Vinhos" e "O Charadista" - o começo e o fim. Lá, agora, as demais páginas, no exemplar ofertado, que já não é exemplar comum e comerciável, pessoalizado como foi pela estima do Autor.

O seu livro tem sofrimento na voz. Foi sentido e é dorido.

Mas, meu amigo, deixando de lado as ridículas, as interessadas, as vazias, há também, "na praça", vozes boas, animadoras, fraternas. Por que não as capta? Você igualmente e não as grava com a sua acuidade e a sua arte?

Por que o humorista, que você revelou ser nos ~~meus~~ escritos de rapaz, há de agora temperar tudo apenas com fel?

Muito obrigado! Dê-lhe Deus muita tranquilidade e muita alegria comunicativa!



J. Sousa.
24-7-03.

Florianópolis, 16 de outubro de 1963.

Muito prazer Amigo Padre Braun,

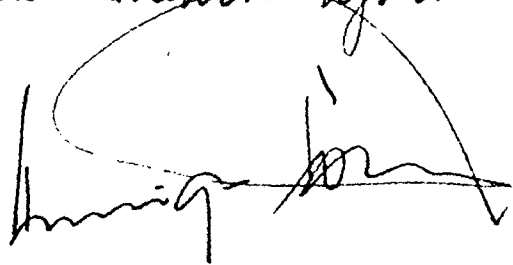
Seus lhe dê paz e todas as felicidades.

Venho pedir-lhe um obsequio: a retificação de uma inesatidão que o Sr., muito comovidamente e em verdadeira "crítica construtiva", me observou existir na tradução que fiz da fórmula mágica de Merceburgo, constante do meu livrinho "Nomes femininos de pessoas". Preciso do sentido justo, para o incluir no meu "Dicionário de nomes de pessoas".

Em separado, vai o texto alemão com a inteligência a que chegaram os meus escassos conhecimentos da bela e difícil língua.

Antecipo meus melhores agradecimentos.

HENRIQUE DA SILVA FONTES
Avenida Trompowsky, 14 - Florianópolis, S. C.



E a seguinte a fórmula:

"Eris sazun idisi, sazun hera duoder,
Suna hapt haptidum, suna heri lezidum,
Suna clubodum umbi cuonividi:
Inspring haptbandum, infar vigandum!"

Assim a traduz o dr. Hessel, em alemão:

"Einst setzten sich Idise nieder, setzten sich hierhin, dorthin,
Einige hafteten Haftstricke, einige hielten Heere auf
Einige klaubten an den Knoten der Fesseln:
Entspring den Haftbanden, entfahret den Feinden!"

E isso significa em português: "Outrora estavam idieas sentadas no chão, estavam sentadas aqui e acolá, umas atavam cordas, outras detinham exércitos, outras roíam os elos dos grilhões: deixa escapar o laço da prisão, deixa fugir o inimigo!"

Florianópolis, 18 de outubro de 1963.

Meu caro Borruinho,

bestimbror. - ou a iluminação que Você propo-
tem sobre a mesma pessoa, empurçando-a, muito
honestamente para mim. Com a de outro "Homem
Diferente".

Gosta, sobretudo, da síntese "homem de temerosa
vontade". Sim, de "temerosa vontade". "Temerosa" é o
qualificativo justo. "Persistente" vontade, "perseve-
rante" vontade, "firme" vontade são expressões genéri-
cas, sem particular colorido, gostas um pane-
gírico. No mais, "temerosa" vontade é aprecia-
ção de concreto obstáculo enfrentado, é julgamen-
to de obra acabada ou, mesmo, fracassada,
aplicável singularmente e não a qualquer volun-
tade "perseverante". É a expressão requerida pelo
ator simpaticamente iluminador, aplicada por
um pensador, que sabe a força das palavras.

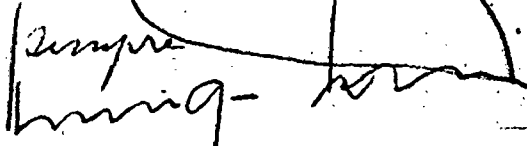
Muito obrigada, meu caro Colega, Amigo Borruinho!

Escreva também que muito me comoviam os
apluses que Você, antônimo Mestre, dá à iniciativa
do governador Celas Ramos, o outro "Homem
Diferente", na homenagem ao Professorado.

Deus lhe dê paz e fôdas as felicidades.

Um grande e cordial abraço

do amigo de sempre



XCIII,
Florianópolis, 18 de outubro de 1941

Meu ilustre e querido amigo
Professor Paulo Bolet,

Ben - me grande alegria a sua carta de 12, hoje
recebida e apresso - me em lhe dar resposta,
para entabular aqui a devida conversação.

Gracias a Deus, dentro dos meus 75 annos, como
pilha a 15 de março, continuo meus estudos
antropométricos, ajustados agora em forma
de dicionário: "Dicionário de nomes de pessoas,
etimológico e comparativo". Com as perspectivas
que lhe estou dando, não é obra para velho;
mas - que fazer? - é do meu feitiço trabalhar,
se for ao fim, seja Deus louvado; se não
ougar, seja também Deus louvado pelo que me
permittiu escrever.

Estou afastado do magistério desde a inste-
lação da Universidade de Santa Catarina, à qual,
gracias a Deus, entreguei uma Faculdade de Filo-
sophia, Ciências e Letras em completo funcio-
namento e instalada em uma Cidade Universi-
tária. O que foi feito tem o meu estimado
Amigo noticia nas publicações que lhe envio.
Inferno - o de que os dois professores porta-
quizes que em parte cá trouxe - Agostinho da
Silva e Eudoro de Sousa - estão atualmente
na Universidade de Brasília, onde são

muito considerado. Agostinho já fez um serviço ao Japão; Endow tem à sua disposição umas milhões de cruzeiros para instalação da biblioteca universitária.

Enquanto a "Revista Portuguesa de Filologia", interrompida está a minha assinatura por falta de pagamento e até com débito da minha parte, e isso devido a dificuldades e, até aqui, impossibilidade na aquisição de moeda portuguesa. Se a Editora conseguir intermediação que possa cobrir o meu débito e receber a assinatura, pode sacar contra mim

quanto lhe apudescer a remessa dos fascículos suprimidos da "R.P.F."

O Índice de trabalhos do Prof. Custódio de Campos ainda não foi publicado.

Passo agora ao seu cridatado ensaio "O português continental", que li, relei, e que lhe des- tituo.

Não sou membro dos conceitos que sobre o idioma expõe no Colóquio de São Paulo. Si, porém, por si só que se referissem aos vários falares correntes aqui em Santa Catarina, pelo que não é cabível a classificação "falar catarinense". Entre os "falares catarinenses", um há com base acorianã, bem distinto dos outros, notadamente na entoação, cantada, que serve de base, não só para os de fora,

mas tambem para os de outros lugares ca-
tarinenses. Com. Cortes que o diplomata
Conselho Imprensa, que esteve em Florianopolis
no curso do século e que, segundo me
conta, era conhecido, ao voltar a bordo de
um navio que se agachava na entrada do
hotel, indagou se eles eram das ilhas.

Em abono das afirmações do meu Amigo
e Mestre, que é homem de fatos e não de
"teses", deve acrescentar-se não, simplesmente,
a quantidade de africanos que imigraram,
mas, necessariamente, a sua proporção
no núcleo demográfico em que se integra-
ram; não só o número absoluto, mas
também o número relativo. É o número
relativo em Santa Catarina é impressão
marca, como se vê de estatística publicada
pelo meu Amigo, que apresentei em tra-
balho de que lhe envio um exemplar: os
africanos que para cá vieram nos me-
dos do séc. XVIII dobraram a população,
e vivem em Casais, circunstância que
o meu Amigo também tem acentuado.

Handwritten vertical notes on the left margin, including a large flourish and some illegible characters.

Termino aqui, para não retardar a resposta, sendo
que muitas outras informações e confirmações poderão dar
com tempo - após consultas de escritas a pesquisar.
Um grande abraço - até a Deus e muitas felicidades.

... e a literatura.

... e a literatura.

- Nota de felicitações meu?

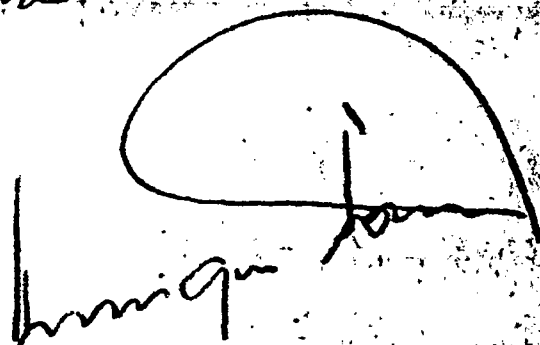
- Não. Fruto do desengano que tem-
 tem o autor do dicionário "parmitico".
 Mas, "nesses campos têm mais flores".
 É conhecido o de um poeta, e poeta da
 Transcência. Ele, certamente, cultuaria "a
 flor e símbolo da nobreza" e, igualmente,
 da condidez. Foi a Riphonensis de fri-
 meronens e do altar o final dos versos.
 Insuper, lego, martiros e lirios, e, de-
 pois, lirio, lirio, delirio, e, mais além,
 prontamente, prises, sicatrizes, fe-
lizes, imperatrizes, e, ainda, Beatrizes,
infelizes, Nizes, dizes; e, finalmente, já
 quase no extremo do jardim, mostrei-
 me as buscadas flores em grinalda
 primírea.

"Sei o mais infeliz dos infelizes,
 sou desgracado o mais desgracado!
 Demando a Deus que me corra de lias...
 Mas em son e serai sempre um frade!"
 (Lira Completa, editor. Aguilar, pág. 357)

Ilmo. Sr. Barreras,

Agradecendo a alegria que ^{me} trouxe a sua carta, mando-lhe um grande abraço com os votos que faço a Deus pela sua felicidade.

J. J. J.
13-11-03.

A handwritten signature in dark ink, appearing to read "Henrique". The signature is stylized with a large, sweeping arch over the name.

XCV
Florianópolis, 12-12-63.

Meu caro José Ferreira de Silva,

Deus lhe dê paz e todas as felicidades!

Desculpe-me a demora com que respondo à sua carta de 20 de novembro, com a tentadora proposta de publicar um trabalho meu sobre Lamm Müller, nos seus "Cadernos de Blumenau" e com separatas. Muito obrigado! Mas não disponho de vagas para corresponder à gentileza.

Desculpe-me também a demora em agradecer a oferta de "Blumenau", que você diz "não ter pretensões de guia turístico"; ele o é, entretanto, e muito mais. É um tipo de trabalho que você apresenta por registro e divulgação de coisas locais. É, como os "Cadernos", trabalhos que, certamente, despertam o brilho de outros estudiosos, empunhando - a cada um em seu lugar - tomar conhecidas pessoas e efemérides das suas localidades.

Em breve dia, se Deus quiser, lhe mandarei o 3º caderno do meu "Pensamentos, palavras e atos", que tratarei de Itajaí.

Mu grande abraço

de um admirador e aproveitador

Luiz

XCVI
Florianópolis, 7 de agosto de 1964.

Sr. Dr. Vitor Jordim,

"O Imão Joaquim", "O moss Cruz e Sousa"
e "O suplicatório a juízo", que motivaram
a sua amável carta de 26 de julho, hoje
recebida, vão em separado, e vão com outros
folhetos.

Faço a promessa com alto desvanecimento
de dar-lhe a simpatia com que o Colega se
refere a escritos meus, em contato com
meu amigo Luis Cunha, de quem ontem de-
cidi carta de meditação de hoje.

Por seus amigos José Roberto e Victor
Adolpho Londer também fui intimado. E
a amizade de Victor ocasionou-me o con-
tato com o Sr. Vitor Jordim, de alta administração
de Deus e antes de minha publicação de
assunto financeiro ou contábilístico, que
já estava em visita.

É possível que fosse o meu benéfico
Colega. Se foi, continuaremos um amigo
de meu velho conhecimento. Se não foi,
está começada para mim uma nova
amizade.

Deus lhe dê paz e fôrças as felicitadas!

Jorge-af-Jon

Florianópolis, 10 de junho de 1965.

Meu magnífico Amigo, e meu Reitor e Mestre Pedro Calmon,

Quem é vivo sempre aparece; e eu, que, ultimamente, o tenho tido comigo convivente na épica História do Brasil, vou aparecer-lhe nesta carta.

Explico a convivência no livro: estou escrevendo uma crônica sobre a bicentenária Irmandade do Senhor dos Passos e o seu Hospital, e aquelas que os fundaram; e a crônica desenvolve-se na vivência da Vila do Desterro, que é parte da vida do Sul do Brasil.

A gente importante da Vila pertenceu à Irmandade. O primeiro Provedor foi o Governador Coronel Francisco Antônio Cardoso de Meneses e Sousa, o "ilustre Meneses", celebrado por José Basílio. O segundo Provedor foi o Ouvidor-geral. O terceiro foi o Sargento-mor Pedro da Costa Marim, o guardião do nosso imponente Conselheiro José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Melo, que assim se introduz na crônica. Entre as Irmãs dos Passos, aparece Antãde Santo Antônio, viúva de Luís da Assunção da Silva, e ela traz para a narrativa o seu operoso filho Elias Alexandre da Silva Correia. Foram Irmãos dos Passos os dois habilidosos Xavieres, o dos Pássaros e o das Conchas, auxiliares de Mestre Valentim, e isto, além de outros fatos, traz à cena o Vice-rei Luís de Vasconcelos. Complicações para a Vila e para a Irmandade acarretou a Invasão Espanhola, e ela precisa ser historiada. E assim por diante. E, para a História pátria, qual o guia mais seguro, mais atualizado e mais entusiasta do que Pedro Calmon?

Agora o meu aparecimento. Visitou-me, há dias, uma Sobrinha, que aí está fazendo um curso no Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação. Achei-a interessadíssima e, por isso, sugeri-lhe um trabalho concreto, que pode interessar ao meu preclaro Amigo, a quem prometi escrever, como o estou fazendo: uma busca, na Biblioteca Nacional, na secção de Documentos Biográficos, acerca de Elias Alexandre da Silva Correia; e dei-lhe a indicação que possuo: C. 317 - 6.

Ela ficou muito envaldecida com a possível incumbência. Chama-se Beatriz Montenegro d'Acampora, é formada em Direito e funcionária da Reitoria da Universidade de Santa Catarina.

Essa interessasse ao meu Mestre a pesquisa, é este o seu endereço: residência do Engenheiro Cabral de Vasconcelos, Rua das Laranjeiras, 350, apto. 402, fone 25-55-98.

Para encerrar, duas palavras ainda sobre a minha crônica, em que relato só um terço de século da vida da Irmandade; já estão impressas 240 páginas e elas, com o índice, passarão de 350.

O livro vai ser doado à benemérita Instituição, pagando-o eu do meu bolso. É melhor deixar um livro do que dinheiro para rica sepultura.

Se Deus quiser, mandar-lhe-ei um exemplar próximamente, e o meu ilustre Amigo fica isento de agradecê-lo, porque permanece credor pelo material fornecido, sólido e bem lavrado.

Um grande abraço, com votos a Deus de saúde e de muita paz.

HENRIQUE DA SILVA FONTES

Avenida Trompowsky, 14 - Florianópolis, S. C.